



**DANIELLE CHAGAS DE LIMA**

**GÊNERO BIOGRÁFICO E HISTORIOGRÁFICO NA  
ROMA ANTIGA:**

os testemunhos das fontes e a obra de Suetônio e Tácito

*Biographic and historiographic genre in ancient Rome:  
the source's testimonials and the work of Suetonius and Tacitus*

CAMPINAS  
2012



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

**DANIELLE CHAGAS DE LIMA**

**GÊNERO BIOGRÁFICO E HISTORIOGRÁFICO NA ROMA ANTIGA:**  
os testemunhos das fontes e a obra de Suetônio e Tácito

Orientador: Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos

***Biographic and historiographic genre in ancient Rome:***  
*the source's testimonials and the work of Suetonius and Tacitus*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre na área de Linguística.

*Dissertation submitted to the Institute of Language Studies, State University of Campinas, to obtain the title of Master in the field of Linguistics.*

CAMPINAS  
2012

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR**

**TERESINHA DE JESUS JACINTHO – CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP**

***L628g***

Lima, Danielle Chagas de, 1988-

Gênero biográfico e historiográfico na Roma antiga: os testemunhos das fontes e a obra de Suetônio e Tácito / Danielle Chagas de Lima. -- Campinas, SP: [s.n.], 2012.

Orientador: Paulo Sérgio de Vasconcellos.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Suetônio. De vita Caligulae – Crítica e interpretação. 2. Tácito. De vita Iulii Agricolaie – Crítica e interpretação. 3. Biografia. 4. Historiografia. 5. Gênero literário. I. Vasconcellos, Paulo Sérgio de, 1959-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

**Informações para Biblioteca Digital**

**Título em inglês:** Biographic and historiographic genre in ancient Rome: the source's testimonials and the work of Suetonius and Tacitus

**Palavras-chave em inglês:**

Biography

Historiography

Genre

Suetonius

Tacitus

**Área de concentração:** Linguística

**Titulação:** Mestra em Linguística

**Banca examinadora:**

Paulo Sérgio de Vasconcellos [Orientador]

Breno Battistin Sebastiani

Pedro Paulo Abreu Funari

**Data da defesa:** 31-08-2012.

**Programa de Pós-Graduação:** Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

Paulo Sérgio de Vasconcellos



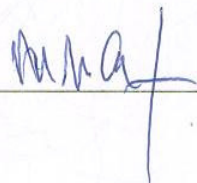
---

Breno Battistin Sebastiani



---

Pedro Paulo Abreu Funari



---

Robson Tadeu Cesila

---

Sidney Calheiros de Lima

---

IEL/UNICAMP  
2012

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mãe, Mercês, que mesmo não compreendendo muito de meu trabalho, sempre confiou plenamente em minhas escolhas. À família que aqui constitui e que sempre me deu todo o apoio de que precisei na Casamarela: Ana Carolina, pela doçura igual a dos tantos leites caramelizados que me levou na cama, à Geovana pelas conversas sobre a vida, à Marcella pelo dom e carinho maternal desde sempre, à Valquíria pelos cigarros inspiradores da madrugada; enfim, por dividirem, todas, dia-a-dia a vida comigo. Agradeço à amiga Sílvia pela amizade que perdura há tempos e supera a distância, à Jaque pelo companheirismo em muitos quartos que dividimos, à Tatiane pelos cafés cheios de desabafos, à Cláudia pela alegria contagiante (principalmente quando vê o mar), ao Rafa por me fazer rir até do que é sério, ao Xanda por enxergar comigo jacarés no horizonte, ao Khaled e ao Júlio por me protegerem. Ao Bruno pelas tentativas de me fazer menos ansiosa e por ter me apresentado à Carolina M. e ao Alexandre (que me adotaram com carinho demais); ao Caio pelas trilhas sonoras nas madrugadas dos últimos meses; ao Cris, pela cumplicidade e companheirismo infinitos. Enfim, a todos os amigos/irmãos Sem Limites, por serem motivo constante de minha felicidade, por serem minha família ao longo de minha vida acadêmica, proporcionando os melhores momentos de sublimação tão imprescindíveis na vida (e quando se escreve uma dissertação).

Ao pessoal de Clássicas, pela companhia nos Congressos, especialmente, ao Diogo, à Bárbara, à Lilian, ao Alexandre, à Mariana Musa, à Isabela, à Mariana Bravo, ao Marco e ao prof. Bruno Vieira, com quem me diverti muito e troquei muitas ideias e experiências. À profa. Patricia Prata, por ter sido, além de minha professora, uma grande amiga com quem pude, muitas vezes, não só falar das angústias acadêmicas, mas refletir sobre a vida. À profa. Isabella por ter me iniciado na pesquisa em Letras Clássicas. Ao prof. Marcos pelas aulas tão divertidas.

Ao Prof. Paulo Sérgio, que me orienta desde a iniciação científica e foi

sempre muito atencioso, dedicado e disposto a me acompanhar em meu trabalho. Agradeço por ter sido tão paciente e por ter confiado em mim ao longo desses quatro anos que pesquisamos juntos. Enfim, *gratias tibi ago* por me inspirar sempre com seu brilho no olhar a cada vez que me explicava algo novo, brilho de quem ama o que faz e que cativa a qualquer um que esteja perto.

Aos funcionários do IEL, sempre prestativos.

Aos professores da banca examinadora pelos comentários e dicas na qualificação e defesa.

À CAPES, pelo financiamento no início de meu trabalho.

À Fapesp, por apoiar minha pesquisa desde a Iniciação Científica, fornecendo auxílio financeiro imprescindível para a realização desta dissertação.

## RESUMO

As obras *De Vita Caligulae*, de Suetônio, e *De Vita Iulii Agricolae*, de Tácito, são duas obras biográficas de composição e características bastante diferentes, o que se reflete, muitas vezes, nas apreciações modernas quanto à biografia. A primeira obra, de cunho mais histórico, suscita muitas discussões quanto a seu gênero e, por ser de autoria de um historiador canônico, costuma ser considerada muito elaborada para uma biografia. A segunda obra estudada aqui, por sua vez, cujo eixo narrativo é de caráter privado, amiúde é concebida como uma biografia pouco elaborada, sobretudo pela carência de informações históricas. Tendo notado a frequente comparação entre as duas obras (verificando, muitas vezes, o detrimento da biografia de Suetônio como uma obra historiográfica), bem como certa hesitação quanto a definição do gênero a que elas pertencem, buscamos, nesta dissertação, apresentar as possíveis diferenças genéricas entre biografia e história na Antiguidade, uma vez que tais conceitos, e a apreciação de obras e autores, parecem variar na bibliografia moderna. Assim, apresenta-se nesta pesquisa um levantamento das definições do gênero biográfico por autores modernos, as reflexões de autores da Antiguidade – tais como Cícero, Quintiliano, Cornélio Nepos, Plutarco, Políbio e Luciano de Samósata – sobre a escrita biográfica e historiográfica, e uma breve análise do desenvolvimento do gênero biográfico, suas relações com a historiografia e características de composição. Pretendemos, ao analisar tais questões, observar se a biografia pode ser considerada um gênero autônomo – mesmo que suas fronteiras com a historiografia não sejam claramente definidas. Por fim, analisamos as obras de Tácito e Suetônio, a fim de examinar a construção das duas obras e como elas poderiam estar inseridas no gênero biográfico. Ao fim de nosso estudo, apresentamos a tradução comentada, do latim para o português, da *De Vita Iulii Agricolae*.

Palavras-chave: Biografia, Historiografia, gênero, Suetônio, Tácito, tradução.

## ABSTRACT

Both Suetonius' *De Vita Caligulae* and Tacitus' *De Vita Iulii Agricolae* are biographical works with very distinct composition and features, which may often reflect in modern approaches with respect to biography. The first title, of historical nature, draws much discussion about its genre and, on account of being written by a canonical historian, is commonly considered too much elaborated for a biography. On its turn, the second one, whose narrative axis has a private character, is usually understood as less laborious, especially due to the lack of historical information. Observing the frequent comparison between both titles (the detriment of Suetonius' biography as historiographical work is regularly verified), as well as the hesitation concerning the genre they belong to, this dissertation describes an investigation into possible generic differences between biography and history in ancient times, once such concepts, besides the appraisal of works and authors, seem to fluctuate through modern bibliography. Hence, the present research raised several definitions of biographic genre by contemporary authors, the reflections of ancient writers - like Cicero, Quintilian, Cornelius Nepus, Plutarch, Polybius, and Lucian of Samosata - on biographical and historiographical writing, and a short analysis of biographical genre's development, its relationships towards historiography and composition features. The aim of such questions is to observe whether biography can be taken as an autonomous genre - even though its border with historiography is not clearly defined. At last, the mentioned Tacitus' and Suetonius' titles are analyzed in order to investigate the construction of both works and how they may be enclosed in biography genre. The commented translation of *De Vita Iulii Agricolae* from Latin into Portuguese is presented after the study.

Key-words: Biography, History, genre, Suetonius, Tacitus, translation.



## ABREVIATURAS

<i>Ad. Fam.</i>	<i>Ad Familiares</i> (Cícero)
<i>Agric.</i>	<i>De Vita Iulii Agricolae</i>
<i>Cal.</i>	<i>De Vita Caligulae</i>
<i>De Coni. Cat.</i>	<i>De Coniuratione Catilinae</i>
<i>De Inuent.</i>	<i>De Inuentione</i>
<i>De Leg.</i>	<i>De Legibus</i>
<i>De Orat.</i>	<i>De Oratore</i>
<i>De Viris Ill.</i>	<i>De Viris Illustribus</i> (Cornélio Nepos)
<i>Hist.</i>	<i>Histórias</i> (Políbio)
<i>Inst. Orat.</i>	<i>Institutio Oratoriae</i> (Quintiliano)
<i>Iul.</i>	<i>Diuus Iulius</i>
<i>Part. Or.</i>	<i>Partitiones Oratoriae</i>
<i>CHCL</i>	The Cambridge History of Classical Literature
<i>OCCL</i>	The Oxford Companion to Classical Literature
<i>OCD</i>	The Oxford Classical Dictionary
<i>OLD</i>	The Oxford Latin Dictionary

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	19
<b>CAPÍTULO I A BIOGRAFIA NOS ESTUDOS MODERNOS</b> .....	21
I.1. A biografia segundo os manuais de história da literatura antiga.....	21
I.2. A biografia antiga nos estudos sobre biografia e historiografia antiga .....	28
I.3. As críticas da bibliografia a Suetônio.....	33
<b>CAPÍTULO II A BIOGRAFIA SEGUNDO OS ANTIGOS</b> .....	37
II.1. A historiografia na visão ciceroniana .....	37
II.2. As considerações de Quintiliano acerca da história .....	44
II.3. A história por Luciano de Samósata .....	46
II.4. A discussão genérica em Cornélio Nepos.....	54
<b>CAPÍTULO III A BIOGRAFIA: ORIGENS, DESENVOLVIMENTO E CARACTERÍSTICAS</b> 69	
III.1. As origens e experimentações da biografia helenística .....	69
III.2. As <i>laudationes funebres</i> e a biografia romana.....	80
III.3. Algumas características da narrativa biográfica.....	88
<b>CAPÍTULO IV A <i>DE VITA IULII AGRICOLAE</i> DE TÁCITO E A <i>DE VITA CALIGULAE</i> DE SUETÔNIO: AS DIFERENTES FORMAS DE ESCREVER UMA BIOGRAFIA</b> .....	95
IV.1. <i>De Vita Iulii Agricolae</i> : o elogio de uma vida por meio da história da conquista da Britânia .....	96
IV.2. <i>De Vita Caligulae</i> : uma vida anedótica .....	113
<b>CAPÍTULO V CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	135
<b>TRADUÇÃO E NOTAS <i>De Vita Iulii Agricolae</i></b> .....	141
Da tradução.....	142
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	201

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho dissertamos sobre os gêneros historiográfico e biográfico romanos. Nosso objetivo é observar, sobretudo, como a biografia se constitui como gênero na literatura antiga e quais são suas características próprias em relação à obra historiográfica. A fim de verificar tais questões, buscamos observar em diversos tipos de obras o estatuto da biografia antiga. Além disso, analisamos duas obras biográficas do período imperial, a saber, a *De Vita Caligulae* de Suetônio, e a *De Vita Iulii Agricola* de Tácito, esta última, traduzida do latim para o português ao final do trabalho.

A estrutura de nossa pesquisa foi constituída da seguinte maneira: apresentamos no primeiro capítulo as apreciações do texto biográfico conforme a visão moderna, trazendo a definição de biografia dos manuais de literatura romana e também de obras relativas especificamente à biografia, de modo a colocar em relevo as variações na apresentação desse tipo de texto. Em seguida, no segundo capítulo, revisamos o pensamento antigo sobre a historiografia e a biografia, analisando passagens de autores como Cícero, Cornélio Nepos, Luciano de Samósata, Quintiliano, Plutarco e Políbio a fim de perceber como os antigos viam a escrita da biografia.

Apresentamos, no terceiro capítulo, uma breve história do desenvolvimento da biografia, suas origens e as características da obra biográfica. No capítulo quarto, tecemos uma análise das biografias de Calígula e de Agrícola, com base nos aspectos levantados e estudados ao longo da pesquisa. Por fim, expomos nossas conclusões sobre o tema e a tradução anotada da *De Vita Agricola*.

# CAPÍTULO I

## A BIOGRAFIA ANTIGA NOS ESTUDOS MODERNOS

“We may wonder up to what point it is correct to define biography not as the description of the facts of a life but as the description of the nature of a personality necessarily considered in the unity of his actions and words.”

*B. Gentili e G. Cerri.*

### I. 1. A biografia segundo os manuais de história da literatura antiga

Discutir o estatuto da biografia na Antiguidade é algo delicado. Sobretudo, porque tratamos de um tipo de texto que, embora tenha dado origem ao que chamamos também de biografia hoje, não pode ser compreendido da mesma maneira. Talvez seja justamente a impossibilidade de se entender a biografia antiga exatamente da mesma forma que compreendemos a biografia moderna o que gera os questionamentos modernos em relação à condição da biografia na Antiguidade<sup>1</sup>.

Sumariamente, podemos dizer que a definição de biografia é a narrativa da vida de um indivíduo<sup>2</sup> e que, hodiernamente, a biografia é um gênero literário autônomo, que em muitos aspectos deixou de se relacionar com a História moderna, disciplina científica. Em contrapartida, a biografia antiga suscita controvérsias, pois que, defini-la enquanto gênero literário em seu contexto de produção é adentrar num campo espinhoso, na medida em que ela era intimamente ligada à historiografia. Nesse sentido,

---

<sup>1</sup> Mellor (1999, p. 132) aponta que muitos pesquisadores, durante o século XIX, consideravam a biografia como um texto de entretenimento, não direcionado propriamente a pesquisadores. O autor comenta que, ao longo dos anos, muitos pesquisadores têm desdenhado da biografia, principalmente por causa de seu aspecto popular, mas que muitos têm também produzido obras desse tipo, já que poderiam alcançar um vasto público. A produção biográfica moderna (não científica) é, com efeito, cada vez maior e cada vez menos voltada para questões históricas. Assim, é realmente necessário ter em mente que a biografia antiga era bastante diferente do que temos hoje.

<sup>2</sup> Ou “narração oral, escrita ou visual dos fatos particulares das várias fases da vida de uma pessoa ou personagem”. Cf. HOUAISS, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2009.

ao observarmos as definições de biografia antiga na bibliografia moderna, encontramos inúmeras interpretações que, muitas vezes, mais dificultam o processo de entendimento do que seria tal tipo de texto do que esclarecem a concepção dos antigos acerca da produção de obras biográficas. Isso porque não raramente nos deparamos com percepções que parecem entrelaçar ideias antigas e modernas para dizer o que é a biografia na literatura antiga, tal como notam Gentili e Cerri (1988):

os estudos sobre a biografia e autobiografia antigas e sobre outros gêneros literários têm sido quase que exclusivamente concernentes a problemas de um tipo genético, frequentemente abordados de um modo demasiado esquemático, e acompanhado por ideias e categorias mais relevantes para a literatura de nossa época<sup>3</sup>. (GENTILI; CERRI, 1988, p. 79-80)

Caberia nos perguntarmos, afinal, de que nos serve a definição do que seria uma biografia na Antiguidade. Decerto, um dos motivos principais é a compreensão de uma determinada espécie de produção literária na Antiguidade, seus métodos de composição e funções. Além disso, entender tudo isso prepara-nos para a leitura e recepção das biografias antigas, sem que façamos apreciações, de certo modo, inadequadas acerca de obras e autores<sup>4</sup>. De fato, ao avaliarmos os textos antigos com lentes modernas corremos o risco de julgá-los de forma anacrônica, exigindo deles preocupações que não eram as suas, ao menos naquele período específico de sua produção.

A fim de verificar a ideia de biografia antiga na crítica moderna, buscamos nos manuais de literatura latina<sup>5</sup> considerações sobre sua concepção; neles, o próprio

---

<sup>3</sup> “Studies on ancient biography and autobiography, and on other literary genres, have been almost exclusively concerned with problems of a genetic type, often approached too schematically and accompanied by ideas and categories more relevant to the literature of our time”.

<sup>4</sup> Estamos de acordo com o que afirma Stadter (2007, p. 528): “(...) The notion of a genre of biography separate from history is useful only insofar as it helps the reader to understand the nature of the work, but depends upon a pact between author and reader which is renegotiated in every work.”

<sup>5</sup> Entendemos por “manual”, *grosso modo*, obras didáticas que trazem um panorama histórico da

modo de apresentação da literatura nos pareceu influenciar na abordagem desse tipo de narrativa. Desse modo, observamos que mais comumente não se encontram nesses manuais capítulos relativos estritamente à biografia, mas à historiografia, sobretudo, nos quais se encontram, então, as referências à biografia. Vale, portanto, destacar a maneira como se organizam a maior parte dessas obras: a apresentação de determinado gênero ou tipo de texto da literatura ocorre juntamente com a exposição dos autores representantes e suas obras. Podemos citar como exemplo os manuais de Gentili *et al.* (1987), Kenney (1995) e von Albrecht (1997), que trabalham, respectivamente, da seguinte maneira:

- breve explicação da produção literária conforme o contexto histórico, junto à apresentação dos autores expoentes;
- desenho do panorama da literatura a partir das obras e autores representantes de cada gênero literário;
- a literatura latina em cada período, exposta segundo a divisão entre poesia e prosa, as quais são subdivididas em subgêneros. Por fim, apresentam-se os autores que representam os gêneros discutidos.

Nota-se que a maioria dos manuais foca a análise nos autores e em suas obras e não na discussão de conceitos. Assim, quando pesquisamos biografias, muitas vezes, temos não a definição do que seria esse tipo de escrita, mas sim uma avaliação de determinadas obras que se enquadrariam nesse modelo de escrita e, que, portanto, fariam parte de um ou outro gênero literário antigo. Portanto, é possível dizer que, ao se estudar biografia antiga, será pouco provável não se defrontar com autores tais como Suetônio, Varrão e Cornélio Nepos. E, é nesse encontro que descobrimos as controvérsias em relação à biografia na Antiguidade, uma vez que as considerações acerca desses autores oscilam na bibliografia e, conseqüentemente, as conceituações da biografia se modificam, sem que se tenha, antes, uma definição clara do gênero literário.

De modo geral, a biografia<sup>6</sup> e os autores mencionados são parte da historiografia romana, segundo os manuais; algumas vezes, a biografia é considerada um gênero à parte, outras um ramo “menor” da história.

Costuma-se apontar como precursores da biografia em Roma Varrão (116-27 a.C.)<sup>7</sup> e Cornélio Nepos (100-27 a.C.), que escreveram a vida de personagens pertencentes à política e às letras gregas e latinas, entre outros<sup>8</sup>, tendo chegado até nós somente a obra *De Viris Illustribus*<sup>9</sup>, deste último. Antes do século II a.C., conforme nos indicam Gentili *et al.* (1987), a biografia não era praticada na cultura literária romana arcaica, sendo ainda nela um gênero desconhecido (p.168). Sob o capítulo denominado *Storiografia nel I e II secolo d.C.*<sup>10</sup>, a biografia aparece como uma outra forma de discurso historiográfico<sup>11</sup> (GENTILI *et al.*, 1987, p. 362), que foi parte importante da produção histórica. Na obra de Conte (1994), a biografia é abordada, sobretudo, no capítulo sobre Suetônio, no qual o autor desenvolve a evolução desse tipo de escrita, que, segundo ele, era “um gênero literário da tradição grega” (CONTE, 1994, p. 547), primeiramente praticado em Roma por Varrão e Cornélio Nepos<sup>12</sup>. A explanação sobre essa forma de escrita, no manual de Conte, é feita a partir da análise da produção suetoniana, que, em linhas gerais, adota uma “forma de escrita histórica” que resulta em

---

<sup>6</sup> Doravante, especificaremos apenas “biografia moderna”.

<sup>7</sup> Autor da obra *Imagines* ou *Hebdomades*, que reunia a biografia de setecentas personalidades (homens de Estado, poetas, filósofos, sacerdotes), entre gregas e romanas, cada qual acompanhada de epigramas que caracterizassem a respectiva personagem. Além desta, o erudito Varrão também teria escrito breves biografias de poetas romanos, várias outras obras importantes, de cunho diverso, das quais poucas sobreviveram, como *De lingua latina* (da qual nos restam apenas seis livros) e *De re rustica*, trabalho sobre agricultura. Cf. Conte, 1994, p. 211-221.

<sup>8</sup> Gentili *et al.*, 1987, p. 162 e 169.

<sup>9</sup> Única obra preservada (em sua maior parte) do autor, a qual teria constado de 16 livros. Compreende biografias de gregos e latinos, dentre eles chefes militares, historiadores (parte em que constam personalidades como Ático e Catão), reis, etc. Cf. Conte, 1994, p. 211-221; e ainda a introdução de Anne Marie Guillemin in CORNELIO NEPOS, 1992, p. V- XVIII.

<sup>10</sup> “Historiografia nos séculos I e II d.C.” (p. 358 e ss.)

<sup>11</sup> Vide item 3. “Altre forme del discorso storiografico nel I secolo”.

<sup>12</sup> Ainda que Varrão e Cornélio Nepos tenham sido autores que investiram na biografia anteriormente a Suetônio, Conte (1994) apenas analisa a obra desses autores no capítulo *Philology, Biography, and Antiquarianism at the End of Republic*, sem fazer apontamento acerca da biografia propriamente dita.

“uma espécie de historiografia menor” (*idem*, p. 549)<sup>13</sup>.

O *CHCL* apresenta um capítulo intitulado *History and Biography*<sup>14</sup>, fracionado entre diferentes autores. Nele, encontramos como representante da biografia também Suetônio, cuja análise da obra serve para delinear o que seria a biografia naquele período. Goodyear (1982) não chega a definir biografia como gênero, mas comenta que Suetônio não realiza uma análise em seu trabalho que seria próxima da dos historiadores e, em outro momento, diz que não seria sua intenção “competir com historiadores da história maior” (GOODYEAR, 1982 [1995], p. 167). Assim, não fica claro até esse momento qual a concepção da biografia para os autores, embora, ao se considerar tais afirmações, seja possível depreender que há, em certa medida, uma diminuição da biografia enquanto história. É no capítulo concernente a *Nepos, Prose and Mime*<sup>15</sup>, que se verifica um breve comentário acerca da biografia, mencionado como um “gênero popular” à época do autor (HORSEFALL, 1982, p.117).

Até aqui, parece-nos que a biografia é considerada um gênero pertencente à historiografia romana e, nesse sentido, a encontramos denominada como uma forma ou um outro tipo de discurso histórico. No entanto, podemos apontar que, em certa medida, os estudiosos parecem julgá-la negativamente em prol de uma forma de escrita histórica maior, como se nota em Conte (1994) e em Goodyear (1982). É preciso ainda ressaltar que, nas obras observadas até aqui, forma de escrita e gênero nos parecem ser tomados como sinônimos.

Organizado de modo um pouco diferente dos manuais comentados até este momento, uma vez que comenta os gêneros literários antes da apresentação dos autores, no manual de Albrecht (1997) constatamos logo no índice a separação em capítulos entre *Historiography and related genres* e *Biography*, ambos referentes à parte que

---

<sup>13</sup> Conte (1994) faz um parêntese para explicar seu parecer sobre a obra de Suetônio: tratar-se-ia de uma obra “menor” quando comparada a autores como Tácito, por exemplo (p. 549).

<sup>14</sup> “História e Biografia”. Chama-nos a atenção o fato de que na Parte 4 do compêndio, *The Later Principate*, os organizadores apresentam biografia e história em capítulos diferentes.

<sup>15</sup> “Prosa e Mimo”.



ilustra a prosa durante o período republicano. É curioso notar que nesse caso a biografia não é apresentada exatamente como um gênero relacionado/ligado à historiografia. O autor explica sua escolha:

Biografia e autobiografia são gêneros relacionados, que devem, entretanto, ser distinguidos da escrita histórica em sentido estrito. Na forma, elas representam tipos muito diferentes. Portanto, serão tratadas separadamente aqui.<sup>16</sup> (ALBRECHT, 1997, p. 362)

Assim, encontra-se, na obra de Albrecht, de maneira clara uma divisão entre gêneros que aparentam ter aspectos consideravelmente diferentes, de modo que, ao considerá-los sob o mesmo prisma, chega-se ao risco de tratá-las de modo mais confuso e fazer comparações não adequadas, como se observa em Conte (1994) e Gentili *et al.* (1987). No capítulo que concerne à biografia, entretanto, Albrecht (1997) adverte que não pretende explicar a biografia como um gênero definido de modo claro, pois o próprio tipo de narrativa já contém nele mesmo muitas variações. No entanto, vale mais uma vez ressaltar que, embora essa divisão não seja totalmente estanque, ela parece-nos importante para a compreensão do que seria a biografia antiga.

Não obstante essa primeira partição feita por Albrecht (1997), no segundo volume da obra o autor organiza a apresentação da produção literária no âmbito da prosa histórica de modo distinto. Agora não há um tópico para se tratar da biografia no período em questão, mas apenas o item relativo à *Historiography and Related Genres*. Inserem-se aí os “escritores de História” e, ainda, Suetônio e suas obras biográficas. Observa-se, portanto – ainda que não haja uma parte sobre a biografia – um distanciamento de Suetônio dos ditos escritores de história. A ausência de um tópico destinado à biografia neste volume pode ser justificada, uma vez que Albrecht (1997) comenta anteriormente que a biografia, num período posterior, chegaria a ultrapassar a

---

<sup>16</sup> “Biography and autobiography are related genres, which must, however, be distinguished from historical writing in the strict sense. In form they represent quite disparate types; hence, they will be treated separately here”.

escrita da história em Roma, ao se aproximar da história, de certo modo, devido a mudanças no contexto político-social (*idem*, p. 362).

Semelhante é a posição de Kraus (2006), pois que compreende a biografia também como algo diferente da história. Para a autora, que assina o capítulo *Historiography and biography* do manual de literatura latina organizado por Harrison (2006)<sup>17</sup>, ocorre uma mudança ou um deslocamento que favorece a biografia, um “subgênero da história romana” (KRAUS, 2006, p. 252), que, no entanto, não encerra elementos característicos da *historia*. Em suas palavras, “história, biografia e autobiografia são, portanto, *genera proxima* – gêneros intimamente relacionados” (*idem*, p. 254), que nem mesmo entre os antigos eram definidos, ainda que hoje existam estudiosos que busquem critérios para demarcá-los.

Finalmente, verificamos a análise da biografia realizada por Martin e Gaillard (1981), em seu manual sobre gêneros literários. Citamos o seguinte excerto do capítulo *L'historiographie* que nos chamou a atenção:

se estimamos que a evolução de um povo, das origens a seu estado atual constitui uma unidade significativa da história, escrevemos, como Tito-Lívio, *ab Vrbe condita*. Se consideramos que a unidade histórica é um ciclo de acontecimentos que possuem um começo e um fim, e um só significado, escrevemos uma monografia – como Salústio tratando de uma conspiração ou uma guerra. Se acreditamos que a unidade histórica reside no acordo de um período e de uma pessoa, privilegiando a ação do personagem em relação ao panorama global dos acontecimentos, escreveremos uma biografia – que tomará sua significação histórica na medida em que o retrato de um homem e o retrato de um tempo vão se encontrar paralelamente engajados nesta empresa – assim podemos julgar o *Agricola* de Tácito por oposição a outras biografias de menor densidade histórica, como as de Cornélio Nepos.<sup>18</sup> (MARTIN; GAILLARD, 1981, 110-11)

---

<sup>17</sup> O *Companion to Latin Literature* (2006) divide-se em três partes: I. Períodos; II. Gêneros e III. Temas. O capítulo de Kraus se encontra na segunda parte.

<sup>18</sup> “Si l'on estime que le devenir d'un peuple, de ses origines à son état actuel, constitue l'unité signifiante de l'histoire, on écrit, comme Tite-Live, *ab Vrbe condita*. Si l'on estime que l'unité historique est un cycle d'événements possédant un commencement et une fin, et possédant à lui seul une signification, on écrit une monographie – ainsi Salluste, traitant d'une conjuration ou d'une

A biografia revela-se para os autores como uma forma diferente de se tratar o objeto histórico, do mesmo modo como vimos nos antecedentes. Martin e Gaillard (1981), ao longo do capítulo, também definem a biografia como um gênero em alguns momentos, chegando a afirmar que a “biografia é um gênero 'engajado', em determinado contexto. Mas é também um gênero que retorna à moda, depois de ter se enfraquecido nos resumos de compiladores: Plutarco, na Grécia, e Suetônio, em Roma, lhe darão *lettres de noblesse*”<sup>19</sup> (*idem*, p. 132). Ainda empregam a expressão “gênero biográfico” ao abordar as obras de Cornélio Nepos (p. 128) e Suetônio (p. 137).

Até aqui pudemos observar que em alguns manuais, apesar de se reconhecer a biografia como uma forma literária ou gênero literário, algumas vezes a desvalorizam em função de uma “alta” historiografia.

## I. 2. A biografia antiga nos estudos sobre historiografia e biografia antiga

“We can only speak of separate genres of history and biography if we remain aware of the fluidity of the boundary between them, and the difficulty of drawing any neat demarcation.”

*P. Stadter*

A problematização da biografia na Antiguidade, especialmente em Roma, não se mostra menos intrincada nas obras mais restritas ao estudo da historiografia romana. No entanto, nas mais recentes, reconhece-se ao menos que há uma inclinação

---

guerre. Si l'on estime que l'unité historique réside dans l'accord d'une période et d'une personne, em privilégiant l'action de la personne par rapport au période global des événements, on écrira une biographie – qui prendra sa signification historique dans la mesure où le portrait d'un homme et le portrait d'un temps se trouveront pareillement engagés dans l'entreprise – ainsi peut-on juger l'*Agricola* de Tacite, par opposition à d'autres biographies de moindre densité historique, telles celles de Cornélius Népos”.

<sup>19</sup> “La biographie est un genre ‘engagé’, dans un tel contexte. Mais c’est aussi un genre qui revient à la mode, après s’être étiolé dans les notices des compilateurs: Plutarque em Grèce et Suétone à Rome lui donneront des lettres noblesse”.

da crítica em julgá-la como um tipo de escrita inferior à história (MELLOR, 1999). Além disso, não é possível negar que se tem passado a assumir que a biografia “gradualmente tornou-se uma importante forma literária” (MELLOR, 1999, p. 132) e que, de fato, pode ser considerada um gênero separado da história (e poderíamos dizer, ambos componentes da historiografia romana), na medida em que se aceite que as fronteiras entre tipos de escrita não serão nunca completamente evidentes, dada à flexibilidade de todo e qualquer tipo de escrita.

Submetemos a exame a obra de Mellor (1999) sobre *historiadores* latinos, na qual há um capítulo chamado *Roman Biography*. Após breve introdução quanto às negativas apreciações que a biografia recebeu ao longo dos tempos, apresenta-se seu desenvolvimento seguido dos autores que escreveram biografias<sup>20</sup>. Conforme mencionamos acima, o autor defende que a biografia tornou-se um gênero.

O capítulo *Biography and History* de Stadter (2007), componente de um compêndio sobre historiografia grega e romana, é significativo, pois que se atém, diferentemente dos demais, em observar não só a possibilidade da compreensão da biografia como gênero à parte, mas ainda os possíveis modos de construção de uma obra biográfica, pois se “a própria historiografia é multifacetada, a biografia não menos” (STADTER, 2007, p. 528). E, nesse sentido, o autor admite que a distinção entre os dois gêneros demanda uma análise meticulosa, uma vez que mesmo entre os antigos a delimitação não seria tão clara. Stadter (2007) e também, como vimos, Kraus (2006) convergem com o viés contundente de Momigliano (1974 *apud* GENTILI; CERRI, 1988, p. 61), que considera que os gregos já distinguiam, de maneira categórica, entre biografia e história. Para ele, ainda que houvesse traços biográficos em uma obra de história, não se trataria de uma mistura, mas de um jogo entre os dois gêneros.

---

<sup>20</sup> Mellor (1999) é um dos poucos autores que apresenta Tácito, cuja obra historiográfica é unanimemente apreciada por sua excelência, como biógrafo por ter escrito o *Agricola*. A designação de Tácito como biógrafo foi vista também em Hurley, que ressalta que está se referindo especificamente à obra *Agrícola*, citada também no trecho exposto. Cf. Hurley, 2008, p. 05.

Como justificativa, toma-se a obra de Políbio sobre *Filópemen*, que, dividida em três volumes, conta separadamente a história do personagem em um contexto definido e narra sua vida. Entretanto, sabe-se que, desde os gregos, costuma-se dar lugar a dados biográficos nas narrativas de história, embora não configurassem seu ponto central. Assim, era necessário que também o leitor fosse consciente do tipo de texto que estava lendo, de seus objetivos e funções<sup>21</sup> (GENTILI; CERRI, 1988). Para Stadter (2007, p. 528), a leitura da obra biográfica depende de um pacto constantemente renegociado entre autor e leitor, em função do caráter da obra. Tendo em vista essa renegociação e fluidez dos limites genéricos, o autor propõe, hesitante, que a biografia – como gênero – seria “uma narrativa autossuficiente de um tipo de vida vivida por uma personagem histórica e que também avalia o caráter, os objetivos e as realizações dos sujeitos<sup>22</sup>” (STADTER, 2007, p. 529). Sob um ponto de vista semelhante, Gentili e Cerri concebem que a “narrativa biográfica varia em relação a funções específicas que assume em contextos históricos particulares e em diferentes sistemas literários<sup>23</sup>” (1988, p. 80).

Verificamos também o estado da discussão no livro *Latin Biography*, cujo título já nos sugere que a biografia é tratada de maneira especial. Na introdução, deparamo-nos com a afirmação de que a “biografia sempre foi um gênero literário popular” (DOREY, 1967, p. xi). Ao contrário das posições mais comuns, aqui a biografia é apontada como uma forma maior de literatura (*idem, ibidem*), o que nos permitiria colocá-la, portanto, ao lado da historiografia (e não num ramo derivante dela). A obra organizada por Dorey (1967) compila uma série de capítulos sobre autores cuja reputação se construiu por escreverem biografias, além de capítulos que

---

<sup>21</sup> Os autores atentam para o fato de que mesmo as obras de história eram diferentes na medida em que algumas poderiam empregar mais ou menos elementos biográficos de acordo com seu objetivo. Políbio, por exemplo, com intuito de realizar uma análise profunda de seus personagens, comporia obras um pouco mais biografistas. No entanto, a narrativa em si não se configuraria uma biografia propriamente. Cf. Gentili; Cerri, 1988, p. 61 e 63.

<sup>22</sup> “a self-sufficient account of the kind of life led by a historical person that also evaluates the subject’s character, goals, and achievements”

<sup>23</sup> “biographical narrative varies in relation to specific functions it assumes in particular historical contexts and in different literary systems”

comentam obras biográficas. Cornélio Nepos e Suetônio recebem lugar na obra, sendo nomeados, respectivamente, o primeiro e o mais importante biógrafo romano. Nos artigos a eles referentes, percebe-se uma inclinação à separação genérica, como o título já nos sugere. Também McQueen (1967), autor do capítulo sobre *Quintius Curtius Rufus*, defende de forma categórica que “a distinção entre história e biografia era, no geral, claramente delineada” (*idem*, p. 17). Ademais, estabelece-se logo no início uma diferenciação entre “escrever biografia” e “escrever história”, que parece estar ligada à intensidade do emprego de um e outro tipo de dado. Por fim, em manual recente sobre a historiografia romana, Manca e Vio (2010) dedicam um capítulo à memória individual, no qual abordam a origem do gênero biográfico e o cenário da produção biográfica romana. Suetônio recebe um capítulo inteiro e os autores tratarão ali de suas obras e suas características, avaliando ainda a situação da biografia no período imperial.

Tendo em vista as concepções da biografia nas obras especializadas, conclui-se que, de maneira geral, todos a compreendem como um gênero independente. Ou seja, o que depreendemos da leitura é que quando temos a historiografia considerada como um ramo mais alto a que diversos gêneros estão ligados, a biografia deriva-se dele. Em contrapartida, se entendemos que a historiografia compreende apenas o que poderíamos definir como “escrita da história”, a biografia seria apenas uma forma de se escrever história, que, para muitos críticos modernos, deixaria a desejar à produção de uma historiografia “maior”.

Desse modo, ideias como “forma literária” ou “tipo de escrita”, precisam ser mais bem delimitadas. Ao que parece “forma literária” tem sido tomado como sinônimo de “gênero literário”, ao passo que “tipo de escrita” está em conformidade com “escrita histórica” ou “escrita biográfica”. Agora que realizamos a exposição dos conceitos de biografia transmitidos pela bibliografia que nos foi possível consultar, podemos refletir acerca dos problemas levantados por meio de nossa leitura.

A concepção de biografia como gênero literário ou não, aparece de modo

não muito claro no levantamento bibliográfico: não mencioná-la como um gênero, ainda que se discuta em que termos isso é verdadeiro ou não, parece inviável. Nesse sentido, conforme dissemos, existe em certa medida um consenso de que ela é um gênero literário. Contudo, é durante a análise dos autores representantes que se sobressaem os problemas relativos a tal controvérsia, pois que, principalmente, aqueles que não tratam a biografia antiga de maneira mais detida, mas que apenas a ilustram com autores do período, fazem, muitas vezes, apreciações não coerentes na medida em que exigem dos textos estudados características que não necessariamente deveriam estar presentes quando consideramos a biografia um gênero próprio.

Isso fica mais evidente quando atentamos para o que se diz sobre Suetônio no conjunto de obras estudadas. Considerado desde o “mais importante” biógrafo até um autor de uma “historiografia menor”, centrada em divulgar fofocas, conforme alguns apontam, as obras suetonianas suscitam avaliações diversas quando empregadas para ilustrar a biografia romana nas bibliografias modernas. O que se observa, em geral, é uma série de autores que diminuem o valor de Suetônio na historiografia romana. Dentre eles, Conte (1994), Martin e Gaillard (1981), entre outros, costumam não considerá-lo um historiador<sup>24</sup> e, por vezes, criticam diversos aspectos da obra que, na verdade, parecem-nos essenciais a ela e à narrativa biográfica de modo geral.

Ademais, o cotejo ou mesmo o detrimento da biografia em relação a uma suposta historiografia maior é frequente. Assim, não é de se estranhar quando se encontram comparações entre Suetônio e Tácito, considerado um dos cânones de uma “historiografia aristocrática” (CONTE, 1994, p. 549). Vale notar que tal comparação,

---

<sup>24</sup> O emprego da denominação “historiador” ou mesmo “biógrafo” é algo que contribui para o problema em questão: alguns autores, de fato, não consideram Suetônio como um historiador, atribuindo-lhe o ofício de biógrafo. Outros, no entanto, ao chamá-lo de historiador, parecem colocar a biografia num patamar qual a obra de história e, portanto, classificando o autor como um historiador de má qualidade. Percebe-se mesmo o uso indeterminado dos termos: Martin e Gaillard apontam em uma passagem: “Suetônio não poderia ser considerado um historiador” (1981, p. 137); em outra passagem diz que “o historiador, aqui e ali, encontra indicações interessantes (...)” (*idem*, p. 138).

quando ocorre, é feita entre as obras como um todo e não, por exemplo, entre as biografias suetonianas e o *Agricola*, biografia do sogro de autoria de Tácito<sup>25</sup>.

Reconhecendo as incongruências em relação à apresentação da biografia e a crítica contrária por meio das obras, consideramos necessário observar de forma cuidadosa características da biografia que a diferenciasssem, por assim dizer, da história. É por isso que nesta dissertação analisamos a obra suetoniana, bem como o opúsculo de Tácito, a fim de notar seus traços principais.

### I. 3. As críticas da bibliografia a Suetônio

“[Suetonio] há finito per diventare il tipico rappresentante di una specie di scrittura ‘povera’, per quanto accurata, rispetto alla tradizionale dignità della produzione storiografica ‘alta’”

G. Guastella.

Conte finaliza seu artigo sobre Suetônio afirmando que sua obra não alcança o nível de uma “truly great historiography” (1994, p. 549) e Mellor inicia seu item *Biography versus history*, prevenindo-nos de que “é importante que nós julguemos as *Vidas*, nos próprios termos de Suetônio, como biografia e não as olhando como uma forma inferior de historiografia<sup>26</sup>” (1999, p. 149), o que evidencia, do ponto de vista do autor, a realização de um tipo de leitura menosprezante em relação a Suetônio. Gascou (1984) também aborda essa concepção acerca de Suetônio, notando que houve uma tendência em se acreditar que o autor

teria recolhido ao acaso materiais incomuns que ele teria acumulado sem propósito e sem crítica. Pesquisador infatigável de fatos curiosos e

---

<sup>25</sup> Cizèk sublinha que, embora os dois autores tenham, provavelmente se conhecido e frequentado os mesmos círculos, os “gêneros abordados por eles eram muito diferentes e suas estruturas literárias igualmente” (1977, p. 29)

<sup>26</sup> “It is important tha we judge the *Lives* on Suetoniu’s own terms as biography and not regard them as an inferior form of history”



comezinhos, mas sem nenhuma preocupação com a síntese, ele se interessaria apenas pela história menor à margem da história maior.<sup>27</sup> (GASCOU, 1984, p. xi)

Além da avaliação acerca de Suetônio, nota-se mais uma vez a distinção entre uma historiografia maior e uma menor, à qual estaria filiado Suetônio. Isso porque, para a crítica moderna, essa presença de “fatos curiosos”, por exemplo, não caracterizaria uma boa obra de história.

A crítica em relação à abundante presença de anedotas e à falta de análise permeia a obra dos estudiosos. Conte (1994), por exemplo, comenta ao definir a obra suetoniana que “Suetônio tem uma notável tendência a enfatizar a vida privada dos imperadores, o que é frequentemente lamentado como um baixo gosto por fofocas” (p. 549) e aponta como um grande problema da obra a “superficialidade da análise histórica e psicológica” (*idem*). Goodyear (1995) realiza análise parecida, defendendo que o esquema biográfico adotado por Suetônio seria “prejudicial tanto para um amplo panorama histórico e para uma delineação gradual do caráter” (p.166), esquema este que, no entanto, poderia ser considerado uma organização conveniente e adequada, do ponto de vista do autor, pois que Suetônio teria “apenas uma compreensão canhestra da história e da psicologia” (1995, p. 166). Goodyear, por um lado, parece reconhecer as características da obra de Suetônio; por outro, avalia de forma negativa os resultados decorrentes de suas escolhas. Não só nesse comentário acerca do esquema da obra percebemos essa tendência, mas também quando Goodyear reconhece que Suetônio tem “muita habilidade para encontrar e revelar anedotas que são tão essenciais à biografia”, mas acusa-o de ignorar materiais importantes, sem tratar mais amplamente do contexto histórico em que se inserem personagens célebres (*idem*, p. 166). Tais características são também mencionadas na introdução à obra escrita por Bassols (1990), que admite não ser adequado

---

<sup>27</sup> “Suétone aurait réuni au hasard des matériaux hétéroclites qu’il aurait entassés sans intention et sans critique. Infatigable chercheur de faits curieux et minces, mais dénué de tout esprit de synthèse, il ne s’intéresserait qu’à la petite histoire en marge de la grande.”

pedir a nosso autor mais do que ele queria dar a seus leitores. Na realidade, nunca pretendeu penetrar no espírito de seus personagens nem compreender o resultado das mudanças políticas, que muitas vezes à revelia dos próprios governantes iam acontecendo. Suetônio se preocupava unicamente com o detalhe, a anedota, a pincelada chamativa<sup>28</sup>. (BASSOLS, 1990, p. XLV-VI)

Mais uma vez, ainda que pareça haver um reconhecimento da escolha suetoniana, um tom de crítica prevalece: Suetônio não teria uma “autêntica visão histórica”, o que o faria resumir “feitos de um grande alcance histórico e que em troca dedicasse longos parágrafos a coisas supérfluas”, explicando, portanto, a presença copiosa de “anedotas intranscendentes, a acumulação de prodígios inverossímeis, detalhes desnecessários” (*idem*, p. XLVI). E o autor conclui: “Suetônio é mais um colecionador de anedotas do que um historiador” (BASSOLS, 1990, p. XLVI-II)

Ao nos depararmos com essa espécie de julgamentos, muitas vezes, um questionamento acerca do propósito da obra suetoniana vinha-nos à mente. Ou seja, dados os supostos problemas da obra e a frequência com que são abordados pelos críticos, aventamos a hipótese de que esses problemas poderiam, sob outra perspectiva, constituir o *modus operandi* da biografia, cujo funcionamento ou construção se distinguiria do da história. Nesse sentido, portanto, o texto de Suetônio – bem como outras biografias – solicitaria uma leitura distinta. Assim, se a narrativa parece a muitos fragmentada, podemos justificar esse aspecto do texto, por exemplo, do modo como o faz Stadter:

A narrativa, em particular, é mais episódica ou completamente excluída. Em geral, isso não indica que a biografia seja menos acurada ou mais interpretativa que a história, mas que seu escopo e propósito

---

<sup>28</sup> “Mas no debe pedirse a nuestro autor más de lo que él quería dar a sus lectores. En realidad no pretendió nunca prenetrar en el espíritu de sus personajes ni comprender el resultado de los cambios políticos que, a despecho muchas veces de los propios gobernantes, se iban operando. Suetonio se preocupaba únicamente por el detalle, la anédocta, la pincelada llamativa.”

são diferentes, mesmo quando usa as mesmas fontes<sup>29</sup>. (STADTER, 2007, p. 540)

Sintetizando o que expusemos até aqui e procurando ponderar a questão suetoniana, Hurley (2008) abre uma de suas edições das biografias suetonianas da seguinte forma:

Pesquisadores modernos frequentemente condenaram o autor da Vida dos doze césores como um colecionador mecânico de boatos até a metade do século vinte, quando uma reabilitação começou e Suetônio foi reconhecido como um artista original cujas biografias bem elaboradas se sustentariam como criações exitosas por si próprias<sup>30</sup>. (HURLEY, 2001, p. 1)

Por fim, pode-se fazer um resumo das principais críticas encontradas acerca de nosso autor: caráter anedótico, algumas vezes como um gosto por fofocas ou pelo desnecessário, superficialidade na exposição das informações, ausência de contexto histórico e análise psicológica, entre outros<sup>31</sup>. Tendo em vista tais aspectos, bem como uma caracterização desse tipo de escrita, pretende-se, a seguir, passar em revista fontes antigas que colocam a questão genérica em relevo, a fim de se entender as especificidades da biografia antiga.

---

<sup>29</sup> “Narrative, in particular, is more episodic, or completely excluded. In general, it is not that biography is less accurate or more interpretive than history, but that its scope and purpose are different, even when it uses the same sources.”

<sup>30</sup> “Modern scholarship routinely damned the author of *De uita Caesarum* as a mechanical collector of gossip until the mid-twentieth century, when rehabilitation began and Suetonius was recognized as an original artist whose well-crafted biographies could stand as successful creations on their own.”

<sup>31</sup> Conferir também Guastella, 1992, p. 13.

## CAPÍTULO II

### A BIOGRAFIA SEGUNDO OS ANTIGOS

#### II. 1. A historiografia na visão ciceroniana

“Historia vero testis temporis, lux ueritatis,  
uita memoriae, magistra uitae, nuntia uetustatis”

*Cícero, De oratore, II. 35-36*

Mais do que as considerações sobre a biografia tecidas pelos pesquisadores, desperta-nos a atenção as concepções fundadas a partir dos autores antigos acerca desse tipo de texto. Pois, observar o modo como eles enxergavam a biografia contribui para que suas características sejam levantadas a partir de premissas da época, na medida do possível, sem levar em conta parâmetros modernos. Dessa forma, podemos talvez reunir elementos que ajudem na compreensão da especificidade da escrita biográfica com relação à historiografia.

Dois autores<sup>32</sup> da Antiguidade compuseram uma reflexão sobre a historiografia à sua época: Cícero e Luciano de Samósata<sup>33</sup>. O primeiro é considerado por diversos estudiosos um criador de uma preceptística própria para a historiografia, pautada sobretudo na retórica. Gaillard e Martin, por exemplo, estimam que

a meditação ciceroniana acerca da história, estreitamente associada, no *De oratore, Orator e De Legibus*, ao projeto estético e filosófico que esses

---

<sup>32</sup> Também Salústio compôs algumas reflexões em suas obras.

<sup>33</sup> É importante ressaltar que Luciano escreveu no II séc. d.C., após os autores que estudamos, Tácito e Suetônio. De todo modo, analisar suas reflexões acerca da produção historiográfica romana se mostra interessante na medida em que poderemos observar a situação da historiografia em um período posterior, o que, provavelmente, revela o que foi produzido anteriormente ou o que ainda era esperado por um autor antigo.

tratados desenvolvem, propõe uma teoria do gênero literário que podemos considerar como o verdadeiro fundamento da historiografia romana<sup>34</sup>. (GAILLARD; MARTIN, 1981, 114)

Quanto a Luciano de Samósata, dedicou uma obra inteira à crítica da produção de obras historiográficas. Autor de sátiras, principalmente, Luciano descreve em seu tratado *Como se deve escrever a história* os preceitos morais que julgava serem necessários ao historiador.

Ainda que esses autores não tratem diretamente da biografia, nosso objeto de estudo, observá-los nos pareceu um bom caminho, na medida em que a partir deles seria possível levantar as características da historiografia ou da obra de história na Antiguidade, buscando verificar se estas seriam, para os antigos, equivalentes às da biografia ou se nos levariam a perceber diferenças entre os dois gêneros, se é que a biografia seria um gênero distinto da história.

Diversos trabalhos discutem a teoria ciceroniana de história. Dentre eles, demos maior atenção ao de Woodman (1988), que explica o ideal de história delineado por Cícero em suas obras, especialmente, a ideia de *historia ornata*, presente também na análise de outros autores, como Martin e Gaillard (1981).

A reflexão ciceroniana acerca da escrita da história abrange conceitos tais como as leis da história e seu dever enquanto obra, bem como a noção de uma história ornada ou ilustre. Para Cícero, um dos maiores problemas da historiografia romana, iniciada com a produção dos *Annales*<sup>35</sup>, era a falta de elaboração dos relatos. Dessa forma, o orador propunha um tipo de composição que levasse em conta uma diferenciação entre “o núcleo (*hard-core*) no qual a historiografia é baseada e a sua

---

<sup>34</sup> “(...) la méditation cicéronienne sur l'histoire, étroitement associée, dans le *De Oratore*, l'*Orator*, le *De legibus*, au projet esthétique et philosophique que développent ces traités, propose une théorie du genre littéraire que l'on peut considérer comme le véritable fondement de l'historiographie romaine.”

<sup>35</sup> Os *Annales Maximi* representam o início da historiografia romana. Escritas pelos Pontífices (*pontifex maximus*), as obras apresentavam o resumo dos acontecimentos importantes expostos ano a ano. Cf. Cícero, *De Oratore*, II, XIV, 52 sobre a produção dos Anais.

elaboração, em que consiste a arte da historiografia” (Woodman, 1988, p. 77). Mais precisamente, pode-se dizer que Cícero entendia o assunto que daria corpo ao relato histórico e a forma como tal relato seria construído<sup>36</sup> como duas coisas separadas, ou seja, deveriam ser tratadas diferentemente, com devida atenção ao modo como se elaboraria a narrativa. Assim, a escrita da história, segundo Cícero, se assentaria em duas bases principais: os *fundamenta* e a *exaedificatio*. No excerto a seguir, um dos personagens do diálogo ciceroniano discorre acerca desses dois preceitos:

Mas, volto àquele ponto: vedes quão importante tarefa do orador é a história? Não sei se não é a tarefa que envolve o discurso mais torrencial e mais repleto de variações. E sequer a encontro disposta separadamente em alguma parte nos preceitos dos retores. Pois dela os preceitos estão diante dos olhos. Ora, quem ignora ser a primeira lei da história que não se ouse dizer algo falso? E, além disso, que não se ouse não dizer algo verdadeiro? E que não haja, ao escrever, alguma suspeita de favorecimento? Nem alguma suspeita de malquerença? Estes **fundamentos** são, sem dúvida, do conhecimento de todos. Por outro lado, a **construção**, em si, consiste na **matéria** e na **expressão**. Quanto à matéria, exige-se a sequência dos tempos, a descrição de regiões; requer-se ainda, uma vez que se lida com coisas grandiosas e dignas de memória, primeiramente as resoluções, em seguida, as ações, depois, as consequências; que se dê a entender como o autor julga as intenções e, nas ações realizadas, que se deixe claro não apenas o que se fez ou o que se disse, mas ainda de que modo; e, ao se falar das consequências, que se explicitem as causas todas, quer relativas ao acaso, quer à sabedoria, quer ao desatino; e dos próprios homens não apenas as realizações, mas ainda, sobre a vida e o caráter de cada um que se alçar pela fama e pelo renome. Quanto à expressão, deve-se perseguir um gênero de discurso profuso e extenso e que flua com certa suavidade, sem aquela aspereza judicial e sem a agudeza de pensamentos própria ao fórum. De todas essas coisas, tão importantes, vedes que não há preceito algum que se encontre nas obras dos retores?<sup>37</sup> (*De Oratore*, XV, 62-64. Grifos nossos. Tradução: Sidney

---

<sup>36</sup> Vale notar que, quando falamos da construção ou elaboração do assunto do relato, não se trata do estilo a ser adotado pelo historiador. Cícero desenvolve a ideia de elaboração em relação ao modo de exposição do conteúdo da obra, ou seja, “contents by means of contents”, como define Woodman (1988, p. 78).

<sup>37</sup> *Sed illuc redeo: uidetisne quantum munus sit oratoris historia? Haud scio an flumine orationis et uarietate maximum; neque eam reperio usquam separatim instructam rhetorum praeceptis; sita sunt enim ante oculos. Nam quis nescit primam esse historiae legem, ne quid falsi dicere audeat? deinde ne quid ueri non audeat? ne quae suspicio gratiae sit scribendo? ne quae simultatis? Haec scilicet fundamenta nota sunt omnibus. Ipsa autem exaedificatio posita est in rebus et uerbis. Rerum ratio ordinem temporum desiderat, regionum descriptionem; uult etiam, quoniam in rebus magnis memoriaeque dignis consilia primum, deinde acta, postea euentus expectentur, et de consiliis significari quid scriptor probet, et in rebus gestis declarari non solum quid actum aut dictum sit, sed etiam quo modo, et quom de*

Calheiros de Lima)

Nesse excerto, Cícero indica quais seriam as bases para a escrita da história, ou seja, as leis que regem sua elaboração, que poderíamos resumir à imparcialidade do historiador, que não deve se deixar levar por simpatia (*gratia*) ou antipatia (*simultas*) pessoais. Também observamos os requisitos para a construção da obra, na qual devem constar as ações realizadas, os motivos e o modo como foram feitas, uma exposição cronológica dos fatos, bem como a descrição dos lugares. Tudo isso deve ser escrito como uma linguagem ornada, mas que não se pareça com aquela usada pelos oradores.

Também na carta *ad Luceium* (*Ad familiares*, V, 12) Cícero desenvolve os *fundamenta*, relacionados às leis da história, e, poder-se-ia dizer, de modo quase que contraditório ao que se vê no *De Oratore*. Em resumo, na carta ao amigo Luceio, que pretende escrever uma obra de história, Cícero pede que ele relembre seus feitos durante o consulado de 63 a.C., para que seja, então, imortalizado pela obra. No entanto, o orador insiste que o amigo não se prenda às leis da história (*leges historiae neglegas*) para que fale sobre ele do modo mais ornado possível, podendo mesmo, em nome de sua amizade, falar um pouco mais que a verdade:

Assim, peço-te francamente, outra e outra vez, que não só as [as ações realizadas por Cícero] elabores até mesmo mais intensamente do que talvez tenha em mente, mas que, ao fazê-lo, desconsideres as leis da história; e aquele favorecimento, sobre o qual tu tão saborosamente escreveste em algum de teus proêmios, o qual, tu revelas, não seria capaz de dobrar mais do que o Prazer poderia dobrar o Hércules de Xenofonte, bem, não o evites caso ele te recomende mais intensamente em meu proveito e permitas à nossa amizade um pouco mais do que concede a verdade<sup>38</sup>. (CÍCERO, *Ad Fam.*, V, 12, 3. Trad. Sidney Calheiros de Lima)

Ora, vimos há pouco que um dos deveres do historiador era justamente não falar nada além da verdade e, nesse sentido, Cícero estaria sendo em certa medida

---

*euentu dicatur, ut causae explicentur omnes uel casus uel sapientiae uel temeritatis hominumque ipsorum non solum res gestae, sed etiam, qui fama ac nomine excellant, de cuiusque uita atque natura.*

<sup>38</sup> [...] itaque te plane etiam atque etiam rogo ut et ornas ea uehementius etiam quam fortasse sentis et in eo leges historiae neglegas gratiamque illam de qua suauissime quodam in proboemio scripsisti, a qua te flecti non magis potuisse demonstras qual Herculem Xenophontium illum a Voluptate, eam, si me tibi uehementius commendabit, ne aspernere amorique nostro plusculum etiam quam concedet ueritas largiare.

contraditório<sup>39</sup>. Com efeito, o que ocorre é que as leis ciceronianas para a composição da obra de história, como as expõe Antônio, estavam pautadas na imparcialidade, isto é, o historiador deve se mostrar livre de juízos prejudiciais ou favorecedores quanto ao fato relatado<sup>40</sup>. Isso não implica, contudo, que o historiador não possa elaborar (a *ornatio*) o fato histórico de modo a exaltar ou não um evento, mas de forma verossímil e imparcial. De toda forma, a *gratia* que não é admitida no relato histórico tal como concebe o Antônio ciceroniano, na carta a Luceio é reclamada mesmo que isso leve a infringir o princípio de se ater à verdade estrita.

Aliada a esses fundamentos, deveria estar também a *exaedificatio*, que pode ser traduzida como “construção”<sup>41</sup>. Esta envolve, por sua vez, *res* e *uerba*<sup>42</sup>, ou seja, a matéria a ser tratada na obra e a expressão, a maneira de abordar a matéria.

Interessa-nos, sobretudo, os assuntos que compõem a obra historiográfica, ou seja, as *res* ou ainda, os *monumenta*, as coisas dignas de serem recordadas. Segundo o personagem de Antônio, o conteúdo da obra deve contemplar a ordem temporal (*ordinem temporum*) e a descrição das regiões (*regionum descriptionem*). Além disso, convém que se trate das decisões, das ações e das consequências advindas dos feitos dos personagens, e não se deve contar apenas suas realizações, mas também sua vida, de modo a torná-los eternos. Portanto, a historiografia proposta por Cícero supõe a abordagem das *res gestae*, bem como de partes da *vita* do personagem da obra e de seu caráter.

Até aqui, tem-se a impressão de que Cícero cria uma teoria para a escrita da história. No entanto, ao contrário do que se costuma pensar, essas características não

---

<sup>39</sup> A discussão acerca da interpretação da suposta contradição ciceroniana foi feita por Woodman (1988) e retomada por Lima (2009).

<sup>40</sup> Ideia parecida se encontra no *De coniuratione Calitilina*, de Salústio: *eo magis quod mihi a spe, metu, partibus rei publicae liber erat* (*De coni. Cat. IV. 2*) / “[decidi escrever história] tanto mais que meu ânimo estava livre de expectativas, receio, partidarismo político”.

<sup>41</sup> Tradução proposta por Lima (2009) e como superestrutura (superstructure) em Woodman (1988)

<sup>42</sup> Verificam-se tais conceitos retóricos em Quintiliano, ao dizer que “todo discurso consiste de conteúdo (*rebus*) e estilo (*uerbis*)”. Cf. Woodman, 1988, p. 83.



são exclusivas da historiografia, mas são uma transposição de artifícios retóricos empregados na *narratio*, parte do discurso oratório. Woodman aponta que, em relação à narrativa cronológica e à exposição das regiões, Cícero “oferece um conselho retórico padrão, no sentido de que o historiador, assim como o orador forense, não deveria inverter a ordem natural dos acontecimentos e deveria avivar sua obra com digressões topográficas” (1988, p. 85). Ademais, narrar as intenções, os eventos, a maneira como as coisas foram feitas ou ditas, o caráter e a vida do personagem etc, remete aos mesmos recursos da *narratio* expostos, por exemplo, no *De inuentione*<sup>43</sup> (Cf. LIMA, p. 101, 2009), nos quais Cícero define que a clareza da narração depende do respeito “à sequência das ações e dos tempos”<sup>44</sup> e sua probabilidade, da exposição em que “forem conservadas as qualidades reconhecidas das personagens, se estiverem manifestas as causas das ações”, os mesmos preceitos observados no *De oratore*.

Cícero considera no *De inuentione* (XIX, 27) a história como um tipo de *narratio*, que expõe uma ação realizada (*historia est gesta res*) num tempo diferente do presente. Em se tratando da biografia, o que diz respeito à narrativa relacionada à vida ou àquilo que envolve o personagem merece destaque. Também esse aspecto da obra historiográfica, para Cícero, está embasado nos preceitos da *narratio*. Citamos o exemplo trazido por Lima (2009, p. 102): “aquela narração, por outro lado, que lida com a representação de indivíduos (*in personis*) é de tal tipo, que, nela, concomitantes às próprias ações, podem ser percebidas as falas e a alma dos indivíduos representados”.

Considerados tais aspectos da narrativa histórica ciceroniana, cabe mencionar um ponto crucial presente no pensamento de Cícero acerca do gênero: a história é um dever do orador, como vimos na passagem do *De oratore*, XV, 62. Só pelas mãos do orador, a história romana poderá deixar de ser um gênero que deixa a desejar em relação aos gregos<sup>45</sup>. Nas palavras de Chiappetta (1996)

---

<sup>43</sup> *narratio est rerum gestarum aut ut gestarum expositio* [...]. Cícero, *De inuent.*, I, 27.

<sup>44</sup> Cícero, *De inuent.*, I, 29. Tradução de Sidney Calheiros de Lima.

<sup>45</sup> Cf. Cícero, *De Leg.*, I, 5.

tal tarefa monumental da história é para ele, acima de tudo, obra de oradores (*opus oratorium maxime*). Deve seguir as regras do gênero demonstrativo, usando o gênero médio e, sobretudo, deve ser ornada para captar a benevolência do público e seduzi-lo para a glória que se pretende (CHIAPPETTA, 1996, p. 21).

No *Orator*, Cícero afirma que a história é um gênero muito próximo da oratória:

A história é muito próxima desse gênero, e nela narra-se elaboradamente e frequentemente se descreve um combate ou uma região; além disso, são intercaladas também discursos em assembleias e exortações. Mas nesses se requer uma espécie de discurso relaxado e fluente, não este impetuoso e veemente [do orador]<sup>46</sup>. (CÍCERO, *Orator*, XX, 66)

O que as diferencia é a forma da eloquência apenas: a história não deve ter um estilo duro e enredado. Mas Cícero pode estar se referindo apenas ao discurso reportado na história (*in his: discursos das assembleias e exortações militares*), pois como vimos no *De Oratore*, mais uma vez Cícero afirma que a história requer uma narrativa ornada, em que lutas e regiões são descritas. Além disso, claramente no *De Oratore*, antes de descrever como ela deveria ser elaborada, diz que não a outro, mas ao orador a história deveria confiada: “História, de fato, testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, mensageira da Antiguidade, por que voz, senão pela do orador, é imortalizada?”<sup>47</sup> (CÍCERO, *De Orat.*, II, IX, 36) Todavia, é interessante perceber que Cícero, ainda que considere a história tarefa do orador, a fim de que seja realizada com excelência, não a confunde com outros gêneros da oratória, como, por exemplo, o gênero deliberativo, judiciário, ou mesmo com a *laudatio*:

Pois as causas de pena capital requerem um certo tom diverso do das causas privadas e de pouca importância; um tipo de discurso diferente desejam as deliberações, um outro os louvores, um outro os tribunais,

---

<sup>46</sup> *Huius generi historia finitima est, in qua et narratur ornate et regio saepe aut pugna describitur; interponuntur etiam contiones et hortationes, sed in his tracta quaedam et fluens expetitur, non haec contorta et acris oratio.*

<sup>47</sup> *Historia vero testis temporum, lux veritatis, vita memoriae, magistra vitae, nuntia vetustatis, qua voce alia nisi oratoris immortalitati commendatur?*

um outro as discussões, um outro a consolação, um outro a reprovação, um outro o debate filosófico, um outro a história<sup>48</sup>. (CÍCERO, *De oratore*, III, 210-211)

Assim, vemos que, mesmo que a história do ponto de vista ciceroniano seja bastante calcada em preceitos retóricos, ainda há uma diferenciação, em certa medida clara, da diferença entre os gêneros do discurso. Mesmo o gênero demonstrativo, no qual se enquadram os louvores e encômios, difere da história, segundo o trecho em questão.<sup>49</sup>

É notório que toda essa concepção retórica da historiografia se relaciona de alguma maneira ao discurso epidítico ou demonstrativo (apesar de não se confundir com ele), pois que está ligado, como dissemos, ao louvor ou ao vitupério de alguém e suas ações e, portanto, estaria ligado ao modo como o historiador poderia tratar de seu sujeito. Louvor e vitupério, porém, não podem estar condicionados a simpatias e inimizades puramente pessoais que tornem o historiador imparcial.

Tendo visto tais conceitos e especificações de Cícero, procuraremos nas obras de Tácito e Suetônio aspectos mencionados pelo orador tais como a ordem temporal, a digressão narrativa de batalhas e regiões etc.

## II. 2. As considerações de Quintiliano acerca da história

“[Historia] est enim proxima poetis, et quodam modo carmen solutum est (...)”

*Quintiliano, Inst. Orat.*, X, 31-34

No livro X da *Institutio Oratoria*, Quintiliano realiza um breve resumo da

---

<sup>48</sup> *Nam et causae capitibus alium quendam uerborum sonum requirunt, alium rerum priuatarum atque paruuarum; et aliud dicendi genus deliberationes, aliud laudationes, aliud iudicia, aliud sermones, aliud consolatio, aliud obiurgatio, aliud disputatio, aliud historia desiderat.*

<sup>49</sup> Interpretação contrária verificamos em Ambrosio (2005), que discutiremos com mais calma em capítulo posterior.

produção de literatura latina, compondo um “patrimônio de leitura imprescindível ao orador” (GENTILI, 1987, p. 393). Ao traçar uma espécie de historiografia da literatura latina, Quintiliano trata de gêneros diversos, tais como da oratória, da poesia, da filosofia e da história, que seriam muito úteis aos futuros oradores. Assim, o livro X apresenta uma série de autores que serviriam de modelo para a formação do orador e, para mostrar isso, Quintiliano desenvolve essa parte da obra comentando acerca de cada gênero e apontando a *utilitas* de cada um deles.

Diferentemente do que vimos em Cícero<sup>50</sup>, Quintiliano não busca apresentar o modo como ele próprio acredita que a história deveria ser escrita, mas tece algumas considerações sobre esse gênero. Para ele,

A história também pode fornecer ao orador certo suco fértil e saboroso. De fato, ela deve ser lida para que conheçamos muitas das suas virtudes que devem ser evitadas pelo orador. Pois está próxima da poesia, e é, de certo modo, um poema em prosa, é escrita para narrar e não para provar, e toda a obra é composta não para agir em uma situação ou alguma luta, mas para a memória da posteridade e fama do talento: por isso evita o tédio da narração com palavras mais distantes do cotidiano e figuras de linguagem<sup>51</sup>. (QUINTILIANO, *Inst. Orat.*, X, 1, 31)

Vemos que a história serve como um instrumento ao orador desde que se tome cuidado com as virtudes próprias do gênero e se atente para o fato de que a história e a oratória apresentam objetivos distintos; a primeira confere glória a quem a compõe e lega a memória à posteridade; a segunda, serve para provar. Quintiliano comenta a linguagem que seria empregada na história: o uso de palavras afastadas do uso parece ser característico do discurso em questão. Desse modo, podemos observar como a linguagem é manipulada em Suetônio e em Tácito.

---

<sup>50</sup> E também do que veremos em Luciano mais adiante.

<sup>51</sup> *Historia quoque alere oratorem quodam uberi iucundoque suco potest. Verum et ipsa sic est legenda ut sciamus plerasque eius virtutes oratori esse vitandas. Est enim proxima poetis, et quodam modo carmen solutum est, et scribitur ad narrandum, non ad probandum, totumque opus non ad actum rei pugnamque praesentem sed ad memoriam posteritatis et ingenii famam componitur: ideoque et verbis remotioribus et liberioribus figuris narrandi taedium evitat.*

Quintiliano mostra também o que pode ser útil ao orador em uma obra de história:

Além disso, Marco Túlio pensa que nem Tucídides ou Xenofonte sejam úteis ao orador, embora estime que aquele “cante a guerra”, da boca dele “tenham falado as Musas”. É nos permitido, contudo, nas digressões, usar algumas vezes do brilho da história, conquanto lembremos de que, nas coisas a respeito das quais existe uma questão, há necessidade não de músculos de atletas, mas de braços de soldados, e daquela famosa veste multicolorida de que Demétrio Falério usava, dizia-se, não é adequada ao pó do fórum<sup>52</sup>. (QUINTILIANO, *Inst. Orat.*, X, 33)

Percebe-se que, para Quintiliano, a leitura da história pode dar maior brilho nas digressões dos oradores, embora não sejam elas a parte principal de um discurso. Além disso, a história permite que o orador adquira amplo conhecimento do passado, pois que ele não deve esperar “do adversário todos os testemunhos, mas tome a maior parte do passado, estudando-os diligentemente” (*Inst. Orat.*, X, 34). Desse modo, a história se mostra eficiente também para fornecer “provas e testemunhos úteis para uma tese” (COUSIN, 1975, p. 35).

### II. 3. A historiografia por Luciano de Samósata

“Portanto, assim seja para mim o historiador: sem medo,  
inocorrível, livre, amigo da franqueza  
e da verdade”  
Luciano, *Como se deve escrever a história*, XLI

Ainda que Luciano seja de período posterior aos autores que estudamos nesta dissertação, achamos que seria importante analisar sua proposta historiográfica, pois que sua visão poderia refletir críticas ou expectativas dos textos produzidos por

---

<sup>52</sup> *Adde quod M. Tullius ne Thucydiden quidem aut Xenophontem utiles oratori putat, quamquam illum "bellicum canere", huius ore "Musas esse locutas" existimet. Licet tamen nobis in digressionibus uti vel historico nonnumquam nitore, dum in iis de quibus erit quaestio meminerimus non athletarum toris sed militum lacertis <opus> esse, nec versicolore illam qua Demetrius Phalereus dicebatur uti vestem bene ad forensem pulverem facere.*

outros autores anteriores, como, em nosso caso, Tácito e Suetônio.

Em linhas gerais, Cícero e Luciano parecem esperar algo parecido do historiador. O primeiro traço comum que se observa na reflexão de ambos é o compromisso do historiador com a verdade, conforme a compreendiam os antigos. Luciano apresenta sua ideia de historiador:

Portanto, assim seja para mim o historiador: sem medo, incorruptível, livre, amigo da franqueza e da verdade; como diz o poeta cômico, alguém que chame os figos de figo e a gamela de gamela; alguém que não admita nem omita nada por ódio ou por amizade; que a ninguém poupe, nem respeite, nem humilhe; que seja juiz equânime, benevolente com todos a ponto de não dar a um mais que o devido; estrangeiro nos livros e apátrida, autônomo, sem rei, não se preocupando com o que achará este ou aquele, mas dizendo o que se passou. (LUCIANO, *Como se deve escrever a História*, XLI. Trad. Jacyntho Lins Brandão)

Nesta passagem encontramos a postura de um historiador que seria capaz de manter um compromisso com a verdade, abdicando de qualquer benefício que poderia receber caso agisse de maneira contrária, por isso alguém que seja “apátrida, autônomo, sem rei”. O autor sírio não estava satisfeito com aqueles que diziam escrever história, mas, ao contrário, estavam mais preocupados em elogiar e agradar os reis ou comandantes envolvidos nas guerras narradas, sem contar o uso indistinto de recursos em suas narrativas, que as distanciavam mais ainda da história. Assim, seu tratado discute sobretudo a veracidade necessária ao relato histórico em oposição não à mentira, mas à adulação, conforme aponta Lopes (2005).

Da mesma maneira que Luciano adota um modelo de historiador, também abraça uma determinada forma de se escrever história, termo que em suas obras assume diversos significados e que, portanto, indica que “história e historiador dividem seu território com outros gêneros de discurso e outros tipos de escritores”, de acordo com Brandão (2009, p.137). Ao analisar, por exemplo, *Como de deve escrever a história e Narrativas Verdadeiras*, Brandão nota o emprego do termo *historia* comumente no

sentido de “narrativa” (*idem*, p.131). No entanto, o autor verifica que, nas demais obras de Luciano, a mesma palavra aparece às vezes indicando que se trata de uma “‘biografia’ ou [d]a ‘história de uma pessoa’”<sup>53</sup>. Encontram-se ainda outras obras e passagens em que *historía* significa “assunto”, “tema” ou “discurso” (2009, p. 132-3). Nesse sentido, não havendo uma única denominação técnica para a obra e ofício do historiador, cabe observar como Luciano faz sua própria definição de história, que, mesmo sem um termo específico que a defina, apresenta uma maneira própria de ser escrita. Assim, Luciano propõe em sua obra, em suma, “separar o que é próprio da história do que não é”, em contraste com outros gêneros de discurso (Brandão, 2009, p. 141).

Sendo nosso objetivo compreender o conceito de história para os antigos, cabe agora examinarmos o que Luciano define, então, como a melhor maneira de escrevê-la:

Assim, é preciso que também a história seja escrita com a verdade, visando à esperança futura, mais que com bajulação, visando ao prazer dos presentes elogios. Aí tem você o cânon e o prumo de uma história justa. Se alguns apurarem com ele, estará bem e o que está escrito é oportuno. Se não, no Crânio rolou o tonel. (LUCIANO, *Como se deve escrever a história*, LXIII. Tradução de Jacyntho Lins Brandão)

Trata-se aqui do encerramento do livro, em que o autor enuncia resumidamente os preceitos básicos da obra de história: “verdade visando à esperança futura, mais que com bajulação, visando ao prazer dos presentes elogios”, o que resulta numa “história justa”. Antes de vermos os métodos propostos por Luciano, vale melhor compreender sua ideia de história; para tanto, Brandão (2009, p. 143) chama a atenção para algumas oposições importantes para determinar a maneira de se escrever a história, a saber:

verdadeiro x adulação

futuro x presente

esperança x prazer

---

<sup>53</sup> Em *Elogio da mosca* e em *Alexandre ou o falso profeta*.

As questões envolvidas em tais oposições se encontram agregadas verticalmente. Para a escrita da “história justa” o historiador deve buscar o verdadeiro, que será legado ao futuro, tempo quando poderá haver esperança. Em contrapartida, o historiador que cede à adulação, que agrada alguém no presente e, ainda, confere prazer (seja ao leitor ou ao adulado), distorce sua narrativa, não respeitando as características do gênero. Vale a pena traçar aqui mais um paralelo entre a preceptística de Luciano e Cícero: ainda que os dois visem à verdade na narrativa histórica, parece-nos que os meios para alcançá-la são um pouco diferentes. Enquanto Cícero procura convencer Luceio de que a história deve deleitar seus leitores, Luciano crê que o importante é a posteridade.

Dentre essas três incompatibilidades, por assim dizer, a primeira parece ser a mais crucial para o historiador de Luciano e a adulação se mostra um divisor de gêneros de discurso para ele. Lopes destaca

Não à toa, dada a insistência de Luciano contra a adulação, a primeira distinção feita por ele é entre a história e o panegírico: com efeito, os historiadores “ignoram que não é um istmo estreito que delimita e separa a história do panegírico [enkómion], mas que há entre os dois uma grande muralha e, como dizem os músicos, uma distância de duas oitavas” (LOPES, 2002, p. 194)

Verifica-se na passagem a citação do capítulo VII, no qual Luciano discorre sobre alguns defeitos dos historiadores em relação à atitude encomiástica. A metáfora empregada por ele ilustra bem o que pretende defender: embora próximos, o encômio e a história apresentam seus limites, os quais os separam e os tornam gêneros essencialmente diferentes. Deste modo, comenta os erros dos historiadores:

Em primeiro lugar examinaremos aquilo em que mais erram: pois a maioria, descuidando-se de narrar o que aconteceu, demora-se em elogios aos comandantes e generais, elevando os seus às alturas e rebaixando os inimigos além da medida [...]. Com efeito, ao encomiasta apenas uma coisa interessa – elogiar e agradecer, seja como



for, aquele que se elogia – e, se acontecer de mentir para atingir seu objetivo, pouco se preocupará. Já esta, a história, nela introduzindo-se uma mentira, nem a menor delas suportaria, não mais que, como dizem os médicos, a traqueia acolheria algo que nela enfiasse. (LUCIANO, *Como se deve escrever a história*, VII. Trad. Jacyntho Lins Brandão)

Luciano critica sobretudo aqueles historiadores que não sabem medir o uso do encômio em suas obras, que, na verdade, mostra-se bem pouco aceitável na história. Tal censura se deve ao fato de que, conforme diz o polígrafo, muitos passam mais tempo elogiando seus personagens que contando histórias, além de exaltar demasiadamente os feitos. Para cumprir esse propósito, os escritores acabariam por usar de ficção e de coisas falsas, jamais permitidas ao verdadeiro historiador<sup>54</sup>. Nesse sentido, como destaca Brandão (2009), “é o encômio que, efetivamente, oferece a oportunidade para que se tracem as fronteiras entre história e poesia, pois que só esta o admite, enquanto a primeira não” (p. 186). Note-se a importância dada à narrativa das *res gestae*, o que deveria ser mais importante na historiografia.

Ora, percebemos, a partir daqui, que o encômio ou o discurso epidítico se caracteriza como um limite entre gêneros do discurso. Podemos pensá-lo, portanto, também na biografia: qual o papel que cumpriria? Ou quando é permitido ao biógrafo empregá-lo? O encômio contribuiria também para demarcar ou diferenciar as fronteiras (se é que existem) entre biografia e história? Se considerarmos que as biografias são obras em que é permitido praticar o encômio ou o vitupério de uma vida, de maneira epidítica, no gênero história, por sua vez, o essencial é se narrar as *res gestae* de um personagem. Luciano aponta a confusão genérica, pois as obras produzidas pelos historiadores naquele período não estavam respeitando esses aspectos.

Assim, em *Como se deve escrever a história*, Luciano realiza uma discussão

---

<sup>54</sup> Ideia semelhante aparece também no prólogo de Tucídides (I, 21-22), no qual o historiador critica também aqueles que mais adornaram suas obras para agradar em detrimento da narração da verdade. Cf. LIMA, Luiz Costa. *História.Ficção.Literatura*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006, p.78.

genérica antiga, presente já em Aristóteles<sup>55</sup>: o que compete à história e o que compete à poesia, gêneros diferentes. Para ele, um dos maiores vícios dos historiadores é justamente não separar os tipos de discurso e as regras de composição de cada um deles. Vejamos:

Assim, parecem ignorar esses tais que da poesia e dos poemas umas são as intenções e que eles têm regras próprias, enquanto as da história são outras. Na poesia, com efeito, há liberdade pura e uma única regra: o que parece ao poeta. [...] A história, todavia se adota alguma adulação desse tipo, que outra coisa se torna senão uma espécie de poesia em prosa, privada da grandiloquência daquela, mas exibindo o que lhe resta de assombroso, desnudo da métrica e, por isso, mais assinalado. Portanto, um grande (ou melhor: um enorme) defeito é se alguém não sabe separar o que é da história daquilo que pertence à poesia, mas introduz na história os adornos da outra – o mito, o encômio e os exageros que neles há – como se vestisse um desses atletas de púrpura e outros enfeites de cortesãs e lhe esfregasse no rosto ruge e pó-de-arroz. [...] (LUCIANO, *Como de deve escrever a história*, VIII. Trad. Jacyntho Lins Brandão).

Mesmo estando a atenção de Luciano voltada para a comparação história/poesia, a obra nos indica quais seriam as características da história, ou melhor, quais os elementos necessários para compô-la, o que poderemos, mais adiante, utilizar para fazer nossa análise das biografias de Suetônio e Tácito. Boa parte da obra se destina a apontar os vícios e as virtudes dos historiadores, os quais evidenciam, por sua vez, os possíveis limites dos gêneros de discurso bem como suas potenciais mesclas (Cf. Brandão, 2009, p. 207). Desse modo, tais vícios e virtudes talvez possam nos ajudar a entender como a história se mescla na biografia, mesmo não sendo o mesmo gênero de discurso. Convém notar que os vícios e virtudes apontados refletem a visão de Luciano, para quem história, poesia e encômio seriam coisas completamente distintas, embora a

---

<sup>55</sup> *Poética* 1451a. Quintiliano (*Inst. Orat.*, X, 31) também faz, como vimos, a comparação entre história e poesia, mas no sentido de aproximá-las. E, é por isso que o orador deve tomar mais cuidado ao aproveitar da história em seu discurso. Brandão ressalta a importância de tal relação no pensamento antigo, indicando, por exemplo, os trechos de Tucídides, I, 22 e de Aristóteles, supracitado, além de passagem de Políbio 2, 56, 11-12, contrapondo a composição da obra poética e historiográfica. Vide a nota 5 do autor (2009, p. 187).

prática de certos escritores fosse diferente do proposto por ele.

De acordo com Brandão, Luciano pretende mostrar que cada recurso literário deve ser empregado com parcimônia em cada tipo de texto, pois que

os vários recursos, em diferentes gêneros, produzem efeitos diferentes, o principal deles sendo isto: o fictício (*pseûdos*), importante trunfo para que a poesia atinja seus objetivos, na história converte-se em mera adulação, enquanto o verdadeiro, por sua vez, implica em isenção, logo, em justiça. (BRANDÃO, 2009, p. 209)

Nesse sentido, o autor sírio reconhece que, caso queira o historiador usar do encômio em sua obra está autorizado, desde que respeite as leis da história, que para ele, como dissemos, cumpre em ser justo e verdadeiro<sup>56</sup>. Luciano expõe:

E não digo que, na história, não se deva fazer elogios algumas vezes. Mas deve-se elogiar na ocasião oportuna e guardando-se a medida dos fatos, para não molestar os futuros leitores. Em resumo: tais coisas devem ser reguladas tendo em vista a posteridade, como daqui a pouco exporei. (LUCIANO, *Como se deve escrever a história*, IX. Trad. Jacyntho Lins Brandão.)

Em resumo, concordamos com o que defende nesse sentido Brandão:

trata-se, pois, de uma questão de dosagem, pois admitindo-se que os gêneros se possam definir teoricamente, na prática todos se apresentam mais ou menos mesclados e cultivam relações mútuas. (2009, p. 214)

Para Luciano, a narrativa de fatos verdadeiros deve ser o elemento principal

---

<sup>56</sup> Desse modo, conforme uma nova oposição sugerida por Brandão, o que temos é o fictício x o verdadeiro dentro da poesia/encômio e a adulação x o justo, na história. O autor propõe, no entanto, uma análise em que as relações entre esses recursos ocorrem em sentidos diversos. Reproduzimos abaixo:

**poesia/encômio:** fictício (*pseûdos*) x verdadeiro (*alétheia*)

**história:** adulação (*kolakéia*) x justo

O que se observa é que, enquanto a poesia/encômio permite ao poeta lançar mão dos dois recursos, ao historiador apenas convém ser justo. Num sentido transversal, observamos uma oposição entre o fictício e o justo, assim como entre o verdadeiro e a adulação. Nesse sentido, como Luciano defende uma história justa e verdadeira, ela não poderia recorrer ao fictício, como fazem os historiadores à época, porque cai no encômio, não sendo mais verdadeira.

numa obra de história; ora, se estabelecermos que o gênero biográfico pertence de fato a um tipo de discurso epidítico, visando ao encômio ou ao vitupério (as *uirtutes* e *uitia* das biografias de Suetônio, segundo a análise de Ailloud<sup>57</sup>), escapa a uma classificação rigorosa como história. Além disso, a história se centra nas *res gestae*. Será interessante verificar em que medida *res gestae* aparecem relatadas na biografia e de que modo ela se diferenciam, sob tal aspecto, de uma obra propriamente historiográfica, no sentido que lhe dá Luciano.

Passemos, então, aos conselhos de Luciano aos historiadores, que vão desde como deve ser a escrita até os tipos de recursos que podem ser empregados na história e como eles deveriam ser utilizados. Adiantamos aqui o que ele considera a “tarefa do historiador: ordenar os acontecimentos de forma bela e mostrá-los da maneira mais clara possível” (*Como se deve escrever a história*, 51). Para tanto, o historiador precisa ser “coerente e denso” e ter “uma expressão clara e adequada à vida pública, para mostrar o assunto da maneira mais assinalada” (XLIV). A narrativa em si é desta forma sintetizada:

Após o proêmio, análogo ao assunto, seja longo ou breve, fácil e fluida seja a transição para a narrativa, pois o restante corpo da história é simplesmente uma longa narrativa. Assim, que seja ornado com as virtudes da narrativa que avança escorreita, uniforme e consistentemente, de modo que não tenha proeminências nem vazios. Em seguida, que floresça a claridade, com a dicção, como eu disse, e com a concatenação dos fatos, os quais apresentará acabados e completos: tendo terminado o primeiro, introduzirá o segundo, relacionado com ele e articulado à maneira de uma corrente, de modo que não fique tudo esfacelado e haja muitas narrativas justapostas umas às outras. Que sempre o segundo seja não só vizinho do primeiro, mas que também tenham algo em comum e se sobreponham. (LUCIANO, *Como se deve escrever a história*, LV. Trad. de Jacyntho Lins Brandão)

Por fim, Luciano acrescenta suas opiniões sobre o papel das descrições, dos

---

<sup>57</sup> SUÉTONE. *La vie des douze césars*. Paris: Les Belles Lettres, 1931.

discursos e dos mitos na narrativa historiográfica. Quanto ao primeiro, recomenda-se a sensatez e brevidade na narrativa; quanto ao segundo, que o historiador apresente discursos coerentes com a personagem; enfim, com relação aos mitos, Luciano aconselha que “é preciso contá-lo, mas não de todo crer nele”.

Sintetizando as ideias de Luciano, poderíamos dizer que o historiador deveria ser capaz de dosar o emprego de diferentes discursos em sua obra, dando atenção especialmente aos dados mais imprescindíveis a uma obra de história: contar o que realmente aconteceu, de modo imparcial. Percebemos que, de certa forma, o que se pede em Luciano é semelhante ao que observamos em Cícero. No entanto, o modo como o texto deveria ser construído, parece bastante distinto. Além disso, vimos que Luciano preza por separar a história da poesia, tendo cada uma seus limites e características próprias, ao contrário de Quintiliano que acaba por aproximá-las.

## II. 4. A discussão genérica em Cornélio Nepos

“Cuius de uirtutibus dubito quem ad modum exponam,  
quod uereor, si **res** explicare incipiam,  
ne non **uitam** eius enarrare,  
sed historiam uidear scribere”  
Nepos, *De Vir. Ill.*, XVI

Nepos abre sua obra *De excellentibus ducibus exterarum gentium* com um prefácio dedicado a Ático, no qual faz uma pequena reflexão sobre o tema que irá tratar. Logo no início, Nepos traz à tona o julgamento que seu livro suscitará em alguns leitores:

Não duvido, Ático, que haverá muitos que julgam esse gênero de escrita será ligeiro e não suficiente digno do papel dos mais ilustres homens quando no relato lerem quem ensinou música a Epaminondas ou acharem dentre as virtudes dele a habilidade de dançar e tocar

flauta<sup>58</sup>. (NEPOS, *De Viris Ill.*, Proêmio, 1)

O trecho em destaque nos sugere alguns pontos importantes para a discussão acerca da biografia. Ao que parece, mesmo sem defini-la neste momento, Nepos tem consciência de que emprega um tipo de escrita (*genus scripturae*) específico em seus relatos. *Genus* este (que poderíamos, quem sabe, chamar de gênero) tido como ligeiro (*leue*) e não digno o bastante dos mais ilustres homens: gregos e romanos importantes ao longo da história e também contemporâneos de Nepos, notáveis tanto em carreiras políticas ou militares como também nas letras ou filosofia, o que, interessantemente, não impedia que Nepos tratasse de miudezas acerca desses personagens de grande status, como o fato de aprender música ou dançar.

Em algumas dessas biografias Nepos costuma fazer ponderações que evidenciam reflexões acerca do tipo de texto que escreve. Na vida de Pelópidas, por exemplo, encontramos uma das considerações mais claras em sua obra sobre a questão da biografia:

*Pelopidas Thebanus, magis historicis quam ulgo notus. Cuius de uirtutibus dubito quem ad modum exponam, quod uereor, si **res** explicare incipiam, ne non **uitam** eius enarrare, sed historiam uidear scribere.*

Pelópidas de Tebas, mais conhecido pelos historiadores que pelo povo, sobre cujas virtudes hesito a respeito do modo como irei expor. Pois receio, se eu começar por narrar os fatos, parecer, não narrar a vida dele, mas escrever história. (NEPOS, *De Viris Ill.*, XVI, 1. Grifo nosso)

Trata-se de um dado valioso para nossa pesquisa, uma vez que, ademais dos esforços de pesquisadores modernos em recusar a existência de uma diferença genérica, observamos já na Antiguidade uma problematização acerca das fronteiras ou diferenças das formas de se escrever temas relacionados à vida ou aos feitos de um personagem ou

---

<sup>58</sup> *Non dubito fore plerosque, Attice, qui hoc genus scripturae leue et non satis dignum summorum uirorum personis iudicent cum relatum legent quis musicam docuerit Epaminondam aut in eius uirtutibus commemorari saltasse eum commode scienterque tibiis cantasse.*

ao período em que se insere. A dicotomia apresentada é entre “narrar os fatos”<sup>59</sup> (*explicare res*) ou “narrar a vida” (*vitam enarrare*), sendo a primeira ligada, segundo Nepos, ao ofício de se escrever história (*historiam scribere*), o que aparentemente não é seu objetivo. Portanto, deseja explicitar ao seu leitor o tipo de texto que pretende escrever, e nos faz pensar que havia, então, leitores que o compreendessem de forma diferente e de que a fronteira seria tênue.

Outro ponto bastante importante nesse excerto é o fato de que Nepos deixa muito claro que deseja expor as virtudes de seu biografado, dado esse que talvez seja bastante crucial para mesurar os gêneros. Como vimos em Luciano, por exemplo, que séculos depois de Nepos escreve seu tratado, a obra de história não era a mais apropriada para se destacar as virtudes das personagens. Também em outra biografia, na de Epaminondas (I, 3-4), Nepos faz outra ressalva na apresentação do texto, que nos leva a uma leitura semelhante em termos de gênero: pretende narrar sobre sua família, formação e morte, por exemplo, para somente depois falar sobre seus feitos (*postremo de rebus gestis*). Ou seja, as *res gestae*, de que já falamos, tão indispensáveis na constituição da narrativa de história, são aqui declaradamente acessórias.

Com efeito, a obra de Cornélio pretende ser moralizante ou edificante, como diria Guillemim (1992, p. xi), um tipo de escrita que teria sido muito praticado entre os antigos. Nesse sentido, a autora defende que o ponto de vista histórico, seria, portanto, secundário, apenas um ponto de partida ou pano de fundo para construir as vidas, opinião com a qual parece concordar Mehl ao defender que

[...] Nepos não desejava escrever “história” - nem num sentido

---

<sup>59</sup> Optamos por traduzir a referida expressão por “narrar” e não por “explicar”, literalmente, como o faz Ambrosio (2005). Tal escolha se justifica a partir da observação de que Catulo, ao dedicar um de seus *carmina* a Nepos, emprega o mesmo verbo latino *explicare* ao dizer que o amigo havia narrado a história em três volumes: *iam tum, cum ausus es unus Italorum/omne aevum tribus explicare cartis...* [...]. (CATULO, I, 6). Ainda verificamos como ocorrência do mesmo verbo com esse sentido de “narrar” ou “expor” na biografia de Aníbal (XXIII, 4): *Sed nos tempus est huiuslibri facere finem et Romanorum explicare imperatores, que facilius, collatis utrorumque factis, qui viri praeferendi sint possit indicari*. Cf. também OLD, 1966, 651, n. 8)

moderno do termo, nem segundo o antigo ideal do gênero. Para ele, a história meramente fornece material e ilustração. E, com esses dois, ele visa produzir um “retrato da conduta e da vida de seu sujeito”<sup>60</sup>. (MEHL, 2011, p. 83)

O autor sustenta tal ideia ao mostrar que as biografias de Nepos são compostas tendo como base “narrativas históricas analíticas, biografias oficiais, elogios e orações fúnebres” (MEHL, 2011, p. 83). De fato, costuma-se defender que a biografia produzida por Nepos (e também por Varrão) teria suas raízes firmadas na tradição biográfica grega e nos encômios. Para Jenkinson (1967, p.05), Nepos estaria filiado à tradição peripatética, preocupado em destacar as condutas morais dos biografados. Nesse aspecto, as biografias são bastante parecidas em termos de conteúdo, uma vez que se organizam, normalmente de acordo com virtudes (*virtutes*) ou vícios (*vitia*) da personagem. Mehl (*idem, ibidem*) destaca que, nesses casos, “as biografias mostram-se similares ao gênero *exempla*” e “algumas vezes se aproximam do elogio, como podemos observar em algumas partes da *Vida de Ático*”. Também Jenkinson (1967, p. 12) concorda com essa posição, destacando ainda as vidas de Epaminondas e de Agesilão como próximas do elogio.

Desse modo, as biografias produzidas por Cornélio Nepos estão pautadas na *laudatio*, tendo como objetivo o elogio, o que, segundo Guillemim (1992, xi), possibilitaria, nas biografias suetonianas, um “espaço para tolerância quanto à exatidão dos dados [...]. Assim se explicam os numerosos erros de fatos, datas, nomes etc que fervilham na obra de nosso autor”<sup>61</sup>. O que realmente importa no texto é cativar a admiração do leitor pela personagem<sup>62</sup>.

---

<sup>60</sup> “All this demonstrates that Nepos did not wish to write “history” - neither in the modern sense of the term not according to ancient ideal of the genre. For him, history merely provides material and illustration. And, with these two, he aims to produce a “picture of his subject’s conduct and life”.

<sup>61</sup> “Il y avait donc lieu à des tolérances pour l’exatidude des données [...]. Ainsi s’expliquent les nombreuses erreurs de faits, de dates, de noms, etc., qui fourmillent dans les ouvrages de notre auteur”. Dentre as biografias em que podemos verificar a inexatidão de Cornélio Nepos para fornecer os dados, está a de Milcíades, conforme aponta Guillemim 1992, p. 13, n.1.

<sup>62</sup> Não adequado, na visão de Luciano, se estivermos tratando de uma obra de história.



Considerando todas essas questões expostas, é interessante notar que embora haja o esforço de alguns estudiosos em buscar entender ou tomar algumas características do texto de Nepos como traços de um gênero ou de um tipo de produção historiográfica, encontram-se críticas que tendem a diminuir a obra, levando em conta questões como o público pretendido. Gentili por exemplo, prefere definir a obra pelo viés do público, que, segundo ele, “procura uma informação simples e não aprofundada, de tipo divulgativo e anedótico, com uma clara predileção por aspectos morais da narrativa biográfica” (1987, p.170). Do mesmo modo se posiciona Conte (1994, p. 223) ao dizer que Nepos “se dirigiu a um público menos preparado culturalmente”, o que justificaria uma obra descuidada e que engloba considerações pessoais<sup>63</sup>. Não se pode negar que Nepos lança mão de anedotas e confere grande atenção aos dados relativos à moral de suas personagens, além de expressar suas opiniões. Mas essas são opções escolhidas pelo autor e que são expostas ao logo da obra. Peguemos a vida de Epaminondas, por exemplo: trata-se de uma biografia bem estruturada, não muito longa, mas que conta com um pequeno exórdio em que Nepos apresenta os temas sobre os quais deseja tratar

Epaminondas, filho de Polímnis, Tebano. Antes de escrevermos sobre ele parece-nos que devemos recomendar aos leitores que não avaliem os costumes estrangeiros segundo os seus e não julguem que as coisas que para eles próprios são demasiado frívolas o tenham sido igualmente entre os demais [povos]. Sabemos, de fato, que, segundo nossos costumes, a música é inadequada a personagens importantes e dançar também é considerado até mesmo um vício. Coisas essas que, entre os gregos, eram encaradas com dignidade e apreço. No entanto, como queremos expor a imagem dos costumes e a vida de Epaminondas, parece-nos que nada que sirva para revelá-la deva ser

---

<sup>63</sup> Conte pontua ainda que na vida de Pelópidas Nepos afirma que seu biografado é pouco conhecido pelo público e que por esta razão teria empregado anedotas e simplificado sua exposição (1994, p. 223). Com efeito, Cornélio usa o termo *ulgius*, que pode ser entendido como massa ou povo, mas como um público em geral (Cf. OLD, 1968, p. 2147). Não foi possível aprofundar o estudo da recepção da biografia neste trabalho, no entanto, consideramos – e é o que buscamos notar em nossa pesquisa – que tais artefatos podem, na verdade, serem componentes típicos de um gênero biográfico.

deixado de lado. Por isso, falaremos primeiro sobre sua família, em seguida sobre seus estudos e por quem foi educado, e então, sobre seu caráter e qualidades e tudo o mais que for digno de memória. Por fim, falaremos sobre seus feitos, os quais muitos costumam colocar antes das virtudes<sup>64</sup>. (NEPOS, *De Viris Ill.*, XV, I)

Vários autores concordam que essa biografia é uma daquelas que mais se aproximam de uma *laudatio*<sup>65</sup>. Nepos segue um roteiro ao descrever seu biografado e procura, sobretudo, exaltar suas virtudes nos diversos âmbitos da vida. Para tanto, lança mão de alguns dados históricos como contexto, mas explicita tal ação no exórdio da passagem: “uma vez que desejamos exprimir a imagem do costume e da vida de Epaminondas, parece-nos que nada que sirva para revelá-la deva ser deixado de lado” (NEPOS, *De Viris Ill.*, XV, 3). Ou seja, está claro que o objetivo é contar a *vida* e mesmo os *costumes* de Epaminondas, ainda que para isso seja necessário incluir alguns dados da história, da qual fez parte o general. Ao contrário daquilo que defendem Conte (1994) e Gentili (1988), Guillemim opta por entender que todos esses supostos defeitos são componentes de um gênero literário que só enfoca as *res gestae* quando elas são importantes para caracterizar o biografado.

Pois bem, até aqui vimos o reconhecimento da obra de Cornélio Nepos como possível representante de um gênero literário específico: a biografia. No entanto, sabendo do campo espinhoso que é definir qualquer tipo de objeto, percebemos controvérsias entre autores que, por um lado, justificam a biografia como uma espécie de texto falho, simples e não digno da “história” e, por outro, os que aceitam que o texto biográfico apresente características próprias. Ora, vimos ainda que os autores antigos tinham suas preocupações com os modos de se elaborar determinados tipos de

---

<sup>64</sup> 1. *Epaminondas, Polymni filius, Thebanus. De hoc priusquam scribimus, haec praecipienda uidentur lectoribus ne alienos mores ad suos referant neue ea quae ipsis leuiora sunt pari modo apud ceteros fuisse arbitrentur.* 2. *Scimus enim musicen nostris moribus abesse a principis persona, saltare uero etiam in uitiis poni, quae omnia apud Graecos et grata et laude digna ducuntur.* 3. *Cum autem exprimere imaginem consuetudinis atque uitae uelimus Epaminondae, nihil uidemur debere praetermittere quod pertineat ad eam declarandam.* 4. *Quare dicemus primum de genere eius, deinde quibus disciplinis et a quibus sit eruditus, tum de moribus ingeniique facultatibus et si qua alia memoria digna erunt, postremo de rebus gestis, quae a plurimis animi anteponuntur uirtutibus.*

<sup>65</sup> Cf. Guillemim, 1992, p. 85; Mehl, 2011, p. 83.

discursos. Por enquanto, concentremo-nos um pouco mais na discussão proposta por Nepos nas passagens comentadas anteriormente.

Quanto à biografia de Pelópidas e à necessidade de discutir com seu leitor acerca de como elaborar seu texto, Ambrosio (2005, p. 79) acredita que Nepos apresenta uma preocupação em relação ao seu *genus scripturae* ligada ao elogio no campo da retórica. Para o estudioso,

as dúvidas de Nepos entre *enarrare uitam* e *explicare res* podem ser lidas como a oposição entre dois tipos de elogio, um que se detém sobre as virtudes e o outro que versa sobre as ações decorrentes das virtudes. (AMBROSIO, 2005, p. 81)

Tal leitura se mostra interessante na medida em que parte dos preceitos da historiografia latina e se pauta na retórica, a partir de Cícero. Assim, inferimos que Ambrosio adota essa perspectiva retórica, pois que considera

os três subgêneros do gênero história<sup>66</sup>, os *commentarii*, as *uitae* e a monografia histórica, estão ligados ao gênero demonstrativo, também se apoiam nos outros gêneros de discursos, e isso pode ser notado também em seus exórdios. (AMBROSIO, 2005, p. 152)

Os gêneros de discurso aos quais ele se refere são os abordados pela retórica, ou seja, o judiciário, o deliberativo e o demonstrativo – ou epidítico. Dentre esses três, o que mais nos interessa (ainda que não se excluam os demais) é o último: o demonstrativo, pois que é ele formado pelo louvor e censura.

---

<sup>66</sup> Destacamos algumas ponderações acerca dessa passagem. Primeiro, parece-nos que Ambrosio compreende a história de maneira próxima daquela de Gaillard e Martin, que mencionamos no início de nosso estudo. A saber, a biografia ou as *uitae*, que nos interessam aqui, são como que um subgênero do gênero história. Em segundo, notamos que tal visão apresenta-se a partir de determinado momento da obra, pois que no início se tem uma impressão diferente. Ambrosio chega a dizer, por exemplo, que “nos manuais de literatura latina, biografia e história não são apresentadas no mesmo capítulo” (2005, p. 24), o que nem sempre ocorre dessa maneira, conforme discutimos em nosso primeiro capítulo. Além disso, o que nos faz perceber uma certa mudança na forma de abordar os gêneros é que o autor apresenta como seu objetivo abordar “as prescrições da retórica e dos próprios exórdios dos autores de história e de *uitae* a respeito da escrita desses gêneros e principalmente de seus exórdios” (*idem*, p. 22). Aqui, as duas coisas são colocadas de modo separado.

Em Aristóteles encontramos a explicação desse gênero e suas especificações: para ele, comenta Lopes (2006, p.194) o “elogio (*épainos*) e a censura (*psógos*) eram os assuntos do discurso epidítico, cujo objetivo era ‘o belo e o vergonhoso’”, havendo ainda mais uma distinção entre o “panegírico (*enkómion*), que celebra os grandes feitos e as belas ações, e o elogio propriamente dito (*épainos*), que louva a maneira de ser, a grandeza de caráter”<sup>67</sup>. Ou seja, Ambrosio pretende defender que Cornélio Nepos estaria propondo um tipo de *enarratio*, que na retórica é “o comentário, a interpretação de uma passagem de um escritor” (AMBROSIO, 2005, p.79). Já a *explicatio* seria “a explicação, a exposição particularizada, e designa a interpretação, rica de particulares exegeticos” (*idem, ibidem*)<sup>68</sup>. E, considerando esses dois conceitos em relação ao elogio, que já mencionamos brevemente, a grande dúvida de Nepos se resumiria em elogiar as virtudes (*enarrare uitam*) de Pelópidas ou então elogiar suas ações e suas obras (*explicare res*).

Antes de especificarmos mais detalhes desses conceitos da retórica, cabe abordar mais dois autores que realizaram reflexões parecidas com a de Cornélio Nepos acerca de suas obras: Políbio (séc. II a.C.) e Plutarco (séc. II d.C).

Políbio foi um dos historiadores mais reconhecidos da Grécia, ao lado de Tucídides e Heródoto, e realiza no desenvolvimento de suas *Histórias* também uma distinção entre um texto biográfico e de história:

Se eu não tivesse escrito sobre Filopôimen uma obra à parte, onde revelo quem era ele e de que família provinha, e a natureza de sua formação quando jovem, ser-me-ia necessário expor todos esses aspectos agora. Mas, considerando que já lhe dediquei anteriormente uma obra em três livros (ela não faz parte desta *História*), onde exponho a sua formação desde menino e enumero seus feitos mais famosos, é óbvio que na presente narrativa o procedimento adequado é omitir detalhes relativos à sua formação inicial e às ambições de sua

---

<sup>67</sup> Cf. Ambrosio, 2005, p. 79.

<sup>68</sup> No entanto, devemos lembrar aqui discussão que introduzimos antes acerca da tradução do verbo *explicare*, que ao contrário de Ambrósio, traduzimos apenas por “narrar os feitos” de Pelópidas, em adentrar na questão do valor laudatório da narrativa.

juventude, e em vez disso acrescentar detalhes à exposição resumida que fiz nessa obra a partir de seus feitos da maturidade, pois assim o caráter próprio a cada obra poderá ser preservado. De fato, assim como o tratamento anterior, escrito em forma encomiástica, impunha uma exposição sumária e um tanto exagerada de seus feitos, a presente *História*, onde são distribuídos imparcialmente louvores e censuras, impõe um relato rigorosamente verídico, no qual é apresentado o fundamento de cada louvor e cada censura, acompanhado em cada caso dos comentários pertinentes<sup>69</sup>. (POLÍBIO, *Hist.*, X, 21, Trad. Mário da Gama Kury)

Políbio pontua, do mesmo modo como o fez Nepos, as características de uma obra de *bíos* e de *história*. Se atentarmos para a primeira parte do excerto, vemos que o historiador destaca praticamente os mesmos pontos presentes no início da vida de Epaminondas: pretende tratar de sua formação. Ambrosio acrescenta ainda que “Políbio reforça seu *decorum* de autor de *historia*, opondo-o àquele do autor de *bíos*” (2005, p. 76). É devido a essa passagem que Momigliano é categórico ao dizer que Políbio defende uma antiga distinção entre história e biografia, conforme já comentamos acima<sup>70</sup>. Políbio indica claramente ao seu leitor que já tratou em outra obra sobre quem era Filopêmen, sobre sua família e sua formação e que por esse motivo nas *Histórias* essas informações seriam apresentadas de forma resumida, quando necessário, pois que assim “o caráter próprio a cada obra será preservado” (POLÍBIO, *Hist.*, X, 2.1). É claro que é preciso observar que, ainda que Políbio faça essa explicação de sua obra, afirma que pretende apresentar “louvores e censuras” em um “relato verídico” de forma imparcial, aspectos ligados à historiografia pragmática, praticada por ele.

Numa direção contrária ao que explica Políbio a seus leitores, Plutarco também decide alertar que irá escrever uma obra em que não se deve esperar maiores detalhes ou desenvolvimento histórico e, segundo Ambrosio, “escreve do ponto de

---

<sup>69</sup> Vale ressaltar que o método historiográfico seguido por Políbio, o apodético, permitia o emprego de elementos biográficos com diferentes espaços e funções, pois que tal método volta-se para uma análise moral e psicológica. Cf. Gentili; Cerri, 1988, p. 61.

<sup>70</sup> Cf. Gentili; Cerri, 1988, p. 65.

vista do autor de *bíos* mas, assim como Políbio, Plutarco defende seu próprio *decorum*” (2005, p. 77):

Escrevemos, neste livro, a Vida do rei Alexandre e a Vida de César, que desafiou Pompeu. Como único preâmbulo, dado o número infinito de fatos que constituem a matéria, limitamo-nos a pedir aos leitores que não nos censurem, se, em lugar de expor ampla e pormenorizadamente cada acontecimento, ou algum dos atos mais memoráveis, damos aqui, apenas um simples sumário, da maior parte deles. Com efeito, não escrevemos história, mas vidas. Nem sempre aliás, são as ações mais brilhantes as que mostram melhor as virtudes ou os vícios dos homens. Muitas vezes, uma pequena coisa, a menor palavra, um gracejo, fazem ressaltar melhor um caráter do que combates sangrentos, batalhas campais e ocupações de cidades. Assim como os pintores, em seus retratos, procuram fixar os traços do rosto e o olhar, outras partes dos corpos, assim também se permitirá que concentremos nosso estudo, principalmente, sobre as manifestações características da alma, esboçemos, de acordo com esses sinais, a vida dessas duas personagens, deixando a outros os grandes acontecimentos e os combates. (PLUTARCO, *Alexandre e César*, I, 2. Trad. de Ísis Borges da Fonseca)

Plutarco alerta seu leitor que pretende tratar sobretudo dos vícios e virtudes de seus biografados e que, para isso, não poderá tratar exaustivamente de combates e batalhas e outros grandes acontecimentos históricos nos quais as personagens estão envolvidas. Isso seria tarefa para outros, digamos, para os historiadores. Plutarco declara: deseja escrever vidas, não história. Interessado na revelação do caráter do biografado, interessa-se por fatos aparentemente insignificantes, mas que são importantes para traçar o perfil da personagem (lembramos, então, das anedotas na obra de Suetônio). Plutarco estabelece, assim como Políbio, ao menos um limite entre as duas coisas. Não queremos dizer que esses dois tipos de texto se excluem; embora nos pareça haver uma diferença genérica entre eles, há, de fato, “pontos de contato entre *historia* e *bíos*, ainda que cada um desses gêneros tenha, ao tratar dos mesmos personagens, sua própria maneira de proceder” (2005, p. 78). E é essa *maneira de proceder* que nos interessa investigar mais detalhadamente ao longo desta pesquisa, na medida

em que os métodos de elaboração do texto biográfico parecem distintos do texto de história, mas acabam, algumas vezes, sendo compreendidos como uma má estruturação deste último.

Tendo em vista a diferenciação feita por Políbio e Plutarco, a nosso ver, semelhante a que Nepos faz também na biografia de Pelópidas, podemos retornar à discussão proposta por Ambrósio: trata-se de maneiras de contar a vida de uma personagem. Um ponto interessante da reflexão do estudioso é a distinção que elabora a respeito dos exórdios dos autores gregos em confronto com considerações de Cornélio Nepos. Citamos:

Cornélio Nepos, ao contrário do que faz Políbio e Plutarco que praticam um gênero e o apresentam aos seus leitores contrapondo-o a um outro<sup>71</sup>, diz haver duas possíveis leituras da *vida* de Pelópidas, que dependem de uma escolha sua. Se Nepos começar a *explicare res*, pode dar a entender ao leitor que é um *scriptor historiae* e não alguém que pretende *enarrare uitam*. Mas se não *explicare res*, pode ser que não consiga passar ao leitor a magnitude da *uita* de Pelópidas. (AMBROSIO, 2005, p. 78)

Na contramão dessa leitura, entendemos que Nepos faz exatamente a mesma coisa que os dois outros autores. Ele também defende que não é, justamente, um *scriptor historiae* e que intenta contar a vida, mostrando suas virtudes, de Pelópidas, mas que entende, por outro lado, que para executar essa tarefa a narrativa das *res* são necessárias. Ou seja, define o tipo de texto que pretende escrever – biográfico –, no entanto, não ignora que ultrapassar a medida da exposição das *res gestae* (que deve ser, como vemos em Plutarco, sumária) pode colocá-lo diante dos leitores, em outro patamar, que não o de biógrafo.

Nesse sentido, quando Ambrosio nos diz que Nepos apenas hesita quanto a duas maneiras de tratar uma *uita*, tendemos a discordar, uma vez que os excertos nos

---

<sup>71</sup> Mais adiante Ambrosio defenderá que “a oposição entre história e vida” feita pelos três autores estão relacionadas aos tipos de elogios (Cf. 2005, p. 81).

permitem supor que, na verdade, tratar a vida significa exaltar as virtudes. A segunda opção cairia no campo de se escrever uma obra de história e não mais uma vida<sup>72</sup>.

Com efeito, pensar na filiação da escrita biográfica ao gênero demonstrativo é coerente, já que nelas encontramos louvores, ou até mesmo vitupérios. Dentro dos preceitos retóricos, o que Cícero define como elogio, cabe bem à elaboração da biografia. Vejamos:

Mas visto que as coisas boas e más são tratadas em três modos, nas circunstâncias externas, nas do corpo e nas do espírito, as primeiras são as externas que são derivadas do nascimento, que deve ser louvado breve e moderadamente; ou, se for infame, deve ser omitido; se for humilde, ou preterido ou aumentada a glória daquele que louvas. Em seguida, se a circunstância suportar, deverá ser falado ordenadamente das riquezas e dos meios, depois disso, dos bens do corpo, entre os quais a beleza, que significa a máxima virtude é facilmente louvada. Depois se chega aos feitos, e sua colocação é tríplice: ou é conservada a ordem dos tempos, ou primeiramente deve ser dito aquilo que for mais recente ou então muitos e variados feitos devem ser relacionados com seus próprios gêneros de virtude [...] A força da virtude é, pois, dupla; pois a virtude é distinguida pelo saber ou pela ação. (CÍCERO, *Part. Or.*, XXII, 74-6. Trad. Renato Ambrosio)

De fato, percebe-se que as biografias abordam basicamente todos os pontos sobre os quais Cícero discorre e que definiriam o *genus laudationis*, que inclui também a descrição dos feitos ou ações, ou seja, das *res* (elogio este que seria o encômio). Ambrosio afirma que, nesse sentido, as “*vitae* podem ser vistas como um elogio que prevê todas as circunstâncias a serem elogiadas” (2005, p. 81). Confirmamos isso, numa das biografias de Nepos supracitadas, a Vida de Epaminondas (NEPOS, *De Viris Ill.*, XV)<sup>73</sup>. Lá verificamos os âmbitos tratados por Nepos, mas, como dissemos, o autor salienta que as informações históricas seriam apenas ilustrativas, pois seu foco são as

---

<sup>72</sup> Cabe aqui uma ressalva: trata-se de uma hipótese apenas, que assumimos até este ponto do trabalho, e não de uma posição fechada e definitiva. Fazemos este adendo, pois que, em meio às reflexões que permeiam a escrita, pensamos que o *Agricola*, de Tácito, talvez não se encaixe no raciocínio proposto. No entanto, preferimos ponderar nossa hipótese no momento oportuno da análise dessa obra.

<sup>73</sup> Ambrosio também aponta esse aspecto.



virtudes. Esse emprego dos dados históricos como meio de ressaltar o caráter do biografado se apresenta também em Plutarco, na Vida de Nícias, na qual o autor explica ao leitor que as informações de outros autores e sobre a história em seu texto servem para complementar a imagem de seu protagonista. Vejamos:

Isso posto, não podendo omitir as ações contadas por Tucídides e Filisto sobretudo porque esclarecem o caráter e as disposições do personagem, dissimulados sob o número e a magnitude de suas vicissitudes, mencionarei as essenciais a fim de não parecer omissos e preguiçosos. Todavia, aquilo que quase todos ignoram por estar disseminado nas obras de outros escritores ou inscrito em monumentos consagrados e antigos decretos, eis os que fiz questão de coletar não para compor uma história inútil, mas para oferecer algo que leve à compreensão de um caráter, uma conduta. (PLUTARCO, *Vida de Nícias*, I, 5. Tradução de Gilson César Cardoso)

Faz sentido, portanto, quando Ambrosio comenta mais uma vez a passagem de Cornélio dizendo que aqueles que “que antepõem os feitos às virtudes talvez sejam os autores de história, que escrevem *encómion*, que se limitam às obras, à ação daquele a quem se poderia elogiar ou censurar, que fazem a *explicatio rerum*”<sup>74</sup> (AMBROSIO, 2005, p. 82). No entanto, isso não quer dizer que os biógrafos não poderiam se valer de informações relativas às *res gestae* para compor suas obras. O que ocorre é que a função desse tipo de informação atua de modo diferente na biografia e em uma obra de história.

Enfim, para fecharmos esta discussão, podemos dizer que não se pode negar que a biografia se constrói copiosamente de elogios e que esses são embasados

---

<sup>74</sup> Este comentário nos trouxe à mente uma passagem de Brandão (2009) em que discute o encômio nas obras de história, na perspectiva de Luciano: “De acordo com a classificação de Aristóteles, a retórica judicativa tem como objeto o passado; a epidítica visa ao presente; a deliberativa, que se pratica nas assembleias e é, portanto, política, volta-se para o futuro. O encômio, em que incorrem os historiadores que Luciano critica, classifica-se como uma das espécies do discurso epidítico – ou seja, (...) ele representa uma sorte de perda do que a história tem de mais característico, que é visar o benefício dos futuros leitores” (p. 144). Pensamos que ainda que a biografia possa ser laudatória ou encomiástica, esse tipo de elogio em ambos os tipos de texto – história ou biografia – exerce função bastante importante.

numa arte retórica, mais precisamente aqui, no gênero demonstrativo. No entanto, estamos inclinados a pensar que o emprego desse gênero discursivo é só mais um dos recursos utilizados na construção de um tipo de texto específico, dentre outros, como as anedotas, por exemplo. Aceitar que a biografia como um todo é parte do gênero demonstrativo e um subgênero da história, como defende Ambrosio (2005, p. 151), é quase como que assumir que a história em si faz parte do gênero epidítico e não necessariamente é assim, segundo pensamos: lembremos a passagem ciceroniana do *De Oratore*, III, 210, em que se diferencia de maneira explícita a história desse tipo de discurso.



## CAPÍTULO III

### A BIOGRAFIA: ORIGENS, DESENVOLVIMENTO E CARACTERÍSTICAS

#### III. 1. As origens e experimentações da biografia helenística

Ainda que a maioria das obras de caráter biográfico tenham se perdido, costuma-se acreditar que a biografia antiga tem suas origens na região da Jônia, a partir de meados do século VI a.C., e na Grécia, por volta dos séculos V e IV a.C.; a ausência das obras escritas nesse período dificulta que tracemos uma clara linha de desenvolvimento da biografia e de seus modelos (MOMIGLIANO, 1971, p. 08). Desde Homero já se encontravam narrativas de caráter biográfico na poesia, mas apenas depois do século quarto é que nos deparamos com obras estritamente biográficas que sobreviveram àquela época (MANCA *et al.*, 2010, p. 118). Com efeito, a primeira obra biográfica da qual tivemos conhecimento foi a de Cornélio Nepos (MOMIGLIANO, 1971, p. 09) e alguns fragmentos de Nicolau de Damasco, as quais representam as obras mais antigas do período helenístico que chegaram a nós. É possível afirmar, segundo Momigliano, que já se conhecia a biografia durante os séculos V e IV a.C., mesmo que ela não tenha se consolidado como um gênero literário nessa época. Deve-se notar que nesse período a escrita da história ganhava importância com Heródoto e Tucídides e seu tema eram os eventos político-militares, principalmente nas obras deste último. Levando em conta um âmbito político-social, Momigliano (1993, p. 39) pontua que esses historiadores estavam inseridos em um contexto em que as decisões políticas seriam tomadas por um “corpo coletivo”, em assembleias ou conselhos, por exemplo, o que explicaria porque a história estava mais ligada ao que é comum, ao coletivo do que ao indivíduo em si. No entanto, para elaborar uma obra historiográfica, é necessário levar em conta a presença do indivíduo nos acontecimentos históricos. E, ao inseri-lo

ou tratá-lo, a historiografia grega tomava o indivíduo como símbolo de um todo: “o valor do indivíduo está em sua contribuição para o bem estar do estado ao qual pertence. O que excluiu a biografia<sup>75</sup>” (*idem*, p. 41) e é esse valor que importa na escrita da obra de história: suas ações, pensamentos e caráter são sempre tomados em relação ao seu significado no contexto da coletividade e não de uma vida privada.

A biografia antiga, gênero diferente em certa medida do gênero biográfico tal como o entendemos hoje, mantinha uma relação com a história e outros gêneros correlatos. Todavia, já durante os séculos V e IV a.C. a biografia não era entendida como história entre os antigos; segundo o historiador italiano, a biografia

começou propriamente e se desenvolveu paralelamente à história política: ela nunca foi absorvida por esta<sup>76</sup>. A separação entre biografia e história (ou seja, história política) foi teorizada no período Helenístico, mas já era uma realidade no século quinto<sup>77</sup>. (MOMIGLIANO, 1993, p.109)

Essa distinção só seria feita de modo declarado com Políbio, no século II a.C.<sup>78</sup>, mas o gênero começou a se desenvolver e adquirir características próprias antes desse período. Momigliano afirma que foram os socráticos os primeiros a fazerem experimentos com esse tipo de texto<sup>79</sup>, pois que o colocaram num limiar entre o fato e a ficção. Assim, os socráticos passaram a lidar com aspectos que não interessavam aos historiadores, pois fugiram da proposta de buscar e transmitir fatos em suas obras e se concentraram em traçar o caráter de um homem em relação à sociedade em que estava inserido. Ou seja, os indivíduos biografados eram, nesse momento, “retratos de figuras

---

<sup>75</sup> “The value of the individual lay in his contribution to the welfare of the state to which he belonged. That excluded biography”.

<sup>76</sup> Tomamos aqui a liberdade de alterar o tempo verbal da citação para adequá-la a nosso texto.

<sup>77</sup> “Biography and autobiography began on their own and developed on parallel lines to political history: they were never submerged in it. The separation between biography and history (which meant political history) was theorized in the Hellenistic period, but was already a reality in the fifth century”.

<sup>78</sup> Citamos passagem da obra em questão no capítulo anterior ao discutirmos a afirmação de tal diferença nas obras de autores antigos.

<sup>79</sup> O que não implica que foram eles os criadores do gênero biográfico.

públicas, não vidas privadas” (MOMIGLIANO, 1993, p. 48). A ideia era apresentar personagens e caráter tipos em função de determinadas circunstâncias, evidenciando diferentes comportamentos e formas de pensar (ALBRECHT, 1997, p. 467-8).

Dentre esses autores socráticos que acabaram por criar novos tipos de narrativas biográficas estão Platão e Xenofonte; este último, poderíamos dizer, produziu a primeira biografia grega efetivamente, a *Ciropeia*. O que os socráticos buscavam mostrar na obra biográfica era “as potencialidades do indivíduo mais do que a realidade de sua vida” (MOMIGLIANO, 1993, p. 46), e é nesse sentido que podemos tratar o jogo entre realidade e ficção nas biografias, que apresentavam informações de cunho ficcional em sua composição. Quando dizemos potencialidades, significa que a biografia não pretende, de fato, retratar a real imagem de uma pessoa, mas, principalmente, o que ela poderia ser, de que modo poderia agir em diferentes contextos, refletindo, em certo sentido, os estudos filosóficos morais peripatéticos.

Com Xenofonte, percebe-se certa transição nesse sentido: apesar de ainda se considerar as ações de um personagem como representativas de aspectos públicos e alguma presença de ideais político-sociais nos textos, o interesse por aquilo que concerne à vida privada ganha interesse também no século IV a.C.. Momigliano comenta que mesmo após o quarto século “o que os leitores esperavam da biografia era diferente do que esperavam da história política. Queriam informações sobre educação, amores e caráter de seus heróis<sup>80</sup>” (1993, p. 56-7). A *Ciropeia* de Xenofonte configura, nesse sentido, um exemplo claro de que a narrativa da vida dos personagens, a fim de delinear a história de uma vida, partindo do nascimento e chegando até a morte, lançando luz à educação e caráter moral do personagem, trazia muitos elementos fictícios para cumprir tal propósito. Para Momigliano (1993, p. 55), essa obra de Xenofonte “não era e nunca pretendeu ser a narrativa da vida de uma pessoa real”.

O percurso de formação do gênero biográfico sofreu grande influência

---

<sup>80</sup> “They wanted information about the education, the love affairs, and the character of their heroes”.

também da escola aristotélica, com a mudança do contexto intelectual grego. Assim, o percurso de formação do gênero biográfico sofreu grande influência também da escola peripatética, por exemplo, no tratamento dos vícios e virtudes dos biografados (ALBRECHT, 1997, p. 466), característica do texto biográfico que será caro à biografia romana. Pode-se dizer ainda que uma das maiores contribuições dos peripatéticos para a biografia foi o uso de anedotas. Segundo Momigliano (1993, p. 69), as anedotas nas obras dos aristotélicos serviam para ilustrar vícios e virtudes, uma vez que eles, ao se interessarem pelas diferenças entre os modos de vida humanos (ativo, contemplativo e sensual), compreendiam que um indivíduo teria inclinações diversas em sua vida. Assim, seu valor depende de suas livres ações – segundo Albrecht (1997, p. 475), não influenciadas pelo meio – e, nesse sentido, o estabelecimento da biografia tem importante influência de outros âmbitos dos estudos peripatéticos, que deram considerável atenção a questões tais como “o contraste entre *ethos* e *pathos*, a classificação de tipos de vida particular e caracteres ou o jogo entre uma inclinação natural e uma virtude adquirida<sup>81</sup>” (ALBRECHT, 1997, p. 475). Há, portanto, um grande interesse filosófico nos ensaios biográficos dos peripatéticos e em suas tentativas de ilustrar diversos tipos humanos<sup>82</sup>. No entanto, as anedotas e outros detalhes introduzidos por eles nos relatos foram, mais tarde, também empregados a fim de satisfazer curiosidade do público leitor, segundo Momigliano (1993, p. 84). Mesmo nas biografias produzidas pelos socráticos, das quais já falamos acima, havia essa

---

<sup>81</sup> “The contrast between *ethos* and *pathos*, the classification of particular types of lives and characters, or the interplay, of natural bent and acquired virtue”.

<sup>82</sup> O método peripatético foi também empregado por autores de história, como por exemplo, Timeu, que embora não fosse da escola peripatética, serviu-se também de anedotas em suas obras. No livro XII, 24, Políbio comenta negativamente o modo de proceder do historiador, que traz anedotas a fim de mostrar algo sobre alguns autores conhecidos. Por exemplo, ele comenta que “Homero, ele diz, está constantemente festejando seus heróis, e isso indica que ele era mais ou menos um glutão. Aristóteles, com frequência fornece receitas para culinária em seus trabalhos, então ele dever ter sido um gastrônomo e um amante de guloseimas”. No original: “Homer, he says, is constantly feasting his heroes, and this indicates that he was more or less of a glutton. Aristotle frequently gives recipes for cookery in his works, so he must have been an epicure and a lover of dainties”. Tradução do inglês de Paton, W. R. Edição Loeb.

preocupação em atrair o leitor, representada, naquele período, pelo investimento no caráter ficcional das obras.

Buscando identificar essas características advindas de escolas filosóficas e a fim de traçar a história da biografia e seu estabelecimento como gênero biográfico, diversos estudos, sobretudo durante o século XIX na Alemanha, foram realizados<sup>83</sup> e dentre eles o de Friedrich Leo (1901) ficou conhecido por tentar definir as características do gênero biográfico durante o período helenístico. Para esse autor, as biografias de Plutarco e de Suetônio eram exemplos de dois tipos distintos de biografias que se desenvolveram de modo paralelo: o primeiro apresenta uma narrativa ordenada cronologicamente para caracterizar o personagem e suas ações; o segundo, centra-se em narrar os feitos do biografado e em caracterizá-lo tendo como foco temas específicos, expostos por meio de rubricas, e não a ordem cronológica. Leo ainda propõe que o modelo plutarqueano seria sobretudo usado para descrever a vida de generais e políticos e o modelo suetoniano para a vida de escritores<sup>84</sup> (MOMIGLIANO, 1971, p. 18-9), dividindo-os entre escola peripatética e alexandrina, respectivamente. Ou seja, para ele, a biografia de Plutarco está sob influência dos autores peripatéticos, que teriam empregado esse tipo de texto para narrar a vida de homens de estado. O modelo biográfico escrito por Suetônio, na concepção de Leo, teria surgido a partir de gramáticos alexandrinos (também influenciados por peripatéticos) para biografar artistas e filósofos. Tendo isso em vista, costumava-se acreditar que Suetônio teria sido, então, o primeiro a empregar o modelo dos alexandrinos na escrita da vida de

---

<sup>83</sup> Cf. Bruns (1896), Leo (1901), Misch (1907) e Dihle (1956).

<sup>84</sup> Ainda que não se possa dizer que há dois tipos bem delimitados de biografias, teriam existido escritas diferentes de narrativas para cada espécie de personagem. Segundo Momigliano (1993, p. 88), “as vidas de poetas não poderiam ser construídas como a vida de filósofos. E a vida de generais e reis era diferente. Não era a mesma coisa escrever sobre quem viveu há muito tempo ou sobre quem era contemporâneo”. No original: “Lives of poets could not be constructed like lives of philosophers; and lives of generals and kings were different from either. To write about men who had lived long ago was not the same thing as writing about contemporaries”.



imperadores<sup>85</sup>.

A concepção de Leo é ainda hoje apresentada em diversas obras em que se define biografia, mesmo com a ressalva de se tratar de um modelo não aplicável. Todavia, encontramos-la reproduzida por Manca e Vio (2010), que mantêm a ideia de que a biografia helenística se desenvolveu em tipos diferentes<sup>86</sup>:

A escola peripatética promove a elaboração de biografias romanceadas, nas quais o aspecto psicológico adquire particular importância; seu objeto consistia seja no estudo da humanidade através dos sujeitos mais representativos seja no divertimento do leitor, razão pela qual era dado amplo espaço às anedotas e às digressões e o estilo era vivaz e acurado. O rigor metodológico e a atenção aos aspectos históricos – cronologia e contexto – não encontravam aplicação constante. A escola alexandrina produz, ao contrário, biografias eruditas e inspiradas em critérios de cientificidade; redimensionada aos aspectos literários, morais ou filosóficos; a atenção era centrada sobretudo em fatos de relevâncias diversas, na importância da abordagem documentária<sup>87</sup>. (MANCA; VIO, 2010, p. 119)

---

<sup>85</sup> Conforme nossa exposição, a divisão sugerida por Leo (1901) apresenta problemas, pois que, com efeito, ao se observar as biografias antigas é difícil encontrar esquemas fechados de produção, mesmo numa mesma obra. Desse modo, também não faria sentido afirmar que Suetônio foi inovador ao biografar os imperadores por ter empregado um suposto modelo de biografia. Com efeito, Nepos, conforme aponta Goodyear (1982), usou esquema semelhante ao que Leo chama de alexandrino para biografar um general. Na vida de Epaminondas (I, 4), Nepos anuncia que tratará da vida dele seguindo temas específicos. Cf. Goodyear, 1982, p. 165.

<sup>86</sup> É curioso notar que a definição das escolas oferecida pelos autores traz como características da escola peripatética os traços que alguns estudiosos apontam, conforme mencionamos em outro momento deste trabalho, em Suetônio, tal como as anedotas e a não priorização de um contexto. Isso deixa mais evidente a problemática em se buscar esquemas rígidos para a biografia, na medida em que se costuma dizer que Suetônio adota o modelo alexandrino, embora se possa perceber que há em sua obra características peripatéticas. Além disso, nessa explicação as anedotas aparecem como que exclusivas de um modelo específico, quando, na verdade, são um traço do texto biográfico em geral.

<sup>87</sup> “La **scuola peripatetica** promosse l’elaborazione di biografie romanzate in cui gli aspetti psicologici acquisivano particolare risalto; l’obiettivo consisteva sia nello studio dell’umanità traverso i soggetti oîù rappresentativi sia nel divertimento del lettore, ragion per cui ampio spazio era accordato ad aneddoti e digressioni e lo stile era vivace e curato. Il rigore metodologico e l’attenzione agli aspetti storici – conotgia e contesto – non trovavano costante applicazione. La **scuola alessandrina** produsse, invece, biografie erudite e ispirate a criteri di scientificità; ridimensionati gli aspetti letterari, morali o filosofici, l’attenzione veniva incentrata soprattutto sui fatti, pur diversa rilevanza, e quindi sull’importanza dell’apporto documentario” (grifo do original).

Em geral, nas demais obras que consultamos<sup>88</sup>, mais comumente se observa uma apresentação resumida do modelo de Leo, mostrando sua debilidade, mas mesmo assim assumindo que possa haver uma diferenciação (sobretudo no que diz respeito aos critérios *romanceada* e *erudita*). Em Cizèk (1977), por exemplo, encontramos uma descrição semelhante à de Manca e Vio (2010), embora o autor seja mais reticente ao dividir de modo tão preciso os dois tipos de biografia. Ele defende, do mesmo modo, que o gênero biográfico teria se desenvolvido seguindo duas direções básicas: “a biografia romanceada e aquela que é mais precisa e despojada, quase ‘científica’” (1977, p. 26). Essas duas vertentes poderiam ser aproximadas da classificação feita por Leo, sendo a primeira relacionada à escola peripatética, “mais artística”, segundo Cizèk (*idem, ibidem*), e a segunda, da escola alexandrina, “mais exata”. Entretanto, o autor admite que não existiriam fronteiras nítidas entre esses dois tipos de biografia. Para ele, o que se pode dizer é que as biografias mais romanceadas, tal como a *Vida de Agrícola*, estudada aqui, e a *Ciropedia* de Xenofonte, admitiam uma certa fantasia dos dados a fim de tornar mais bela a imagem dos biografados<sup>89</sup>, enquanto haveria um segundo tipo de biografia que se esforçaria para “respeitar ao menos uma verdade essencial”, o que também parece, em certa medida, complicado de se defender, uma vez que, como vimos, elementos de ficção foram constitutivos da formação do gênero biográfico. Considerando tais aspectos, seria muito difícil indicar se um autor seguiria com rigor um ou outro modelo biográfico e, como afirma Cizèk, não há obras que indiquem que

---

<sup>88</sup> Ailloud (1931) também faz uma rápida exposição das ideias de Leo para depois mostrar seus pontos questionáveis. O autor defende que a tese de Leo apresenta um “ar de verdade incontestável, mas, olhando as coisas de perto, ela se sustenta em argumentos bem pouco sólidos” (1931, p. xxvii). Para ele, as biografias da *Vida dos doze césares* são apenas aparentemente uniformes, mas, na verdade, mudam de acordo com cada imperador.

<sup>89</sup> Em nota, Cizèk indica que grande parte das biografias romanceadas fazem parte daquilo que ele chamada de “pré-roman” (vide n. 89, p. 26). Nesse sentido, Cerdas (2011) defendeu que a *Ciropedia* seria, mais que uma biografia, um romance de formação. Cf. CERDAS, E., *A Ciropedia de Xenofonte – um romance de formação na antiguidade*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

Suetônio, como se costuma dizer, teria seguido a vertente alexandrina<sup>90</sup> (1977, p. 27). No manual de Conte (1994), por sua vez, encontramos mais uma vez a distinção entre biografia alexandrina e peripatética e suas aplicações, que, segundo o autor, não se sustentam mais (1994, p. 548).

Com efeito, nos dias de hoje, parece não mais haver uma necessidade de se reconhecer um modelo específico, principalmente no que concerne às biografias de Plutarco e Suetônio, que, apesar de mostrarem um certo padrão de organização textual, não o fazem de modo fixo: a biografia de cada personagem apresenta suas especificidades. Assim, como afirma Conte, procurar “as razões intrínsecas” (*idem, ibidem*) do autor que justifiquem a adoção de um ou outro esquema biográfico é mais interessante, já que tais escolhas refletem contextos político-sociais ou mesmo tendências literárias de uma época. Além disso, a verdade é que é preciso duvidar da existência de escolas biográficas no período helenístico. Para Momigliano (1993, p.107), é possível dizer que os aristotélicos contribuíram em grande medida com o desenvolvimento da biografia, o que não significa que criaram uma escola. Ademais, outros tipos de biografia existiram e não há como se provar que houve, de fato, “uma diversificação em dois tipos de biografia” (*idem, p. 87*).

Tendo visto o possível caminho percorrido pela formação do gênero biográfico e as influências em seu desenvolvimento, podemos, agora, tratar um pouco mais das relações que esse tipo de texto estabeleceu (e estabelece) com outros gêneros literários. É fato que a biografia, desde seu surgimento, relaciona-se com diferentes gêneros que poderiam, *grosso modo*, ser considerados seus textos precursores, tal como uma poesia ou texto épico que tivesse um caráter biográfico. No entanto, procura-se delimitar como verdadeiros antecedentes da biografia textos que versem especificamente sobre um indivíduo<sup>91</sup>. De maneira geral, a biografia moderna

---

<sup>90</sup> Conferir também Ailloud, 1931, p. xxxiv-xxvii.

<sup>91</sup> Costuma-se considerar como influentes no desenvolvimento do texto biográfico também as anedotas, os ditos populares ou citações. Cf. Momigliano, 1993, p. 23.

corresponde àquilo que se chamava *bios* na cultura grega. E o *bios* era um tipo de texto que se relacionava com outros discursos à época, podendo se referir também à narrativa de histórias de povos ou cidades, além da de indivíduos. Dentre esses gêneros podemos destacar o *encomium*, as *hypommemata*, os quais, apesar dessas relações, eram tipos de textos distintos (SILVA, 2008, p. 69)<sup>92</sup>. Momigliano pontua que na antiguidade existiram obras intituladas “A vida da Grécia” ou mesmo “Vida do povo romano”, que tinham como objetivo descrever os costumes, os pensamentos de um povo. A escrita desses textos, por sua vez, estava ligada às *antiquitates*<sup>93</sup> – no grego, *archaologia* ou *philologia* (1993, p. 13). Sendo assim, o *bios* também estava ligado a esses conhecimentos, que também eram diferentes do que os gregos chamavam de história.

Tais gêneros se tornavam próximos, dadas algumas características em sua construção, como o uso de anedotas<sup>94</sup>, por exemplo, mas se diferenciavam genericamente devido ao modo pelo qual cumpriam seus objetivos. Pode-se dizer que apesar de tanto a biografia quanto o encômio serem gêneros que buscam delinear o caráter de um personagem, há uma especificidade em cada um desses tipos de texto. Momigliano tenta explicar a diferença entre encômio e *bios*, mostrando que “o que era então chamado *bios* era uma narrativa de eventos e opiniões imparcial, levemente espirituosa, caracterizando um indivíduo” (1993, p. 101). O encômio, por sua vez,

---

<sup>92</sup> É muito importante, no entanto, insistir que delimitar fronteiras entre gêneros é algo arriscado. Com efeito, encômio e biografia estavam bastante entrelaçados e, conforme ressalta Momigliano, “a distância entre [este tipo] de encômio histórico e a biografia de um rei ou general é tão estreita que qualquer diferenciação clara é impossível” (1993, p. 83) No original: “The gap between this type of historical encomium and a full biography of a king or of a general is so narrow that any neat separation is impossible”. Ou mesmo a separação rígida entre uma monografia sobre um personagem e a biografia é difícil: “a teoria de Cícero na carta a Luceio se aplica tanto à biografia quanto à monografia”, por exemplo, diz Momigliano (*idem, ibidem*). No original: [...] the theory of historiography contained in Cicero’s letter to Lucceius (*ad familiares* 5, 12) applies both to the biography and monograph centred on one man”.

<sup>93</sup> Pode-se definir antiquarismo como um “tipo de investigação e de produção de conhecimento a respeito de artefatos, objetos, fatos, acontecimentos, eventos, formas de cultura, que, por um lado, não se encaixavam nem nos limites precisos da história da guerra e da política, nem, por outro, na natureza especulativa da filosofia”. Cf. Silva, 2008, p. 73.

<sup>94</sup> O uso de anedotas como um dos traços característicos da narrativa biográfica será discutido no item 3 deste capítulo.

possuía um fundo retórico (não que o *bios* não o tivesse, mas em menor medida) e desenhar o caráter do indivíduo significava atentar para “o elogio e a valorização da personalidade”, e “evitando acontecimentos e características pejorativos<sup>95</sup>” (SILVA, 2008, p. 74).

O confronto que há entre biografia e encômio reflete um pouco um contexto de produção da época para esses gêneros distintos da história. Segundo Albrecht, há uma essência política, além da filosófica, no desenvolvimento da biografia grega, pois que “o interesse por uma figura individual surgiu apenas com o aparecimento de reis e tiranos” (1997, p. 466) e foi por meio, primeiro, do encômio que se louvou esses personagens específicos. É claro, então, que a biografia, no século IV a.C., por exemplo, apresentava um forte tom encomiástico, traço que se alterou ao longo do tempo também por razões de cunho político. Entre os romanos, diz-se que a biografia também teve uma grande influência e se relacionou com o costume da *laudatio funebris*, na qual teria, portanto, parte de suas raízes<sup>96</sup>. Desse modo, o caráter laudatório da biografia era bastante evidente. No entanto, depois que a biografia já havia conquistado seu espaço em Roma, sobretudo no período imperial, narrar a vida desses chefes políticos não implicava necessariamente em realizar também um encômio deles, o que podemos observar nas biografias de Suetônio e Plutarco, por exemplo.

As obras biográficas desses dois autores são resultados, em certa medida, de todo o trajeto por que passou o desenvolvimento da biografia até seu estabelecimento como um gênero, assumindo diferentes funções em cada época. Ao adentrar no território romano, por volta do século I d.C., e tomar outras formas, a biografia se torna, durante o império, uma forma literária prestigiada, pois era “a forma natural de contar a história de um César” (MOMIGLIANO, 1993, p. 99), além de ser um instrumento para a propagação de ideias político-filosóficas. Segundo o autor italiano,

---

<sup>95</sup> A biografia romana descenderá do encômio e levará em consideração a retórica em sua elaboração, como veremos mais adiante.

<sup>96</sup> Momigliano é cauteloso quanto a tal ideia, já que não há muitas provas quanto a isso.

escrever biografias ou encômios de Peto Trásea e Helvídio Prisco (como fizeram Aruleno Rústico e Herênio Senecião) se tornou uma ofensa capital na época da tirania de Domiciano. O que é característico da era de Plutarco, Tácito e Suetônio é que esses autores recusaram produzir para a “*felicitas temporum*” e deixar a biografia se tornar um instrumento de propaganda imperial<sup>97</sup>. (MOMIGLIANO, 1993, p. 99-100)

Na biografia de Suetônio, por exemplo, não há um encômio exacerbado, mas ao contrário, os imperadores são tratados como seres tão mortais quanto qualquer cidadão e como alguém que também tem defeitos (MOMIGLIANO, 1993, p. 100). Isso se evidencia, segundo o autor, a partir do fato de que Suetônio biografou imperadores usando “métodos de descrição e documentação mais usualmente empregados para satisfazer a curiosidade sobre homens da literatura – mortais comuns<sup>98</sup>” (*idem, ibidem*).

Enfim, a biografia assume ainda outro traço durante os séculos I e II d.C.. Com as obras precursoras de Varrão, as *Hebdomades*<sup>99</sup>, e os *De Viris Illustribus* de Cornélio Nepos em Roma, a biografia é o meio pelo qual se pode comparar os costumes e realizações de gregos e romanos (MOMIGLIANO, 1993, p. 104), passando a se interessar pelo aspecto “mais internacional e mais humano” dos povos (*idem*, p. 98). Esse novo interesse, segundo Funari (2007), toma maiores dimensões e os biógrafos do fim do período republicano “parecem ter inspirado Plutarco no sentido de proceder a uma *comparação sistemática*” (p. 132).

Veremos adiante um pouco da possível história do desenvolvimento da biografia em Roma, que, apesar de ter influências da biografia helenística, teria se originado também a partir de um costume romano.

---

<sup>97</sup> “To write biographies or encomia of Paetus Thrasea and Helvidius Prisco (as Arulenus Rusticus and Herennius Senecio did) became a capital offence under the tyranny of Domitian. What is characteristic of the age of Plutarch, Tacitus and Suetonius is that these writers refused to yield to the “*felicitas temporum*” and to let biography become an instrument of Imperial propaganda”

<sup>98</sup> “Suetonius wrote biographies of Caesars which applied to the emperors methods of description and documentation more usually meant to satisfy curiosity about literary men – common mortals”.

<sup>99</sup> Ou *Imagines*.

### III. 2. As *laudationes funebres* e a biografia em Roma

Como mencionamos acima, é comum assumir que, apesar de ter herdado elementos da biografia helenística, a biografia romana nasce e se desenvolve a partir de costumes romanos antigos, a saber, os rituais funerários dedicados aos aristocratas depois de sua morte, por parentes ou por magistrados – as *laudationes funebres*, compostas pelos *tituli* e pelas *imagines*. Segundo Crawford (1941, p. 20), esse costume de pronunciar um discurso fúnebre teria surgido com os romanos e em tempos muito distantes. A passagem de Plutarco ilustra a filiação remota desse costume:

Ele [Valério] chegou a pronunciar uma oração fúnebre em sua honra [de Brutus], o que foi tão admirado pelos Romanos e ganhou tal reconhecimento que, desde aquela época, quando seus grandes e bons homens morriam, encômios eram pronunciados sobre eles pelos mais distintos cidadãos. E se diz que a oração fúnebre dele existiu muito antes que qualquer uma entre os gregos<sup>100</sup>. (PLUTARCO, *Pub. Val.*, IX, 7, 102 *apud* CRAWFORD, 1941, p. 20)

Notamos, portanto, que, além de ser um ritual tradicionalmente romano, foi um costume de grande popularidade entre eles. Segundo Brandão, as *laudationes* constituíam em Roma uma forma literária e eram elaboradas a partir de recursos retóricos, o que as aproximavam, em certa medida, do encômio já praticado na Grécia (2003, p. 16). O papel da *laudatio*, além do valor encomiástico que lhe era característico, era também “situar o falecido na linha dos descendentes de um ancestral comum e colocar em relevo a grandeza das ações e honras como contribuição para a glória da família<sup>101</sup>” (CRAWFORD, 1941, p. 24). Essas homenagens eram muito comuns no

---

<sup>100</sup> Traduzido do inglês. Cf. Crawford, 1941, p. 20. “He even delivered a funeral oration in his honor, which was so admired by the Romans and won such favor that from that time on, when their great and good men died, encomiums were pronounced upon them by the most distinguished citizens. And this funeral orations of his is said to have been earlier than any among the Greeks”.

<sup>101</sup> No original: “(...) the purpose of the *laudatio funebris* was to mark the place of the defunct in the long train of descendants from a common ancestor, and to set in relief his lofty actions and honors as his contribution to the family glory”.

período republicano e também no Império e, em geral, eram dedicadas aos cidadãos romanos ilustres, que fossem mortos em batalhas<sup>102</sup> ou que tivessem exercido importante papel no estado, como comandante em campanhas ou assumindo um consulado (CRAWFORD, 1941, p. 21). As orações eram, então, proferidas durante a procissão dos funerais públicos (e também nos privados) até o local do enterro e eram divididas em três momentos, conforme expõe minuciosamente Políbio em suas *Histórias*:

Por ocasião da morte de qualquer homem ilustre ele é levado em seu funeral com toda a pompa até o Fórum, perto dos chamados Rostros, algumas vezes bem à vista em posição vertical, e mais raramente reclinado. Ali, com todo o povo de pé em volta, um filho crescido, se ele deixou algum que esteja presente em Roma, ou se não outro parente, sobe aos Rostros e pronuncia um discurso alusivo às suas qualidades e aos seus sucessos e feitos ao longo da vida. Conseqüentemente toda a multidão, e não apenas quem teve alguma participação nesses feitos mas também quem não teve, quando os fatos são lembrados e postos diante de seus olhos comove-se e é levada a tal estado e empatia que a perda parece não se limitar somente a quem chora o morto e ser extensiva a todo o povo. Em seguida, após o enterro e a realização das cerimônias usuais, coloca-se uma imagem do defunto no lugar mais visível de sua casa, numa espécie de tabernáculo de madeira. Essa imagem consiste numa máscara reproduzindo com notável fidelidade a tez e as feições do morto. Nos dias de festas religiosas públicas essas imagens são expostas e ornamentadas cuidadosamente, e quando alguma pessoa importante da família morre os parentes as levam para o funeral, conduzidas por homens que pareçam assemelhar-se mais a cada defunto em estatura e compleição. Esses homens vestem uma toga, com um debrum cor de púrpura se o defunto era cônsul ou pretor, toda de púrpura se ele era censor, e bordada de ouro se ele tivesse recebido as honras do triunfo ou alguma distinção desse gênero. Tais homens são levados num carro

---

<sup>102</sup> As *laudationes* eram também proferidas para aqueles que depois de terem sido importantes para o estado, morressem de morte natural fora do contexto bélico. Além disso, o elogio a mulheres também era comum; conforme passagem de Cícero (*De Orat.*, II, 44 *apud* CRAWFORD, 1941, p. 21), Popília foi a primeira mulher a ser louvada pelos cidadãos. Além disso, Calígula também fez as honras à sua avó Livia Augusta, como vemos em sua biografia, bem como ficou famosa a *laudatio* de César a sua tia. (Suet., *Iul.*, VI)



precedido por fasces e machados e outras insígnias as quais cada um dos personagens encarnados tinha direito de acordo com a função que exercera em vida; quando eles chegam aos Rostros, sentam-se em cadeiras de marfim enfileiradas. Não seria fácil imaginar um espetáculo mais nobilitante e edificante para um jovem que aspire à fama e à excelência. De fato, quem não sentiria estimulado pela visão das imagens de homens famosos por suas qualidades excepcionais, todos reunidos como se estivessem vivos e respirando? Poderia haver um espetáculo cívico mais belo que esse? (POLÍBIO, *Hist.*, VI, 53. Tradução de Mário da Gama Kury)

Vemos na passagem acima que Políbio narra de modo pormenorizado duas partes da cerimônia que havíamos mencionado: o louvor propriamente e as *imagines*, máscaras criadas para reproduzir e eternizar as imagem dos mortos. A *laudatio* em si era a parte referente ao discurso elogioso do falecido, rememorando “a glória de seus ancestrais, estando bem entendido que na publicação das façanhas familiares era de praxe a ocorrência de deslizes promocionais” (MENDONÇA, 2007, p. 12) a fim de sobrelevar a importância das famílias, para depois abordar as ações do homenageado e seus feitos durante vida, de modo que, como afirma Políbio, emocionavam-se até mesmo os cidadãos que não eram próximos do morto. As *imagines* eram as máscaras de cera com os traços muito fiéis do morto, ficavam expostas no átrio da casa e eram usadas em funerais de outros membros falecidos da família, como nos disse Políbio, por pessoas que também tivessem características semelhantes às da figura representada pela máscara. Parte de todo esse ritual eram também os *tituli*, compostos, segundo Mendonça (2007, p. 13), pela inscrição do nome do morto abaixo da imagem de cera e também dos conteúdos louvados durante o discurso oratório<sup>103</sup>.

Podemos perceber que os temas recorrentes na composição da *laudatio* são aqueles mesmos que compõem a biografia, pois que tratam sobre os antepassados e descendentes do falecido, sobre seus feitos, honras obtidas e também acaba-se por dar atenção a suas características físicas quando se compõe a máscara para homenageá-lo.

---

<sup>103</sup> Para mais detalhes sobre *imagines*, *tituli* et *laudatio*, conferir OLD (1968).

(BRANDÃO, 2003, p. 16). São esses os temas que encontramos em diversas biografias e podemos observá-los de maneira evidente nas duas biografias aqui estudadas, ainda que organizadas de modo distinto. No que concerne à biografia suetoniana, Brandão aponta que sua composição se baseia nos mesmos itens encontrados na *laudatio*, como “a origem familiar e antepassados, o lugar de nascimento, acompanhado de presságios da fortuna futura, infância, a entrada na vida pública, aspectos de governação, obras públicas e jogos oferecidos, campanhas, aspectos da vida privada, cena de morte” (2003, p. 20). Crawford afirma que o *Agrícola*, de Tácito, é considerado por muitos uma biografia bastante próxima da oração fúnebre (1941, p. 26)<sup>104</sup>. A autora aponta que a *laudatio funebris* influenciou no desenvolvimento e estabelecimento da biografia em Roma, pois, muitas vezes, eram publicadas em panfletos, registrando, então, sua forma escrita. Além disso, havia o costume de se elaborar listas com acontecimentos importantes sobre os indivíduos, as quais serviriam, mais tarde, como referência das orações (CRAWFORD, 1941, p. 25) e mais tarde também para a elaboração da biografia, que, apesar de nem sempre ter o mesmo intuito que um louvor, abordava os mesmos conteúdos.

Como o objetivo do discurso era engrandecer o falecido, muitas dessas listas eram desenvolvidas de forma tendenciosa a fim de exagerar nas descrições e favorecer os indivíduos, não sendo muitas das informações, necessariamente, verdadeiras. Com esse costume se alcançava um outro objetivo além de tornar célebre a vida de um cidadão, ou seja, construía-se uma figura de comportamento a ser seguido pelos demais habitantes:

Por esse meio, por essa renovação constante das referências às qualidades dos homens ilustres, a fama dos autores de feitos nobilitantes é immortalizada, e ao mesmo tempo o mérito de quem prestou bons serviços à pátria chega ao conhecimento do povo, constituindo um legado para as gerações futuras. (POLÍBIO, *Hist.*, VI,

---

<sup>104</sup> Saint-Denis (1942, p. VI) considera a obra um “panegírico, uma *laudatio*”. Forni (1962, p. 13) aponta que Cousin (1936) e Hübner (1866) também classificam a obra como uma *laudatio*.

A biografia também tem esse caráter de fazer perdurar e mostrar aos leitores condutas de vida que podem servir como exemplo, porém não se limita a exaltar o biografado, como vemos no caso de Suetônio, que mostra ainda os vícios da personagem, que não são modelos para um bom cidadão ou governante; além disso, seus personagens não são seres divinos por serem exercerem o mais alto poder – embora muitos deles mesmos se autodenominem deuses – mas humanos normais, suscetíveis a defeitos e mortais.

Em nosso segundo capítulo, discutimos de modo breve o tom retórico que existe na biografia. Se partimos da premissa de que, em Roma, a biografia se desenvolveu a partir das *laudationes*, essa participação do discurso retórico se torna mais compreensível, pois o gênero *laudatio* era uma das tarefas da retórica, conforme nos indica Crawford (1941, p. 22), e cabia a um orador realizá-lo<sup>105</sup>, de acordo com Sêneca em sua epístola 52, 14<sup>106</sup>. Políbio também menciona o dever do orador de pronunciar os louvores:

Além disso, o orador incumbido de falar sobre o homem prestes a ser enterrado, após pronunciar-se a respeito do defunto evoca os sucessos e feitos dos outros defuntos cujas imagens também estão presentes, começando pelo mais antigo. (POLÍBIO, *Hist.*, VI, 54. Tradução de Mário da gama Kury)

---

<sup>105</sup> Às vezes, um parente do morto poderia pronunciar o discurso, mas em geral costumava-se indicar algum magistrado. Quintiliano diz: *Nam et funebres laudationes pendent frequenter ex aliquo publico officio atque ex senatus consulto magistratibus saepe mandantur (...)* (QUINTILIANO, *Inst. Orat.*, III, 7, 2). “Pois também os elogios fúnebres dependem frequentemente de alguém de cargo público e muitas vezes são confiadas aos magistrados por decisão do senado”.

<sup>106</sup> *'Sed laus' inquit 'nihil aliud quam vox est, vox autem bonum non est. ' Cum dicunt claritatem esse laudem bonorum a bonis redditam, non ad vocem referunt sed ad sententiam. Licet enim uir bonus taceat, sed aliquem dignum laude esse, laudatus est. Praeterea aliud est laus, aliud laudatio, haec et uocem exigít. Itaque nemo dicit laudem funebrem sed laudationem, cuius officium oratione constat.* Tradução: “‘Mas o louvor’, disse, ‘não é nada além de uma palavra, contudo, uma palavra não é um bem’. Quando dizem que a celebridade é um louvor dos bons homens proferido por bons homens, não se referem à fala, mas à opinião dita. Pois convém que o bom homem se cale, mas se alguém é digno de um louvor, louvado é. Além disso, uma coisa é o louvor, outra o elogio, que exige uma voz. Assim, ninguém diz louvor fúnebre, mas *laudationem*, tarefa do discurso oratório”. (Sêneca, *Epist.*, XVII, 52, 14)

O discurso laudatório seguia alguns preceitos, que encontramos explicados no terceiro livro da *Institutio Oratoria* de Quintiliano. Diferentemente do que considera a retórica aristotélica, para os romanos, o louvor tinha um valor prático e servia para agradar os ouvintes. Ainda que fizesse parte de um tipo de discurso com a função de deleitar, a oração deveria ser breve, “simples e não ornada”<sup>107</sup> (CÍCERO *apud* CRAWFORD, 1941, p. 22) e precisava ter um tom de tristeza, segundo a autora, “contrastando com outros tipos de panegíricos, mais alegres” (*idem, ibidem*).

No âmbito retórico encontramos o louvor dentro do gênero demonstrativo. Assim, os discursos fúnebres seguiam as leis que regem essa forma de eloquência, que, segundo Quintiliano, “convinha para louvar os deuses e os homens, mas ainda outros seres animados e objetos<sup>108</sup>”. Ao tratar dos homens e suas virtudes, o discurso deveria ser dividido em duas partes que se referem ao indivíduo e a seus ancestrais (CRAWFORD, 1941, p. 23). Além dessa partição, Quintiliano sugere uma outra separação a fim de avivar o elogio: *primum diuiditur in tempora, quodque ante eos fuit quoque ipsi uixerunt, in iis autem qui fato sunt functi etiam quos est insecutum* (*Inst. Orat.*, III, 7, 10). Ou seja, é preciso separar os assuntos que ocorreram antes do nascimento do indivíduo e depois dele, e caso se trate de um defunto, o tempo que sucede sua morte. Sendo coerente com essa repartição, o discurso precisa, portanto, tratar primeiro dos antepassados e família<sup>109</sup>, da pátria e suas origens, sejam humildes ou nobres<sup>110</sup> e,

---

<sup>107</sup> Cícero é quem considera que o discurso laudatório não deveria ser ornado (*De Orat.*, II, 84, 341). Percebemos aqui que se estabelece, portanto, uma certa diferença da história, que deveria, segundo o orador, ser ornada. Podemos cogitar que a biografia descende, em Roma, de um discurso menos elaborado, diferenciando-se também nesse aspecto do gênero história. O orador comenta: *nostrae laudationes, quibus in foro utimur, aut testimoni breuitatem habent nudam atque inornatam aut scribuntur ad funebrem contionem, quae ad orationis laudem minime accommodata est*. Tradução: “Nossos elogios, que fazemos no fórum, ou têm a despojada e não ornada brevidade do testemunho ou são escritos para o discurso fúnebre, que é o menos apropriado ao louvor da oratória”.

<sup>108</sup> *Quae materia praecipue quidem in deos et homines cadit, est tamen et aliorum animalium; et etiam carentium anima* (*Inst. Orat.*, III, 7, 6).

<sup>109</sup> Como Políbio narra na passagem 54 supracitada.

<sup>110</sup> Sobre o papel da narrativa das origens dos personagens biográficos trataremos mais adiante.

depois, dos assuntos descritos pelo retórico<sup>111</sup>:

Algumas coisas sobre o morto também serão extraídas do tempo que veio antes dele, como as respostas de oráculos ou augúrios que prometeram um futuro próspero, como os oráculos que predisseram, diz-se, que aquele que nasceu de Tétis seria maior que seu pai. De fato, o louvor de um indivíduo deve ser tirado de seu caráter, seu corpo e de situações externas. E se certas coisas do corpo e do acaso são mais leves, então não precisam ser tratadas de um único modo. Quanto à sorte, ora apenas confere dignidade, como é com os reis e príncipes (pois que esta matéria é mais abundante para se ostentar exibirem as virtudes), ora, quanto menores tiverem sido os recursos, maior glória, pelas boas ações, gera<sup>112</sup>. (QUINTILIANO, *Inst. Orat.*, III, 7, 11-13)

O louvor a um indivíduo, portanto, deve exaltar, além dos fatos relativos a sua vida, suas características, assim como encontramos nas biografias. Tais assuntos podem ser abordados conforme a ordem a seguir:

O louvor do caráter é sempre verdadeiro, mas para se falar dele, não há apenas uma via. Às vezes é mais bonito seguir as fases da vida e a ordem dos feitos, louvando sua disposição natural nos primeiros anos, então a educação, depois disso o contexto de suas realizações (ou seja, os atos e palavras). Em outras, pode-se dividir o louvor em tópicos de virtudes: coragem, justiça, constância, entre outras coisas, e indicar a cada uma que coisas foram feitas segundo elas<sup>113</sup>. (QUINTILIANO, *Inst. Orat.*, III, 7, 15)

De certo modo, a proposta de Quintiliano é uma versão mais desenvolvida do esquema do elogio grego baseado nas obras de Xenofonte e Isócrates, que deveria compreender seis partes, segundo Saint-Denis (1942, p. x): “1º o exórdio; 2º a origem,

---

<sup>111</sup> Cf. Crawford, 1941, p. 23.

<sup>112</sup> *Illa quoque interim ex eo, quod ante ipsum fuit, tempore trabentur, quae responsis uel auguriis futuram claritatem promiserint, ut eum, qui ex Thetide natus esset, maiorem patre suo futurum cecinisse dicuntur oracula.* <sup>12</sup> *Ipsius uero laus hominis ex animo et corpore et extra positus peti debet. Et corporis quidem fortuitorum cum leuior, tum non uno modo tractanda est (...).* <sup>13</sup> *Fortuna uero tum dignitatem adfert, ut in regibus principibusque (namque est haec materia ostendendae uirtutis uberior), tum, quo minores opes fuerunt, maiorem benefactis gloriam parit.*

<sup>113</sup> <sup>15</sup> *Animi semper uera laus, sed non una per hoc opus uia ducitur. Namque alias aetatis gradus gestarumque rerum ordinem sequi speciosius fuit, ut in primis annis laudaretur indoles, tum disciplinae, post hoc operum (id est factorum dicatorumque) contextus, alias in species uirtutum diuidere laudem, fortitudinis, iustitiae, continentiae, ceterarumque, ac singulis adsignare quae secundum quamque earum gesta erunt.*

natureza e educação do personagem; 3º a moral, costumes de vida; 4º atos ou conquistas; 5º paralelo; 6º conclusão”. Além disso, o autor pontua que todos os elogios, independentemente do personagem louvado, são muito parecidos, apesar das regras retóricas (*idem*, XII).

As primeiras obras biográficas romanas foram as de Varrão (116-27 a.C.) e Cornélio Nepos (100-27 a.C.), que compuseram a biografia de homens das letras e da política tanto gregas quanto latinas<sup>114</sup>, dando atenção ao aspecto da justaposição dos costumes dos dois povos<sup>115</sup>. Depois deles, costuma-se considerar Suetônio como um dos biógrafos mais importantes da tradição romana. A obra de Varrão, as *Imagines* ou *Hebdomades*, não chegou até nós, mas se sabe que ela englobava sete retratos de personagens ilustres – desde reis a dançarinos, entre outros – que precediam epigramas que descreviam o personagem. Segundo Momigliano,

Varrão se colocou dentro da tradição aristocrática romana das *imagines* e *tituli* dos ancestrais. Ao mesmo tempo, ele a transformou de uma maneira revolucionária. As *imagines* que ele escolheu não eram restritas aos romanos. Não eram propriedade de famílias aristocráticas. Os retratos de grandes homens tanto gregos como romanos estavam agora disponíveis aos leitores educados<sup>116</sup> (MOMIGLIANO, 1993, p. 96).

Nepos, mais tarde, explora a ideia de Varrão, compondo uma obra que confronta os costumes gregos e romanos e de outras nacionalidades. Chegou-nos apenas a seção referente aos generais estrangeiros – e alguns fragmentos da vida de historiadores e a vida de Catão e Ático. É sobretudo com Nepos que a biografia passa, então, a dar atenção à comparação das realizações dos povos, mencionada acima, e que

---

<sup>114</sup> Cizèk, 1977, p. 26; Conte, 1994, p. 547.

<sup>115</sup> Segundo Momigliano (1993, p. 96), São Jerônimo considera como precursores da biografia romana Varrão, Santra e Nepos.

<sup>116</sup> “Varro placed himself within the Roman aristocratic tradition of *imagines* and *tituli* of ancestors. At the same time he transformed it in a revolutionary way. The *imagines* he chose were not confined to Romans. They were no longer the property of aristocratic families. The portraits of Greek as well as Roman great men were now made available to educated readers”.

influenciou a obra de Plutarco.

Em suma, podemos dizer que a biografia romana é, então, resultado das influências de seus próprios rituais laudatórios, com características encomiásticas, e da biografia helenística. Obtendo uma notável importância no período imperial, a biografia servia como um meio didático de se propagar e comparar costumes, além de se tornar um instrumento político que não necessariamente fazia as vezes de panfleto propagandístico das ideias vigentes.

### **III. 3. Algumas características da narrativa biográfica**

Até o presente momento deste trabalho, pudemos observar que a biografia se consolidou ao longo dos tempos como um gênero independente da história. Componente da historiografia, ainda há aqueles que acreditam que se trata de um tipo inferior de escrita devido ao fato de que, diferentemente da história, não apresenta tanta preocupação com a exposição verossímil dos fatos, não destina largo espaço da narrativa a contextos históricos etc. Além disso, muitas vezes, a biografia recebe críticas por empregar em sua narrativa anedotas ou ditos populares ou citações, e basear eventos em fatos mitológicos, por exemplo. Cabe, então, agora destacar como tais elementos são parte do gênero biográfico e foram sendo incorporados a ele durante as experimentações de sua formação.

O estudo de Fairweather (1974) é um dos que se dedicam a explorar essas questões, levantando quais seriam os temas recorrentes nas biografias e quais seriam seus processos comuns de elaboração. Assim, a primeira importante questão apontada pela autora é o caráter ficcional da biografia e sua interferência nos estudos modernos. Vimos antes que o grande experimento em relação à biografia foi a inserção da ficção no discurso histórico pelos socráticos. Desse modo, ao se analisar o texto biográfico, esse tipo de informação precisa ser olhado de modo cuidadoso, uma vez que, de fato,

há muito de historicidade e conclusões duvidosas acerca do valor das afirmações nas biografias (FAIRWEATHER, 1974, p. 231), dada a miscelânea entre fato e ficção existentes nas obras biográficas.

A pesquisa biográfica tem por característica valer-se de inúmeros tipos de fontes e sua construção, geralmente, baseia-se em dois métodos: na inferência (ou interpretação) e na dedução de dados a partir dessas fontes, que abrangiam desde obras poéticas e filosóficas, de autores mais antigos ou contemporâneos, a narrativas populares<sup>117</sup>. Com isso, a presença de dados ficcionais se tornava mais saliente nos textos, já que essas fontes, muitas vezes, eram tomadas pelos biógrafos sem se levar em conta os elementos que nelas mesmas não eram verdadeiros. Segundo Fairweather (1974), alguns autores, seja de obras filosóficas ou mesmo retóricas, costumavam colocar certas informações biográficas em suas obras de modo a ilustrar o entendimento do conteúdo veiculado<sup>118</sup>, por exemplo,

os oradores podem algumas vezes aparecer fornecendo exposições detalhadas de suas carreiras passadas, mas claro que os princípios da retórica antiga não requeriam uma precisão histórica estrita de um homem que estava defendendo a si mesmo; filósofos poderiam, em seus momentos mais inspirados, usar uma expressão hiperbólica e poética e dizer coisas que não esperavam ser compreendidas literalmente<sup>119</sup>. (FAIRWEATHER, 1974, p. 232)

O que ocorria, portanto, é que muitas vezes os biógrafos, ao consultarem suas fontes, não atentavam para a *persona* poética, filosófica ou retórica presente nelas, sendo levados ao erro biográfico. Um exemplo desse problema é a poesia como fonte

---

<sup>117</sup> Pode-se citar ainda poesias, textos de oradores, obras literárias, sátiras etc. Cf. Fairweather, 1974, 232.

<sup>118</sup> Também Arrighetti (2006) pontua esse costume de autores antigos estabelecerem uma conexão entre a obra e a vida do autor (p. 271). Além disso, o autor afirma que a existência de elementos biográficos nas obras literárias serviam para chamar a atenção do público leitor, estabelecendo uma relação entre as pessoas e as obras (2006, p. 277). Sendo assim, pode-se realmente pensar que certas histórias ficariam enraizadas no ideário popular.

<sup>119</sup> “orators may sometimes appear to be giving detailed exposés of their past careers, but of course the principles of ancient rhetoric did not demand strict historical accuracy from a man who was defending himself; philosophers may, in their more inspired moments, take to hyperbole and poetic expression and say things they do not expect to be taken literally”.



primária de determinadas obras biográficas. Os biógrafos, muitas vezes, deduziam que as informações sobre o eu poético refletiam alguma verdade sobre a vida do poeta, reproduzindo, então, dados não comprovados<sup>120</sup>. Suetônio, por exemplo, uma das únicas fontes da vida do poeta Horácio, faz uma leitura biografista de suas odes e a incorpora em sua biografia: na *Vita Horatii*<sup>121</sup>, Horácio é descrito como mulherengo, característica que não raramente lhe é atribuída devido a menção a inúmeros nomes femininos em suas odes. Pode até ser que o poeta tenha se referido a mulheres reais e que seus textos reflitam passagens de sua vida, mas não há como se ignorar que esses textos construía para a primeira pessoa do discurso uma máscara poética e, portanto, muito do que se trata ali pode ser mera ficção. Nesse sentido, quando lemos a biografia, no caso, de Horácio, é necessário lidar de modo atento com esse tipo de informação muito comum nas biografias antigas.

Também no âmbito da ficção, as anedotas aparecem como elemento característico das biografias antigas, principal meio, segundo Fairweather (1974, p. 235) para ilustrar os vícios e as virtudes dos biografados. A autora comenta que “os biógrafos não ficavam satisfeitos em fazer observações gerais sobre os supostos vícios e virtudes de seus sujeitos. Gostavam de ilustrar cada um com anedotas<sup>122</sup>” (*idem, ibidem*). Com efeito, as anedotas como ilustradoras de vícios e virtudes eram usadas primeiro pelos filósofos em suas obras e depois foram incorporadas à biografia. Segundo Momigliano (1993, p. 69), os aristotélicos já trabalhavam nesse sentido, no entanto, é preciso salientar que, apesar de empregarem anedotas, os filósofos não estavam, necessariamente, escrevendo biografias. Aristoxeno, pupilo de Aristóteles, pode ter sido “o primeiro a fazer das anedotas parte essencial das biografias. Nós somos tão acostumados a considerar anedotas um condimento natural da biografia que

---

<sup>120</sup> Cf. Políbio, *Hist.*, XII, 24, em que o historiador menciona sobre as inferências de Timeu quanto à personalidade de alguns autores a partir de suas obras.

<sup>121</sup> Cf. Suet., *Vita Horatii*, II.

<sup>122</sup> “The biographers were not content to make general observations about their subjects’ supposed virtues and vices. They liked to illustrate each with anecdotes”.

esquecemos que pode haver anedota sem biografia e biografia sem anedota<sup>123</sup>” (*idem*, p. 76).

Em algumas biografias havia anedotas cômicas, elaboradas a partir da consulta de textos satíricos, bastante usados pelos biógrafos. Essas anedotas eram especialmente interessantes, pois que os leitores antigos reconheceriam os fatos e a comicidade no retrato do biografado. Ou seja, o efeito cômico levado à biografia, segundo Fairweather (1974, p. 244-5), já teria sido popularizado pelos poetas satíricos. Além dos textos satíricos, os textos filosóficos com frequência serviam para produzir anedotas. Segundo a autora, as anedotas sobre filósofos eram bastante populares e as informações acerca da vida desses filósofos seriam provavelmente falsas. Muitas vezes, os dados baseados nessas obras tinham o intuito de ilustrar a postura ou visão política do filósofo retratado, mas não se referiam a eles exatamente.

Outra espécie de fonte característica das biografias eram, segundo Fairweather (1974, p. 243), miscelâneas biográficas de autores contemporâneos, como as cartas de Augusto, consultadas por Suetônio ao elaborar a biografia do imperador. Ainda que as anedotas criadas a partir da dedução de informações de outras obras e seu resultado mais ficcional fossem pertinentes ao gênero, as informações provenientes deste último tipo de fonte mencionado apresentavam um ar maior de autenticidade dos fatos.

A construção de algumas narrativas específicas, de cunho não anedótico, era também recorrente nas biografias e representava, então, *topoi* narrativos. Dentre eles, podemos citar a apresentação da origem dos biografados (FAIRWEATHER, 1974, p. 249), tema necessário e comum nas *laudationes*, conforme vimos. O que torna as narrativas sobre as origens de um personagem interessantes é que elas são geralmente desenvolvidas de modo a mostrar as origens ignóbeis ou humildes dos biografados, ora

---

<sup>123</sup> “Perhaps he was also the first to make anecdotes an essential part of biography. We are so used to considering anecdotes the natural condiment of biography that we forget that just as there can be anecdotes without biography so there can be biography without anecdotes”.

para dignificá-los ora para justificar seus defeitos. Nas duas biografias estudadas aqui, há espaço para se contar sobre as origens dos personagens ou de sua família. Em passagem da *Vida de Calígula*, por exemplo, observamos a vergonha do imperador ao considerar seu avô um homem de origem humilde<sup>124</sup>. Além disso, esses temas e algumas anedotas eram comuns a ponto de servirem para mais que um personagem, ou seja, eram transferidos para outros textos (FAIRWEATHER, 1974, p. 267) e isso era considerado, segundo a autora, parte dos métodos compositivos da biografia. Isso explica, por exemplo, porque informações semelhantes aparecem em vidas de personagens importantes em um mesmo contexto, havendo até fórmulas como “x era pupilo de y”, a fim de filiar filósofos à mesma escola, por exemplo (FAIRWEATHER, 1974, p. 259-60).

As narrativas e as anedotas seguiam um certo modelo padrão de criação: a vida imoral, a origem sem apreço e outros temas, não necessariamente anedóticos, mas imprescindíveis nas biografias, como a carreira de estudos, a filiação a uma ou outra corrente filosófica, por exemplo. Todas essas informações, muitas vezes, tinham uma função na biografia: a criação de um contexto comum aos personagens, com o intuito de engrandecer os feitos e a vida do biografado. Portanto, seu caráter fictício era aceitável na construção do gênero e deve ser vista com atenção pelos estudiosos modernos, sem recair em julgamentos negativos que não caberiam a esse tipo de produção. Quando vemos, por exemplo, numa biografia que o retratado teve uma carreira difícil ou veio de uma família de baixa origem, pode ser uma história totalmente fictícia, mas aceitável no método biográfico, para construir uma “aura” em torno da *vida* (*idem*, p. 269). Algumas vezes, histórias miraculosas ou maravilhosas eram empregadas nesse sentido; eventos mitológicos também serviam para ilustrar algum evento ou mensagem que estivesse relacionado ao personagem.

Outras fontes contribuíram com a elaboração das *vidas*: os elogios retóricos

---

<sup>124</sup> Cf. Suet., *Cal.*, XXIII.

e os *exempla*. É importante frisar que os autores nem sempre consultavam fontes primárias, mas muitas vezes materiais de outros escritores, material que passou a aumentar com o surgimento da escrita da história em prosa, ampliando aquele escopo de fontes formado pela poesia inicialmente (FAIRWEATHER, 1974, p. 249). Também os trabalhos de cunho genealógico eram de grande interesse para a composição das biografias, bem como histórias sobre lugares ou obras de arte associados a figuras famosas (*idem*, p. 250-1). Sem contar a importância do uso de inscrições e de epitáfios, estes últimos encontrados frequentemente nas vidas.

Em suma, a biografia apresenta diferentes características que são algumas vezes interpretadas de maneira equivocada nos estudos modernos, que não levam em conta o contexto de sua produção e recepção. A dedução de informações, a criação de histórias ficcionais, que servem a personagens diversos e a diferentes contextos, por mais que pareçam não contribuir para o trabalho historiográfico, são, do ponto de vista da concepção dos antigos, admissíveis na construção biográfica.



## CAPÍTULO IV

### **A *DE VITA IULII AGRICOLAE* DE TÁCITO E A *DE VITA CALIGULAE* DE SUETÔNIO: AS DIFERENTES FORMAS DE ESCREVER UMA BIOGRAFIA.**

Tendo visto a concepção de biografia dos modernos, considerações de autores da antiguidade acerca da historiografia e do texto biográfico, além da breve história e características do desenvolvimento da escrita biográfica, vamos analisar as biografias feitas por Tácito e Suetônio de modo a verificar sua composição e em que medida os pontos que estudamos estão presentes ou não em cada texto. Pretendemos, com isso, perceber de que maneira se organizam os possíveis limites genéricos (história/biografia) – se é que existem – nesses textos.

Antes de iniciarmos nossas observações, cabe justificar brevemente a escolha dos títulos estudados neste trabalho. O principal aspecto que nos chamou a atenção em relação às duas obras é o modo como são abordadas, bem como seus autores, na literatura moderna. Em geral, não há hesitações em se considerar a *De Vita Caligulae* de Suetônio uma biografia e seu autor, um biógrafo, que não teria chegado a compor uma obra historiográfica. O contrário, contudo, ocorre em relação a Tácito. Apesar do título *De Vita Iulii Agricolae*, muitas vezes, tal obra aparece classificada como mais que uma biografia, devido a traços de sua composição e também à posição de cânone da historiografia romana ocupada pelo autor, que, ainda, é muitas vezes posto em comparação com Suetônio, a fim de evidenciar as qualidades de um e outro. Desse modo, sem o intuito de avaliá-las em relação à excelência ou não de cada uma, pretendemos observá-las a fim de pontuar suas características no que diz respeito ao gênero biográfico.

Para realizar nossa análise, foi parte de nosso trabalho traduzir e anotar *Vida de Agricola*, que será apresentada ao final de nossa dissertação. Na discussão da *Vida de*

*Calígula*, empregamos passagens da tradução elaborada por nós em pesquisa de Iniciação Científica, de 2009.

#### **IV. 1. De Vita Iulii Agricola: o elogio de uma vida por meio da história da conquista da Britânia**

O opúsculo de Tácito desde muito tempo levanta debates em torno de sua composição. Trata-se, com efeito, de uma obra com estrutura complexa que encerra diferentes tipos de discursos. Se começamos a refletir sobre a obra a partir de seu título, imediatamente diríamos que se trata de uma biografia. No entanto, a obra taciteana mescla desde elementos biográficos até questões geográficas e históricas sobre a Britânia; é por isso, também, que se torna difícil dizer que ela é uma pura biografia. No entanto, a partir dos elementos teóricos modernos e antigos que levantamos, acreditamos ser possível analisá-la levando em conta seus diferentes aspectos.

Em sua introdução à tradução francesa da obra, Saint-Denis (1942) inicia por dizer que Tácito faz uma

biografia de um comandante, que foi um soldado e um administrador: um capitão dotado de decisão, de engenhosidade, de tenacidade, buscando e doando de si mesmo o exemplo de bravura pessoal, um governador consciencioso, justo, hábil para ganhar os povos conquistados pela atração da civilização e pela integridade da administração<sup>125</sup>. (SAINT-DENIS, 1942, p. vi)

Com efeito, Tácito busca desenhar o caráter de Agrícola durante o texto por meio de suas ações em sua carreira militar. Para demonstrar sua devoção ou poderíamos dizer, sua *pietas* ao sogro, Tácito enuncia seu objetivo: “(...) este livro, destinado ao meu honrado sogro Agrícola, será louvado ou escusado como uma manifestação de minha

---

<sup>125</sup> “(...) biographie d’un administrateur: un capitaine doué de décision, d’ingéniosité, de ténacité, payant de sa personne et donnant l’exemple de la bravoure personnelle, un gouverneur consciencieux, juste, habile à gagner les peuples soumis par l’attrait de la civilisation et par l’intégrité de l’administration”.

devoção filial<sup>126</sup>” (TÁCITO, *Agric.*, III, 3).

A obra se inicia, de fato, por um proêmio, razoavelmente longo, no qual o autor faz uma retomada da tradição em que se insere e que também sustenta suas intenções ao escrever:

Transmitir os feitos e os costumes dos homens ilustres aos pósteros, como há muito tempo é de costume, nem mesmo nossa geração, ainda que negligente para com os seus, deixou de fazer todas as vezes que alguma grande e nobre virtude venceu e superou um erro comum das grandes às pequenas cidades, a ignorância e a inveja do justo. Mas, entre os antepassados, assim como realizar coisas dignas de memória era mais fácil e havia um campo mais livre, todos os homens mais conhecidos pelo engenho eram levados a divulgar a memória da virtude sem parcialidade ou ambição, mas pelo valor, tão somente, de uma boa consciência. Contudo, muitos consideraram que narrar sua própria vida era antes confiança que arrogância de caráter. Isso não foi motivo de desconfiança ou detração para Rutilio e Escauro: a tal ponto as virtudes são mais bem estimadas nesses tempos em que mais facilmente são geradas. Mas agora a mim, que vou narrar a vida de um homem falecido, seria necessária uma licença que eu não pediria para fazer uma acusação tão furiosos e infestos às virtudes são os tempos<sup>127</sup>. (TÁCITO, *Agric.*, I)

Nesse exórdio, Tácito retoma uma antiga tradição e deixa claro seu objetivo: transmitir os feitos dos homens ilustres, como é de costume desde gerações passadas. Saint-Denis (1942) defende que o autor retoma nessa abertura o costume das *laudationes funebres*, compondo um elogio a seu sogro. Como vimos anteriormente, a *laudatio* era pronunciada por um orador ou por um parente do falecido, desse modo, Tácito se

---

<sup>126</sup> <sup>3</sup>*Hic interim liber, honori Agricolae soceri mei destinatus, professione pietatis aut laudatus erit aut excusatus.* Nota-se que Tácito emprega o verbo *laudatus*, o que deixa claro que pretende, de fato, elaborar uma homenagem ao sogro.

<sup>127</sup> <sup>1</sup> *Clarorum uirorum facta moresque posteris tradere, antiquitus usitatum, ne nostris quidem temporibus quamquam incuriosa suorum aetas omisit, quotiens magna aliqua ac nobilis uirtus uicit ac supergressa est uitium paruis magnisque ciuitatibus commune, ignorantiam recti et inuidiam.* <sup>2</sup> *Sed apud priores ut agere digna memoratu prouum magisque in aperto erat, ita celeberrimus quisque ingenio ad prodendam uirtutis memoriam sine gratia aut ambitione bonae tantum conscientiae pretio ducebantur.* <sup>3</sup> *Ac plerique suam ipsi uitam narrare fiduciam potius morum quam adrogantiam arbitrati sunt, nec id Rutilio et Scauro citra fidem aut obtrectationi fuit: adeo uirtutes isdem temporibus optime aestimantur, quibus facillime gignuntur.* <sup>4</sup> *At nunc narraturo mihi uitam defuncti hominis uenia opus fuit, quam non petissem incusaturus: tam saeua et infesta uirtutibus tempora.*



insere em tal tradição ao louvá-lo não só como general, mas também como genro<sup>128</sup>. É verdade que a obra reúne diversos traços da *laudatio funebris*. Primeiro, porque Tácito faz uma homenagem a seu sogro a fim de legar sua imagem à posteridade, e, para isso, emprega os recursos do gênero laudatório na elaboração de seu retrato. Além disso, observamos também que a obra nos apresenta passagens em que podemos pensar num discurso de fato. Em um dos capítulos finais, por exemplo, Tácito se dirige algumas vezes a Agrícola. A impressão que temos é de que Tácito está realmente recitando um discurso para o sogro e lhe dizendo sua importância e o significado de sua morte e, portanto, o vocativo empregado nos remete a um discurso, que poderia ter sido pronunciado:

Você, Agrícola, foi verdadeiramente feliz, não tanto pela extraordinária da vida, mas também pela morte oportuna. [...] Certamente teríamos recebido suas palavras e seus pedidos, que gravaríamos ao fundo da alma. Tal é nossa dor, nossa ferida, nós o perdemos, por uma situação de tão longa ausência, quatro anos antes. Tudo isso, sem dúvida, ó, o melhor dentre os pais, aconteceu tendo junto a sua honra sua amantíssima esposa: contudo, com poucas lágrimas foi chorado e seus olhos desejaram algo mais na derradeira luz<sup>129</sup>. (TÁCITO, *Agric.* XLV, 4-9)

Contribui ainda para o fato de que a obra seja considerada uma *laudatio*, sua organização. Baseado em outros autores, como Gudeman (1902) e Cousin (1936), Saint-Denis (1942) sugere que a obra de Tácito poderia ser considerada uma *laudatio funebris* porque segue exatamente a estrutura sugerida por Quintiliano para uma *laudatio*

---

<sup>128</sup> Para Soverini (2004, p. 9-10), há uma “relação pessoal que liga o próprio autor ao protagonista da biografia: o vínculo parental, que une àquele da estima sincera um sentimento de profundo afeto pelo sogro, intensifica o caráter celebrativo e encomiástico-fúnebre do escrito, fazendo-lhe assumir, sobretudo nos capítulos finais e iniciais, aspectos e implicações relacionadas aos cânones inerentes ao gênero biográfico”. Ou seja, mesmo que Tácito lance mão de uma estrutura do gênero laudatório e se mostre parte dessa tradição, isso converge para a construção de uma obra biográfica.

<sup>129</sup> *Tu vero felix, Agricola, non vitae tantum claritate, sed etiam opportunitate mortis.[...] Noster hic dolor, nostrum vulnus, nobis tam longae absentiae condicione ante quadriennium amissus est. Omnia sine dubio, optime parentum, adsidente amantissima uxore superfuere honori tuo: paucioribus tamen lacrimis comploratus es, et novissima in luce desideravere aliquid oculi tui.*

(*Inst. Orat.*, III) e por outros retóricos, que vimos em capítulo anterior. De fato, Tácito apresenta todos os temas que devem aparecer numa *laudatio*: aborda os antepassados do personagem (IV), suas ações e contextos de realização (VI e ss.), suas qualidades físicas (XLIV) e, por fim, o evento de sua morte (XLIII) e o que aconteceu nos tempos que se seguem (XLVI-VI). A obra se estrutura, como veremos, de modo a narrar todos esses aspectos relativos à vida do general, louvando-os. Ora, poderíamos assumir, então, que a de a *De Vita Iulii Agricolae* é uma *laudatio* escrita tardiamente, na medida em que obedece às regras do gênero<sup>130</sup>. Contudo, há uma questão interessante colocada por Saint-Denis (1942): a obra é um panegírico e, assim, será mesmo parecido com qualquer obra do tipo, apresentando traços muito semelhantes. Segundo o autor, a prescrição quintiliana serve a qualquer obra com esse intuito laudatório. Além disso, ele acrescenta:

se os heróis diferem, as mesmas partes são encontradas necessariamente: considerações sobre o nascimento, as origens, a família, a infância e os estudos; e como não respeitar mais ou menos a ordem cronológica em um gênero em que a biografia ocupa o primeiro lugar? Como não fazer o retrato físico e moral do personagem? Como não exaltar a importância e originalidade de seus feitos? Como não identificar, ao modo de uma peroração, as lições de sua vida? (SAINT-DENIS, 1942, p. xii)

Se compreendemos que a estrutura retórica de uma *laudatio* pode servir de base para uma biografia (ainda mais se lembrarmos das raízes da biografia romana na *laudatio funebris*), podemos passar a observar os demais traços da obra taciteana que fazem jus a seu título, *De Vita Iulii Agricolae*. No primeiro capítulo nota-se que Tácito emprega expressões que nos remetem ao gênero biográfico, como *uitam narrare* e *at nunc narraturo mihi uitam defuncti hominis uenia opus fuit*. O autor, assim como vimos com Plutarco, Nepos e Políbio, e também veremos em Suetônio, diz a seu leitor que seu tema é a vida de Agrícola. Ou seja, como dissemos, a proximidade entre os gêneros

---

<sup>130</sup> Saint-Denis (1942, p. viii) comenta que a única parte da obra que não condiz com uma *laudatio* é o discurso de Calgaco inserido por Tácito.

história e biografia é tal que, muitas vezes, os autores faziam essa distinção ao apresentar a obra a seus leitores, colocando em relevo o foco da narrativa. É preciso observar, no entanto, que logo no início Tácito também menciona sua pretensão de *tradere facta*, ou seja, deseja também transmitir os feitos de Agrícola. No proêmio verificamos dois objetivos do autor: propagar os feitos e narrar a vida. Seria cabível dizer que Tácito está, então, transitando entre uma obra de história, que trata das res gestae ou aqui dos facta e uma biografia<sup>131</sup>, pois narrará a vitam e é por ela que Tácito começa, de fato, a obra.

Antes de passar à narrativa da vida de Agrícola, vale fazer algumas considerações sobre o prólogo<sup>132</sup> elaborado por Tácito, que é bastante incomum no gênero biográfico<sup>133</sup>. Não se pretende dizer, contudo, que nenhuma biografia tinha um exórdio. Vimos que nas biografias de Pelópidas e de Epaminondas escritas por Cornélio Nepos, há breves prólogos que explicam o modo como ele as desenvolverá e sobre o que tratará sua narrativa. Acontece que a abertura de Agrícola, segundo Soverini (2004, p. 99), por exemplo, é única, “pela amplitude de sua extensão e

---

<sup>131</sup> E, portanto, seguindo em certa medida o que propõe Cícero, na carta a Luceio já mencionada.

<sup>132</sup> Segundo Soverini (2004, p. 99), as biografias eram “menos vinculadas, em relação a esta última [de Tácito], à prática, tornada de certo modo ‘canônica’ da composição, de um proêmio destinado a enunciar o argumento a ser tratado, as intenções e critérios adotados pelo autor nessa abordagem”. No original: “(...) meno vincolate, rispetto a quest’ultima, alla prassi, divenuta in certo modo ‘canonica’ - della composizione di un proemio destinato ad enunciare l’argomento in oggetto, nonché gli intenti e i criteri adottati dall’autore per la trattazione di esso”. Para ele, sendo a biografia um “subgênero” da historiografia romana – concepção que preferimos evitar – afirma que “nem Cornélio Nepos, nem Suetônio colocam antes de seus conjuntos de biografias, nem tampouco antes de cada vida particular neles contida, preâmbulos deste tipo” (*idem, ibidem*). De fato, esses autores não fazem proêmios tão detalhados, mas vez ou outra elaboraram pequenos prefácios antes de cada vida. No original: “né Cornelio Nepote né Suetonio premettono alle loro raccolte di biografie, né tantomeno alle singole vite esse contenute, preamboli di questo tipo”.

<sup>133</sup> O exórdio aparece mais frequentemente em obras de história. Cícero recomenda que Luceio faça essa abertura na obra que ele sugere que o amigo escreva (cf. *Ad fam.*, V, 3), e Samósata inclui essa parte na construção da obra de história idealizada por ele (cf. Luciano, *Como se deve escrever a história*, LV). Ambrosio (2005, p. 53 e ss.), no entanto, faz uma análise de prefácios escritos por autores de *vitae*, mostrando como esse “espaço” do texto pode servir às eventuais necessidades de explicações ao leitor. Além disso, examina a relação do exórdio com o discurso demonstrativo.

propósitos<sup>134</sup>". Nele, Tácito começa por aludir às *Origines* de Catão, ao iniciar seu texto pela expressão *clarorum uirorum*, conforme Forni (1962) e Soverini (2004). Ademais, o autor aproveita desse momento anterior à narrativa de seu objeto efetivo para tratar de temas políticos relacionados à época, explicando as dificuldades do período para escrever sua homenagem ao sogro, bem como os tempos que se passaram até a chegada do “belo século”, quando a liberdade voltou a ter lugar no império romano; sem contar a menção a autores que também escreveram biografias ou autobiografia e se filiam, de algum modo, ao gênero.

Depois de fazer seu exórdio, Tácito, finalmente começa a sua narrativa, que constitui, conforme suas palavras, a “manifestação de sua devoção filial” (*Agric.*, III, 3). É a partir do capítulo IV que conhecemos as origens e antepassados de Agrícola, introduzidos conforme os encontramos em geral em outras obras biográficas, a saber, partindo primeiro da menção aos antepassados e genitores:

Gneu Júlio Agrícola, nascido na antiga e conhecida colônia dos Forojulienses, teve ambos os avôs procuradores dos Césares, o que é uma distinção equestre. Seu pai foi Júlio Grecino, da ordem senatorial e conhecido por sua aplicação à eloquência e ao conhecimento. [...] A mãe foi Júlia Procila, de rara castidade, em cujo regaço e ternura transcorreu toda a infância e juventude, e foi educado no cultivo das artes liberais, afastava-o das seduções dos desvirtuosos, além de sua própria natureza boa e íntegra, o fato de que desde pequenino teve como sede e mestra dos estudos Massília, lugar que aliava e harmonizava o refinamento grego à parcimônia provincial<sup>135</sup>. (TÁCITO, *Agric.*, IV, 1- 4)

É fato que, em relação a Suetônio, a exposição se dá de modo muito mais

---

<sup>134</sup> No original: “per ampiezza di estensione e di prospettive, come un ‘unicum’ a sé stante, senza paragonabili riscontri nell’ambito del genere”.

<sup>135</sup> **IV.** <sup>1</sup> *Cn. Iulius Agricola, uetere et inlustri Foroiuliensium colonia ortus, utrumque auum procuratorem Caesarum habuit, quae equestris nobilitas est.* <sup>2</sup> *Pater illi Iulius Graecinus senatorii ordinis, studio eloquentiae sapientiaeque notus [...] Mater Iulia Procilla fuit, rariae castitatis. In huius sinu indulgentiaeque educatus per omnem honestarum artium cultum pueritiam adulescentiamque transegit.* <sup>4</sup> *Arcebat eum ab inlecebris peccantium praeter ipsius bonam integramque naturam, quod statim paruulus sedem ac magistram studiorum Massiliam habuit, locum Graeca comitate et prouinciali parsimonia mixtum ac bene compositum.*

direto e sucinto. Tácito é pontual ao apresentar a família de Agrícola, dando algumas características de seus pais e, depois disso, foca-se em abordar as qualidades do futuro general durante os estudos.

Ao longo dos capítulos V e VI, Tácito introduz as primeiras experiências militares do sogro e, a partir disso, ilustra suas virtudes. Agrícola teria sido exemplar, diferente de outros jovens no exército:

Agrícola não usou desenfreadamente, ao modo dos jovens que transformam a milícia em lascívia, o título do tribunato e a inexperiência para prazeres e licenças na ociosidade, mas conheceu a província, fez-se conhecido do exército, aprendeu com os peritos, seguiu os melhores, nada buscava para se vangloriar, nada recusou por causa do medo e, ao mesmo tempo, agiu de modo cuidadoso e aplicado<sup>136</sup>. (TÁCITO, *Agríc.*, V, 2.)

Em sequência ao êxito no contexto de sua carreira, narra-se sobre seu casamento com Domícia – com quem viveu em *mira concordia* –, sobre o nascimento de sua filha e, por fim, sobre a morte de sua mãe, assassinada pela frota de Oto (VI). A seguir, nos capítulos VII a IX, Tácito trata do início do percurso de Agrícola como chefe de exércitos e seus primeiros governos em algumas províncias. Nota-se que, nesses capítulos, Tácito chega a falar sobre os generais que comandavam tais províncias, ou mesmo sobre a postura das legiões; no entanto, percebe-se com clareza que Tácito está, na verdade, mostrando os costumes de Agrícola e seu comportamento nessas situações. Ou seja, ao mencionar o nome de legados ou generais, como Suetônio Paulino e Petílio Cerial, por exemplo, Tácito chama a atenção para o modo como Agrícola foi por eles recebido, sendo-lhe, muitas vezes, confiados exércitos ou outras funções, ocasiões em que sempre agia de modo honesto:

[Cerial] frequentemente colocou Agrícola à frente de parte do exército,

---

<sup>136</sup> *Nec Agricola licenter, more iuuenum, qui militiam in lasciuam uertunt, neque segniter ad uoluptates et commeatus titulum tribunatus et inscitiam rettulit; sed noscere prouinciam, nosci exercitui, discere a peritis, sequi optimos, nihil adpetere in iactationem, nihil ob formidinem recusare simulque et anxius et intentus agere.*

como experiência; algumas vezes, em decorrência de sucesso, à frente de tropas maiores. Agrícola nunca em sua carreira exaltou-se com seus feitos visando à fama própria, atribuía o sucesso, como um servidor, ao responsável e ao comandante. Assim, com virtude para obedecer, pudor para se vangloriar, estava ao abrigo da inveja sem estar ao abrigo da glória<sup>137</sup>. (TÁCITO, *Agric.*, VIII, 2- 4)

O capítulo IX mostra as ações de Agrícola em alguns de seus legados, as quais lhe renderam a atribuição da província da Britânia e o cargo de cônsul. Além disso, Agrícola concede, nessa época, sua filha em casamento a Tácito. Embora os feitos do general sejam elencados nesses últimos capítulos mencionados, é ainda sobre a *vita* que Tácito narra, sua conduta, que, muitas vezes, é posta em relevo a partir da exposição do comportamento de outros generais ou dirigentes da província. De acordo com Saint-Denis (1942, p. vii), e estamos de acordo com essa leitura, “se as tentativas de todos os predecessores são resumidas antes da narrativa principal, é para desenvolver um pano de fundo, na frente do qual, mais alto que todos, se coloca o próprio Agrícola, único vencedor<sup>138</sup>”.

Até aqui vimos, então, que o foco da obra taciteana é a vida de Agrícola e, portanto, podemos dizer que temos uma biografia. Todavia, nos capítulos seguintes, Tácito muda um pouco o objeto de seu texto: agora a Britânia em si passa a ser o tema central. Tendo seu sogro assumido o comando da região, somos apresentados ao lugar, a seus povos e costumes nos capítulos X e XI. Depois, nos capítulos XII e XIII, abordam-se os aspectos climáticos e o comportamento dos britanos. Com efeito, agora é possível observar um afastamento do que concerne à *vita* de fato. Nessa parte da obra, bem como nas seguintes, encontramos uma construção mais próxima daquilo que aconselha Cícero (cf. *De Oratore*, XV, 62-65 e *Ad fam.*, V) quanto à matéria que compõe

---

<sup>137</sup> *saepe parti exercitus in experimentum, aliquando maioribus copiis ex euentu praefecit.* <sup>3</sup> *Nec Agricola umquam in suam famam gestis exultauit; ad auctorem ac duces ut minister fortunam referebat.* <sup>4</sup> *Ita uirtute in obsequendo, uerecundia in praedicando extra inuidiam nec extra gloriam erat.*

<sup>138</sup> No original: “si les tentatives de tous les prédécesseurs sont résumées avant la narration principale, c’est pour dérouler une toile de fond, devant laquelle se campe, plus haut que tous, Agricola, seul vainqueur”.

a construção da obra de história: a *descriptio regionum*. Tácito explica porque decidiu abordar tais aspectos:

A geografia e os povos da Britânia foram abordados por muitos autores e não é para comparar o cuidado ou engenho que os mencionarei, mas porque só então ela foi por primeiro conquistada completamente. Assim, aquilo que ainda não era acertado, os predecessores adornaram com a eloquência, será contado com o testemunho dos fatos<sup>139</sup>. (TÁCITO, *Agríc.*, X, 1)

Justificada sua escolha, somos levados a conhecer todo o novo território conquistado pelos romanos. Em geral, essa fração da obra contribui para o questionamento em relação a seu gênero<sup>140</sup>, já que nem uma biografia ou um discurso fúnebre admitiriam esse tema narrativo, o que, então, aproximaria a obra de uma monografia histórica, como assinalamos acima. Entretanto, acreditamos que o relato geográfico envolve Agrícola como objetivo. De acordo, mais uma vez, com Saint-Denis (1942, p. vii), “se a Britânia é descrita em diversos capítulos, é para mostrar a importância da conquista e ressaltar a glória daquele que definitivamente a garantiu<sup>141</sup>”. Com efeito, toda a descrição trazida por Tácito aparenta ter como finalidade ressaltar o retrato heroico de Agrícola<sup>142</sup>.

Depois de fornecer um testemunho baseado em fatos sobre a conquista da Britânia e suas características, ou, como diz Saint-Denis (1942, p. xiv), de ter feito uma “digressão pitoresca e científica, em uma viagem ao fim do mundo”, o autor narra

---

<sup>139</sup> <sup>1</sup> *Britanniae situm populosque multis scriptoribus memoratos non in comparationem curae ingeniine referam, sed quia tum primum perdomita est; ita quae priores nondum comperta eloquentia percoluere, rerum fide tradentur.*

<sup>140</sup> Soverini (2004, p. 151) pontua que Tácito emprega uma técnica da “alta historiografia” (conceito que evitamos adotar em nosso trabalho), baseada em Salústio. O autor acrescenta que “do ponto de vista estrutural, além disso, a pausa imposta ao curso natural da narrativa confere maior relevo à seção ‘central’ – quanto à colocação e importância – de toda a obra (...)”. No original: “Dal punto de vista strutturale, inoltre, la pausa imposta al naturale corso della narrazione conferisce maggiore rilievo alla sezione ‘centrale’ – quanto a collocazione e importanza – di tutta l’opera (...)”.

<sup>141</sup> No original: “si la Bretagne est décrite em plusieurs chapitres, c’est pour montrer l’importance de la conquête et rehausser la gloire de celui qui l’a définitivement assuré (...)”.

<sup>142</sup> Podemos pensar ainda que Tácito só pôde ser o primeiro a descrever o que de fato se encontrou nas terras britânicas devido à descoberta realizada por Agrícola, o primeiro a entrar efetivamente e desbravar a ilha.

também alguns eventos históricos que ocorreram após essa conquista.

A partir do décimo quarto capítulo, então, notamos que a obra passa a ter como foco as *res gestae* de Agrícola. Verifica-se uma revista dos primeiros côsules que assumiram o território e do domínio de países vizinhos e seus reis, que se aliaram aos romanos. Em contrapartida, Tácito comenta também sobre a postura dos britanos durante esse processo, que, muitas vezes, revoltavam-se por causa das imposições recebidas e, sobretudo, pela mudança em suas instâncias políticas, afinal, “outrora, eles tinham reis de um em um, agora dois lhes eram impostos, um dos quais, o legado, enraivece-se contra seu sangue, o outro, o procurador, contra os bens” (TÁCITO, *Agric.*, XV, 2). Fatos esses que foram incentivadores para a batalha de Boudica, abordada no capítulo XVI, com a qual a Britânia quase foi perdida, não fosse mantida, por meio de guerras, por Vespasiano (*idem*, XVI).

Ao longo dos capítulos XVIII, observamos a descrição dos feitos de Agrícola a fim de melhorar a situação da Britânia após a guerra. Novamente, percebemos na obra traços de uma “historiografia ciceroniana”: dá-se atenção às motivações dos atos de Agrícola, suas intenções, do modo como vemos nas orientações de Cícero a Luceio. Confundida à narração dos fatos, está a exaltação do caráter do general, a elevação de seus feitos. Tácito faz questão de remarcar a postura de seu sogro em relação a suas ações bem sucedidas:

Assim, pedida a paz e rendida a ilha, Agrícola foi declarado ilustre e grandioso, pois ao entrar na província, momento que outros gastam com a ostentação e grandeza das homenagens, tinha-se decidido pelo labor e pelo perigo. Agrícola não se serviu da prosperidade dos acontecimentos em vão: não chamou de expedição ou vitória o fato de ter contido os vencidos. Não descreveu as façanhas com nenhuma carta laureada, mas pela própria dissimulação da fama, a fama o alcançou dentre os que pensavam com que tamanha expectativa quanto ao futuro ele teria calado coisas tão grandiosas<sup>143</sup>. (TÁCITO,

---

<sup>143</sup> *Ita petita pace ac dedita insula clarus ac magnus haberi Agricola, quippe cui ingredienti provinciam, quod tempus alii per ostentationem et officiorum ambitum transigunt, labor et periculum placuisset. Nec Agricola prosperitate rerum in uanitatem usus, expeditionem aut uictoriam uocabat uictos continuisse; ne laureatis quidem gesta prosecutus est, sed ipsa dissimulatione famae famam auxit, aestimantibus quanta futuri spe tam magna tacuisset.*



*Agric.*, XVIII, 6-7)

Ora, era do feitio de Agrícola, conforme Tácito narra até aqui, agir de modo comedido e modesto, de maneira que, como se por isso mesmo, a fama o procurasse sem ele a almejar. Não há nenhum momento em que possamos perceber o desvio dessa conduta ao longo da obra. Com efeito, o que vemos é uma construção contínua de um elogio às virtudes de um homem em todos os âmbitos de sua vida. Nesse sentido, mais uma vez caberia a aproximação de Tácito dos conceitos ciceronianos, pois, ao narrar os eventos relativos às *res gestae* do personagem, ilumina sua grandiosidade e o lega à posteridade (cf. *Ad fam.*, V). Essa celebração das realizações de Agrícola se estende dos capítulos XXI ao XXVII, nos quais se discorre sobre os sete anos de expedições realizadas pelo general durante seu comando na Britânia.

É interessante observar nesses capítulos que Tácito os constrói segundo uma característica de suas obras posteriores: as incursões do general são apresentadas ano a ano. Assim, desenvolve as mudanças e conquistas realizadas no que concerne à dominação justa do povo da Britânia durante todo o tempo em que esteve à frente dela, tratando da educação, da disciplina do exército etc. Em quase todos os capítulos, a cada vez que se apresenta uma ação de Agrícola, reflete-se dela uma qualidade de seu caráter ao encerrá-los. Tivesse Agrícola auxiliado na conquista de novos povos, como vemos no capítulo XVII, Tácito acrescenta que

Agrícola nunca se apropriou por avidez de façanhas realizadas por outros: fosse o centurião, fosse o prefeito, tinham nele o testemunho incorruptível dos feitos. Para alguns, era, dizia-se, demasiado ácido nas censuras. E como era afável com os bons, não era doce com os maus. De resto, nada que provinha da ira ficava oculto, de tal forma que não se temia o silêncio dele: pensava ser mais honesto ofender que odiar<sup>144</sup>. (TÁCITO, *Agric.*, XVII, 4-6)

---

<sup>144</sup> *Nec Agricola unquam per alios gesta audivit intercepti; seu centurio seu praefectus incorruptum facti testem habebat.* <sup>5</sup> *Apud quosdam acerbior in conviciis narrabatur, et ut erat comis bonis, ita aduersus malos iniucundus.* <sup>6</sup> *Ceterum ex iracundia nihil supererat secretum, ut silentium eius non timeres: honestius putabat offendere quam odisse.*

Ou mesmo, tivesse ele percebido a dificuldade de alguma batalha, em seu sexto ano de cargo, “para que não fosse cercado por causa do maior número e da perícia dos lugares, ele próprio marchou com o exército dividido em três partes” (TÁCITO, *Agric.*, XXV, 4). Desse modo, nesse outro período da obra, percebemos uma narrativa mais cerrada nos feitos de Agrícola, mas não de modo a evidenciá-los em relação só aos eventos históricos, mas, sobretudo, de maneira a lançar luz sobre suas virtudes.

Com a introdução do XXIX capítulo, há uma nova transição na *De Vita Iulii Agricolae*. Tácito nos traz agora um acontecimento mais relativo à sua vida: a perda de um filho que nascera há um ano, “fato que não suportou nem como muitos dos mais fortes dos homens, isto é, com arrogância, nem com lamentos e fraqueza, conforme os modos femininos. Com efeito, a guerra estava entre os remédios para o luto” (*Agric.*, XXIX, 1). Logo em seguida, esse conforto de Agrícola, a guerra, é retomado na obra e vem apresentado também por algo que chama a atenção. No capítulo XXX, o autor insere o discurso, bastante conhecido, pronunciado por Calgaco antes da guerra contra o exército romano, no qual exalta a liberdade da Britânia: “Todas as vezes que eu considero as nossas razões para a guerra e nossa situação crítica, maior é minha esperança de que o dia de hoje e o consenso de vocês será o início da liberdade para toda a Britânia” (*idem*, XXX, 1). A incitação a essa guerra, conforme conta Tácito, foi recebida com muito entusiasmo pelos britanos e, em resposta a isso, Agrícola também enuncia suas palavras, representadas na obra no capítulo XXX a XXXIV. Nesse discurso, Agrícola evoca, estando agora no sétimo ano de seu comando da província, as conquistas suas e de seu exército, os povos submetidos e os motivos pelos quais os romanos devem empreender e vencer a guerra.

A alegria e empolgação dos romanos e a tomada das armas é narrado de modo bastante pungente por Tácito no capítulo XXXV. Então, mais uma vez, a partir do XXXVI capítulo, Tácito volta a inserir um conteúdo mais descritivo na obra.

Descrevem-se de modo bastante minucioso as coortes em batalha, o terror: “a cada passo armas e corpos e membros dilacerados e a terra ensanguentada” (TÁCITO, *Agric.*, XXXVII) e, em seguida, o desfecho de uma “noite [que] foi de alegria, pelos despojos e pelo contentamento, para os vitoriosos” (*idem*, XXXVIII, 1).

No capítulo XXXIX, Tácito narra a angústia de Domiciano ao receber a notícia da real conquista obtida por Agrícola. Ele se preocupava com tamanha glória de um homem que, no momento, estava sendo louvado mais que o próprio imperador. Mesmo assim, não negou ao general os atributos de honra concedidos após a vitória de uma guerra:

Então, os ornamentos triunfais, a honra de uma estátua laureada e tudo o que é oferecido em um triunfo, com muitas expressões honrosas, Domiciano ordenou que lhe fossem votados no senado, e, além disso, fazendo crer que o governo da província da Síria seria destinado a Agrícola, vago desde a morte do cônsul Atilio Rufo, e reservado às pessoas mais ilustres<sup>145</sup>. (TÁCITO, *Agric.*, XL, 1)

Tudo isso não fez com que Agrícola agisse de modo orgulhoso. Tácito assinala o reto comportamento do sogro:

Além disso, para temperar com outras virtudes a reputação como militar, odioso entre os ociosos, dedicou-se plenamente à tranquilidade e ao ócio, modesto na vida, de palavra calma, acompanhado de um ou outro amigo, a tal ponto que muitos, que por costume estimam os grandes homens pela ambição, vendo e observando Agrícola, indagavam o motivo da fama de Agrícola, mas poucos o compreendiam<sup>146</sup>. (TÁCITO, *Agric.*, XL, 5).

Do capítulo XLII em diante, a morte de Agrícola se torna o objeto central da narrativa. O pesar dos familiares, amigos e do povo, bem como a reação à notícia são descritos por Tácito. Conforme comumente se encontra em biografias, houve o rumor

---

<sup>145</sup> *Igitur triumphalia ornamenta et inlustris statuae honorem et quidquid pro triumpho datur, multo uerborum honore cumulata, decerni in senatu iubet addique insuper opinionem, Suriam prouinciam Agricolae destinari, uacnam tum morte Atili Rufi consularis et maioribus reseruatam.*

<sup>146</sup> *Ceterum uti militare nomen, graue inter otiosos, aliis uirtutibus temperaret, tranquillitatem atque otium penitus hausit, cultu modicus, sermone facilis, uno aut altero amicorum comitatus, adeo ut plerique, quibus magnos uiros per ambitionem aestimare mos est, uiso aspectoque Agricola quaererent famam, pauci interpretarentur.*

de que Agrícola teria sido envenenado. Verificamos aqui um *topos* que também observaremos em Suetônio, por exemplo. Além disso, assuntos mais gerais, como seu testamento são tratados até o fim deste capítulo. Em seguida, no capítulo XLIII, Tácito retoma uma estrutura comum a fim de introduzir as informações relativas a Agrícola: a data de seu nascimento, suas características físicas, seu caráter.

Agrícola nascera no terceiro consulado de Gaio César durante os idos de Junho. Morreu no quinquagésimo quarto, no décimo dia antes das calendas de Setembro, sendo cônsul Colega e Priscino. Se os pósteros querem saber também sobre seu exterior, foi mais bem proporcionado que alto: ira alguma em sua fisionomia, a amabilidade sobressaía em seu rosto. É fácil que se acredite que ele tenha sido um bom homem, e com prazer, um homem ilustre. E ele mesmo, embora tenha morrido no meio do que seria uma vida inteira, quanto à glória, alcançou a mais longa carreira, porque conseguiu inteiramente tanto as coisas verdadeiramente boas, que se situam nas virtudes, e também sendo dotado de um consulado e de ornamentos triunfais, o que mais a fortuna poderia lhe acrescentar? Não se alegrava com nímias riquezas, as singulares é que contavam<sup>147</sup>. (TÁCITO, *Agric.*, XLIV, 1)

Percebemos que o espaço destinado a esses detalhes é mínimo na obra taciteana. Em apenas um capítulo os dados são condensados, enquanto que, como veremos em Suetônio, há praticamente um capítulo para cada um desses tópicos. Ferreira (2007, p. 35) propõe uma análise interessante nesse sentido. Segundo o estudioso, a brevidade da descrição física feita por Tácito reflete o juízo que apresentará no capítulo XLVI, 3, em que encoraja que Agrícola seja lembrado por seus atributos de caráter.

Nas últimas duas partes do livro, Tácito elabora um epílogo no qual exalta os novos tempos e lamenta a morte de Agrícola. Primeiro, relata os tempos que

---

<sup>147</sup> *Natus erat Agricola Gaio Caesare tertium consule idibus Iuniis: excessit quarto et quinquagesimo anno, decimum kalendas Septembris Collega Priscinoque consulibus. Quod si habitum quoque eius posteri noscere velint, decentior quam sublimior fuit; nihil impetus in vultu: gratia oris supererat. Bonum virum facile crederes, magnum libenter. Et ipse quidem, quamquam medio in spatio integrae aetatis ereptus, quantum ad gloriam, longissimum aevum peregit. Quippe et vera bona, quae in virtutibus sita sunt, impleverat, et consulari ac triumphalibus ornamentis praedito quid aliud adstruere fortuna poterat? Opibus nimis non gaudebat, speciosae [non] contigerant.*

sucederam sua morte e como o sogro foi, na verdade, feliz por não ter visto momentos tão ruins. Além disso, se justifica pela ausência durante a doença. Depois, no desfecho, encontramos um louvor à alma de Agrícola, um incitamento a que a admiração por ele seja aquela que permaneça na memória dos que o amavam, o que fará com que ele, com certeza, seja lembrado pela posteridade:

Se há algum lugar para os manes dos justos, como agrada aos sábios, não com o corpo as grandiosas almas se extinguem, descanse tranquilamente, e a nós, a tua casa, chame da frágil saudade e dos lamentos femininos para a contemplação de suas virtudes, as quais não é permitido lamentar ou chorar. Antes, com admiração e com louvores imortais e, se a natureza reforçar nos der forças, com a imitação o cultuemos: essa é verdadeira honra, a devoção de seus próximos. E isto também eu recomendaria à sua filha e esposa: venerar a memória seja do pai, seja do marido de tal forma que todos os feitos e ditos dele recordem consigo e abracem mais a forma e a imagem da alma que a do corpo, não porque eu pense que deva proibir as imagens criadas do mármore ou do bronze, mas porque a fisionomia dos homens, assim como as imagens dessa fisionomia, são frágeis e imortais; a forma da alma é eterna, e se conserva ou se exprime não por meio de uma matéria ou arte alheia, mas por nosso próprio caráter. Tudo o que amamos de Agrícola, tudo que nele admiramos, permanece e permanecerá na alma dos homens, na eternidade dos tempos, na fama de suas ações. De fato, muitos dos antigos, como se fossem inglórios e desconhecidos, o esquecimento enterrou. Agrícola, narrado e transmitido à posteridade, sobreviverá<sup>148</sup>. (TÁCITO, *Agric.*, XLVI)

Tendo constituído esse breve percurso dos assuntos da obra, podemos observar com mais clareza sua estrutura. Com efeito, temas diversos perpassam sua

---

<sup>148</sup> *Si quis piorum manibus locus, si, ut sapientibus placet, non cum corpore extinguuntur magnae animae, placide quiescas, nosque domum tuam ab infirmo desiderio et muliebribus lamentis ad contemplationem uirtutum tuarum uoces, quas neque lugeri neque plangi fas est. <sup>2</sup>Admiratione te potius et immortalibus laudibus et, si natura suppeditet, similitudine colamus: is uerus bonos, ea coniunctissimi cuiusque pietas. <sup>3</sup>Id filiae quoque uxorigue praeceperim, sic patris, sic mariti memoriam uenerari, ut omnia facta dictaque eius secum reuoluant, formamque ac figuram animi magis quam corporis complectantur, non quia intercedendum putem imaginibus quae marmore aut aere finguntur, sed ut uultus hominum, ita simulacra uultus imbecilla ac mortalia sunt, forma mentis aeterna, quam tenere et exprimere non per alienam materiam et artem, sed tuis ipse moribus possis. <sup>4</sup>Quidquid ex Agricola amauimus, quidquid mirati sumus, manet mansurumque est in animis hominum in aeternitae temporum, fama rerum; nam multos ueterum uelut inglórios et ignobilis obliuio obruit: Agricola posteritati narratus et traditus superstes erit.*

construção, tal como vimos a *uita*, os *facta*, descrições geográficas e até narração de eventos históricos, para, enfim, retomar a *uita* novamente, tudo isso entre um exórdio e um epílogo elaborados. Essa composição dinâmica é o que dificulta encaixar a obra de Tácito em um ou outro gênero e afirmar de modo contundente que o texto é apenas uma biografia. Com efeito, inúmeras discussões acerca disso são encontradas.

Em geral, conforme aponta Forni (1962, p. 13), diversas nomenclaturas são dadas ao *Agrícola* de Tácito, das quais citamos algumas: “uma *laudatio funebris* escrita em atraso”, “uma biografia encomiástica ou *laudatória*”, “um panegírico mesclado de história”, “uma biografia elogiosa de tom libertário”. De fato, o que primeiro nos chama a atenção é que majoritariamente costuma-se classificar a obra como uma biografia, adicionando, então, características ao gênero. Soverini (2004), por sua vez, enumera três motivos pelos quais é complicado dizer que o *Agrícola* é uma biografia, que resumimos a seguir: 1) Tácito teria um “profundo senso histórico, consciência política”, que o impediriam de conduzir uma narrativa que se caracterize pela “anedota privada, curiosidade particular, enumeração sistemática e sem problematização de eventos e ações” (2004, p. 09); 2) Tácito tinha necessidade de lidar com a questão política do momento; e 3) a relação entre autor-biografado, que nos leva ao tom encomiástico da obra (*idem, ibidem*). É bem verdade que essas questões fazem sentido; no entanto, como pudemos traçar até o momento, tudo isso é exposto na obra de modo a contribuir no retrato do protagonista. Não à toa, Soverini reconhece que em um “indiscutível esquema biográfico de fundo, são enxertadas de várias formas componentes objetivamente estranhos aos cânones daquele gênero, [o biográfico]<sup>149</sup>”, por motivações diversas. Assim, a partir das escolhas realizadas por Tácito, tem-se, com efeito, “uma biografia *sui generis*”, que não se enquadra “aos cânones tradicionais do gênero”<sup>150</sup>.

---

<sup>149</sup> No original: “(...) sull’indiscutibile schema biografico di fondo si siano in varia forma innestate componenti obiettivamente estranee ai canoni di quel genere”.

<sup>150</sup> Na verdade, o que pudemos perceber após esta pesquisa é que não há exatamente cânones no

Em relação aos traços referentes à anedota ou a curiosidades de cunho chistoso, é fato que não as encontramos em Tácito. No entanto, testemunhos orais, característicos da composição biográfica como vimos em Fairweather (1974), fazem parte da obra. No capítulo IV, por exemplo, Tácito menciona uma de suas lembranças:

Tenho na memória que ele mesmo costumava contar que nos albores da juventude teria se impregnado do gosto pela filosofia mais intensamente que o conveniente a um romano ou a um senador, se a prudência da mãe não tivesse contido um espírito ardente e inflamado<sup>151</sup>. (TÁCITO, *Agric.*, IV, 5)

Nessa passagem o autor narra um episódio que tem como fonte o próprio sogro – *ele mesmo costumava contar* –, além de sua memória. Do mesmo modo, Suetônio conta uma lembrança sua de uma narrativa contada por seu avô (Cf. *Cal.*, XIX, 4). Trata-se, na passagem transcrita, de uma anedota baseada em algo que o próprio Agrícola contou e de que Tácito se lembra, que ilustra o comportamento de Agrícola em sua juventude, que não necessariamente é verdadeira, mas que compõe a imagem construída por Tácito. Mais uma vez o autor se utiliza desse artifício a fim de narrar um episódio:

Amiúde ouvi de Agrícola que com uma única legião e módicos auxiliares se podia vencer a guerra e conservar a Hibernia e que isso seria útil até mesmo em relação à Britânia, se armas romanas estivessem em toda parte e a liberdade fosse como que eliminada das vistas<sup>152</sup>. (TÁCITO, *Agric.*, XXIV, 5)

Vemos que os depoimentos de Agrícola sobre a guerra eram considerados dignos de nota e, inseridos no texto, justificavam, nesse caso, as ações empreendidas

---

sentido de modelos do gênero biográfico. Pelo contrário, cada autor parece se destacar por elaborar, apesar de alguns preceitos gerais, uma biografia com estruturas próprias. Afinal, os autores canônicos vistos aqui escreveram, cada um, obras bastante diversas.

<sup>151</sup> *Memoria teneo solitum ipsum narrare se prima in iuventa studium philosophiae acrius, ultra quam concessum Romano ac senatori, hausisse, ni prudentia matris incensum ac flagrantem animum coercuisset.*

<sup>152</sup> *Saepe ex eo audiui legione una et modicis auxiliis debellari obtinerique Hiberniam posse; idque etiam aduersus Britanniam profuturum, si Romana ubique arma et uelut e conspectu libertas tolleretur.*

por ele.

Observamos, desse modo, que, apesar de suas características singulares, tal obra de Tácito pode ser dita uma biografia, sem que isso implique reduzir a obra. Ainda que o autor mescle diversos tipos de discursos ou gêneros em sua composição, observa-se que todos eles convergem para a construção do que foi o percurso de vida de um homem político e de um familiar. Não obstante a descrição de territórios, de suas incursões militares, de contextos políticos da época, é o caráter e os *mores* de Agrícola que são postos em foco na biografia<sup>153</sup>.

#### **IV. 2. *De Vita Caligulae*: uma vida anedótica**

Depois de observar algumas características da obra de Tácito, passamos agora a nossa análise da biografia de Calígula, escrita por Suetônio. Sabe-se que a estrutura e a composição dessas obras diferem bastante entre si. No entanto, podemos dizer que os temas abordados por elas são, em certa medida, muito semelhantes. Com efeito, o modo como são desenvolvidas destoa de forma significativa, pois cada autor apresenta, primeiro, seu estilo próprio, e também porque tem suas escolhas ao focar em um ou outro tema, como buscaremos expor ao longo deste item.

A biografia de Gaio César se inicia pela exposição dos antepassados do príncipe, conforme era usual na composição das obras de *laudatio* e, portanto, da biografia, que embora não sejam o mesmo gênero, seguem alguns preceitos semelhantes em sua composição. Suetônio abre sua biografia nos apresentando, em primeiro lugar Germânico, pai de Calígula:

<sup>1</sup>Germânico, pai de Gaio César, filho de Druso e Antônia, a mais nova, adotado pelo tio paterno Tibério, exerceu a questura cinco anos antes que a lei permitisse e, imediatamente depois, o consulado.

---

<sup>153</sup> Conforme observamos anteriormente no comentário de Plutarco na *Vida de Nícias*.



Enviado para o exército na Germânia, dada a notícia da morte de Augusto, conteve, não se sabe se com maior coragem ou devoção à pátria, todas as legiões que recusavam muito obstinadamente ter Tibério como imperador e que lhe confiavam o mais alto poder da República, e, tendo logo vencido o inimigo, triunfou. <sup>2</sup>Em seguida, nomeado cônsul duas vezes, foi enviado para apaziguar o Oriente antes de assumir o cargo e, tendo apresentado um rei à Armênia, reduzido a Capadócia ao estatuto de província, morreu em Antioquia aos trinta e quatro anos de idade por causa de uma enfermidade prolongada, não sem levantar suspeita de envenenamento. <sup>3</sup>Com efeito, além das manchas que estavam por todo o corpo e da espuma que escorria pela boca, foi encontrado intacto entre os ossos do cremado, também o coração que por natureza, acredita-se, não pode ser consumido pelo fogo quando impregnado de veneno<sup>154</sup>. (SUETÔNIO, *Cal.*, I)

No primeiro capítulo, então, encontramos uma breve biografia de Germânico, a qual compreende os dados de seus genitores, um resumo de suas *res gestae* e o advento de sua morte. Nos capítulos seguintes, Suetônio ainda se detém na narrativa sobre Germânico, explicando a seu leitor, por exemplo, os motivos de sua morte no capítulo II e abordando, até o VI capítulo, temas pertinentes à construção de uma *uita*. No terceiro capítulo as características físicas de Germânico são descritas:

<sup>1</sup>É bastante certo que todas as virtudes, do corpo e da alma, tocaram a Germânico, e de modo tão célebre a nenhum outro: aparência e força egrégias, talento excelente em ambos os gêneros de eloquência e literatura, uma inclinação admirável e eficiente a conquistar o reconhecimento das pessoas e merecer sua afeição. <sup>2</sup>As pernas destoavam de sua beleza, mas estas também pouco a pouco ficaram mais corpulentas por andar a cavalo assiduamente após as refeições<sup>155</sup>.

---

<sup>154</sup> I. <sup>1</sup>*Germanicus, C, Caesaris pater, Drusi et minoris Antoniae filius, a Tiberio patruo adoptatus, quaesturam quinquennio ante quam per leges liceret et post eam consulatum statim gessit missusque ad exercitum in Germaniam, excessu Augusti nuntiato, legiones uniuersas imperatorem Tiberium pertinacissime recusantis et sibi summam rei p. deferentis incertum pietate an constantia maiore compescuit atque hoste mox deuicto triumphauit.* <sup>2</sup> *Consul deinde iterum creatus ac prius quam honorem iniret ad componendum Orientis statum expulsus, cum Armeniae regem dedisset, Cappadociam in prouinciae formam redegisset, annum agens aetatis quartum et tricensimum diuturno morbo Antiochiae obiit non sine ueneni suspicione.* <sup>3</sup> *Nam praeter liuores, qui toto corpore erant, et spumas, quae per os fluebant, cremati quoque cor inter ossa incorruptum repertum est: cuius ea natura existimatur, ut tinctum ueneno igne confici nequeat.*

<sup>155</sup> III. <sup>1</sup> *Omnes Germanico corporis animique uirtutes, et quantas nemini cuiquam, contigisse satis constat: formam et*

(SUETÔNIO, *Cal.*, III, 1-2)

Em seguida, no mesmo capítulo, Suetônio narra as ações em que sobressaem as virtudes do personagem, que o fazem afirmar que Germânico

Colheu abundantemente o fruto de suas virtudes e era tão querido e estimado pelos seus que Augusto (omito os familiares restantes), tendo hesitado durante muito tempo em escolhê-lo como seu sucessor, deu-o em adoção a Tibério. Tão estimado pelo povo, como muitos contam, que, quantas vezes chegasse ou partisse de algum lugar, por causa da multidão que acorria e o seguia, algumas vezes até correu risco de vida (...)<sup>156</sup>. (SUETÔNIO, *Cal.*, IV, 1)

Ao longo dos capítulos V e VI, essa “mini” biografia é finalizada por detalhes acerca da morte de Germânico, encerrando os fatos que ocorreram com sua morte, bem como a homenagem prestada a ele pelos cidadãos e até outros povos. No sexto capítulo, descreve-se a emoção causada pela notícia e o que houve depois de sua morte:

<sup>2</sup>E finalmente, quando a notícia de morte foi divulgada publicamente, consolo nem edito algum pôde fazer parar o luto público que durou até nos dias de festa do mês de dezembro. <sup>3</sup>As atrocidades dos tempos que se seguiram aumentaram a glória e a saudade do falecido, pensando todos, e não sem razão, que por receio e medo de Germânico é que se contivera a ferocidade de Tibério, a qual logo se manifestou<sup>157</sup>. (SUETÔNIO, *Cal.*, VI, 2-3)

Durante os seis capítulos iniciais, então, Suetônio desenvolve uma biografia resumida de Germânico, mas que contém os elementos de base desse tipo de texto. Os

---

*fortitudinem egregiam, ingenium in utroque eloquentiae doctrinaeque genere praecellens, benivolentiam singularem conciliandaeque hominum gratiae ac promerendi amoris mirum et efficax studium.* <sup>2</sup> *Formae minus congruebat gracilitas crurum, sed ea quoque paulatim repleta assidua equi uectatione post cibum.*

<sup>156</sup> **IV.** <sup>1</sup> *Quarum uirtutum fructum uberrimum tulit, sic probatus et dilectus a suis, ut Augustus (omitto enim necessitudines reliquas) diu contactus an sibi successorem destinaret, adoptandum Tiberio dedit; sic uulgo fauorabilis, ut plurimi tradant, quotiens aliquo adueniret uel sicunde discederet prae turba occurrentium prosequentiumue nonnunquam eum discrimen uitae adisse [...].*

<sup>157</sup> <sup>2</sup> *Et ut demum fato functum palam factum est, non solaciis ullis, non edictis inhiberi luctus publicus potuit durauitque etiam per festos Decembris mensis dies.* <sup>3</sup> *Auxit gloriam desideriumque defuncti et atrocitas insequentium temporum, cunctis nec temere opinantibus reuerentia eius ac metu repressam Tiberi saeuitiam, quae mox eruperit.*

itens essenciais da elaboração da *laudatio* relacionados por Quintiliano estão aqui presentes, de modo a compor o seu retrato. O tom da narrativa é elogioso, destacando-se como Germânico era um homem de virtudes em suas ações e comportamento, que se refletiam de modo positivo em suas relações com as pessoas. Alguns paralelos com o Agrícola podem ser feitos aqui: nota-se que Suetônio marca características positivas de Germânico semelhantes às que Tácito menciona sobre o general, por exemplo, a aplicação e bom desempenho no que diz respeito aos estudos, a coragem e êxito na vida militar, a conduta comedida e reta em todos os âmbitos da vida e os males que a morte de ambos deixou vir à tona nos tempos seguintes. A partir disso, podemos observar um certo padrão nos temas abordados a fim de construir a boa imagem dos biografados<sup>158</sup>.

Após essa introdução centrada em Germânico, o capítulo VII se compõe como uma transição do fim da biografia do pai de Calígula para o início de sua própria história. Nele Suetônio apresenta a família que Germânico constituiu:

Casou-se com Agripina, filha de Marco Agripa e Júlia. Teve dela nove filhos, dos quais dois morreram ainda crianças e um já adolescente, de uma graça distinta, cuja imagem, em traje de Cupido, Lúvia ofereceu ao templo de Vênus Capitolina e, tendo Augusto a colocado em seu quarto, quantas vezes lá entrasse, a beijava. Os restantes sobreviveram ao pai. Três eram do sexo feminino: Agripina, Drusila e Lúvia, nascidas no intervalo de três anos; os outros tantos, homens, Nero, Druso e Gaio César. O senado julgou Nero e Druso inimigos públicos por acusação de Tibério<sup>159</sup>. (SÜETÔNIO, *Cal.*, VIII)

Em seguida, dá-se atenção ao nascimento de Gaio, cujo local é submetido a

---

<sup>158</sup> Apesar dessa semelhança entre as biografias de Agrícola e Germânico, a biografia de Calígula se diferencia muito dessas duas. Primeiro, porque Suetônio aborda com mais atenção os vícios de Calígula, ou seja, quase não há um tom encomiástico, e, segundo, porque os temas escolhidos por ele para narrar a vida do príncipe estão mais ligados a diversas esferas “privadas”.

<sup>159</sup> VII. *Habuit in matrimonio Agrippinam, M. Agrippae et Iuliae filiam, et ex ea nouem liberos tulit: quorum duo infantes adhuc rapti, unus iam puerascens insigni festiuitate, cuius effigiem habitu Cupidinis in aede Capitolinae Veneris Lúvia dedicauit, Augustus in cubiculo suo positam, quotiensque introiret, exosculabatur; ceteri superstites patri fuerunt, tres sexus feminini, Agrippina Drusilla Lúuilla, continuo triennio natae; totidem mares, Nero et Drusus et C. Caesar. Neronem et Drusum senatus Tiberio criminante hostes iudicauit.*

uma extensa discussão por Suetônio:

<sup>1</sup>Gaio César nasceu nas vésperas das calendas de setembro durante o consulado de seu pai e de Gaio Fonteio Cápio. <sup>2</sup>A variedade de fontes torna incerto onde teria nascido. <sup>3</sup>Gneu Léntulo Getúlico escreve que nasceu em Tíbur; Plínio Segundo, em Tréveros, no bairro Ambitaruio acima de Comblença. Acrescenta ainda, a favor do argumento, que ali se mostra um altar com a inscrição “em razão do parto de Agripina”. <sup>4</sup>Versos divulgados logo que se tornou príncipe, revelam que foi gerado nos quartéis de inverno das legiões.

Ter nascido nos acampamentos, nutrido em meio aos exércitos paternos, já era um presságio de príncipe designado.

<sup>5</sup>Eu mesmo encontro publicado nos *acta* que nasceu em Âncio. <sup>6</sup>Plínio refutou Getúlico, acusando-o de mentir por adulação, para tomar algo às honras do jovem e glorioso príncipe da cidade sagrada de Hércules, e de ter abusado da mentira mais audaciosamente, pois, quase um ano antes, nascera no Tíbur para Germânico um filho, chamado igualmente Gaio César, de cuja adorável infância e morte prematura falamos acima. <sup>7</sup>A cronologia contradiz Plínio. Pois os que confiaram à memória as ações de Augusto concordam que, acabado o consulado, Germânico foi enviado à Gália já nascido Gaio. <sup>8</sup>Nem a inscrição do altar contribuiu coisa alguma com a opinião de Plínio, pois Agripina deu à luz duas filhas naquela região e qualquer dar à luz, sem distinção alguma de sexo, é chamado de “parto”, pois os antigos chamavam muitas vezes as meninas “pueras”, assim como os meninos de “puellos”. <sup>9</sup>Resta ainda uma carta de Augusto escrita, poucos meses antes que morresse, à neta Agripina sobre tal Gaio (pois então não existia nenhuma outra criança com esse nome): “se os deuses quiserem, que Talário e Asílio conduzam o menino Gaio no 15º dia antes das calendas de junho; ontem decidi com eles. Envio com ele, além disso, um médico dentre meus escravos, sobre quem escrevi a Germânico que, se quisesse, ficasse com ele. Passa bem, minha Agripina, e cuida de chegares bem até teu Germânico”. <sup>10</sup>Penso estar demonstrado plenamente que Gaio não poderia lá ter nascido, porque com quase dois anos foi levado da cidade. <sup>11</sup>Também a cronologia tira os créditos dos versinhos e tanto mais facilmente porque são anônimos. <sup>12</sup>Então deve-se aceitar que uma única autoridade resta, a do documento público, sobretudo porque Gaio, levado para todos os locais e refúgios em Âncio, quando partia não gostava de outro solo a não ser o solo natal, e, segundo se diz, pensou em transferir a sede e o centro do império para lá, por causa do tédio de Roma<sup>160</sup>.

---

<sup>160</sup> VIII. <sup>1</sup>C. *Caesar natus est pridie Kal. Sept. patre suo et C. Fonteio Capitone coss.* <sup>2</sup>*Vbi natus sit, incertum diuersitas tradentium facit.* <sup>3</sup>*Cn. Lentulus Gaetulicus Tiburi genitum scribit, Plinius Secundus in Treueris uico*

(SUETÔNIO, *Cal.*, VIII)

A menção ao nascimento é bastante pontual; o autor se dedica nesse capítulo a discutir as origens do biografado e mostra por meio disso a consulta de informações diversas para embasar sua narrativa. Com Fairweather (1974), vimos que os biógrafos costumavam empregar inúmeras fontes na composição de suas obras e, algumas vezes, segundo a autora, realizavam uma crítica das mesmas a fim de dar ao leitor a possibilidade de tirar suas conclusões sobre o dado informado<sup>161</sup>. É isso que encontramos no oitavo capítulo; Suetônio evoca diferentes documentos e até mesmo histórias não comprovadas para questionar o que se diz sobre o nascimento de Calígula e tenta convencer o leitor de que sua informação é a mais correta – embora este possa confiar nas demais versões apresentadas.

Voltando à narrativa, no IX capítulo, Suetônio trata da infância de Calígula, começando por explicar o epíteto do príncipe, originário de “um gracejo do acampamento, pois fora criado vestido como um soldado raso entre os soldados” (SUETÔNIO, *Cal.*, IX, 1) e mostra a imagem de uma criança afetuosa aos militares, que “liderando sozinho, sem dúvida por sua presença, conseguiu dobrar os agitadores em

---

*Ambitaruio supra Confluentes; addit etiam pro argumento aras ibi ostendi inscriptas ob Agrippinae puerperium. <sup>4</sup>Versiculi imperante mox eo diuulgati apud hibernas legiones procreatum indicant: In castris natus, patriis nutritus in armis, iam designati principis omen erat. <sup>5</sup>Ego in actis Anti editum inuenio. <sup>6</sup>Gaetulicum refellit Plinius quasi mentitum per adulationem, ut ad laudes iuuenis gloriosique principis aliquid etiam ex urbe Herculi sacra sumeret, abusumque audentius mendacio, quod ante annum fere natus Germanico filius Tiburi fuerat, appellatus et ipse C. Cesar cuius amabili pueritia immaturoque obitu supra diximus. <sup>7</sup>Plinium arguit ratio temporum. Nam qui res Augusti memoriae mandarunt, Germanicum exacto consulatu in Galliam missum consentiunt iam nato Gaio. <sup>8</sup>Nec Plini opinionem inscriptio arae quicquam adiuerit, cum Agrippina bis in ea regione filias enixa sit, et qualiscumque partus sine ullo sexus discrimine puerperium uocetur, quod antiqui etiam puellas pueras, sicut et pueros puellos dictarent. <sup>9</sup>Extat et Augusti epistula, ante paucos quam obiret menses ad Agrippinam neptem ita scripta de Gaio hoc-(neque enim quisquam iam alius infans nomine pari tunc supererat): "puerum Gaium XV. Kal. Iun. si dii uolent, ut ducerent Talarus et Asillius, heri cum iis constitui. mitto praeterea cum eo ex seruis meis medicum, quem scripsi Germanico si uellet ut retineret. Valebis, mea Agrippina, et dabis operam ut ualens peruenias ad Germanicum tuum." <sup>10</sup>Abunde parere arbitror non potuisse ibi nasci Gaium, quo prope bimulus demum perductus ab urbe sit. <sup>11</sup>Versicolorum quoque fidem eadem haec eleuant et eo facilius, quod ii sine auctore sunt. <sup>12</sup>Sequenda est igitur, quae sola [auctor] restat et publici instrumenti auctoritas, praesertim cum Gaius Antium omnibus semper locis atque secessibus praelatum non aliter quam natale solum dilexerit tradaturque etiam sedem ac domicilium imperii taedio urbis transferre eo destinasse.*

<sup>161</sup> Cf. Fairweather, 1974, p. 237.

tumulto e que chegavam até mesmo ao furor<sup>162</sup>” (*idem*, IX, 2). Segue-se no próximo capítulo a enumeração de suas demonstrações de *pietas* para com sua família, o que, no entanto, não excluía sua “natureza cruel e vergonhosa” (SUETÔNIO, *Cal.*, XI, 1), descrita no capítulo XI por Suetônio por meio de algumas anedotas que ilustravam essa natureza do príncipe. Depois, no capítulo XII, encontramos a história que circunda a ascensão de Calígula ao principado:

Não muito depois tomou por esposa Júnia Claudila, filha de Marco Silano, um homem muitíssimo nobre. [...] Sendo Sejano então suspeito e logo esmagado, pouco a pouco foi levado à esperança de sucessão.<sup>3</sup>Para que esta se consolidasse, tendo Júnia morrido no parto, a Ênia Névia, esposa de Macrão, que então era líder das coortes pretorianas, incitou ao adultério, e até prometeu seu casamento se do império se apoderasse. Disso deu garantias por juramento e por escrito.<sup>4</sup>Por meio dela, conquistando a amizade de Macrão, conforme alguns contam, acometeu Tibério com veneno e, estando ele ainda respirando, ordenou que lhe fosse arrancado o anel, uma vez que suspeitava que ele o retinha, e então que fosse sufocado com uma almofada. Chegou a apertar-lhe a garganta com suas próprias mãos. Sem demora, um liberto, que gritava diante da atrocidade do crime, foi levado à cruz.<sup>5</sup>Não se afasta da verdade, pois, segundo algumas fontes, ele próprio depois disso declarou que, ainda que não o tenha executado, certamente tinha pensado em cometer parricídio. Vangloriou-se então abundantemente para lembrar sua piedade: para vingar a violenta morte da mãe e dos irmãos, entrara no quarto de Tibério, que dormia, com um punhal e, tomado pela misericórdia, foi embora lançando-a por terra<sup>163</sup>. (SUETÔNIO, *Cal.*, XII)

<sup>162</sup> “*tumultuantis et in furorem usque praecipites solus haud dubie ex conspectu suo flexit*”

<sup>163</sup> **XII.** <sup>1</sup>*Non ita multo post Iuniam Claudillam M. Silani nobilissimi uiri F. duxit uxorem.* <sup>2</sup>*Deinde augur in locum fratris sui Drusi destinatus, prius quam inauguraretur ad pontificatum traductus est insigni testimonio pietatis atque indolis, cum deserta desolataque reliquis subsidiis aula, Seianoque tunc suspecto mox et oppresso, ad spem successionis paulatim admoneretur.* <sup>3</sup>*Quam quo magis confirmaret, amissa Iunia ex partu, Enniam Naeuiam, Macronis uxorem, qui tum praetorianis cohortibus praeerat, sollicitauit ad stuprum pollicitus et matrimonium suum, si potitus imperio fuisset; deque ea re et iure iurando et chirographo cauit.* <sup>4</sup>*Per hanc insinuatus Macroni ueneno Tiberium adgressus est, ut quidam opinantur, spirantique adhuc detrahi anulum et, quoniam suspicionem retinentis dabat, puluinum iussit inici atque etiam fauces manu sua oppressit, liberto, qui ob atrocitatem facinoris exclamauerat, confestim in crucem acto.* <sup>5</sup>*Nec abhorret a ueritate, cum sint quidam auctores ipsum postea etsi non de perfecto, at certe de cogitato quondam parricidio professum; gloriatum enim assidue in commemoranda sua pietate, ad ulciscendam necem matris et fratrum introisse se cum pugione cubiculum Tiberii dormientis et misericordia correptum abiecto ferro recessisse;*

Vemos nessa passagem o suposto golpe empreendido por Calígula a fim de assumir o poder; com o assassinato do tio, marcado pelo envenenamento, artifício presente em diversas artimanhas cometidas por ele ao longo da biografia<sup>164</sup>, observa-se sua ambição e crueldade, que atinge diversas pessoas.

A partir de então a narrativa passa a tratar de Gaio César como príncipe romano ou da “raça humana”, como acrescenta Suetônio (*Cal.*, XIII, 1). Essa nova fase da vida de Calígula é dividida em duas partes, como veremos daqui em diante, anunciadas pelo próprio autor: dos capítulos XIII a XXII, são narradas suas *res gestae* afirmativas em prol de Roma e depois Suetônio enfatiza que passará a abordar uma outra faceta do biografado. Não sem razão, ele nos informa no começo do capítulo: “Até aqui, falamos praticamente de um príncipe, as coisas restantes contaremos de um monstro”<sup>165</sup> (SUETÔNIO, *Cal.*, XXII, 1). Dividimos os capítulos elogiosos desse período da biografia conforme os seguintes temas: popularidade entre o povo (XIV), medidas populares (XV-XVI), carreira política (XVII), promoções culturais (XVIII-XX) e obras públicas (XXI)<sup>166</sup>.

---

<sup>164</sup> Encontramos na biografia episódios em que foi acusado de envenenar a avó Antônia (XXIII), desafiou o irmão que pretendia matar ao perguntá-lo se ousaria se precaver de seus venenos (XXIX), enviou manjares envenenados a amigos (XXXVIII), descobriu-se um baú cheio de venenos em suas coisas (XLIX) e colocou veneno na ferida de um mirmilo chamado Columbo, batizando depois o veneno de “Columbino” (LV).

<sup>165</sup> *Hactenus quasi de principe, reliqua ut de monstro narranda sunt.*

<sup>166</sup> Wardle (1994) sugere a seguinte organização, mais detalhada, para a biografia inteira: **I) Introdução** – a) 1 – 6 “Vida” de Germânico; b) 7 Família de Germânico. **II) Vida de Calígula Pré-ascensão e ascensão** – a) 8 Lugar de nascimento; b) 9 – 12 Infância e vida até morte de Tibério; c) 13 – 14 *Favor universus*. **III) Ações do “Quasi-Princeps”** – a) 15.1-3 *Pietas* familiar; b) 14.4-16 *Clementia* e *ciuilitas*; c) 17.1 *Magistratus*; d) 17.2-21 *Liberalitas* i) 17.2 *Congiaria* etc.; ii) 18 *spectacula* em Roma; iii) 19 Um novo *spectaculum*; iv) 20 *spectacula* fora de Roma; v) 21 *Opera*, realizadas e pretendidas. **VI) Ações do monstro** – a) 22 – 26 *Impietas* e *irreuerentia* em relação a i) 22 deuses; ii) 23-24 família; iii) 25 esposas; iv) 26.1 amigos; v) 26.2-5 as *Ordines*; b) *Saenitia* i) 27-28 ações; ii) 29-31 ações compostas por palavras; iii) 32-33 ações e palavras em momentos inapropriados; iv) 34-35 contra homens de todas as épocas e classes; c) 36 *Impudicitia*; d) 37 *Nepotatus*; e) 38-42 *Rapinae* i) 38.1-3 *calumniae*; ii) 38.4-39.2 *auctiones*; iii) 40 *uectigalia*; iv) 41 *manubiae*; v) 42 *conlationes*; f) 43-49 *Militia* i) 43-47 campanhas; ii) resultados. **V) Vida privada** – a) 50.1 Aparência; b) 50.2-51 Saúde física e psicológica; c) 52 Vestimenta; d) 53 Educação e habilidades oratórias; e) 54 outros *studia*; f) 55 Paixão por *studia* a excessos insanos. **VI) Final** – a) 56 Conspirações; b) 57 *Prodigia*; c) 58 O assassinato; d) 59 Resultados – pessoais; e) 60 Resultados – políticos. Guastella (1992) sugere a divisão conforme

A simpatia de Calígula nesse primeiro momento do principado era tal que o povo não escondia seu carinho por ele. Segundo Suetônio,

[...] quando passara poucos dias depois em ilhas próximas da Campânia, votos foram feitos pela sua volta, e ninguém deixou passar a menor ocasião para declarar o cuidado e a preocupação pelo seu bem-estar. <sup>3</sup>Assim que caiu doente, pernoitando juntos em volta do palácio, não faltaram aqueles que prometessem lutar com armas por sua saúde e que lhe devotavam a própria vida, conforme o cartaz que carregavam<sup>167</sup>. (SUETÔNIO, *Cal.*, XIV, 2-3)

Além disso, Gaio não deixava de realizar ações populares que iam desde homenagens à sua família até medidas sociais, como a expulsão de sodomitas (XVI, 1), a retomada de publicações do império que foram interrompidas por Tibério (XVI, 3) e a diminuição de impostos (XVI, 9). Durante o capítulo XVI, notamos que o biógrafo elenca, de maneira quase pontual, as *res gestae* de Calígula ao assumir o poder. No tópico “Vida Política”, tem-se notícia dos consulados exercidos por ele, colocados seguindo a ordem em que ocorreram, e algumas de suas ações, como promoção de banquetes e gratificação de cavaleiros (XVII). Chama atenção o modo como Suetônio expõe tais dados; diferente de Tácito, que nos dá detalhes da conduta de Agrícola descrevendo sua postura na execução de seus cargos de modo a conhecermos o caráter do general. Em Calígula, em contrapartida, há uma enumeração de uma série de ações – *per species* – que compõem seu possível caráter positivo.

Depois disso, nos três capítulos seguintes, Suetônio elenca um conjunto de ações promovidas no âmbito da cultura, dentre eles, jogos cênicos e circenses, lutas de gladiadores e “um novo e estranho tipo de espetáculo”, como afirma o biógrafo:

---

alguns blocos temáticos principais: 1) Do nascimento à subida ao poder (1-12). 2) Atividade imperial “positiva” (13-22). 3) A crueldade, a selvageria e os excessos (23-42). 4) Atividade militar (43-49). 5) O retrato (50-55). 6) A morte (56-60). Cf. Guastella, 1992, p. 20 e Wardle, 1994, p. 20-21.

<sup>167</sup> <sup>2</sup>*Cum deinde paucos post dies in proximas Campaniae insulas traiecisset, uota pro reditu suscepta sunt, ne minimam quidem occasionem quoquam omittente in testificanda sollicitudine et cura de incolumitate eius.* <sup>3</sup>*Vt uero in aduersam ualitudinem incidit, pernoctantibus cunctis circa Palatium, non defuerunt qui depugnatos se armis pro salute aegri quique capita sua titulo proposito nouerent.*



Pois na distância média entre Baías e os diques puteolanos, um espaço de quase 3.600 passos, construiu uma ponte feita toda com navios mercantes alinhados lado a lado, ancorados e com terra por cima, com a forma da Via Ápia. <sup>2</sup>Por esta ponte foi e voltou ao outro lado em dois dias ininterruptos. No primeiro dia, com um cavalo adornado por fálaras, uma insigne coroa de carvalho, com um cetro, uma espada e um manto dourado. No dia seguinte, vestido como um cocheiro de quadriga e com um carro puxado pelos mais renomados cavalos, trazendo à frente o menino Dário, um dos reféns partas, com uma multidão de pretorianos e uma coorte de amigos em carros de guerra acompanhando. <sup>3</sup>Sei que muitos acreditaram que tal ponte teria sido criada por Gaio rivalizando Xerxes, que não sem admiração ligou com tábuas o Helesponto, um tanto quanto mais estreito; outros julgam que Gaio a teria construído para que a fama de qualquer obra imensa intimidasse a Germânia e a Bretanha, às quais ameaçava. <sup>4</sup>Mas eu ouvia meu avô contando que o motivo da obra, indicado por habitantes do palácio, fora que o astrólogo Trasilo afirmara a Tibério, ansioso quanto a seu sucessor e pendendo para seu verdadeiro neto, que “Gaio não seria imperador, assim como não atravessaria a cavalo o golfo de Baías”<sup>168</sup>. (SUETÔNIO, *Cal.*, XIX)

Aqui vemos algo característico do estilo suetoniano na elaboração da biografia. Após expor as medidas de Calígula, ele narra uma anedota que explique a ideia do novo espetáculo proposto pelo príncipe, construindo uma história que envolve Xerxes e demonstra o desejo de Gaio de fazer-se superior. Por fim, sucintamente, no XXI capítulo, temos as obras públicas que Calígula terminou ou iniciou durante o início de seu principado, dentre eles o templo de Augusto e o teatro de Pompeu.

Faz-se importante notar também a esta altura algumas características da

---

<sup>168</sup> **XIX.** <sup>1</sup>*Nouum praeterea atque inauditum genus spectaculi excogitauit. Nam Baiarum medium interuallum [ad] Puteolanas moles, trium milium et sescentorum fere passuum spatium, ponte coniunxit contractis undique onerariis nauibus et ordine duplici ad anc[h]oras conlocatis superiectoque terreno ac directo in Appiae uiae formam.* <sup>2</sup>*Per hunc pontem ultro citro comueuit biduo continenti, primo die phalerato equo insignisque quercea corona et caetra et gladio aureaque chlamyde, postridie quadrigario habitu curriculoque biugi famosorum equorum, prae se ferens Dareum puerum ex Parthorum obsidibus, comitante praetorianorum agmine et in essedis cohorte amicorum.* <sup>3</sup>*Scio plerosque existimasse talem a Gaio pontem excogitatum aemulatione Xercis, qui non sine admiratione aliquanto angustiores Hellespontum contabulauerit; alios, ut Germaniam et Britanniam, quibus imminebat, alicuius inmensi operis fama territaret.* <sup>4</sup>*Sed auum meum narrantem puer audiebam, causam operis ab interioribus aulicis proditam, quod Thrasyllus mathematicus anxio de successore Tiberio et in uerum nepotem proniori affirmasset “non magis Gaium imperaturum quam per Baianum sinum equis discursurum”.*

estrutura da biografia. Segundo Wardle (1994, p. 21), “Suetônio organiza seu material em vários níveis na *Vida*. (...) É claro que ele abandona na maior parte uma apresentação cronológica e a análise do principado<sup>169</sup>”. No entanto, o aspecto cronológico não deixa de estar, em certa medida, presente no desenvolvimento das rubricas. Observa-se, por exemplo, que os consulados exercidos por Calígula são apresentados em ordem cronológica, assim como seus casamentos<sup>170</sup>. Também na rubrica referente às “promoções culturais”, que mencionamos acima, identifica-se uma organização genérica, conforme aponta Wardle (1994). Os *spectacula* realizados e propostos por Gaio são divididos e ilustrados em subcategorias, sejam elas, os “*munera gladiatoria, scaenici ludi, missilia, circenses, ludi subiti, nouum atque inauditum genus e peregrina*. Para cada um ele detalha a frequência, o local e, quando apropriado, a inovação<sup>171</sup>” (*idem*, p. 24). Desse modo, apesar da cronologia na obra não ser trabalhada do mesmo modo que em Tácito, que, como vimos, chega até mesmo a apresentar os capítulos ano a ano, ela é empregada nas partes em que parece se fazer necessária – como na descrição de um percurso político – e, quando abandonada, é substituída por uma organização coerente com a exposição do tema. Segundo Cizèk (1977, p. 53), as categorias ou rubricas apresentadas levam em conta, de certa forma, um aspecto cronológico, pois são encadeados conforme uma ordem lógica, principalmente na primeira parte da biografia.

Após a narrativa de suas ações positivas e dignas de um príncipe sensato, passa-se a apresentar o lado oposto do comportamento de Gaio César. A primeira atitude do príncipe foi alterar os epítetos pelos quais seria chamado; se antes o povo o chamava “com nomes prósperos como ‘astro’, ‘queridinho’, ‘menina dos olhos’ e ‘bebezinho’” (SÜETÔNIO, *Cal.*, XIII, 2), passou ele a assumir “os mais numerosos

---

<sup>169</sup> No original: “Suetonius organises his material at various levels of the *Life*. (...) it is clear that he abandons for the most part a chronological presentation and analysis of the reign”.

<sup>170</sup> Cf. Wardle, 1994, p. 22.

<sup>171</sup> “*munera gladiatoria, scaenici ludi, missilia, circenses, ludi subiti, nouum atque inauditum genus and peregrina*. For each he details frequency, location and, where appropriate, innovation”.

epítetos (pois de ‘pio’ e ‘filho dos acampamentos’ e ‘pai dos exércitos’ e ‘o melhor e maior César’ era chamado)” (*idem*, XXII, 2). Além disso, ele mesmo se intitulava com nomes divinos:

De fato, foi advertido de que já tinha ido além da posição dos príncipes e dos reis e começou a se lhe atribuir uma majestade divina vinda de um poder elevado; e tendo feito um plano para que as imagens dos deuses, com santidade e arte notável, entre elas a de Júpiter Olímpico, fossem trazidas da Grécia, e arrancada a cabeça para que sobre elas a sua colocasse. Ampliou uma parte do palácio até o fórum, e até mesmo transformou o templo de Cástor e Pólux em um vestíbulo, e amiúde apresentando-se entre os dois irmãos deuses, exibia-se aos que lá iam, no meio deles, para ser adorado e alguns o saudavam como Júpiter Lacial. <sup>4</sup>Instituiu até mesmo um templo particular para seu poder divino, além de sacerdotes e vítimas das mais seletas. <sup>5</sup>No templo se erguia uma imagem em ouro e envolvida cotidianamente por uma veste, tal qual ele próprio usava<sup>172</sup>. (SUETÔNIO, *Cal.*, XXII, 3-5)

A partir daqui começamos a perceber os traços de loucura e os disparates que Suetônio atribui a seu personagem. O teor elogioso, ainda que não de caráter tão encomiástico como o que encontramos em Tácito, dá lugar a “um tom quase que constantemente negativo ao alimentar a cada página a suspeita de preconceito, da condenação *a priori*<sup>173</sup>” (GUASTELLA, 1992, p. 21). A construção de sua monstruosidade é elaborada dentro das seguintes rubricas: “a relação com as irmãs”, com as quais “praticou relações incestuosas” (XXIV), apesar de ter amado mais, dentre elas, Drusila; “a vida matrimonial”, rubrica em que Suetônio elenca todas as mulheres com quem Calígula se casou e como foram tratadas por ele. A última, Cesônia, foi

---

<sup>172</sup> 3. *Verum admonitus et principum et regum se excessisse fastigium, diuinam ex eo maiestatem asserere sibi coepit; datoque negotio, ut simulacra numinum religione et arte praeclara, inter quae Olympii Iouis, apportarentur e Graecia, quibus capite dempto suum imponeret, partem Palatii ad forum usque promouit, atque aede Castoris et Pollucis in uestibulum transfigurata, consistens saepe inter fratres deos, medium adorandum se adeuntibus exhibebat; et quidam eum “Latiarem Iouem” consalutarunt.* 4. *Templum etiam numini suo proprium et sacerdotes et excogitatissimas hostias instituit.* 5. *In templo simulacrum stabat aureum iconicum amiciebaturque cotidie ueste, quali ipse uteretur.*

<sup>173</sup> No original: “(...) un tono così costantemente negativo da allimentare a ogni pagina il sospetto del pregiudizio, della condanna aprioristica”.

quem lhe deu a filha Júlia Drusila, sobre quem

acreditava-se que não havia nenhum indício maior de que fosse sua descendente do que sua crueldade (que havia tamanha também nele), pois atacava com dedos agressivos ao mesmo tempo as faces e os olhos das crianças com quem brincava<sup>174</sup>. (SUETÔNIO, *Cal.*, XXV, 8)

e, finalmente, a “convivência com os familiares e pessoas próximas” (XXVI), os quais muitos “perseguuiu pelos laços do parentesco”, aboliu magistraturas de cônsules, tendo atacados também outras ordens.

A partir do capítulo XXVII, que começa com o anúncio de que Calígula “manifestou a crueldade de seu caráter sobretudo por meio destas coisas” (SUETÔNIO, *Cal.*, XXVII, 1), descreve-se longamente a crueldade de sua personalidade até o capítulo XXXVI. Sua perversidade perpassa esferas diversas, cada uma contada em um capítulo: assassinou pessoas sem motivos aparentes, ateou fogo em um poeta, ameaçava convivas em banquetes, insultou famílias nobres, dentre outras coisas. É nesse intervalo da obra que se encontra a famigerada citação do verso da tragédia *Atreu*, de Ácio; Suetônio diz: “proferia constantemente aquele verso da tragédia: ‘odeiem, contanto que me temam’” (*Cal.*, XXX, 3), conhecido por ter passado pela boca de vários tiranos ao longo da história. Ainda para caracterizar sua insanidade cruel, ao longo dos capítulos XXXVII a XLII, seus atos extravagantes no principado são narrados, esses que o fez ficar praticamente pobre.

Tendo pintado a imagem extremamente negativa de Calígula por meio de anedotas que ilustram suas maldades e loucuras, Suetônio muda o foco de ações para um âmbito mais particular, o militar; desenvolvidas em sete capítulos. Talvez o empreendimento mais importante e conhecido de Gaio tenha sido sua expedição à Germânia, mencionada também por Tácito, na *Vida de Agrícola*, para dar um exemplo de uma conquista malsucedida (XXXIII, 4). Nessa empreitada, conta-se que Calígula

---

<sup>174</sup> *8Nec ullo firmiore indicio sui seminis esse credebat quam feritatis, quae illi quoque tanta iam tunc erat, ut infestis digitis ora et oculos simul ludentium infantium inceseret.*

<sup>2</sup>-sem demora, com as legiões e a tropa auxiliar convocadas em todos os lados, de todo lugar recrutou com muitíssimo rigor, reunindo provisões de todo tipo, o quanto nunca se reuniu antes, pôs-se em marcha de modo tão precipitado e rápido, que as cortes pretorianas, contra o costume, puseram as insígnias nos jumentos e assim reunidas seguiram de perto<sup>175</sup>. (SUETÔNIO, *Cal.*, XLIII, 2)

No que concerne seu comportamento como comandante, vemos que Suetônio elenca alguns de seus atos a fim de mostrá-lo, e mesmo aqui há sinais iniquidade. Segundo o biógrafo,

Depois que chegou ao acampamento, para se mostrar um comandante enérgico e severo demitiu com ignomínia os embaixadores que levaram as tropas auxiliares tarde demais de lugares diversos. E, na revista do exército, tirou os primipilos dos centuriões, a maioria deles já maduros e outros que completariam o tempo de serviço em pouquíssimos dias, sob o pretexto de velhice e debilidade. Reduziu o soldo de outros a seiscentos sestércios, suprimindo as recompensas de soldados eméritos acusando-os de cobiça<sup>176</sup>. (SUETÔNIO, *Cal.*, XLIV)

Também sua imoderação está presente nessa rubrica, pois que forjou uma guerra, bem como seu triunfo, chegando a escolher “alguns chefes para a pompa e os levou não só a tingir de vermelhos e deixar crescer o cabelo, mas também a aprender a língua dos germanos e a adotar nomes bárbaros” (SUETÔNIO, *Cal.*, XLVII, 1) para apresentar no dia da festividade. O tópico relacionado aos feitos militares é elaborado também segundo uma ordem cronológica dos fatos. Embora não haja as datas dos eventos, a primeira empresa é narrada conforme a ordem dos acontecimentos, marcada por passagens que a evidenciam, como “depois que chegou” e, em seguida, “logo

---

<sup>175</sup> *2-neque distulit, sed legionibus et auxiliis undique excitis, dilectibus ubique acerbissime actis, contracto et omnis generis commeatu quanto numquam antea, iter ingressus est confecitque modo tam festinanter et rapide, ut praetorianae cohortes contra morem signa iumentis imponere et ita subsequi cogerentur [...].*

<sup>176</sup> **XLIV.** *1-Postquam castra attigit, ut se acrem ac seuerum ducem ostenderet, legatos, qui auxilia serius ex diuersis locis adduxerant, cum ignominia dimisit; at in exercitu recensendo plerisque centurionum maturis iam et nonnullis ante paucissimos quam consummaturi essent dies, primos pilos ademit, causatus senium cuiusque et imbecillitatem; ceterorum increpita cupiditate commoda emeritae militiae ad ¶sescentorum¶ milium summam recidit. [...].*

faltando pretexto para a guerra”. No entanto, como bem nota Wardle, a rubrica segue um curso que tem como clímax e finalização “atrocidades antecipadas da transferência da capital do império e o assassinato dos principais senadores e *Equites*, um rumor baseado nas notas secretas de Calígula e caixas com veneno<sup>177</sup>” (1994, p. 25).

Uma nova rubrica se inicia no capítulo L, que caminha para o final da biografia e introduz as características físicas e psicológicas do príncipe. De maneira diversa de Tácito, que se limita a mencionar muito rapidamente as características de Agrícola, Suetônio nos fornece um minucioso retrato físico de seu biografado:

<sup>1</sup>Foi de estatura eminente, rosto lívido, corpo desproporcional, com as pernas e o pescoço muito esguios, os olhos e as têmporas fundos, a fronte larga e sisuda. Tinha pouco cabelo e nenhum em cima da cabeça, cabeludo no restante do corpo. <sup>2</sup>Por isso olhá-lo pela parte de cima ou por inteiro enquanto andava, ou por qualquer motivo pronunciar “cabra”, era considerado criminoso e fatal. <sup>3</sup>O semblante era, com efeito, naturalmente horrível e repugnante e até mesmo o tornava feroz de propósito, ao inventar compô-lo em frente ao espelho para provocar total terror e espanto<sup>178</sup>. (SUETÔNIO, *Cal.*, L, 1-3)

Nota-se que o semblante descrito por Suetônio condiz com toda a imagem construída ao longo da biografia, de alguém com um comportamento sádico, que por vontade própria manipula a face de maneira a causar medo. Oposto a isso, Agrícola foi apresentado como alguém cuja alegria estava o tempo todo na face e, por isso, não seria uma pessoa difícil de amar, e isso bastou para descrevê-lo fisicamente. Quanto às características psicológicas, Suetônio situa na infância de Calígula o início de suas perturbações, pois que sofria de epilepsia e de alguns males súbitos durante a adolescência, além de sofrer de insônia. Também seu modo de se vestir evidenciava

---

<sup>177</sup> No original: “(...) forestalled atrocities of moving the imperial capital and of murdering the leading senators and *Equites*, a rumour substantiated by Caligula’s secret notebooks and cache of poisons”.

<sup>178</sup> **L.** <sup>1</sup>*Statura fuit eminenti, colore expallido, corpore enormi, gracilitate maxima ceruicis et crurum, oculis et temporibus concanis, fronte lata et torua, capillo raro at circa uerticem nullo, hirsutus cetera.* <sup>2</sup>*Quare transeunte eo prospicere ex superiore parte aut omnino quacumque de causa capram nominare, criminosum et exitiale habebatur.* <sup>3</sup>*Vultum uero natura horridum ac taetrum etiam ex industria efferabat componens ad speculum in omnem terrorem ac formidinem.*

suas características desajustadas. Segundo Suetônio,

<sup>1</sup>A roupa, o calçado e os demais trajes que sempre usou não eram nem tradicionais, nem populares, nem sequer dignos de um homem ou, em suma, de um ser humano. <sup>2</sup>Muitas vezes apareceu em público vestido com capas bordadas e ornadas com pedras preciosas, com braceletes e com túnicas com mangas; às vezes, com uma cíclade e com seda. Ora aparecia em sandálias ou em coturnos, ora em botinhas de espiões. Algumas vezes, com tamancos de mulher e, muitas outras, com uma barba dourada, deixava-se ver portando um raio ou um tridente ou um caduceu, insígnias dos deuses, e até mesmo vestido de Vênus. <sup>3</sup>Trazia, frequentemente, ornamentos triunfais mesmo antes de sua expedição e de vez em quando a armadura de Alexandre, o Grande, trazida de seu túmulo<sup>179</sup>. (SUETÔNIO, *Cal.*, LII, 1-3)

Algumas de suas loucuras, características de seu comportamento problemático, são narradas, como suas ações em relação a seu cavalo *Incitatus*. Sabe-se que fez para ele uma estrebaria toda em mármore e exigia silêncio em dias de jogos para que o animal não fosse incomodado. Além disso, “resolveu também, dizem, que ele seria cônsul” (SUETÔNIO, *Cal.*, LV, 8).

Pudemos observar ao longo das passagens apresentadas que Suetônio compõe o caráter de Calígula tendo em consideração diferentes contextos em que sua conduta ética e seus desvios psicológicos se manifestam. Segundo Guastella,

a propensão do príncipe para o excesso e a transgressão vêm mostradas em todos os seus aspectos, e em cada seção são reportados um ou mais episódios significativos. Também a descrição dos traços físicos e dos hábitos de Gaio, por volta do fim da biografia, são utilizados para ilustrar conclusivamente o quadro psicológico já delineado no centro da obra: expressões da face, modo de se vestir e predileções culturais que se tornam, também esses, sinais de um

---

<sup>179</sup> **LII.** <sup>1</sup>*Vestitu calciatuque et cetero habitu neque patrio neque civili, ac ne virili quidem ac denique humano semper usus est.* <sup>2</sup>*Saepe depictas gemmatasque indutus paenulas, manuleatus et armillatus in publicum processit; aliquando sericatus et cycladatus; ac modo in crepidis uel coturnis, modo in speculatoria caliga, nonnumquam socco muliebri; plerumque uero aurea barba, fulmen tenens aut fuscina aut caduceum deorum insignia, atque etiam Veneris cultu conspectus est.* <sup>3</sup>*Triumphalem quidem ornatum etiam ante expeditionem assidue gestavit, interdum et Magni Alexandri thoracem repetitum e conditorio eius.*

desequilíbrio interior<sup>180</sup>. (GUASTELLA, 1992, p. 27)

Em razão desse seu comportamento, despertou o ódio de muitos e inclusive várias conspirações que foram, algumas vezes, descobertas por ele. Uma delas seria efetivamente realizada e anunciada por presságios, segundo Suetônio. Tais augúrios, todos de caráter bastante anedótico, são narrados no capítulo LVII, que antecede a notícia de sua morte. Suetônio narra não só o fato do falecimento, mas tudo o que aconteceu antes de seu assassinato, dando detalhes dos acontecimentos do dia:

<sup>1</sup>No nono dia antes das calendas de fevereiro, por volta da hora sétima, hesitou em se levantar para o almoço, estando com o estômago farto pelo peso da comida do dia anterior, finalmente saiu, tendo os amigos o persuadido. <sup>2</sup>Quando estava em uma gruta pela qual deveriam passar nobres crianças vindas da Ásia, que se preparavam para atuar em cena, parou, olhou-as e as incentivou, e se o chefe da companhia de atores não dissesse que estava frio, teria querido apresentar imediatamente o espetáculo. <sup>3</sup>Daí em diante, há duas versões: alguns contam que enquanto falava com as crianças, pelas costas, com a espada, Queréia o feriu gravemente no pescoço com vários golpes, soltando o grito: “Tome!”. Em seguida, Cornélio Sabino, outro tribuno entre os conspiradores, de frente a ele, atravessou-lhe o peito. Para outros, Sabino, com a multidão afastada por centuriões que eram cúmplices, pedira a senha como era costume do exército, e com Gaio respondendo “Júpiter”, Queréia exclamou: “Recebe como cumprida!”. E ao que ele voltava o olhar, com um golpe rasgou-lhe o maxilar. <sup>4</sup>Caíndo e com os membros contraídos, gritava que estava vivo e os demais o mataram com trinta golpes, e a senha de todos era: “outra vez!”. <sup>5</sup>Alguns, até pelos genitais fizeram entrar a espada. <sup>6</sup>Ao primeiro tumulto, carregadores de liteira correram para ajudar com as estacas, e logo guardas do corpo germânico mataram alguns dos assassinos, e até senadores inocentes<sup>181</sup>. (SUETÔNIO, *Cal.*, LVIII)

---

<sup>180</sup> No original: “la propensione del principe per l’eccesso e la trasgressione viene mostrata in tutti i suoi aspetti, e in ogni sezione sono riportati uno o più episodi significativi. Anche la descrizione dei tratti fisici e delle abitudini de Gaio, verso la fine della biografia, viene utilizzata per illustrare conclusivamente il quadro psicologico già delineato al centro dell’opera: espressioni del volto, modo di vestire e predilezioni culturali diventano anch’essi segni di uno squilibrio interiore”.

<sup>181</sup> **LVIII.** <sup>1</sup>VIII. *Kal. Febr. hora fere septima cunctatus an ad prandium surget marcente adhuc stomacho pridiani cibi onere, tandem suadentibus amicis egressus est.* <sup>2</sup>*Cum in crypta, per quam transeundum erat, pueri nobiles ex Asia ad edendas in scaena operas euocati praepararentur, ut eos inspiceret hortareturque restitit, ac nisi princeps*



Novamente observamos aqui uma das práticas de Suetônio ao fornecer mais que uma versão para o fato apresentado. As duas variantes do fato conferem mais vivacidade à narrativa, que atinge aqui seu clímax, para depois passar ao fechamento característico das obras biográficas, a saber, com uma breve exposição dos dados do dia de sua morte e um comentário acerca dos tempos que se seguem:

<sup>1</sup>Viveu vinte e nove anos, imperou por três anos, dez meses e oito dias. <sup>2</sup>Seu corpo foi secretamente levado para os jardins Lamianos e semicremados numa pira feita às pressas e foi coberto com uma leve relva. Depois, pelas irmãs vindas do exílio, foi exumado, cremado e sepultado. <sup>3</sup>Diz-se que antes que isso acontecesse, os guardas dos jardins eram perturbados por espectros e também, naquela casa em que morreu, nenhuma noite se passou sem algo aterrorizante, até o dia em que a própria casa foi consumida por um incêndio. <sup>4</sup>Morreu de uma vez só junto com ele a esposa Cesônia, traspassada pela espada de um centurião, e também a filha, atirada contra uma parede<sup>182</sup>. (SUETÔNIO, *Cal.*, LIX)

E encerra:

<sup>1</sup>Qualquer um pode avaliar a condição daqueles tempos por meio destas coisas que se seguem. <sup>2</sup>De fato, divulgada a catástrofe, não se acreditou imediatamente e se suspeitou que o boato do assassinato fora tramado e espalhado pelo próprio Gaio, para que descobrisse, desse modo, o juízo dos homens a seu respeito. O senado decidiu unanimemente pela defesa da liberdade de tal modo que, primeiro, não na cúria, porque se chamava Júlia, mas no Capitólio, convocaram os

---

*gregis algere se diceret, redire ac repraesentare spectaculum uoluit. <sup>3</sup>Duplex debinc fama est: alii tradunt adloquenti pueros a tergo Chaeream cernicem gladio caesim grauiter percussisse praemissa uoce: "hoc age!" Dehinc Cornelium Sabinum, alterum e coniuratis, tribunum ex aduerso traiecisse pectus; alii Sabinum summota per conscios centuriones turba signum more militiae petisse et Gaio "Iouem" dante Chaeream exclamasse: "accipe ratum!" Respicientique maxillam ictu discidisse. <sup>4</sup>Iacentem contractisque membris clamitantem se uiuere ceteri uulneribus triginta confecerunt; nam signum erat omnium: "repete!" <sup>5</sup>Quidam etiam per obscaena ferrum adegerunt. <sup>6</sup>Ad primum tumultum lecticari cum asseribus in auxilium accucurrerunt, mox Germani corporis custodes, ac nonnullos ex percussoribus, quosdam etiam senatores innoxios interemerunt.*

<sup>182</sup> LIX. <sup>1</sup>Vixit annis uiginti nouem, imperauit triennio et decem mensibus diebusque octo. <sup>2</sup>Cadaver eius clam in hortos Lamianos asportatum et tumultuario rogo semiambustum leui caespite obrutum est, postea per sorores ab exilio reuersas erutum et crematum sepultumque. <sup>3</sup>Satis constat, prius quam id fieret, hortorum custodes umbris inquietatos; in ea quoque domo, in qua occubuerit, nullam noctem sine aliquo terrore transactam, donec ipsa domus incendio consumpta sit. <sup>4</sup>Perit una et uxor Caesonia gladio a centurione confossa et filia parieti inlisa.

cônsules, e alguns, em sua vez de dar seu parecer, declararam que se deveria abolir a memória dos césaes e demolir-lhes os templos.<sup>3</sup>Observou-se e se notou, antes de tudo, que todos os Césares que tiveram o prenome Gaio morreram pelo ferro, já desde aquele que foi morto na época de Cina<sup>183</sup>. (SUETÔNIO, *Cal.*, LX)

Tendo examinado a síntese da *De Vita Caligulae*, foi possível destacar a estrutura da obra. De fato, verificam-se as questões comumente apontadas em sua construção, como a narrativa desprendida do contexto histórico, a enumeração de eventos relativos à vida do príncipe, sejam eles, às vezes, trazidos por meio da descrição de suas *res gestae*, e a abundante presença de anedotas que elucidam os episódios na biografia.

Recapitulando a constituição da biografia, temos nos polos da narrativa os temas referentes às origens e à morte de Gaio César. Com muitos detalhes, são apresentados seus antepassados, com especial atenção a Germânico, seu pai, que ocupa parte considerável da introdução do texto. Trata-se ainda de seu nascimento, educação – bem menos trabalhada que no *Agrícola* de Tácito – e de seu percurso anterior à ascensão ao poder, ou seja, usando as palavras de Guastella, a primeira parte da biografia se constitui dos “elementos de *identificação*” do protagonista (1992, p. 18), e o autor completa: “na segunda parte, ao contrário, desenvolve-se metodicamente uma série de exemplos da crueldade que manifesta a verdadeira natureza do ‘monstro’<sup>184</sup>” (*idem, ibidem*). Entre as duas partes referentes ao nascimento e à morte do príncipe encontramos a narrativa de suas *res gestae* enquanto assumiu o poder, como as medidas tomadas em âmbitos tanto político quanto de entretenimento ou suas incursões militares, catalogadas em grupos, nos quais se sobressai seu comportamento

---

<sup>183</sup> LX. <sup>1</sup>*Conditionem temporum illorum etiam per haec aestimare quinis possit.* <sup>2</sup>*Nam neque caede uulgata statim creditum est, fuitque suspicio ab ipso Gaio famam caedis simulatam et emissam, ut eo pacto hominum erga se mentes deprehenderet; neque coniurati cuiquam imperium destinauerunt; et senatus in asserenda libertate adeo consensit, ut consules primo non in curiam, quia Iulia uocabatur, sed in Capitolium conuocarent, quidam uero sententiae loco abolendam Caesarum memoriam ac diruenda templa censuerint.* <sup>3</sup>*Observatum autem notatumque est in primis Caesares omnes, quibus Gai praenomen fuerit, ferro perisse, iam inde ab eo, qui Cinnanis temporibus sit occisus.*

<sup>184</sup> No original: “Nella seconda parte, invece, si svolge metodicamente la serie di esempi di crudeltà che manifesta la più vera natura del ‘monstro’”.

desmesurado. De acordo com Guastella, pode-se sintetizar do seguinte modo a escrita da biografia de Calígula:

O modo de proceder de Suetônio, como se sabe, é distante daquele tipo de biografia ao qual estamos hoje mais habituados: a biografia, ou seja, que segue cronologicamente o curso da vida, evidenciando as evoluções e as involuções da personalidade, com base no modelo geral tacitamente pressuposto de um desenvolvimento pela progressiva aquisição. A sequência cronológica, tão indispensável ao modo de fazer história da própria analística, em Suetônio falta quase de todo. À parte do quadro geral, que enquadra o personagem entre as fases naturais do nascimento e da morte, se pode dizer que o desenvolver no tempo da vida dos imperadores vem seguido somente na fase precedente à obtenção do poder. Uma vez atingido tal momento, a narrativa abandona a ordem a nós mais costumeira e se fragmenta em uma série de seções, dedicadas cada uma a particulares características psicológicas, iniciativas políticas ou jurídicas, empresas militares e assim por diante [...]<sup>185</sup>. (GUASTELLA, 1992, p. 19)

Ao observar a composição dessa estrutura, percebemos que, dentre os preceitos de autores antigos que examinamos neste trabalho, aqueles discutidos pelos autores de biografias parecem pertinentes à obra suetoniana, ao passo que dos propostos por Cícero e Luciano, por exemplo, poucos se apresentam na obra suetoniana, evidência de que a biografia não pretende mesmo seguir os mesmos métodos de composição da história. Podemos verificar na obra aqueles relativos à construção da *laudatio*, abordados por Quintiliano, e que assinalam os gêneros textuais que têm como objetivo tratar, por exemplo, das virtudes de uma pessoa enquanto narra sobre sua vida. Além disso, os feitos de Calígula são empregados para ilustrar a vida,

---

<sup>185</sup> No original: “Il modo di procedere di Suetonio, com'è noto, è lontano dal tipo di biografia cui siamo oggi più abituati: la biografia, cioè, che segue cronologicamente il corso della vita, evidenziando evoluzioni e involuzioni della personalità, in base al modello generale tacitamente presupposto di uno sviluppo per progressive acquisizioni. La sequenza cronologica, così indispensabile al modo di far storia della stessa annalistica, in Suetonio manca quasi del tutto. A parte la cornice, che inquadra il personaggio fra le tappe naturali della nascita e della morte, si può dire che lo svolgersi nel tempo della vita degli imperatori venga seguito solo nella fase precedente al raggiungimento del potere. Una volta toccata questa soglia, la narrazione abbandona l'ordine per noi più consueto e si frammenta in una serie di sezioni, dedicate ciascuna a particolari caratteristiche psicologiche, iniziative politiche o imprese militari e così via”.

como vimos em Nepos e Plutarco.

No que concerne à forma de escrita sugerida por Cícero, pouco se encontra em Suetônio, justamente porque ele não pretende escrever história. Os elementos constituintes da *exornatio* ciceroniana estão à parte da biografia de Calígula: não é uma preocupação do autor elaborar os eventos biográficos por meio de descrições de lugares ou mesmo dos acontecimentos narrados, que são, como já mencionamos, quase que um catálogo. Seu foco é tratar da *vita* e quando aborda as *res gestae* é com o intuito de demonstrar o caráter, como pudemos observar em outras fontes antigas. Enfim, dada essa ausência dos elementos da *exornatio*, pode-se dizer em relação à *inuentio* ciceroniana, ou seja, àquilo que diz respeito à matéria desenvolvida, nota-se que Suetônio o faz sobretudo por meio de anedotas. É a partir delas que as informações biográficas tomam forma, ilustrando um homem que foi, em um primeiro momento, piedoso e virtuoso, e, depois, um monstro, nas palavras de Suetônio. A *inuentio* taciteana se aproxima mais do que propõe o orador na elaboração de uma monografia histórica. Com efeito, vimos em Momigliano (1993) que diferir também uma monografia histórica, que se centra na narrativa sobre um personagem, como sugere o próprio Cícero a Luceio, é bastante complexo, uma vez que não há fronteiras claras entre esses dois tipos de texto.

Além disso, a ordem temporal proposta por Cícero, para a história, presente, em certa medida, na obra de Tácito, é rearranjada em Suetônio, pois, ainda que não seja completamente ausente, aparece sobretudo na primeira parte da biografia, que, depois, passa a se organizar a partir de outros parâmetros, que diferem em cada rubrica apresentada. Por fim, em relação a Luciano, o texto escapa à sua ideia de história pois, que se interessa pelo encômio e pela vituperação e não pela exposição de *res* concernentes a um contexto histórico principal. Esse fator justifica também a ausência de desenvolvimento da conjuntura do principado de Calígula, com frequência apontada como uma deficiência da biografia. Conforme defende Guastella,

o texto de Suetônio não intenta dar conta da política de Calígula.[...] O interesse histórico que o biógrafo pode (não necessariamente deve) nutrir, se faz inevitavelmente função da ótica assumida: que é aquela que aborda uma história pessoal, ainda quando essa história se revela emblemática de uma época inteira<sup>186</sup>. (GUASTELLA, 1992, p. 24)

Enfim, verificamos que, de fato, as questões indicadas pela crítica na biografia suetoniana estão presentes em sua obra, mas não significam uma falta de elaboração do texto. Elas fazem sentido na medida em que consideramos suas escolhas na composição da vida: ao lançar a luz nos eventos “privados”, trabalhando-os por meio de anedotas e sem colocar como pano de fundo um contexto mais amplo em que essas ações aconteceram, o autor cria o retrato de Calígula e de sua vida.

---

<sup>186</sup> No original: “il testo di Suetonio non intende dare conto della politica di Caligola. [...] L’interesse storico che il biografo può (non necessariamente deve) nutrire, si fa inevitabilmente funzione dell’ottica assunta: che è quella di chi affronta una vicenda personale, anche quando questa vicenda su rivela emblematica di un’intera epoca”.

## CAPÍTULO V

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho buscamos fazer uma revisão da bibliografia a respeito da biografia antiga com o intuito de observar sua constituição como gênero literário. Para tanto, observamos desde as considerações de autores contemporâneos até as de autores antigos, a fim de verificar como a biografia seria entendida: um gênero autônomo, com características e desenvolvimento próprios ou um subgênero da história. Verificamos, também, um pouco da história de sua formação, examinando o percurso que seguiu até se constituir como um tipo de texto específico, com métodos de elaboração possivelmente distintos da história.

Pudemos perceber que há uma longa discussão em volta do que se poderia chamar de gênero biográfico e um dos pontos que comumente encontramos na avaliação dos modernos é que a biografia antiga é considerada um ramo menos elaborado da historiografia e, além disso, é, muitas vezes, avaliada a partir de conceitos e características desta, o que diminui seu estatuto literário. No entanto, ao levarmos em conta as reflexões de escritores antigos, de gregos a romanos, chegamos à conclusão de que essa discussão existe há muitíssimo tempo. Nas obras de Cícero, Quintiliano e Nepos e ainda em Políbio, Luciano de Samósata e Plutarco, encontramos discussões relativas à construção de diversos gêneros textuais existentes na Antiguidade.

De modo resumido, observamos com esses autores que havia uma diferença entre escrever uma obra de história ou uma obra sobre uma vida, que podemos, *grasso modo*, classificar como a diferença entre um trabalho que trate de *res gestae* ou um que trate de *bios* ou *vita*. Tal diferenciação apareceu anunciada por alguns desses autores, evidenciando que, mesmo naquele quadro de produção da biografia, o leitor poderia ter dúvidas em relação ao propósito do texto. Isso nos mostra que, de fato, o limiar entre

história e biografia era bastante sutil e sentido como tal na própria Antiguidade. Vimos, efetivamente, que autores de biografia como Plutarco e Nepos anunciaram em suas obras que estavam escrevendo biografias, e não história, e também historiadores, como Políbio, procuraram estabelecer a diferença entre os dois gêneros, especificando o que seria tema da história e o que seria da biografia.

Tendo visto isso, analisamos duas biografias, cujo estatuto nos estudos modernos diferem largamente, de modo a verificar sua construção e características: a *De Vita Iulii Agricolae* e a *De Vita Caligulae*, de Tácito e Suetônio. O intuito de examinar tais obras foi compreender o modo de elaboração de cada uma e atentar para a presença nelas dos pontos indicados pelos autores antigos. A primeira biografia analisada é um texto bastante complexo e que encerra diferentes discursos. Apesar de não ser uma das obras mais estudadas de Tácito, costuma levantar diversas discussões acerca do gênero ao qual pertence, devido a sua elaboração. Em seu primeiro trabalho, Tácito pretende narrar a vida de seu falecido sogro, Agrícola. Ao compô-la, no entanto, diversos assuntos perpassam a apresentação da biografia do protagonista, como a história da conquista da Britânia, sua descrição geográfica, além de discursos de guerra. Nota-se, portanto, que o autor não se prende exatamente aos dados referentes à *vita* de Agrícola, mas lança mão de temas do âmbito das *res gestae* para ilustrá-la. Além disso, o tom encomiástico-laudativo é marcante na biografia; no exórdio, Tácito menciona sua intenção de cumprir com o dever filial de louvar Agrícola. De modo geral, podemos dizer que essa biografia apresenta a seguinte estrutura em relação aos temas abordados:

Capítulos I a III – exórdio

IV a IX – *vita*

X a XII – geografia e etnografia da Britânia

XIII a XVII – breve história da Britânia

XVIII a XL – *res gestae*

XLI a XLIV – *vita*

XLV a XLVI – prólogo

É perceptível que a temática da vida em si é bem menos preponderante na obra que os demais temas. Ela é trazida nas partes inicial e final da obra apenas, enquanto o núcleo do desenvolvimento é formado pelas suas *res gestae* e pela história e outras informações sobre a conquista da Britânia. Se levamos em conta, então, que a biografia tem como tarefa tratar da *vita*, ficamos duvidosos quanto a classificar o Agrícola como uma biografia. No entanto, foi possível perceber pelos autores antigos que, embora haja essa divisão quanto a matéria de cada um dos gêneros, a biografia antiga pode também abordar os dados históricos e outras informações a fim de elaborar a imagem do personagem. Ou seja, tudo aquilo que serve para demonstrar o caráter ou as virtudes do biografado pode ser objeto do texto biográfico também, como vimos, por exemplo, na *Vida de Nícias* de Plutarco, ou no *Epaminondas* de Nepos. Faz-se importante notar, contudo, que o opúsculo de Tácito, contendo dados não relativos propriamente à *vita*, como as duas biografias citadas, possui um tom histórico um pouco maior, aproximando-se do conceito de monografia histórica proposto por Cícero. Com efeito, como apontou Momigliano, esses dois gêneros – a monografia histórica centrada em um único indivíduo e a biografia – são ainda mais próximos que história e biografia e praticamente indistinguíveis. Seus objetivos são bastante semelhantes, uma vez que pretendem mostrar o percurso de um homem em um contexto específico.

Entretanto, a biografia pode ser desenvolvida sem explorar de modo detalhado a conjuntura em que viveu o personagem. É o caso da biografia de Calígula: Suetônio narra a vida do príncipe sem conferir tamanha atenção ao pano de fundo histórico, tal qual faz Tácito. A construção da vida e do retrato de Calígula é feito, sobretudo, pela narrativa de anedotas que dão a conhecer seu caráter ao longo de sua



vida. Retomando a constituição da biografia, observamos que Suetônio dispõe do seguinte modo os assuntos concernentes à *vita* e *res gestae*:

I a XII – *vita*

XIII a XLIX – *res gestae*

L a LX – *vita*

Ora, fica claro que, apesar da diferença que se percebe com a leitura das duas obras, Suetônio também dedica toda a parte central do trabalho aos feitos de Calígula, incluindo, portanto, assuntos que costumam ser atribuídos à história, conforme já apontamos. Do mesmo modo que o faz Tácito, as informações sobre a vida propriamente são apresentadas também no começo e no início da obra. De modo bastante geral, percebe-se que em relação à estrutura dos textos há algo de semelhante entre eles. Com efeito, Tácito insere nessa organização geral um prefácio e um prólogo, pouco comuns no gênero, nos quais informa os propósitos de seu escrito e faz uma homenagem a seu sogro, filiando-se à tradição biográfica e à das *laudationes funebres*. Suetônio, por sua vez, inicia sua obra apresentando a descendência de Calígula e se atém durante alguns capítulos à narrativa de uma breve, mas razoavelmente detalhada, biografia do pai do príncipe. Ao fim, suas características físicas são descritas de modo bastante minucioso, bem como o advento de sua morte, ao contrário de Tácito, que desenvolve essa parte de modo sucinto. As *res gestae* expostas na biografia a fim de ilustrar o caráter de Gaio são desenvolvidas de modo muito diferente do que vimos em Tácito. As ações de Calígula em seu principado não são desenvolvidas levando em conta o contexto histórico ou os demais elementos empregados por Tácito; são, ao contrário, apresentadas em anedotas que revelam o comportamento e o caráter do biografado em ambientes diversos.

Dessa maneira, podemos dizer que a mesma matéria (no caso, as *res*) nas

duas biografias são tratadas de maneira diversa: na *inuentio* taciteana, a *descriptio regionum*, o momento histórico, descrição de batalhas compõem essa matéria, que tem por objetivo mostrar a virtuosidade e grandeza da vida de Agrícola, ao passo que em Suetônio, a *inuentio* é formada pelas anedotas, que ilustram as duas fases de Calígula, um homem de início piedoso e que, depois, mostra-se um verdadeiro monstro. Nesse sentido, Suetônio lança mão de algo muito característico das biografias antigas, não tão presente no Agrícola de Tácito. As anedotas, cuja presença na obra foi amiúde criticada por autores modernos, são traços característicos da composição das biografias antigas e fazem parte da constituição do gênero desde os peripatéticos. Também as fontes orais, presentes nos dois textos, faziam parte da narrativa biográfica, dentre outros elementos que expusemos em nosso trabalho.

Em suma as duas obras são, de fato, duas biografias que, embora apresentem métodos de elaboração bastante diferentes, têm semelhanças relativas à própria composição do gênero. Enquanto a *De Vita Iulii Agricolae* nos apresenta a vida de um general romano por meio da história da Britânia e seus pormenores, os feitos militares anuais de um comandante virtuoso, Suetônio escolhe oferecer a seu leitor a biografia do príncipe romano pela exposição sumária e categorizada de seus feitos, além de não se limitar apenas aos louvores, mas apontando seus *vitia*, também constituintes de seu caráter, e componentes da maior parte da biografia, uma vez que Calígula não é alguém com defeitos, é um monstro, cuja natureza real se revelou depois de começos melhores.

Depois de observar os dois trabalhos, podemos dizer que a biografia tem suas próprias características e difere, em certa medida, da história em relação aos assuntos abordados por elas, como dissemos, a *vita* e as *res*. Tais temas, no entanto, acabam por aparecer nos dois tipos de texto, o que dificulta, muitas vezes, a classificação de uma obra, tais quais as analisadas aqui, como uma produção de história ou uma biografia. É bem verdade que as fronteiras entre esses dois gêneros não são

facilmente definíveis. No entanto, perceber o caráter biográfico ou historiográfico de uma obra é possível, não só por meio das características que buscamos investigar ao longo de nossa pesquisa, mas, sobretudo, pelo *foco* que é dado às *res* e à *uita*. Assim, acreditamos que podemos dizer que a *Vida de Agrícola* é uma biografia (além da evidência dada pelo título), pois mesmo ao abordar muito do que concerne à história, seu objetivo principal é narrar uma vida. Também Suetônio, ao negligenciar a história e dar atenção ao caráter privado e anedótico, persegue o mesmo intento.

Por fim, vale notar que a biografia antiga, um gênero literário autônomo e que teve seu próprio percurso de formação independente do gênero historiográfico, opera como qualquer outro tipo de texto: sua narrativa varia em função de contextos e sistemas literários e depende de uma negociação constante com o leitor, que, conforme foi visto, pode ser revelada antes pelo autor. Assim, ao analisá-la, é importante levar tais aspectos em consideração, além de estar atento para não ignorar suas especificidades como um gênero antigo, com características próprias, não necessariamente semelhantes ao gênero biográfico tal como hoje o concebemos.

**TRADUÇÃO E NOTAS**

*De Vita Iulii Agricolae*

*Cornelius Tacitus*

Por Danielle Chagas de Lima e Paulo Sérgio de Vasconcellos

## DA TRADUÇÃO

Ao elaborar nossa tradução, buscamos apresentar em português um texto claro e compreensível. Assim, considerando que a escrita taciteana é bastante enxuta – característica natural da própria língua latina –, propusemos uma tradução que não fosse completamente literal, mas que buscasse ser fluida em nossa língua, mantendo, quando possível, recursos estilísticos do autor, tal qual ordem das palavras e a sinteticidade narrativa. A construção do texto de Tácito é, além de tudo, bastante poética, apresentando métrica, figuras de linguagem em abundância, como quiasmos e hendíades e aliteraões. Esses traços, se não puderam ser conservados em nossa versão, foram apontados em nota de rodapé quando achamos necessário chamar a atenção do leitor para a construção do original. A fim de conferir naturalidade ao texto em língua portuguesa, por vezes, fez-se necessário inserir elementos ausentes do original que são essenciais em nossa sintaxe, como conjunções ou a retomada do sujeito da oração, por exemplo.

Apesar do tom grave e respeitoso da biografia, optamos pelo emprego das terceiras pessoas do singular e plural para traduzir *tu* e *uos*, pois achamos tal uso mais natural no português brasileiro hodierno.

Em relação à escolha lexical, procuramos respeitar os sentidos coerentes com a época, evitando alguns anacronismos, sobretudo porque a obra traz um vocabulário rico sobre instituições políticas do período. Por isso, evitamos ao longo da tradução, verter palavras como *princeps* por “imperador” e sim por “príncipe” ou utilizamos paráfrases para explicar conceitos, como *pietas*, cujo sentido latino não se traduz completamente com o nosso vocábulo “piedade”. É importante notar que optamos traduzir *britannii* por “britanos” ao invés de “britânicos” ou “bretões”, para ficarmos mais próximos do original e também para evitar confusões com os gentílicos modernos. Procuramos fazer o mesmo com os demais adjetivos relacionados às

nacionalidades. Para auxiliar-nos nesse trabalho, traduções em outras línguas, comentários sobre a *Vida de Agrícola* foram bastante importantes, bem como a consulta de obras como as Abbott (1901) e Pereira (1984). Esses trabalhos também foram essenciais na composição das notas de rodapé, que têm como objetivo agregar informações sobre o texto que o tornem mais acessível ou mesmo auxiliem e complementem o entendimento de alguma passagem ou contexto aludido. Assim, as notas são de caráter diverso, tratando de mitologia, referências históricas e geográficas, bem como sobre nossas opções de tradução de excertos difíceis, por exemplo.

A tradução foi feita a partir do texto estabelecido por Saint-Denis, na edição *Les Belles Lettres*, transcrito aqui nesta dissertação, e a tradução de antropônimos e topônimos foi baseada, quase sempre, no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, da Academia de Ciências de Lisboa (1940). Todavia, preferimos manter, em geral, a tradução dos nomes antigos e não os nomes modernos das regiões citadas. As abreviações empregadas na tradução constam em lista na abertura de nosso trabalho.

I. <sup>1</sup> *Clarorum uirorum facta moresque posteris tradere, antiquitus usitatum, ne nostris quidem temporibus quamquam incuriosa suorum aetas omisit, quotiens magna aliqua ac nobilis uirtus uicit ac supergressa est uitium paruis magnisque ciuitatibus commune, ignorantiam recti et inuidiam.* <sup>2</sup> *Sed apud priores ut agere digna memoratu prouum magisque in aperto erat, ita celeberrimus quisque ingenio ad prodendam uirtutis memoriam sine gratia aut ambitione bonae tantum conscientiae pretio ducebantur.* <sup>3</sup> *Ac plerique suam ipsi uitam narrare fiduciam potius morum quam adrogantiam arbitrati sunt, nec id Rutilio et Scauro citra fidem aut obtrectationi fuit: adeo uirtutes isdem temporibus optime aestimantur, quibus facillime gignuntur.* <sup>4</sup> *At nunc narraturo mihi uitam defuncti hominis uenia opus fuit, quam non petissem incusaturus: tam saeua et infesta uirtutibus tempora.*

I. Transmitir os feitos e os costumes dos homens ilustres<sup>187</sup> aos pósteros, como há muito tempo é de costume, nem mesmo nossa geração, ainda que negligente para com os seus, deixou de fazer todas as vezes que alguma grande e nobre virtude venceu e superou um erro comum das grandes às pequenas cidades, a ignorância e a inveja do justo. Mas, entre os antepassados, realizar coisas dignas de memória era tão mais fácil e havia um campo mais aberto, que todos os homens mais conhecidos pelo engenho eram levados a divulgar a memória da virtude sem parcialidade ou ambição, mas pelo valor, tão somente, de uma boa consciência. De fato, muitos consideraram que narrar sua própria vida era antes confiança que arrogância de caráter. Isso não foi motivo de desconfiança ou detração para Rutilio<sup>188</sup> e Escauro<sup>189</sup>, a tal ponto as virtudes são mais bem estimadas nos próprios tempos em que mais facilmente são geradas. Mas agora a mim, que vou narrar a vida de um homem falecido, seria necessária uma licença<sup>190</sup> que eu não pediria para fazer uma acusação, tão furiosos e infestos são os tempos às virtudes.

II. <sup>1</sup> *Legimus, cum Aruleno Rustico Paetus Thraxea, Herennio Senecioni Priscus Heluidius laudati*

---

<sup>187</sup> O texto latino se inicia com *Clarorum uirorum*, o que, segundo os autores dos comentários, retoma a abertura da obra de Catão, *Origines*. Cf. Forni, 1962, p. 82 e Soverini, 2004, p. 102.

<sup>188</sup> Públio Rutilio Rufo foi um orador, soldado e jurista. Adepto do estoicismo, tomou algumas medidas militares que foram atribuídas a Mário. Foi cônsul no ano 105 a.C. e legado em 95, tendo sido mais tarde julgado e condenado pelo júri dos equestres por sua conduta íntegra, o que levou a seu exílio em 92 a.C., momento em que escreveu sua autobiografia. Cf. Forni, 1962, p. 84 e *OCD*, 1950, p. 784.

<sup>189</sup> Marco Emílio Escauro nasceu em 162 a.C., de família patrícia. Escreveu também suas memórias, *De uita sua*, que serviu de fonte para Salústio. Foi cônsul no ano 115 e censor em 109, e foi um dos líderes dos *optimates*. Cf. Forni, 1962, p. 85; *OCD*, 1950, p. 799 e Soverini, 2004, p. 105.

<sup>190</sup> É interessante notar que no trecho latino encontra-se o termo *uenia*, que é usada com a ideia de “concessão”, “permissão” ou “licença”. Neste caso, o vocábulo é mais bem interpretado como “desculpa”, ainda mais se considerando o governo autoritário da época em questão e o tom de elogio com que Tácito tratará a vida de Agrícola. Cf. Soverini, 2004, p. 107-108.

*essent, capitale fuisse, neque in ipsos modo auctores, sed in libros quoque eorum saevitum, delegato triumviris ministerio ut monumenta clarissimorum ingeniorum in comitio ac foro urerentur.* <sup>2</sup> *Scilicet illo igne uocem populi Romani et libertatem senatus et conscientiam generis humani aboleri arbitrabantur, expulsis insuper sapientiae professoribus atque omni bona arte in exilium acta, ne quid usquam honestum occurreret.* <sup>3</sup> *Dedimus profecto grande patientiae documentum; et sicut uetus aetas uidit quid ultimum in libertate esset, ita nos quid in seruitute, adempto per inquisitiones etiam loquendi audiendique commercio.* <sup>4</sup> *Memoriam quoque ipsam cum uoce perdidissemus, si tam in nostra potestate esset obliuisci quam tacere.*

II. Nós lemos<sup>191</sup> que, quando Trásea Peto<sup>192</sup> e Prisco Helvídio<sup>193</sup> foram louvados, respectivamente, por Aruleno Rústico<sup>194</sup> e Herênio Senecião<sup>195</sup>, isso foi motivo de pena capital, e não se enfureceu só contra os próprios autores, mas também contra seus livros. Foi delegada aos triúmviros<sup>196</sup> a tarefa de queimar as memórias dos mais ilustres engenhos no comício do fórum<sup>197</sup>. Certamente, a voz do povo romano, a liberdade do senado e a consciência do ser humano, pensavam ter-se coibido com aquele fogo; sem contar os filósofos que foram expulsos e toda a nobre arte levada para o exílio, para que nada se encontrasse de honesto em parte alguma. Fornecemos, sem dúvida, uma grande prova de paciência, e tal como a geração antiga viu o extremo da liberdade, do mesmo modo nós vimos o extremo da escravidão e até a troca do falar e do ouvir suprimida por meio de inquéritos. Também teríamos perdido a própria memória com a

---

<sup>191</sup> Subentende-se uma publicação nos *acta senatus*. Cf. Rabaud, 1922, p. 108 e Soverini, 2004, p. 112.

<sup>192</sup> Públio Cláudio Trásea Peto foi cônsul sufecto em 56 d.C. e foi considerado um dos mais importantes opositores do principado de Nero, por quem foi condenado; suicidou-se em 66. Escreveu uma obra biográfica sobre Catão Uticense. Cf. Forni, 1962, p. 86; *OCD*, 1950, p. 901e Soverini, 2004, p. 113.

<sup>193</sup> Gaio Helvídio Prisco, genro de Trásea Peto, foi exilado por Nero no mesmo ano em que este cometeu suicídio. Antes disso, fora tribuno da plebe e pretor. No ano de 68 é chamado de volta a Roma, mas mais tarde é novamente exilado por ser fortemente contrário ao governo de Vespasiano, e foi morto por volta de 74 ou 75. Cf. Forni, 1962, p. 86; *OCD*, 1950, p. 411 e Soverini, 2004, p. 113.

<sup>194</sup> Quinto Júnio Aruleno Rústico era amigo de Trásea Peto, cujo processo tentou impedir quando era tribuno da plebe e sobre quem escreveu uma biografia panegírica. Tal obra fez com que Domiciano o condenasse à morte. Cf. Forni, 1962, p. 86; *OCD*, 1950, p. 105 e Soverini, 2004, p. 113.

<sup>195</sup> Gaio Herênio Senécio, nasceu na Hispânia Bética e lutou contra Béblio Massa, governador autoritário da região. Foi amigo de Plínio, o jovem e escreveu a biografia de Helvídio Prisco, pela qual também foi morto por Domiciano. Cf. Forni, 1962, p. 86; *OCD*, 1950, p. 416 e Soverini, 2004, p. 113.

<sup>196</sup> Trata-se aqui dos *triumviri capitales*, responsáveis pela execução das penas de morte. Cf. Soverini, 2004, p. 114.

<sup>197</sup> O comício era um lugar situado na parte norte do fórum e onde ocorriam as assembleias no período republicano. Segundo Ferreira (1997), também no comício eram executadas punições, como a incineração de livros, e pernas de morte. Cf. Ferreira, 1997, p. 139 e *OCD*, 1950, p. 373.



voz, se em nosso poder estivesse tanto o esquecer quanto o calar.

**III.** <sup>1</sup> *Nunc demum redit animus; sed quamquam primo statim beatissimi saeculi ortu Nerua Caesar res olim dissociabilis miscuerit, principatum ac libertatem, augeatque cotidie felicitatem temporum Nerua Traianus, nec spem modo ac uotum securitas publica, sed ipsius uoti fiduciam ac robur adsumpserit, natura tamen infirmitatis humanae tardiora sunt remedia quam mala; et ut corpora nostra lente augescunt, cito extinguuntur, sic ingenia studiaque oppresseris facilius quam reuocaueris; subit quippe etiam ipsius inertiae dulcedo, et inuisa primo desidia postremo amatur.* <sup>2</sup> *Quid, si per quindecim annos, grande mortalis aevi spatium, multi fortuitis casibus, promptissimus quisque saenitia principis interciderunt, pauci et, ut sic dixerim, non modo aliorum sed etiam nostri superstites sumus, exemptis e media uita tot annis, quibus iuuenes ad senectutem, senes prope ad ipsos exactae aetatis terminos per silentium uenimus?* <sup>3</sup> *Non tamen pigebit uel incondita ac rudi uoce memoriam prioris seruitutis ac testimonium praesentium bonorum composuisse. Hic interim liber, honori Agricolae soceri mei destinatus, professione pietatis aut laudatus erit aut excusatus.*

**III.** Agora, enfim, o ânimo retorna. Embora César Nerva<sup>198</sup>, em seguida, tenha logo reunido ao nascer do mais belo século coisas outrora incompatíveis – o principado e a liberdade –, e Nerva Trajano<sup>199</sup> aumente cotidianamente a felicidade dos tempos, a segurança pública teve não só a esperança e promessa, mas a confiança nos próprios votos e em sua firmeza, mesmo que pela natureza das fraquezas humanas, os remédios sejam mais lentos que os males. E se nossos corpos se desenvolvem lentamente e logo se extinguem, do mesmo modo, os talentos e os estudos são mais facilmente oprimidos que revividos. Com efeito, até a doçura da própria inércia se nos insinua e primeiro é odiada, depois, por displicência, passa a ser amada. Pois, se por quinze anos<sup>200</sup>, um grande espaço de tempo da vida humana, muitos foram mortos por circunstâncias fortuitas e os mais diligentes pela crueldade do príncipe poucos, por assim dizer, somos

---

<sup>198</sup> Marco Coceio Nerva foi imperador durante o período de 96 a 98 d.C. depois de ter sido *princeps senatus*. Seu império foi conhecido por propagandas de liberdade e justiça e pela instauração de uma nova era em Roma. Realizou importantes obras e concluiu algumas iniciadas por Domiciano. Exerceu o cargo por pouco tempo, pois, com idade avançada, faleceu após uma enfermidade. Cf. Forni, 1962, p. 89 e *OCD*, 1966, p. 1038.

<sup>199</sup> Marco Úlpio Nerva Trajano assumiu o principado após a morte de seu tio adotivo Nerva, em 98 d.C. até o ano 117. Fora apreciado desde a época em que era cônsul e seu governo se tornou conhecido pelo rigor militar. Trajano criou novas legiões e chegava mesmo a participar junto aos soldados das campanhas militares. Empreendeu obras importantes como canais e um novo porto, além de investir na expansão do território romano. Cf. Forni, 1962, p. 90 e *OCD*, 1966, p. 1543-4.

<sup>200</sup> Trata-se aqui do período referente ao principado de Domiciano (de 81 a 96 d.C.), conhecido por ter sido um momento de repressão e autoritarismo. Cf. Forni, 1962, p. 91.

não só sobreviventes a outros, mas também a nós mesmos, arrebatados do meio da vida tantos anos, durante os quais viemos em silêncio, jovens até a velhice, velhos até quase o próprio fim de sua geração. Contudo, não lamentarei ter composto, mesmo com voz grosseira e rude, a memória da servidão precedente e o testemunho dos bens presentes. Nesse meio tempo, este livro, destinado à honra de meu sogro Agrícola, será louvado ou escusado como uma manifestação de minha devoção filial.

**IV.** <sup>1</sup> *Cn. Iulius Agricola, uetere et inlustri Foro iulienis colonia ortus, utrumque auum procuratorem Caesarum habuit, quae equestris nobilitas est.* <sup>2</sup> *Pater illi Iulius Graecinus senatorii ordinis, studio eloquentiae sapientiaeque notus, iisque ipsis uirtutibus iram Gaii Caesaris meritis: namque M. Silanum accusare iussus et, quia abnuerat, interfectus est.* <sup>3</sup> *Mater Iulia Procilla fuit, rarae castitatis. In huius sinu indulgentiaque educatus per omnem honestarum artium cultum pueritiam adulescentiamque transegit.* <sup>4</sup> *Arcebat eum ab inlecebris peccantium praeter ipsius bonam integramque naturam, quod statim paruulus sedem ac magistram studiorum Massiliam habuit, locum Graeca comitate et prouinciali parsimonia mixtum ac bene compositum.* <sup>5</sup> *Memoria teneo solitum ipsum narrare se prima in iuuenta studium philosophiae acrius, ultra quam concessum Romano ac senatori, hausisse, ni prudentia matris incensum ac flagrantem animum coercuisset.* <sup>6</sup> *Scilicet sublime et erectum ingenium pulchritudinem ac speciem magnae excelsaeque gloriae uehementius quam caute adpetebat. Mox mitigauit ratio et aetas, retinuitque, quod est difficillimum, ex sapientia modum.*

**IV.** Gneu Júlio Agrícola<sup>201</sup>, nascido na antiga e conhecida colônia dos Forojulienses<sup>202</sup>, teve ambos os avôs procuradores dos Césares, o que é uma distinção equestre<sup>203</sup>. Seu pai foi Júlio Grecino<sup>204</sup>, da ordem senatorial e conhecido por sua aplicação à eloquência e ao conhecimento. Esse, por causa de suas próprias virtudes, incorreu na ira de Gaio

---

<sup>201</sup> É interessante notar aqui, segundo Forni (1962, p. 97), que Tácito emprega os três *nomina* de Agrícola, o que deixaria este exórdio da obra com um tom mais solene.

<sup>202</sup> Hoje, a moderna Fréjus, é onde se situava o *Forum Iulii*, fundado provavelmente por César inicialmente como um fórum por volta de 46 a.C. Serviu de colônia para os veteranos da VII Legião e depois de base naval durante a batalha do Ácio, tendo passado, então, a ser chamada de *Colonia Octauanorum Pacensis*. Cf. Forni, 1962, p. 97 e *OCD*, 1966, p. 607.

<sup>203</sup> Os procuradores eram funcionários do imperador que exerciam funções administrativas, dentre as quais administrar as finanças das províncias, inclusive recolhendo impostos. Normalmente, somente os membros da classe equestre que seguiam o *cursus honorum* podiam assumir tal cargo. Como tal função foi criada por Augusto, subentende-se que os avôs de Agrícola tenham sido procuradores de Augusto e Tibério. Cf. Forni, 1962, p. 97 e *OCD*, 1966, p. 1251-2.

<sup>204</sup> Sabe-se que Lúcio Júlio Grecino foi senador do *Forum Iulii* e teria escrito um tratado de viticultura – o que poderia ser a influência do nome “Agrícola”. Foi morto por Calígula, segundo consta em Sêneca (*Benef.* II, 21,5). Cf. Forni, 1962, p. 98 e *OCD*, 1966, p. 778.

César<sup>205</sup>, pois lhe foi ordenado que acusasse Marcos Silano<sup>206</sup> e, por ter se recusado, foi assassinado. A mãe foi Júlia Procila<sup>207</sup>, de rara castidade, em cujo regaço e ternura transcorreu toda a infância e juventude, e foi educado no cultivo completo das artes liberais. Afastava-o das seduções dos desvirtuosos, além de sua própria natureza boa e íntegra, o fato de que desde pequenino teve como sede e mestra dos estudos Massília<sup>208</sup>, lugar que aliava e harmonizava o refinamento grego à parcimônia provincial. Tenho na memória<sup>209</sup> que ele mesmo costumava contar que nos albores da juventude teria se impregnado do gosto pela filosofia mais intensamente que o conveniente a um romano ou a um senador, se a prudência da mãe não tivesse contido um espírito ardente e inflamado. Com efeito, seu talento elevado e reto buscava a beleza e o brilho de uma glória grandiosa e excelsa, com mais vigor que cautela. Logo o amadureceu a razão e a idade e reteve da filosofia aquilo que é o mais difícil, a moderação.

V. <sup>1</sup> *Prima castrorum rudimenta in Britannia Suetonio Paulino, diligenti ac moderato duci, adprobavit, electus quem contubernio aestimaret.* <sup>2</sup> *Nec Agricola licenter, more iuuenum, qui militiam in lasciviam uertunt, neque segniter ad uoluptates et commeatus titulum tribunatus et inscitiam rettulit; sed noscere prouinciam, nosci exercitui, discere a peritis, sequi optimos, nihil adpetere in iactationem, nihil ob formidinem recusare simulque et anxius et intentus agere.*

<sup>3</sup> *Non sane alias exercitator magisque in ambiguo Britannia fuit: trucidati ueterani, incensae coloniae, intercepti exercitus; tum de salute, mox de uictoria certauere.* <sup>4</sup> *Quae cuncta etsi consiliis ductuque alterius agebantur, ac summa rerum et recuperatae prouinciae gloria in duces cessit, artem et usum et stimulos addidere inueni, intrauitque animum militaris gloriae cupido, ingrata temporibus, quibus sinistra erga eminentis interpretatio nec minus periculum ex magna fama quam ex mala.*

---

<sup>205</sup> Calígula foi imperador durante os anos de 37 a 41 d.C., sucedendo Tibério, o tio que teria assassinado. Conhecido por sua personalidade extravagante, teve sua vida biografada por Suetônio na obra *A vida dos doze césores*. Nasceu em agosto do ano 12 e foi assassinado por membros do senado em 41. Cf. *OCD*, 1966, 619-20.

<sup>206</sup> Marcos Junio Silano fora senador e cônsul em 15 d.C. Sua filha casou-se com Calígula, pelo qual foi obrigado a se suicidar. Suetônio narra o episódio no capítulo XXIII do *De Vita Caligulae*. Cf. Forni, 1962, p. 98.

<sup>207</sup> Sabe-se apenas que seu sobrenome é galo-romano. Cf. Forni, 1962, p. 98 e Soverini, 2004, p. 126.

<sup>208</sup> Cidade fundada em 600 a.C., foi uma colônia grega situada no delta de Ródano, cujo nome era *Massalia*. Depois de anexada a Roma, passou a se chamar *Massilia* e tinha enorme reputação no aprendizado de cultura e conhecimentos gregos. Hoje é a atual Marselha, na França. Cf. Forni, 1962, p. 99 e *OCD*, 1966, p. 935.

<sup>209</sup> Nesta passagem observa-se que Tácito narra algo que lhe fora dito pelo sogro (Cf. Forni, 1962, p. 99). Ou seja, o autor relata uma informação oral, algo que também se verifica em Suetônio. Este autor narra um episódio que teria ouvido de seu avô. Cf. Suetônio, *Vit. Cal.*, XIX, 4.

V. Nas primeiras experiências militares na Britânia, sob o comando de Suetônio Paulino<sup>210</sup>, general diligente e moderado, Agrícola obteve sua aprovação e foi escolhido para acompanhá-lo na convivência militar. Agrícola não usou desenfreadamente, ao modo dos jovens que transformam a milícia em lascívia, o título do tribunato e a inexperiência<sup>211</sup> para prazeres e licenças na ociosidade, mas conheceu a província, fez-se conhecido do exército, aprendeu com os peritos, seguiu os melhores, nada buscava para se vangloriar, nada recusou por causa do medo e, ao mesmo tempo, agiu de modo cuidadoso e aplicado. Sem dúvida, a Britânia nunca esteve numa outra ocasião tão agitada e numa situação mais crítica: os veteranos foram trucidados, as colônias incendiadas, os exércitos interceptados. Primeiramente, combateu-se pela salvação, em seguida, pela vitória. Todas essas coisas, embora fossem feitas seguindo planos e sob os comandos de outrem, e a maior glória das ações e da recuperação da província coubessem ao general, acrescentaram ao jovem conhecimento, experiência e incentivo, e penetrou-lhe na alma o desejo de glória no exército, ingrato àqueles tempos em que havia uma apreciação negativa dos homens eminentes e não era menor o risco advindo de uma fama grandiosa que o da má fama.

VI. <sup>1</sup> *Hinc ad capessendos magistratus in urbem degressus Domitiam Decidianam, splendidis natalibus ortam, sibi iunxit; idque matrimonium ad maiora nitenti decus ac robur fuit; uixeruntque mira concordia, per mutuam caritatem et in uicem se anteposendo, nisi quod in bona uxore tanto maior laus, quanto in mala plus culpa est.* <sup>2</sup> *Sors quaesturae prouinciam Asiam, proconsulem Saluim Titianum dedit, quorum neutro corruptus est, quamquam et prouincia diues ac parata peccantibus, et proconsul in omnem auiditatem pronus quantalibet facilitate redempturus esset mutuam dissimulationem mali.* <sup>3</sup> *Auctus est ibi filia, in subsidium simul ac solacium; nam filium ante sublatum breui amisit.* <sup>4</sup> *Mox inter quaesturam ac tribunatum plebis atque ipsum etiam tribunatus annum quiete et otio transiit, gnarus sub Nerone temporum, quibus inertia pro sapientia fuit.* <sup>5</sup> *Idem praeturae tenor et silentium; nec enim iurisdictio obuenerat; ludos et inania honoris medio rationis atque abundantiae duxit, uti longe a luxuria ita famae propior.* <sup>6</sup> *Tum electus a Galba ad dona templorum recognoscenda diligentissima conquisitione fecit, ne cuius alterius sacrilegium res publica quam Neronis sensisset.*

---

<sup>210</sup> Gaio Suetônio Paulino foi governador da Britânia em 58. Antes foi pretor e também cônsul sufecto. Comandou diversas campanhas para conquistar novas regiões. Cf. *OCD*, 1966, p. 1452.

<sup>211</sup> Apesar da inexperiência, fazia parte da carreira senatorial a passagem dos jovens pelo ofício de tribuno, a fim que adquirissem experiência militar. Cf. Forni, 1962, p. 102.

VI. Daqui, tendo voltado para exercer magistraturas na cidade, casou-se com Domícia Decidiana<sup>212</sup>, nascida em uma família esplêndida. Tal matrimônio proporcionou honra e vigor a quem aspirava às coisas mais grandiosas. Viveram em admirável comunhão, com um carinho mútuo e colocando o outro à frente de si mesmo: de fato, há tanto mais louvor numa boa esposa, quanto mais culpa há na má. Quando questor<sup>213</sup>, a sorte lhe concedeu a província da Ásia e como procônsul<sup>214</sup>, Sívio Titiano<sup>215</sup>; não se corrompeu por nenhuma dessas coisas, embora a província fosse rica e como que propícia para os que erram e o procônsul, inclinado a toda avidez, estivesse disposto a comprar facilmente uma dissimulação mútua do mal. Teve ali uma filha, ao mesmo tempo um socorro<sup>216</sup> e um conforto, pois logo perdera um filho há pouco recebido na família<sup>217</sup>. Logo, entre a questura e o tribunato da plebe, e no mesmo ano do tribunato, obteve repouso e sossego<sup>218</sup>. Estava ciente de que na época de Nero<sup>219</sup> a inércia fazia as vezes de sabedoria. Agiu com o mesmo comportamento e silêncio durante a pretura, pois não lhe coubera a administração da justiça. Promoveu jogos e as futilidades do cargo<sup>220</sup>, num meio termo entre contenção e abundância para que, assim, estivesse mais longe da luxúria e mais perto do reconhecimento. Então, escolhido por Galba<sup>221</sup> para recensear

---

<sup>212</sup> Talvez tenha sido a filha de Tito Domício Decídio, um dos primeiros questores do erário no ano 44. Cf. Forni, 1962, p. 104.

<sup>213</sup> Em 63 d.C., conforme aponta Forni (1962, p. 105)

<sup>214</sup> Aquele que agia em nome do cônsul, ou um magistrado que já tivesse saído do cargo de cônsul. Governavam as províncias. Cf. Giordano, 1985, p. 107 e Forni, 1962, p. 105.

<sup>215</sup> Irmão mais velho do imperador Oto, Lúcio Salvio Oto Ticiano foi procônsul da Ásia durante os anos de 63 a 64 d.C, tornando-se cônsul em 69. Cf. Forni, 1962, p. 106.

<sup>216</sup> No texto latino encontra-se a palavra *subsídium*, “socorro, ajuda”. Pode-se entender aqui que a filha serviu como uma espécie de auxílio, pois que, conforme a lei *Papia Pópea*, criada por Augusto, podia-se adiantar a idade legal para assumir o cargo de magistrado em função do número de filhos. Cf. Forni, 1962, p. 106.

<sup>217</sup> A expressão “*sublatum*” neste contexto indica um costume romano: as crianças eram levantadas pelo pai (*tollere filium*), como se fossem apresentadas ao mundo, ou para que seu nascimento fosse reconhecido formalmente. Cf. Forni, 1962, p. 107 e OLD, 1968, p. 1967.

<sup>218</sup> Era direito dos cidadãos ter um ano de descanso entre a questura e o tribunato da plebe. Cf. Forni, 1962, p. 107.

<sup>219</sup> Nero Cláudio César Augusto Germânico, imperador romano durante os anos de 54 a 68 d.C., quando morreu. Seu império foi marcado por medidas populares e iniciativas culturais. Contudo, também se sobressaiu devido ao seu caráter autoritário, como se pode depreender do texto tacitano. Cf. OCD, 1966, p. 1037-8.

<sup>220</sup> Além da administração da justiça, poderia também ser tarefa do pretor presidir as *quaestiones perpetuae*. Cf. Forni, 1962, p. 107

<sup>221</sup> Sucessor de Nero, Sívio Sulpício Galba exerceu vários cargos políticos em Roma antes de tornar-se imperador em 68. Seu governo foi bastante rigoroso e em 69 foi morto pelo futuro imperador Oto.

os dons dos templos, fê-lo com um exame muito cuidadoso a fim de que a república não sofresse o sacrilégio de outro além de Nero.

**VII.** <sup>1</sup> *Sequens annus graui uulnere animum domumque eius adflixit.* <sup>2</sup> *Nam classis Othoniana licenter uaga dum Intimilium (Liguriae pars est) hostiliter populatur, matrem Agricolae in praediis suis interfecit, praediaque ipsa et magnam patrimonii partem diripuit, quae causa caedis fuerat.* <sup>3</sup> *Igitur ad sollemnia pietatis profectus Agricola, nuntio adfectati a Vespasiano imperii deprehensus ac statim in partis transgressus est.* <sup>4</sup> *Initia principatus ac statum urbis Mucianus regebat, iuvene admodum Domitiano et ex paterna fortuna tantum licentiam usurpante.* <sup>5</sup> *Is missum ad dilectus agendos Agricolam integreque ac strenue uersatum uicesimae legioni tarde ad sacramentum transgressae praeposuit, ubi decessor seditiose agere narrabatur; quippe legatis quoque consularibus nimia ac formidolosa erat, nec legatus praetorius ad cobibendum potens, incertum suo an militum ingenio.* <sup>6</sup> *Ita successor simul et ultor electus rarissima moderatione maluit uideri inuenisse bonos quam fecisse.*

**VII.** O ano seguinte<sup>222</sup> levou um golpe pesado à sua alma e casa. A frota Otoniana vagava sem controle enquanto Intimílio (parte da Ligúria<sup>223</sup>) era hostilmente dizimada, e matou não só a mãe de Agrícola em sua casa, mas espoliou grande parte de seu patrimônio, o que fora o motivo da morte. Então, Agrícola, tendo partido para os rituais devidos à devoção filial, foi surpreendido pela notícia de que o poder era almejado por Vespasiano e imediatamente passou para seu partido. Muciano<sup>224</sup> regia o início do principado e a situação da cidade, pois Domiciano<sup>225</sup> era muito jovem, e ao caráter paterno usurpava apenas a licenciosidade. Esse Muciano colocou Agrícola, íntegro, cuidadoso e habituado ao serviço militar, e que havia sido enviado para arrolar tropas, à frente da vigésima legião, que tinha feito o juramento tardiamente<sup>226</sup> e sobre a qual se contava que o magistrado agia de maneira sediciosa; com efeito, ela era imoderada e temível até para os legados consulares<sup>227</sup>, e nem o legado pretoriano<sup>228</sup>

---

Cf. *OCD*, 1966, p. 621.

<sup>222</sup> Ano de 69, quando Roma teve quatro príncipes, um deles, Oto. Cf. Forni, 1962, p. 109.

<sup>223</sup> A Ligúria era um território pertencente a Roma e formava uma das regiões augustanas na Itália. Cf. *OCD*, 1966, p. 861.

<sup>224</sup> Gaio Licínio Muciano foi cônsul sufecto em 64 e 70 d.C. e foi também nomeado governador da Síria por Nero no ano de 67. Foi ele quem incentivou Vespasiano a pleitear o posto de imperador. Escreveu um livro sobre “maravilhas” geográficas. Cf. Forni, 1962, p. 110 e *OCD*. 1966, p. 859.

<sup>225</sup> Tito Flávio Domiciano, que seria imperador no ano de 81, era filho de Vespasiano.

<sup>226</sup> O juramento aqui referido é o *sacramentum* pelo qual o exército prestava anualmente sua fidelidade ao imperador. Cf. Soverini, 2004, p. 139.

<sup>227</sup> Eram os propretores, governadores das principais províncias imperiais. Dispunham de ao menos

podia coibi-la, não se sabe se pelo temperamento dele mesmo ou dos soldados. Assim, ao mesmo tempo, escolhido sucessor e corretor, preferiu, com a mais rara moderação, parecer tê-los encontrado bons a tê-los assim tornado.

**VIII.** <sup>1</sup> *Praeerat tunc Britanniae Vettius Bolanus, placidius quam feroci prouincia dignum est; temperauit Agricola uim suam ardoremque compescuit, ne increceret, peritus obsequi eruditusque utilia honestis miscere.* <sup>2</sup> *Breni deinde Britannia consularem Petilium Cerialem accepit. Habuerunt uirtutes spatium exemplorum, sed primo Cerialis labores modo et discrimina, mox et gloriam communicabat; saepe parti exercitus in experimentum, aliquando maioribus copiis ex euentu praefecit.* <sup>3</sup> *Nec Agricola umquam in suam famam gestis exultauit; ad auctorem ac duces ut minister fortunam referebat.* <sup>4</sup> *Ita uirtute in obsequendo, uerecundia in praedicando extra inuidiam nec extra gloriam erat.*

**VIII.** A Britânia era então comandada por Vétio Bolano<sup>229</sup>, mais brando do que era digno a uma província rebelde. Agrícola, experiente em ceder e sábio para misturar o que é útil ao honesto, moderou sua força e conteve seu ardor, para esse que não crescesse. Logo em seguida, a Britânia recebeu o legado Petílio Cerial<sup>230</sup>. As virtudes tiveram espaço para provas, pois Cerial, primeiramente compartilhou desventuras e riscos, logo também a glória: frequentemente colocou Agrícola à frente de parte do exército, como experiência; algumas vezes, em decorrência de sucesso, à frente de tropas maiores. Agrícola nunca em sua carreira exaltou-se com seus feitos visando à fama própria, atribuía o sucesso, como um servidor, ao responsável e ao comandante. Assim, com virtude para obedecer, pudor para se vangloriar, estava ao abrigo da inveja sem estar ao abrigo da glória.

**IX.** <sup>1</sup> *Reuertentem ab legatione legionis diuus Vespasianus inter patricios adsciuit; ac deinde prouinciae Aquitaniae praeposuit, splendidae imprimis dignitatis administratione ac spe consulatus, cui destinarat.* <sup>2</sup> *Credunt plerique militaribus ingeniis subtilitatem deesse, quia castrensis iurisdictio segura et obtusior*

---

duas legiões. Cf. Forni, 1962, p. 111.

<sup>228</sup> No texto latino temos *legatus praetorius*, o comandante de uma legião, que deveria ser pretor. Cf. Forni, 1962, p. 111.

<sup>229</sup> Marco Vétio Bolano foi comandante de uma legião na Armênia em 62 d.C., cônsul sufecto em 66, sendo enviado como legado na Britânia no ano de 69. Era o superior de Agrícola, pois que obtinha o cargo de *legatus Augusti pro praetore*. Cf. *OCD*, 1966, p. 1593 e Soverini, 2004, p. 184.

<sup>230</sup> Quinto Petílio Cerial Césio Rufo talvez tenha sido genro de Vespasiano. Comandou a IX legião Hispana na Britânia e participou da revolta dos Batavos nos anos 70. Foi também cônsul sufecto em 74 e governou a Britânia no período de 71 a 73. Cf. Forni, 1962, p. 156; *OCD*, 1966, p. 1149 e Soverini, 2004, p. 185.

*ac plura manu agens calliditatem fori non exercent. <sup>3</sup> Agricola naturali prudentia, quamvis inter togatos, facile iusteque agebat. <sup>4</sup> Iam uero tempora curarum remissionumque diuisa: ubi conuentus ac iudicia poscerent, grauis, intentus, seuerus et saepius misericors; ubi officio satis factum, nulla ultra potestatis persona: tristitiam et adrogantiam et auaritiam exuerat. <sup>5</sup> Nec illi, quod est rarissimum, aut facilitas auctoritatem aut seueritas amorem deminuit. Integritatem atque abstinentiam in tanto uiro referre iniuria uirtutum fuerit. <sup>6</sup> Ne famam quidem, cui saepe etiam boni indulgent, ostentanda uirtute aut per artem quaesiuit: procul ab aemulatione aduersus collegas, procul a contentione aduersus procuratores, et uincere inglorium et atteri sordidum arbitrabatur. <sup>7</sup> Minus triennium in ea legatione detentus ac statim ad spem consulatus reuocatus est, comitante opinione Britanniam ei prouinciam dari, nullis in hoc ipsius sermonibus, sed quia par uidebatur.*

*<sup>8</sup> Haud semper errat fama; aliquando et eligit. <sup>9</sup> Consul egregiae tum spei filiam iuueni mihi despondit ac post consulatum collocauit, et statim Britanniae praepositus est, adiecto pontificatus sacerdotio.*

**IX.** Quando voltava do comando da legião, o divino Vespasiano<sup>231</sup> o aceitou entre os patrícios<sup>232</sup> e, em seguida, colocou-o à frente da província de Aquitânia, uma distinção esplêndida, sobretudo pela administração e esperança do consulado a ele destinado. Acreditam muitos que falta sutileza nas inteligências militares, porque a jurisdição do exército, mais simples e dinâmica, não exercita a habilidade típica do fórum. Agrícola, com uma prudência natural, ainda que entre os togados, administrava com afabilidade e justiça. Na verdade, tempos divididos em preocupação e descanso: quando os inquéritos judiciais pediam, ele era seriamente aplicado, severo e mais frequentemente misericordioso; quando se tinha cumprido o dever, não exercia nenhuma função de poder: despojava-se da severidade, arrogância e avareza<sup>233</sup>. Também a afabilidade não

<sup>231</sup> Primeiro imperador da dinastia Flávia, Tito Flávio Sabino Vespasiano exerceu o poder de 69 a 79 d.C. Foi tribuno militar, questor e pretor e em 43 comandou a invasão da Britânia. Em 69 as legiões do Egito, Judeia e Síria o reconheceram como imperador, e no dia da morte de Vitélio o senado lhe concedeu poderes. Realizou reformas no exército e anexou territórios a Roma. Quando morreu, foi deificado – até mesmo Tácito emprega o adjetivo “divino”. Cf. *OCD*, 1966, p. 1590-1.

<sup>232</sup> A família de Agrícola era considerada da ordem patrícia, pois que, depois do período republicano, pouquíssimas famílias desta classe sobreviveram durante o império. A fim de evitar não só a extinção dos patrícios, mas também que outros assumissem o sacerdócio – reservado aos patrícios – políticas de inclusão eram realizadas, como, por exemplo, famílias de *noui homines*. O próprio Vespasiano aumentou o número de famílias patrícias. Cf. Forni, 1962, p. 113-4 e Soverini, 2004, p. 143.

<sup>233</sup> No texto latino há uma ideia metafórica em *potestatis persona*, como se Agrícola “exercesse um papel” ao estar no poder. Escolhemos o vocábulo “despojar-se” para traduzir *exuere*, comumente encontrado nos textos latinos para expressar a ideia de “tirar uma máscara” (*exuo personam*), segundo o OLD, p. 663. Com efeito, tal passagem do texto desperta diversas discussões acerca do caráter de Agrícola. Alguns comentadores, conforme discute Forni (p. 115), destacam que o general pudesse ser avarento e arrogante no exercício do cargo, o que não se ajustaria às qualidades positivas já lhe



lhe diminuiu a autoridade, o que é muitíssimo raro, ou a severidade diminuiu o amor. Uma injustiça às suas virtudes seria referir a integridade e o desinteresse reunidos em tamanho homem. E mesmo a fama, de quem até os homens de bem se ocupam, não buscou por ostentação de virtude ou por meio de artifícios. Longe de rivalizar com os colegas, longe da disputa contra os procuradores, julgava ser inglório vencer e humilhante ser esmagado. Menos de três anos<sup>234</sup> ligado a esse legado, foi chamado de volta com a esperança de um consulado, acompanhando-o o rumor de que lhe era assinalada a província da Britânia, não por palavras dele próprio a esse respeito, mas porque ele parecia à altura. Nem sempre erra a fama, de vez em quando ela também escolhe. Então cônsul<sup>235</sup>, prometeu a mim, jovem, a filha<sup>236</sup> de notáveis perspectivas e depois do consulado, concedeu-me em casamento. Imediatamente foi posto no comando da Britânia, tendo recebido, além disso, o sacerdócio do pontificado<sup>237</sup>.

**X.** <sup>1</sup> *Britanniae situm populosque multis scriptoribus memoratos non in comparationem curae ingeniiue referam, sed quia tum primum perdomita est; ita quae priores nondum comperta eloquentia percoluere, rerum fide tradentur.* <sup>2</sup> *Britannia, insularum quas Romana notitia complectitur maxima, spatio ac caelo in orientem Germaniae, in occidentem Hispaniae obtenditur, Gallis in meridiem etiam inspicitur;*

---

conferidas antes. Assim, entende-se que Tácito estaria apontando os vícios e defeitos do sogro. Contudo, Forni (1962) e Soverini (2004) preferem a interpretação de que, na verdade, tais características negativas fariam parte da *persona* assumida por Agrícola durante o exercício da *potestas*, que não deve ser entendida como uma autoridade negativa, mas como aquela necessária no cumprimento das funções do cargo. Portanto, segundo Soverini (p. 147), a avareza e a arrogância não seriam traços inerentes a Agrícola; tanto que, ao terminar seus deveres, liberava-se deles. O comentador observa ainda que as contraposições de adjetivos nesta passagem demonstram como o general era equilibrado ao cumprir suas funções. Cf. Forni, 1962 e Soverini, 2004.

<sup>234</sup> O cargo de governador tinha a duração de três a cinco anos. Agrícola teria governado a Aquitânia, então, de 74 a 76 d.C. Cf. Forni, 1962, p. 116 e Soverini, 2004, p. 149.

<sup>235</sup> No ano de 77 d.C. Agrícola foi *consul suffectus*. Cf. Forni, 1962, p. 117; Rabaud, 1922, p. 114; Soverini, 2004, p. 150.

<sup>236</sup> Nascida durante a questura de Tácito na Ásia em 64, sua filha teria nesta época do consulado 13 anos. Tácito, por sua vez, que se diz jovem na ocasião, deveria ter entre 20 e 21 anos. Cf. Forni, 1962, p. 118; Rabaud, 1922, p. 114.

<sup>237</sup> Os pontífices eram sacerdotes responsáveis pelo estabelecimento de datas religiosas, presidiam cultos, observavam o cumprimento de tradições, decidiam o que era permitido (*fas*) ou não (*nefas*) na religião romana. Além disso, estes eram responsáveis pelos Anais Romanos. Formavam, com as Vestais, os flâmines, os áugures, o colégio dos pontífices (*collegium pontificum*), cujo líder era o Pontífice Máximo (*pontifex maximus*). No período imperial, somente os imperadores podiam ocupar o cargo. Os sacerdotes eram escolhidos por recomendação (*commendatio*) e deveriam ser no mínimo cônsules. Cf. Forni, 1962, p. 118; Giordani, 1984, p. 299; OCD, 1966, p. 716 e Soverini, 2004, p. 150.

*septentrionalia eius, nullis contra terris, vasto atque aperto mari pulsantur.*

<sup>3</sup> *Formam totius Britanniae Livijs ueterum, Fabius Rusticus recentium eloquentissimi auctores oblongae scutulae uel bipenni adsimulauere.* <sup>4</sup> *Et est ea facies citra Caledoniam, unde et in uniuersum fama; sed transgressis inmensum et enorme spatium procurrentium extremo iam litore terrarum uelut in cuneum tenuatur.* <sup>5</sup> *Hanc oram nouissimi maris tunc primum Romana classis circumuecta insulam esse Britanniam adfirmavit, ac simul incognitas ad id tempus insulas, quas Orcadas uocant, inuenit domuitque.* <sup>6</sup> *Dispecta est et Thyle, quia hactenus iussum: et hiems adpetebat. Sed mare pigrum et graue remigantibus perhibent ne uentis quidem proinde attolli, credo quod rariores terrae montesque, causa ac materia tempestatum, et profunda moles continui maris tardius impellitur.* <sup>7</sup> *Naturam Oceani atque aestus neque quaerere huius operis est, ac multi rettulere; unum addiderim, nusquam latius dominari mare, multum fluminum huc atque illuc ferre, nec litore tenuis ad crescere aut resorberi, sed influere penitus atque ambire, et iugis etiam ac montibus inseri uelut in suo.*

**X.** A geografia e os povos da Britânia foram abordados por muitos autores<sup>238</sup> e não é para comparar o cuidado ou engenho que os mencionarei, mas porque só então ela foi por primeiro conquistada completamente<sup>239</sup>. Assim, aquilo que ainda não era acertado, os predecessores adornaram com a eloquência, será contado com o testemunho dos fatos. A Britânia, a maior das ilhas de que os romanos têm conhecimento, estende-se, a oriente, em face da Germânia, a ocidente em face da Hispânia, e ao sul pode até mesmo ser vista pelos gauleses. Seu norte, com nenhuma terra adiante, é batido por um vasto e aberto mar. A forma da Britânia inteira, Lívio<sup>240</sup> entre os antigos e Fábio Rústico<sup>241</sup> entre os novos escritores mais eloquentes, compararam a um alongado prato<sup>242</sup> ou a um machado de duas lâminas<sup>243</sup>. E essa é a superfície aquém da Caledônia<sup>244</sup>, daí pensar-se

---

<sup>238</sup> Conforme apontam os comentadores, entre os autores gregos encontram-se Posidônio e Diodoro, por exemplo. E, entre os latinos, Lívio, Plínio, o velho, Fábio Rústico e o próprio César. Cf. Forni, 1962, p. 122; Rabaud, 1922, p. 114 e Soverini, 2004, p. 152.

<sup>239</sup> No latim tem-se o vocábulo *perdomitus*, cujo prefixo *per* indica a finalização da ação. Assim, Tácito pretende dizer que a Britânia foi conquistada por inteiro por Agrícola. Cf. Forni, 1962, p. 122 e Soverini, 2004, p. 153.

<sup>240</sup> Tito Lívio foi um historiador romano que viveu durante os anos 59 a.C. a 17 d.C. Dentre suas obras, uma das mais importantes é *Ab urbe condita*, que trata da história de Roma. O historiador teria tratado, em um livro perdido, sobre a expedição de César, em 55 e 54 a.C., à Britânia. Cf. Forni, 1962, p. 123; OCD, 1966, p. 877 e Soverini, 2004, p. 154.

<sup>241</sup> Historiador que abordou também as expedições feitas à Britânia, bem como a descrição de sua geografia. Escreveu a obra chamada “História”, bastante reconhecida pelo estilo eloquente. Cf. Forni, 1962, p. 123; OCD, 1966, p. 583 e Soverini, 2004, p. 154.

<sup>242</sup> Costumava-se na antiguidade comparar a forma dos lugares a formas geométricas. No caso da Britânia, “prato alongado” está relacionado à forma de um trapézio, ou de alguma figura triangular, aproximadamente. Cf. Forni, 1962, p. 123 e Soverini, 2004, p. 154.

<sup>243</sup> As duas lâminas do machado representariam as enseadas existentes na Britânia, mais

que tal é o país todo. Mas para quem atravessa o enorme e irregular espaço das terras que na praia mais remota se prolongam, ela se afila como que uma cunha. Então, tendo primeiro uma frota romana dada a volta por esses mares mais distantes, confirmou que a Britânia era uma ilha<sup>245</sup>, e ao mesmo tempo, as ilhas então inexploradas, que chamam de Órcadas<sup>246</sup>, a frota descobriu e dominou. Até Tule<sup>247</sup> foi avistada, pois se ordenou que fosse até ali e o inverno já avançava. Enfim, contam que o mar era parado e pesado aos que remam e não erguido nem mesmo pelo vento; acredito que é porque são mais raras as terras e montes, causa e matéria das tempestades, e a massa profunda de um mar contínuo é agitada mais vagarosamente. Nem a natureza do oceano, nem a força das marés são temas desta obra; além disso muitos falaram sobre isso. Eu acrescentaria uma única coisa: em lugar algum o mar estende mais longe seu domínio, carrega por aqui e ali muitos rios, nem até a praia cresce ou decresce, mas penetra no interior e rodeia e adentra serras e montanhas como se fossem sua casa.

**XI.** <sup>1</sup> *Ceterum Britanniam qui mortales initio coluerint, indigenae an aduecti, ut inter barbaros, parum compertum.* <sup>2</sup> *Habitus corporum uarii atque ex eo argumenta; namque rutilae Caledoniam habitantium comae, magni artus Germanicam originem adseuerant; Silurum colorati uultus, torti plerumque crines et posita contra Hispania Hiberos ueteres traiecisse easque sedes occupasse fidem faciunt; proximi Gallis et similes sunt, seu durante originis ui, seu procurrentibus in diuersa terris positio caeli corporibus habitum dedit.* <sup>3</sup> *In uniuersum tamen aestimanti Gallos uicinam insulam occupasse credibile est.* <sup>4</sup> *Eorum sacra deprehendas, ac superstitionum persuasiones; sermo haud multum diuersus, in deprecandis periculis eadem audacia et, ubi aduenere, in detrectandis eadem formido.* <sup>5</sup> *Plus tamen ferociae Britanni praeferunt, ut quos nondum longa pax emollierit; nam Gallos quoque in bellis floruisse accepimus; mox segnitia cum otio intrauit, amissa uirtute pariter ac libertate.* <sup>6</sup> *Quod Britannorum olim uictis euenit: ceteri manent quales Galli fuerunt.*

**XI.** De resto, que homens primeiro habitaram a Britânia, se indígenas ou estrangeiros

---

especificamente os estuários dos mares. Cf. Forni, 1962, p. 124 e Soverini, 2004, p. 154.

<sup>244</sup> A Caledônia era onde hoje se situa a Escócia e ficava na parte norte da Britânia. Cf. *OCD*, 1966, p. 273 e Soverini, 2004, p. 155.

<sup>245</sup> Segundo Rabaud (1922, p. 115), Piteas de Marselha tinha dito que a Britânia era um ilha, mas foi Agrícola o primeiro a fornecer provas disso.

<sup>246</sup> Conhecidas hoje como as Ilhas Orkney, ficam ao norte da Escócia e foram provavelmente descobertas por Piteas, mas dominadas por Agrícola temporariamente. Cf. *OCD*, 1966, p. 1072 e Soverini, 2004, p. 157.

<sup>247</sup> Foi a primeira das ilhas do norte da região vistas por Piteas. Faz parte das ilhas próximas à Escócia e foi citada por alguns poetas, como Virgílio. Cf. *ODC*, 1968, p. 1521-2 e Soverini, 2004, p. 157.

como entre os bárbaros, pouco foi descoberto. As características físicas são variadas, e, a partir disso, as explicações. Os cabelos ruivos dos que habitavam a Caledônia e o corpo robusto certificam sua origem germânica. A face morena dos siluros<sup>248</sup>, as volumosas madeixas sinuosas e o posicionamento de frente à Hispânia fazem crer que os antigos iberos fizeram a travessia e ocuparam aquelas moradas. Habitam próximos aos gauleses e são parecidos com eles, quer conservando-se a força da origem, quer, em terras que se estendem em direção oposta, o clima tenha dado essa disposição aos corpos. Contudo, é plausível, no geral, que os gauleses tenham ocupado a ilha vizinha. Seus rituais<sup>249</sup> podem ser lá encontrados e as crenças das superstições; a língua não é muito diferente, há a mesma audácia ao desafiar o perigo e, quando esse chega, o mesmo terror ao evitá-lo. No entanto, os britanos ostentam uma ferocidade maior, pois ainda não foram amolecidos por uma longa paz. De fato, também os gauleses, sabemos, brilharam na guerra; logo a indolência com o ócio chegou e se perdeu a bravura junto com a liberdade. Isso aconteceu aos britanos um dia vencidos<sup>250</sup>; os outros permanecem tais quais foram os gauleses.

**XII.** <sup>1</sup> *In pedite robur; quaedam nationes et curru proeliantur; honestior auriga, clientes propugnans.* <sup>2</sup> *Olim regibus parebant, nunc per principes factionibus et studiis trahuntur.* <sup>3</sup> *Nec aliud aduersus ualidissimas gentis pro nobis utilius quam quod in commune non consulunt.* <sup>4</sup> *Rarus duabus tribus ciuitatibus ad propulsandum commune periculum conuentus: ita singuli pugnant, uniuersi uincuntur.* <sup>5</sup> *Caelum crebris imbris ac nebulis foedum; asperitas frigoribus abest.* <sup>6</sup> *Dierum spatia ultra nostri orbis mensuram; nox clara et extrema Britanniae parte breuis, ut finem atque initium lucis exiguo discrimine internoscas.* <sup>7</sup> *Quod si nubes non officiant, aspici per noctem solis fulgorem, nec occidere et exurgere, sed transire adfirmant.* <sup>8</sup> *Scilicet extrema et plana terrarum humili umbra non erigunt tenebras, infraque caelum et sidera nox cadit.* <sup>9</sup> *Solum praeter oleam uitemque et cetera calidioribus terris oriri sueta patiens frugum fecundumque: tarde mitescunt, cito proueniunt; eademque utriusque rei causa, multus umor terrarum caelique.* <sup>10</sup> *Fert Britannia aurum et argentum et alia metalla, pretium uictoriae.* <sup>11</sup> *Gignit et Oceanus margarita, sed subfusca ac liuentia.* <sup>12</sup> *Quidam artem abesse legentibus arbitrantur; nam in rubro mari uiua ac*

---

<sup>248</sup> Povo submetido primeiramente por Júlio Frontino de 74 a 78 d.C., depois de terem causado problemas para as legiões romanas. Em sua cultura predominavam elementos célticos. Ocupavam a região hoje correspondente ao país de Gales. Cf. Forni, 1962, p. 127; OCD, 1966, p. 1408 e Soverini, 2004, p. 159.

<sup>249</sup> Por exemplo, rituais e a religião druida e sacrifícios humanos. Cf. Forni, 1962, p. 128.

<sup>250</sup> Quando derrotados e submetidos por Cláudio, em 43 d.C., sobretudo os *Dobunos*. Cf. Forni, 1962, p. 129 e Soverini, 2004, p. 162.

*spirantia saxis auelli, in Britannia, prout expulsa sint, colligi; ego facilius crediderim naturam margaritis deesse quam nobis auaritiam.*

**XII.** Na infantaria, a força. Algumas nações batalham também em um carro<sup>251</sup>. O mais nobre é auriga, os clientes lutam na frente. Outrora, sujeitavam-se aos reis e, agora, por inclinações facciosas se deixam arrastar de um príncipe a outro. Não outra coisa contra povos tão vigorosos é mais útil em nosso favor do que o fato de que não deliberam em conjunto. É rara a reunião de dois ou três povos para se defender de um perigo em comum: assim, lutam individualmente, são vencidos em conjunto. O céu, enfiado por chuvas frequentes e névoas; não há a aspereza do frio. O intervalo dos dias está além da medida de nossa terra<sup>252</sup>. A noite é clara e tão breve na parte extrema da Britânia, que não se distingue senão por uma exígua diferença o fim e o início da luz. Se as nuvens não impedissem, afirmam que se perceberia durante a noite o brilho do sol, que nem se põe ou nasce, mas transpõe<sup>253</sup>. Evidentemente, a parte extrema e plana dessas terras, com pouca sombra, não eleva as trevas, e sob o céu e as estrelas cai a noite<sup>254</sup>. Com exceção da oliveira e da videira e das demais plantas habituadas às terras cálidas, o solo acolhe cereais e é fecundo: lentamente amadurecem, rapidamente brotam. Ambos os fenômenos têm a mesma causa: a grande umidade das terras e dos céus. A Britânia provê ouro, prata e outros metais, o prêmio da vitória. Também o oceano produz pérolas, ainda que um tanto escuras e lívidas. Alguns pensam que falta habilidade aos que as recolhem, pois, no rubro mar, são arrancadas das pedras vivas e ainda respirando; na Britânia, são coletadas onde tenham sido lançadas pelo mar. Eu mesmo mais facilmente acreditaria que falta qualidade às pérolas que a nós, cobiça.

---

<sup>251</sup> Os carros de guerra eram mais comumente chamados de *essedae*. Na Britânia os carros passaram a ser usados para desorientar o inimigo atirando dardos. Vale ressaltar que o auriga não era um nobre, ao contrário do que se observa no texto. Cf. Forni, 1962, p. 129 e Soverini, 2004, p. 163

<sup>252</sup> Os dias pareciam mais longos na região da Escócia, conforme já haviam notado César (*Gall.*, V, 13, 4) e Plínio, o velho (*Nat.*, II, 186), com cerca de 17 a 18 horas. Cf. Forni, 1962, p. 130 e Soverini, 2004, p. 165.

<sup>253</sup> Referência à pequena duração da noite, própria das latitudes setentrionais.

<sup>254</sup> Nesta descrição observa-se uma antiga teoria, de autoria desconhecida, de que a noite era uma sombra projetada da Terra, que seria um disco redondo e chato. O sol se punha na linha do horizonte (abaixo do limite do disco) e, então, fazia com que a Terra projetasse uma sombra que, no entanto, não era suficiente para iluminar o céu e as estrelas. Portanto, continuavam iluminados e visíveis. Cf. Forni, 1962, p. 131 e Soverini, 2004, p. 165.

**XIII.** <sup>1</sup> *Ipsi Britanni dilectum ac tributa et iniuncta imperii munia impigre obeunt, si iniuriae absinthas aegre tolerant, iam domiti ut pareant, nondum ut seruiant.*

<sup>2</sup> *Igitur primus omnium Romanorum diuus Iulius cum exercitu Britanniam ingressus, quamquam prospera pugna terruerit incolas ac litore potitus sit, potest uideri ostendisse posteris, non tradidisse.* <sup>3</sup> *Mox bella ciuilia et in rem publicam uersa principum arma, ac longa obliuio Britanniae etiam in pace; consilium id diuus Augustus uocabat, Tiberius praeceptum.* <sup>4</sup> *Agitasse Gaium Caesarem de intranda Britannia satis constat, ni uelox ingenio mobili paenitentiae, et ingentes aduersus Germaniam conatus frustra fuissent.* <sup>5</sup> *Diuus Claudius auctor iterati operis, transuectis legionibus auxiliisque et adsumpto in partem rerum Vespasiano, quod initium uenturae mox fortunae fuit: domitae gentes, capti reges et monstratus fatis Vespasianus.*

**XIII.** Os próprios britanos acatam sem hesitar os tributos, o recrutamento e as funções e deveres determinados pelo império<sup>255</sup>, desde que não haja injustiças. Essas toleram com dificuldade, foram já dominados para obedecer, mas ainda não para serem escravos. Então, o divino Júlio<sup>256</sup>, foi o primeiro de todos os romanos que entrou com o exército na Britânia. Ainda que com uma luta favorável tenha aterrorizado os habitantes e tomado o litoral, é possível perceber que ele a mostrou aos posteriores, não a entregou. Logo houve guerras civis e os exércitos dos líderes políticos voltaram-se contra a república<sup>257</sup>, e por um longo tempo se esqueceu da Britânia, até mesmo quando havia paz<sup>258</sup>: a isso o divino Augusto<sup>259</sup> chamava prudência; Tibério<sup>260</sup>, de lei<sup>261</sup>.

---

<sup>255</sup> Incluíam-se contribuição em produtos agrícolas, construção de estradas etc. Cf. Forni, 1962, p. 141 e Soverini, 2004, p. 169.

<sup>256</sup> Trata-se da segunda expedição realizada pelo imperador Júlio César, no ano 54 a.C., pois que a primeira teria sido sem sucesso. Cf. Forni, 1962, p. 141 e Soverini, 2004, p. 170.

<sup>257</sup> Tácito se refere aos combates entre César e Pompeu, Antônio e Otaviano, os quais se passaram no período da república entre 49 e 31 a.C. Cf. Forni, 1962, p. 142 e Soverini, 2004, p. 170.

<sup>258</sup> Mesmo após o restabelecimento da situação e da paz obtida depois da batalha de Ácio (31 a.C.), não houve ações relacionadas à conquista da Britânia, conforme aponta Forni, p. 142.

<sup>259</sup> Gaio Júlio César Otaviano Augusto nasceu em 63 a.C., era filho da sobrinha de Júlio César, Átia, e Gaio Otaviano. Tornou-se imperador em 27 a. C., recebendo nesta época o título de Augusto, após ter triunfado na batalha do Ácio em 31 a.C., e propôs o regime do principado, exercendo o poder máximo do império, mas mantendo os cargos tradicionais romanos. Morreu em 14 d.C., sendo divinizado pelo senado e chamado de *Diuus Augustus* (Divino Augusto). Cf. *OCD*, 1966, p. 216-218.

<sup>260</sup> Tibério Júlio César Augusto, tio de Germânico, nascera em 42 a.C. e tornara-se imperador em 14 d.C., após a morte de Augusto (63 a.C. – 14 d.C.). Morreria em 16 d.C., segundo Suetônio, assassinado por Calígula. Cf. *OCD*, 1966, p. 1523, 1949 e *Cal.* XII, 2.

<sup>261</sup> No texto latino observa-se um quiasmo para mostrar a ação contrária dos dois imperadores. Augusto havia decidido não invadir a Britânia, resolução esta que deixou escrita em seu testamento. Tibério, por sua vez, entendeu-a como uma ordem ou uma lei. Cf. Forni, 1962, p. 142 e Soverini, 2004, p. 170).

Sabe-se que Gaio César<sup>262</sup> concebeu o projeto de entrar na Britânia se, com seu temperamento volúvel, não fosse rápido no arrependimento e se não tivessem sido vãos seus ingentes esforços contra a Germânia<sup>263</sup>. O divino Cláudio<sup>264</sup>, responsável pelo recomeço da empreitada, transportou as legiões e as tropas auxiliares, tendo Vespasiano assumido parte da operação. Isso foi o início da fortuna vindoura: povos dominados, reis capturados, Vespasiano indicado pelo destino<sup>265</sup>.

**XIV.** <sup>1</sup> *Consularium primus Aulus Plautius praepositus ac subinde Ostorius Scapula, uterque bello egregius; redactaque paulatim in formam prouvinciae proxima pars Britanniae; addita insuper ueteranorum colonia.* <sup>2</sup> *Quaedam ciuitates Cogidumno regi donatae (is ad nostram usque memoriam fidissimus mansit), uetere ac iam pridem recepta populi Romani consuetudine, ut haberet instrumenta seruitutis et reges.* <sup>3</sup> *Mox Didius Gallus parta a prioribus continuit, paucis admodum castellis in ulteriora promotis, per quae fama aucti officii quaereretur.*

<sup>4</sup> *Didium Veranius excepit, isque intra annum extinctus est.* <sup>5</sup> *Suetonius hinc Paulinus biennio prosperas res habuit, subactis nationibus firmatisque praesidiis; quorum fiducia Monam insulam ut uires rebellibus ministrantem adgressus terga occasione patefecit.*

**XIV.** O primeiro dos consulares à frente de seu governo foi Aulo Pláucio<sup>266</sup> e, em seguida, Ostório Escápula<sup>267</sup>, ambos notáveis na guerra. Pouco a pouco a parte mais próxima da Britânia foi reduzida à forma de província; a ela foi adicionada, além disso,

---

<sup>262</sup> Calígula.

<sup>263</sup> No ano 40 d.C. Calígula tinha o projeto de realizar uma expedição na Britânia. Tendo reunido uma enorme tropa, limitou-se a mostrar as terras britânicas aos soldados do território germânico. Suetônio narra tal anedota, mostrando o caráter desequilibrado do imperador. Cf. Forni, p. 142; Soverini, p. 170 e Suetônio, *Cal.* XLIII-XLVI.

<sup>264</sup> Cláudio, ou Tibério Cláudio Nero Germânico, era tio de Calígula e foi seu sucessor. Nascera em 10 a.C. e escreveu uma biografia. Morreu em 54 d.C., acredita-se, envenenado por sua esposa Agripina, a irmã de Calígula e mãe de Nero. Cf. *OCD*, 1962, p. 337.

<sup>265</sup> Vespasiano tornar-se-ia, após seu sucesso na Britânia, sucessor de Nero. Cf. Forni, 1962, p. 144; Soverini, 2004, p. 172.

<sup>266</sup> Aulo Pláucio Silvano foi cônsul durante o principado de Augusto e governador da Panônia no ano de 42 d.C., comandante na Britânia em 43, sendo depois promovido a legado até 47 d.C. Quando voltou a Roma depois da expedição, recebeu a *ouatio*, uma honra triunfal. Cf. Forni, 1962, p. 145; *OCD*, 1966, p. 1194; Rabaud, G., 1922, p. 118 e Soverini, 2004, p. 173.

<sup>267</sup> Morto em 52 d.C., durante a revolta dos siluros, Públio Ostório Escápula, antes das expedições britânicas, exerceu o cargo de cônsul sufecto por volta do ano 46 d.C., assumindo o governo da Britânia em 47. Ostório chegou a ser homenageado com os *ornamenta triumphalia*, por ter se destacado nas batalhas. Cf. Forni, 1962, p. 145; *OCD*, 1966, p. 1082 e Soverini, 2004, p. 173.

a colônia dos veteranos<sup>268</sup>. Certas cidades foram concedidas ao rei Cogiduno<sup>269</sup> (que permaneceu fidelíssimo a nossa memória até aqui), por um costume antigo e há muito tempo aceito pelo povo romano de ter como instrumentos de servidão até mesmo reis<sup>270</sup>. Em seguida, Dídio Galo<sup>271</sup> continuou as conquistas dos predecessores, alastrando pouco a pouco acampamentos em lugares remotos, procurando, com isso, a fama de ter engrandecido seu governo. Verânio<sup>272</sup> sucedeu Dídio e morreu em um ano. Depois desse, Suetônio Paulino obteve por dois anos a prosperidade: nações subjugadas e guarnições firmes, nas quais confiando atacou a ilha de Mona<sup>273</sup>, que dava força aos rebeldes, deixando, a suas costas, as condições propícias para a rebelião.

**XV.** <sup>1</sup> *Namque absentia legati remoto metu Britannii agitare inter se mala seruitutis, conferre iniurias et interpretando accendere: nihil profici patientia nisi ut grauiora tamquam ex facili tolerantibus imperentur.* <sup>2</sup> *Singulos sibi olim reges fuisse, nunc binos imponi, e quibus legatus in sanguinem, procurator in bona saeuiret; aequae discordiam praepositorum, aequae concordiam subiectis exitiosam; alterius manus centuriones, alterius seruos uim et contumelias miscere; nihil iam cupiditati, nihil libidini exceptum.* <sup>3</sup> *In proelio fortiozem esse qui spoliat: nunc ab ignauis plerumque et inbellibus eripi*

---

<sup>268</sup> Voltou a fazer parte da colônia de *Camulodunum*, hoje Colchester, no Reino Unido. Esse tipo de restituição da província era uma alternativa ao pagamento de 3000 denários (o *praemium militiae*) para os soldados que já tinham cumprido seu período de reclusão. Além disso, poderia garantir a conquista e a paz no território por meio dos veteranos de guerra, e ainda contribuir para a difusão da cultura e da língua latina. Cf. Forni, 1962, p. 145 e Soverini, 2004, p. 173.

<sup>269</sup> Tibério Cláudio Cogiduno era rei dos *Regnenses*. Recebeu as *ciuitates* justamente por se manter fiel a Roma, mesmo sendo um vassalo. Em Colchester há uma inscrição no templo de Netuno, dizendo que ele teria sido o “grande rei da Britânia”. O comentário de Soverini (2004) aponta que a forma mais correta de seu nome seria *Togidumno*. Cf. Forni, 1962, p. 146; *OCD*, 1966, p. 339; Soverini, 2004, p. 174.

<sup>270</sup> Desde o século II a.C. Roma tinha o costume de reconhecer os reis dos países vizinhos, com os quais mantinha algum tratado de clientela. Na época do império, tal procedimento gerava um sistema de “estados-clientes”, que contribuía para a diminuição de funcionários e de acompanhantes para cuidar de territórios afastados. Além disso, esses países eram protegidos por Roma. Cf. Forni, 1962, p. 146 e Soverini, 2004, p. 174. Para a relação de clientela estrangeira em Roma, vide Badian, E. *Foreign Clientelae 264-70 B.C.* Oxford: Clarendon Press, 1958.

<sup>271</sup> Aulo Dido Galo foi questor no ano 19 d.C. e cônsul sufecto em 39. Promoveu expedições em várias regiões, tornando-se legado da Ásia em 49 e, depois, da Britânia de 52 a 57 d.C. Cf. Forni, 1962, p. 146; *OCD*, 1966, p. 467 e Soverini, 2004, p. 174.

<sup>272</sup> Quinto Verânio foi cônsul em 49 d.C. e governou a Britânia durante um breve tempo, entre 57 e 58 d.C., ano em que morreu. Cf. Forni, 1962, p. 147; Soverini, 2004, p. 175.

<sup>273</sup> Trata-se da moderna ilha Anglesey, atacada por Suetônio Paulino em 60 d.C.; era um centro do druidismo, religião celta. Situa-se na extremidade noroeste de Gales. Cf. Forni, 1962, p. 147; *OCD*, 1966, p. 994 e Soverini, 2004, p. 175.



*domos, abstrahi liberos, iniungi dilectus, tamquam mori tantum pro patria nescientibus.* <sup>4</sup> *Quantulum enim transisse militum, si sese Britanni numerent? sic Germanias excussisse iugum: et flumine, non Oceano defendi.* <sup>5</sup> *Sibi patriam, coniuges, parentes, illis auaritiam et luxuriam causas belli esse; recessuros, ut diuus Iulius recessisset, modo uirtutem maiorum suorum aemularentur; neue proelii unius aut alterius euentu pauescerent: plus impetus felicibus, maiorem constantiam penes miseros esse.* <sup>6</sup> *Iam Britannorum etiam deos misereri, qui Romanum ducem absentem, qui relegatum in alia insula exercitum detinerent; iam ipsos, quod difficillimum fuerit, deliberare.* <sup>7</sup> *Porro in eius modi consiliis periculosius esse deprehendi quam audere.*

**XV.** De fato, suprimido o medo, dada a ausência do legado, os britanos puseram-se a refletir entre eles sobre os males da servidão, a contar as ofensas e, comentando-as, a avivá-las: de nada adiantava a paciência a não ser para que coisas mais duras fossem ordenadas àqueles que facilmente as suportavam. Outrora, eles tinham reis de um em um, agora dois lhes eram impostos<sup>274</sup>, um dos quais, o legado, enraivece-se contra seu sangue, o outro, o procurador, contra os bens<sup>275</sup>. Tanto a discórdia como a concórdia dos comandantes era perniciosa aos submissos. Os centuriões de um lado, de outro os escravos<sup>276</sup>, mesclavam violência e injúrias. Nada era exceção à cupidez, nada ao capricho. Na batalha, era o mais forte quem espoliava: mas agora casas eram tomadas geralmente pelos preguiçosos e covardes, filhos eram levados, impostos os recrutamentos, como se não soubessem morrer somente pela pátria. Quão poucos soldados cruzaram o canal, se se contassem os próprios britanos? Assim, a Germânia<sup>277</sup> arrancara o jugo<sup>278</sup>: além disso, por um rio<sup>279</sup>, não por um Oceano, era defendida. Para estes, a pátria, as esposas e os pais eram os motivos de guerra; para aqueles, a avareza e

---

<sup>274</sup> O *legatus Augusti pro praetore* e o *procurator* (um legado e um procurador). Cf. Forni, 1962, p. 148.

<sup>275</sup> Os governadores (*legati*) tinham o poder de aplicar penas capitais aos povos dali. Segundo consta, Suetônio Paulino não era muito benevolente e abusava dos britanos. Além disso, os comentadores observam que a expressão *in sanguinem* pode estar relacionada com o fato de que os cidadãos eram obrigados a executar trabalhos forçados e até mesmo a suportar atos de violência libidinosa. Os procuradores, por sua vez, costumavam enriquecer, impondo diversos impostos. Cf. Forni, 1962, p. 148; Soverini, 2004, p. 176.

<sup>276</sup> Na verdade, aqui Tácito se refere a libertos que trabalhavam para os procuradores, comparando-os ironicamente a escravos. Cf. Forni, 1962, p. 149; Soverini, 2004, p. 177.

<sup>277</sup> No texto latino o termo encontra-se no plural, pois se refere à Germânia Superior e Inferior. Cf. Forni, 1962, p. 150; Soverini, 2004, p. 178.

<sup>278</sup> Evoca-se aqui a aniquilação das legiões de Varo, em Teutoburgo, no ano 9 d.C. Cf. Forni, 1962, p. 150; Soverini, 2004, p. 178.

<sup>279</sup> O rio Reno. Cf. Forni, 1962, p. 150; Soverini, 2004, p. 178.

a luxúria. Eles se retirariam, como se retirou o divino Júlio<sup>280</sup>, desde que imitassem o modelo de virtude de seus antepassados. Não se apavorariam com o desfecho de um ou outro combate da batalha: os prósperos têm mais ímpeto, maior constância têm os miseráveis. Até os deuses tinham, já, piedade dos britanos, eles que detinham, ausente, o comandante romano, e o seu exército relegado em outra ilha<sup>281</sup>. Já eles, o que fora muitíssimo difícil, deliberavam em conjunto. Por outro lado, em deliberações desse tipo era mais perigoso ser surpreendido que se arriscar.

**XVI.** <sup>1</sup> *His atque talibus in uicem instincti, Boudicca generis regii femina duce (neque enim sexum in imperiis discernunt) sumpsere uniuersi bellum; ac sparsos per castella milites consecrati, expugnatis praesidiis ipsam coloniam inuasere ut sedem seruitutis, nec ullum in barbaris ingeniis saenitiae genus omisit ira et uictoria.* <sup>2</sup> *Quod nisi Paulinus cognito prouinciae motu propere subuenisset, amissa Britannia foret; quam unius proelii fortuna ueteri patientiae restituit, tenentibus arma plerisque, quos conscientia defectionis et proprius ex legato timor agitabat, ne quamquam egregius cetera adroganter in deditos et ut suae cuiusque iniuriae ultor durius consuleret.* <sup>3</sup> *Missus igitur Petronius Turpilianus tamquam exorabilior et delictis hostium nouus eoque paenitentiae mitior, compositis prioribus nihil ultra ausus Trebellio Maximo prouinciam tradidit.*

<sup>4</sup> *Trebellius segnior et nullis castorum experimentis, comitate quadam curandi prouinciam tenuit.* <sup>5</sup> *Didicere iam barbari quoque ignoscere uitii blandientibus, et interuentus ciuilium armorum praebuit iustam segnitiae excusationem: sed discordia laboratum, cum adsuetus expeditionibus miles otio lasciuiret.* <sup>6</sup> *Trebellius, fuga ac latebris uitata exercitus ira indecorus atque humilis, precario mox praefuit, ac uelut pacti, exercitus licentiam, dux salutem essent, seditio sine sanguine stetit.* <sup>7</sup> *Nec Vettius Bolanus, manentibus adhuc ciuilibus bellis, agitauit Britanniam disciplina: eadem inertia erga hostis, similis petulantia castrorum, nisi quod innocens Bolanus et nullis delictis inuisus caritatem parauerat loco auctoritatis.*

**XVI.** Inflamados mutuamente por estes e outros discursos, sob o comando de Boudica<sup>282</sup>, mulher de origem real – pois não fazem distinção entre os sexos no comando – decidiram, todos, travar a guerra. Perseguiram soldados espalhados pelos acampamentos; depois de atacadas as fortalezas, invadiram a própria colônia<sup>283</sup> como a

---

<sup>280</sup> Gaio Júlio César.

<sup>281</sup> A ilha Mona. V. nota 91. Cf. Forni, 1962, p. 151; Soverini, 2004, p. 178.

<sup>282</sup> Foi esposa do rei dos Icenos, Prasutago, o qual havia deixado em testamento o imperado como co-herdeiro de seus bens a fim de garantir a segurança de sua mulher e filhas. Contudo, a família não foi poupada pelos romanos, que tomaram os bens do rei, além de abusar de Boudica e suas filhas (Cf. Forni, p. 152 e Soverini, p.179).

<sup>283</sup> Leia-se *Camulodunum*. Vide nota 269.

uma sede de servidão. Nem a ira e a vitória omitiram algum tipo de violência<sup>284</sup> próprio do caráter dos bárbaros. E se Paulino não viesse rapidamente em socorro<sup>285</sup>, após ter tomado conhecimento da agitação da província, a Britânia seria perdida. A sorte de uma única batalha a restituiu à submissão antiga. Entretanto, retinham as armas muitos, aos quais inquietava a consciência da deserção e o temor de que o legado, embora, no restante, homem egrégio, se conduzisse com arrogância contra os que se entregaram e de forma bastante rigorosa, como um vingador de cada uma das ofensas pessoais. Então, Petrônio Turpiliano<sup>286</sup> foi enviado, como alguém mais flexível que era e não afetado pelos delitos dos inimigos, e, por isso, mais brando para com o arrependimento. Apaziguada a primeira situação, nada mais ousou e entregou a província para Trebélia Máximo<sup>287</sup>. Trebélia, mais frouxo e sem experiência alguma dos acampamentos, governou a província com certa brandura na administração. Também os bárbaros aprenderam a perdoar os vícios sedutores, e a chegada inesperada das guerras civis<sup>288</sup> ofereceu uma desculpa justa para a indolência: mas se sofreu com a discórdia, uma vez que os soldados, acostumados com as expedições, descontrolavam-se no ócio. Trebélia, cuja fuga para um esconderijo<sup>289</sup> evitou a ira do exército, indecoroso e humilhado, logo comandou o exército com precariedade, e, como se tivessem feito um acordo, o exército tendo sua licenciosidade; o comandante, a sua salvação, a sedição terminou sem sangue<sup>290</sup>. Nem Vético Bolano, subsistindo ainda as guerras civis, tratou a Britânia com disciplina: portanto, essa mesma inércia para com os inimigos, similar à petulância dos acampamentos, a não ser pelo fato de que, inocente e não odioso por nenhum delito, Bolano havia obtido a afeição em lugar da autoridade.

---

<sup>284</sup> Dentre os costumes bárbaros empregados durante a revolta, Tácito elenca (*Ann.* XIV, 31,4) as *caedes* (sacrifícios), *patibula* (forca), *ignes* (fogueira) e *cruces* (cruzes). Depois do ocorrido, haveria mais de 70000 mortos. Cf. Forni, 1962, p. 153 e Soverini, 2004, p. 180.

<sup>285</sup> Paulino se encontrava na ilha de Mona neste momento.

<sup>286</sup> Públio Petrônio Turpiliano foi cônsul em 61 d.C., mesmo ano em que assume o governo da Britânia. Exerceu o cargo até 63 d.C. (Cf. Forni, p. 154 e Soverini, p. 182). Segundo Rabaud (p. 120), Turpiliano teria sido morto por Galba em 68 d.C.

<sup>287</sup> Marcos Trebélia Máximo Polião foi *consul suffectus* no ano 56 d.C. e de assumiu o governo da Britânia de 63 a 69 d.C. Cf. Forni, 1962, p. 154 e Soverini, 2004, p. 183.

<sup>288</sup> As guerras entre Galba, Oto, Vitélio e Vespasiano, durante os anos de 68 a 69 d.C. Cf. Forni, 1962, p. 155.

<sup>289</sup> Segundo Forni (p. 155), Trebélia teria se refugiado junto a Vespasiano.

<sup>290</sup> Nota-se uma aliteração em latim: *seditio sine sanguine*.

**XVII.** <sup>1</sup> *Sed ubi cum cetero orbe Vespasianus et Britanniam reciperavit, magni duces, egregii exercitus, minuta hostium spes.* <sup>2</sup> *Et terrorem statim intulit Petilius Cerialis, Brigantum civitatem, quae numerosissima provinciae totius perhibetur, adgressus.* <sup>3</sup> *Multa proelia, et aliquando non incruenta; magnamque Brigantum partem aut uictoria amplexus est aut bello.* <sup>4</sup> *Et Cerialis quidem alterius successoris curam famamque obruisset: subiit sustinuitque molem Iulius Frontinus, uir magnus, quantum licebat, ualidamque et pugnacem Silurum gentem armis subegit, super uirtutem hostium locorum quoque difficultates eluctatus.*

**XVII.** Contudo, quando Vespasiano, com o resto do mundo, recuperou a Britânia<sup>291</sup>, por meio de magnos comandantes e exércitos egrégios, a esperança dos inimigos foi diminuída. E imediatamente Petílio Cerial introduziu-lhes o terror ao atacar a cidade dos brigantes<sup>292</sup>, a mais numerosa de toda a província, segundo contam. Houve muitas guerras, algumas não sem derramar sangue. Dominou grande parte dos brigantes ou pela vitória ou pelo combate. E Cerial, de fato, teria obscurecido o zelo e a fama de qualquer outro sucessor: Júlio Frontino<sup>293</sup>, um grande homem, encarregou-se desse fardo e o susteve na medida do possível; submeteu com as armas o povo vigoroso e combativo dos siluros, tendo vencido, além da bravura dos inimigos, também lugares difíceis<sup>294</sup>.

**XVIII.** <sup>1</sup> *Hunc Britanniae statum, has bellorum uices media iam aestate transgressus Agricola inuenit, cum et milites uelut omissa expeditione ad securitatem et hostes ad occasionem uerterentur.* <sup>2</sup> *Ordouicum ciuitas haud multo ante aduentum eius alam in finibus suis agentem prope uniuersam*

---

<sup>291</sup> O verbo empregado por Tácito *recuperare* confere mais força à ação que o necessário. Ora, Vespasiano teria apenas restabelecido uma autoridade sólida na região, que passara por diversas batalhas e estava dividida em facções. Cf. Forni, 1962, p. 156 e Soverini, 2004, p. 185.

<sup>292</sup> Situava-se no território correspondente hoje a Yorkshire e tinha como rainha Cartimandua, sobre quem comentamos supra e que era aliada a Roma. Os brigantes se revoltaram diversas vezes contra sua rainha, sendo que uma dessas revoltas foi contida por Ostório Escápula. Cf. Forni, 1962, p. 157 e Soverini, 2004, p. 185.

<sup>293</sup> Sexto Júlio Frontino foi *consul suffectus* em 73/74 d.C. e governou a Britânia de 74 a 78 d.C. Fora amigo de Marcial, Plínio, o jovem e talvez do próprio Tácito. Escreveu obras sobre técnicas militares e o *De aquae ductu urbis Romae* (Sobre o aqueduto de água da cidade de Roma). Morreu por volta do ano 103 d.C. Cf. Forni, 1962, p. 157 e Soverini, 2004, p. 186.

<sup>294</sup> Procuramos manter na tradução a ordem dos vocábulos que aparecem no texto latino, pois que no original configura um quiasmo: <sup>A</sup>*uirtutem* <sup>B</sup>*hostium* <sup>B</sup>*locorum quoque* <sup>A</sup>*difficultates*. Os comentadores notam que a figura de linguagem funciona como uma metáfora do relevo da região (no caso o centro do quiasmo). Cf. Forni, 1962, p. 158 e Soverini, 2004, p. 186.

*obtriuerat, eoque initio erecta prouincia.* <sup>3</sup> *Et quibus bellum uolentibus erat, probare exemplum ac recentis legati animum opperiri, cum Agricola, quamquam transuecta aestas, sparsi per prouinciam numeri, praesumpta apud militem illius anni quies, tarda et contraria bellum incohatur, et plerisque custodiri suspecta potius uidebatur, ire obuiam discrimini statuit; contractisque legionum uexillis et modica auxiliorum manu, quia in aequum degredi Ordouices non audebant, ipse ante agmen, quo ceteris par animus simili periculo esset, erexit aciem.* <sup>4</sup> *Caesaque prope uniuersa gente, non ignarus instandum famae ac, prout prima cessissent, terrorem ceteris fore, Monam insulam, a cuius possessione reuocatum Paulinum rebellione totius Britanniae supra memorauimus, redigere in potestatem animo intendit.* <sup>5</sup> *Sed ut in subitis consiliis naues deerant: ratio et constantia ducis transuexit; depositis omnibus sarcinis lectissimos auxiliarium, quibus nota uada et patrius nandi usus, quo simul seque et arma et equos regunt, ita repente inmisit, ut obstupefacti hostes, qui classem, qui nauis, qui mare expectabant, nihil arduum aut inuictum crediderint sic ad bellum uenientibus.* <sup>6</sup> *Ita petita pace ac dedita insula clarus ac magnus haberi Agricola, quippe cui ingredienti prouinciam, quod tempus alii per ostentationem et officiorum ambitum transigunt, labor et periculum placuisset.* <sup>7</sup> *Nec Agricola prosperitate rerum in uanitatem usus, expeditionem aut uictoriam uocabat uictos continuisse; ne laureatis quidem gesta prosecutus est, sed ipsa dissimulatione famae famam auxit, aestimantibus quanta futuri spe tam magna tacuisset.*

**XVIII.** Tal era o estado da Britânia, tal sucessão de guerras Agrícola encontrou tendo atravessado o mar já na metade do verão<sup>295</sup>. E como se a expedição tivesse sido abandonada, os soldados se valiam da despreocupação e os inimigos, da oportunidade. A população de Ordovico<sup>296</sup>, não muito antes de sua chegada, havia esmagado quase completamente uma ala<sup>297</sup> inteira acampada em seus territórios. Isso, no início, animou a província. E aqueles que desejavam a guerra, aprovaram o exemplo e aguardavam o comportamento do novo legado. Embora passado o verão, os efetivos<sup>298</sup> estavam espalhados pela província e entre os soldados havia uma expectativa de tranquilidade para aquele ano. Todos esses fatores eram retardantes e contrários a quem estava para começar uma guerra, além de que à maioria parecia melhor observar as regiões suspeitas; mas, Agrícola decidiu ir ao encontro do perigo e reunidos com as bandeiras

---

<sup>295</sup> Não se sabe ao certo se se trata do verão de 77 ou 78 d.C. Forni (1962, p. 165) sustenta que a referência seja a julho de 78 d.C.

<sup>296</sup> Situavam-se na ao norte do território dos siluros e ocupavam a parte que hoje corresponde ao centro de Gales. Cf. Soverini, p. 189.

<sup>297</sup> Repartição da cavalaria auxiliar comandada por um *praefectus*. Era composta por 500 ou 1000 homens, divididos em *turmae* de 30 a 40 cavalos. Cf. Forni, p. 165 e Soverini, p. 189.

<sup>298</sup> Tácito emprega *numeri* para referir-se aos soldados, não indicando um tipo específico de tropa formada. Cf. Forni, p. 166.

das legiões<sup>299</sup> e com a ajuda de poucos auxiliares<sup>300</sup>, uma vez que os ordovicos não ousavam descer à planície, ele próprio, diante do exército<sup>301</sup>, fez subir a fileira de soldados até as colinas, para que, em perigo similar, o ânimo dos outros fosse igual. Morto quase todo o povo, decidiu conquistar a ilha de Mona, de cuja posse Paulino foi chamado de volta, como lembrei acima, pela rebelião de toda a Britânia, não ignorante da necessidade de perseguir o sucesso e de que se uma primeira expedição prosperasse haveria terror em relação às seguintes. Porém, como era um plano súbito, faltavam navios: a razão e a constância do chefe realizaram a travessia<sup>302</sup>. Deixadas todas as bagagens, os mais distintos dos auxiliares, dos quais o mar era conhecido e que tinham o costume pátrio de nadar<sup>303</sup>, ao mesmo tempo, a si e ao exército e aos cavalos guiavam, e de tal forma os lançou repentinamente, que os inimigos estupefatos pela frota e pelos navios, que pelo mar esperavam<sup>304</sup>, imaginaram que nada seria tão custoso ou invencível para quem vinha daquela forma para a guerra. Assim, pedida a paz e rendida a ilha, Agrícola foi declarado ilustre e grandioso, pois, ao entrar na província, momento que outros gastam com a ostentação e grandeza das homenagens, tinha-se decidido pelo labor e pelo perigo. Agrícola não se serviu da prosperidade dos acontecimentos em vão: não chamou de expedição ou vitória o fato de ter contido os vencidos<sup>305</sup>. Não

---

<sup>299</sup> Segundo o OLD (1968, 1 a, p. 2077) *uexillum* é o estandarte militar que representava, primeiramente, as alas da legião e, depois, as demais repartições. Consistia em uma bandeira (um pedaço de pano), presa a uma haste. Forni (p. 167), por sua vez, comenta que a bandeira seria quadrada e com franjas, e em alguns casos poderia ser colocada na ponta de uma lança. Essa era a insígnia própria da cavalaria (legionária ou auxiliar), enquanto o estandarte da legião propriamente era a *aquila*.

<sup>300</sup> Alas e coortes, em contraposição às repartições das legiões. Cf. Forni, 1962, p. 167 e Soverini, 2004, p. 190.

<sup>301</sup> Tal posição exortava os soldados e, além disso, permitia que o comandante pudesse ver as estratégia e os movimentos do inimigo (Cf. Forni, 1962, p. 167). Soverini (2004, p. 190) nota que alguns comentadores afirmam que o abandono do cavalo pelo general para marchar à frente da trupe constituía um motivo retórico para a figura do “bom general”.

<sup>302</sup> Há a alusão ao fato de que Calígula havia mandado construir navios para atravessar o rio, que não podia ser percorrido por qualquer tipo de frota (Cf. Forni, 168 e Soverini, p. 192).

<sup>303</sup> A passagem em questão suscita discussões entre os comentadores. Forni (1962, p.168) sugere que *nota uada* deva ser entendido como “arte de nadar”, “experiência em percorrer as águas”. Contudo, Heubner (*apud* Soverini, 2004, p. 192) afirma que se tratava de auxiliares que conheciam bem as características do mar. É preciso notar ainda que os auxiliares não eram britanos, mas batavos (do território da atual Holanda), pois que a dominação dos povos por Agrícola era recente, e não havia confiança entre eles. Cf. Soverini, *idem*.

<sup>304</sup> Tentamos manter a anáfora com pronomes relativos presentes no texto latino, que evidenciam a surpresa dos inimigos. Cf. Forni, 1962, p. 168 e Soverini, 2004, p. 193.

<sup>305</sup> Nota-se uma aliteração em *victoriam uocabat uictos*. Nesta passagem, pode-se sublinhar a modéstia de

descreveu as façanhas com nenhuma carta laureada<sup>306</sup>, mas pela própria dissimulação da fama, a fama cresceu entre os que pensavam com que tamanha expectativa quanto ao futuro ele teria calado coisas tão grandiosas.

**XIX.** <sup>1</sup> *Ceterum animorum prouinciae prudens, simulque doctus per aliena experimenta parum profici armis, si iniuriae sequerentur, causas bellorum statuit excidere.* <sup>2</sup> *A se suisque orsus primum domum suam coercuit, quod plerisque haud minus arduum est quam prouinciam regere.* <sup>3</sup> *Nihil per libertos seruosque publicae rei, non studiis priuatis nec ex commendatione aut precibus centurionem militesue adscire, sed optimum quemque fidissimum putare: omnia scire, non omnia exsequi; paruis peccatis ueniam, magnis seueritatem commodare; nec poena semper, sed saepius paenitentia contentus esse; officiis et administrationibus potius non peccaturos praeponere, quam damnare cum peccassent.* <sup>4</sup> *Frumenti et tributorum exactionem aequalitate munerum mollire, circumcisis quae in quaestum reperta ipso tributo grauius tolerabantur; namque per ludibrium adsidere clausis horreis et emere ultro frumenta ac luere pretio cogebantur.* <sup>5</sup> *Diortia itinerum et longinquitas regionum indicebatur, ut ciuitates proximis hibernis in remota et auia deferrent, donec quod omnibus in promptu erat paucis lucrosum fieret.*

**XIX.** Contudo, prudente em relação ao ânimo dos demais provinciais e, ao mesmo tempo, sabendo pelas experiências alheias que pouco se avança pelas armas se as ofensas se prolongam, decidiu eliminar as causas das guerras. Começou por si e pelos seus e controlou primeiro sua casa<sup>307</sup>, o que para muitos não é menos árduo que reger uma província. Não fazia nada na república por meio de libertos e escravos, não por interesse particular, nem por recomendação ou pedidos chamava para seus serviços um centurião ou soldados<sup>308</sup>, mas pensava no que fosse melhor e mais fiel. Sabia tudo, nem tudo punia. Nos pequenos erros aplicava benevolência, nos maiores, severidade; nem sempre com castigo, mas sabiamente, o mais das vezes, contentava-se com o arrependimento. Preferia à frente dos trabalhos e administrações os que não errariam a

---

Agrícola, já exposta anteriormente por Tácito, contribuindo para o reconhecimento dos feitos do general. Cf. Forni, 1962, p. 169 e Soverini, 2004, p. 194.

<sup>306</sup> Costumava-se comunicar a vitória a Roma por meio de uma carta envolvida com louros. Cf. Forni, 1962, p. 169 e Soverini, 2004, p. 194.

<sup>307</sup> O termo *domus* abrange aqui todos os que acompanhavam o governador: colaboradores, dependentes diretos, libertos e escravos. Cf. Forni, 1962, p. 170 e Soverini, 2004, p. 195.

<sup>308</sup> Faz-se esta ressalva porque havia militares que eram exonerados de seus serviços para acompanhar os legados, desempenhando funções diversas como a de litor, secretário etc. Estes constituíam a *cohors accensorum* e eram denominados *beneficarii consulares*. Cf. Forni, 1962, p. 170 e Soverini, 2004, p. 196.

ter de condená-los quando errassem<sup>309</sup>. Reduziu a cobrança do trigo e dos tributos por uma igualdade dos deveres, cortando artifícios fiscais visando ao lucro, mais difíceis de suportar que o próprio tributo<sup>310</sup>. De fato, escarnecer deles, eram obrigados a esperar sentados diante dos armazéns fechados e, além disso, comprar o trigo e pagar um alto preço<sup>311</sup>. Eram indicados caminhos isolados e regiões distantes para que as cidades, ainda que próximas aos quartéis de inverno, vendessem seu trigo em lugares distantes e inacessíveis, até que o que era cômodo para todos se tornasse lucrativo para poucos.

**XX.** <sup>1</sup> *Haec primo statim anno comprimendo egregiam famam paci circumdedit, quae uel incuria uel intolerantia priorum haud minus quam bellum timebatur.* <sup>2</sup> *Sed ubi aestas aduenit, contracto exercitu multus in agmine, laudare modestiam, disiectos coercere; loca castris ipse capere, aestuaria ac siluas ipse praetemptare; et nihil interim apud hostis quietum pati, quo minus subitis excursibus popularetur; atque ubi satis terruerat, parcendo rursus inuitamenta pacis ostentare.* <sup>3</sup> *Quibus rebus multae ciuitates, quae in illum diem ex aequo egerant, datis obsidibus iram posuere, et praesidiis castellisque circumdatae sunt, tanta ratione curaque, ut nulla ante Britanniae noua pars inaccessita ita transierit.*

**XX.** Reprimindo tais ações logo no primeiro ano, envolveu a paz com uma enorme glória, que, ou por despreocupação ou intolerância dos predecessores, não era menos temida que a guerra. Porém quando o verão<sup>312</sup> chegou, com o exército reunido, muito presente durante a marcha, Agrícola louvava a disciplina, continha a dispersão<sup>313</sup>. Ele próprio escolhia os lugares do acampamento, ele mesmo sondava antes os estuários e as florestas e, nesse meio-tempo, não dava sossego aos inimigos, não deixando de devastá-los por invasões repentinas. Quando havia aterrorizado suficientemente, ao poupá-los,

---

<sup>309</sup> Vale notar aqui que a construção latina apresenta um quiasmo e também um poliptoto, figura retórica usada algumas vezes por Tácito: *non* <sup>A</sup>*peccaturos* <sup>B</sup>*praepone*, *quam* <sup>B</sup>*damnare cum* <sup>A</sup>*peccasset*. Cf. Soverini, 2004, p. 196.

<sup>310</sup> Os procuradores eram responsáveis apenas pelos *tributi soli* (tributos sobre as terras), *tributi capitis* (tributos patrimoniais) e os *portoria* (taxas). A esses tributos juntava-se a requisição do trigo para abastecimento dos quartéis, que deveria ser feita pelo governador. Cf. Forni, 1962, p. 171 e Soverini, 2004, p. 197.

<sup>311</sup> Esta passagem é de interpretação obscura. Procuramos seguir um dos caminhos apresentados por Forni (1962, p. 171). Conferir também as hipóteses sugeridas por Soverini (2004, p. 197).

<sup>312</sup> Ano de 78 ou 79 d.C.

<sup>313</sup> Mais uma vez, no texto latim, tem-se uma construção em quiasmo: <sup>A</sup>*laudare* <sup>B</sup>*modestiam*, <sup>B</sup>*disiectos*, <sup>A</sup>*coercere*. Além disso, o autor emprega um substantivo abstrato por algo concreto e estabelece uma *uariatio* em relação a *disiectos* (Cf. Forni, 1962, p. 172 e Soverini, 2004, p. 199). Segundo Soverini (*idem*), essa elevação na linguagem ocorre, muitas vezes, quando Tácito descreve as ações de Agrícola.



mostrava os atrativos da paz. Desse modo, muitas cidades que tinham agido até aquele dia de igual para igual, entregando reféns, deixaram de lado a ira<sup>314</sup> e foram cercadas por guarnições e acampamentos com tamanha preocupação e cuidado, que antes nenhuma parte nova da Britânia passara para o nosso lado tão tranquilamente.

**XXI.** <sup>1</sup> *Sequens hiems saluberrimis consiliis absumpta; namque ut homines dispersi ac rudes eoque in bella faciles quieti et otio per uoluptates adsuescerent, hortari priuatim, adiuuare publice, ut templa, fora, domos extruerent, laudando promptos, castigando segnīs: ita honoris aemulatio pro necessitate erat.* <sup>2</sup> *Iam uero principum filios liberalibus artibus erudire, et ingenia Britannorum studiis Gallorum anteferre, ut qui modo linguam Romanam abnuebant, eloquentiam concupiscerent.* <sup>3</sup> *Inde etiam habitus nostri honor et frequens toga; paulatimque discessum ad delenimenta uitiorum, porticus et balnea et conuiuiorum elegantiam; idque apud inperitos humanitas uocabatur, cum pars seruitutis esset.*

**XXI.** O inverno seguinte<sup>315</sup> foi empregado nas mais proveitosas resoluções; pois, para que homens dispersos, rudes e, por isso, inclinados à guerra, se acostumassem à tranquilidade e ao ócio por causa da comodidade, Agrícola exortava-os pessoalmente, ajudava-os em nome do que é público a construir templos, fóruns e casas<sup>316</sup>, louvando os bem dispostos, castigando os preguiçosos: assim, a emulação da honra substituía a obrigação. Além disso, educava nas artes liberais os filhos dos príncipes; preferia a inteligência natural dos britanos à aplicação dos gauleses<sup>317</sup>, de modo que mesmo aqueles que renegavam há pouco a língua romana, cobiçavam a eloquência<sup>318</sup>, e também a honra de usar nossa roupa<sup>319</sup> e frequentemente a toga. Pouco a pouco abraçaram o atrativo dos vícios, as galerias e os banhos e a elegância dos banquetes. Isso era

---

<sup>314</sup> Soverini (2004, p. 201) sublinha que mais uma vez Tácito usa o substantivo *ira* para caracterizar os bárbaros.

<sup>315</sup> Inverno de 78-79 d.C. ou 79-80 d.C.

<sup>316</sup> Esses eram os elementos essenciais da urbanística romana. Em Camulodunum existia já um templo para Cláudio e nesta época foram construídos templos em *Verulamium* (St. Albans), *Venta Silurum* (Caerwent), *Caleva Atrebatum* (Silchester), entre outros. Cf. Forni, 1962, p. 174 e Soverini, 2004, p. 203.

<sup>317</sup> Observa-se uma contraposição entre habilidades naturais e exercício. Em Gales havia escolas de retórica renomadas. Cf. Forni, 1962, p. 174 e Soverini, 2004, p. 204.

<sup>318</sup> Por volta dos anos 83/84 d.C., Demétrio de Tarso (amigo de Plutarco) lecionou na Britânia. Encontram-se ainda registros da presença de *legati iuridici* nessa mesma época. Cf. Forni, 1962, p. 174.

<sup>319</sup> Costumavam usar roupas feitas de pele de animais, e após a influência celta, calças largas (*bracae*) e um manto de lã (*sagum*). Cf. Forni, 1962, p. 175.

chamado de civilidade entre os ignorantes, quando eram parte da servidão<sup>320</sup>.

**XXII.** <sup>1</sup> *Tertius expeditionum annus nouas gentis aperuit, uastatis usque ad Tanaum (aestuario nomen est) nationibus; qua formidine territi hostes quamquam conflictatum saenis tempestatibus exercitum lacessere non ausi; ponendisque insuper castellis spatium fuit.* <sup>2</sup> *Adnotabant periti non alium ducem opportunitates locorum sapientius legisse; nullum ab Agricola positum castellum aut ui hostium expugnatum aut pactione ac fuga desertum; nam aduersus moras obsidionis annuis copiis firmabantur.* <sup>3</sup> *Ita intrepida ibi hiems, crebrae eruptiones et sibi quisque praesidio, inritis hostibus eoque desperantibus, quia soliti plerumque damna aestatis hibernis euentibus pensare tum aestate atque hieme iuxta pellebantur.* <sup>4</sup> *Nec Agricola umquam per alios gesta auidus interceptit; seu centurio seu praefectus incorruptum facti testem habebat.* <sup>5</sup> *Apud quosdam acerbior in conuiciis narrabatur, et ut erat comis bonis, ita aduersus malos iniucundus.* <sup>6</sup> *Ceterum ex iracundia nihil supererat secretum, ut silentium eius non timeres: honestius putabat offendere quam odisse.*

**XXII.** O terceiro ano<sup>321</sup> de expedições descobriu novos povos, havendo nações assoladas até o Tay<sup>322</sup> (nome do estuário). Os inimigos, terrificados por tal espanto, não ousaram desafiar o exército, embora ele tivesse sido atormentado por fortes tempestades. E, além disso, houve mesmo um tempo para se dispor as fortificações. Os peritos notavam que nenhum outro comandante tinha percebido mais sabiamente a conveniência dos lugares ao escolhê-los e nenhuma fortificação posicionada por Agrícola fora destruída pela força dos inimigos ou desertada por alguma rendição ou fuga, pois que reservas suficientes para um ano eram adquiridas para suportar o longo tempo de um cerco. Assim, nesse intrépido inverno, as saídas eram frequentes e cada comandante tinha sua estratégia de defesa. Os inimigos estavam frustrados e até mesmo desesperados, porque acostumados geralmente a compensar os danos do verão com os bons acontecimentos do inverno; então, eram, repelidos tanto no verão quanto no inverno. Agrícola nunca se apropriou por avidez de façanhas realizadas por outros: fosse o centurião, fosse o prefeito<sup>323</sup>, tinham nele o testemunho incorruptível dos feitos.

---

<sup>320</sup> Tais situações permitiam o encontro entre cidadãos de todo tipo. Contudo, entre os bárbaros, eram vistas como situações que incitavam a corrupção e, certa vez, a rainha Boudica teria condenado os banhos, afirmando que seriam sinal de afeminamento. Cf. Forni, 1962, p. 175 e Soverini, 2004, p. 204.

<sup>321</sup> Por volta do ano 80 d.C.

<sup>322</sup> Embora o texto latino traga a lição *Tanaum*, os comentadores acreditam que a forma mais correta seria *Taum*, pois que se trata do rio Tay, que desemboca ao norte do rio Forth, na Bodotria. Cf. Forni, p. 175-6 e Soverini, p. 206.

<sup>323</sup> Os centuriões comandavam uma centúria da legião ou da coorte auxiliar. Os prefeitos comandavam

Para alguns, era, dizia-se, demasiado ácido nas censuras. E como era afável com os bons, não era doce com os maus. De resto, nada que provinha da ira ficava oculto, de tal forma que não se temia o silêncio dele: pensava ser mais honesto ofender que odiar.

**XXIII.** <sup>1</sup> *Quarta aestas obtinendis quae percucurrerat insumpta; ac si uirtus exercituum et Romani nominis gloria pateretur, inuentus in ipsa Britannia terminus.* <sup>2</sup> *Namque Clota et Bodotria diuersi maris aestibus per immensum reuetae, angusto terrarum spatio dirimuntur: quod tum praesidiis firmabatur atque omnis propior sinus tenebatur, summotis uelut in aliam insulam hostibus.*

**XXIII.** O quarto verão<sup>324</sup> serviu para conservar aquelas regiões invadidas que tinham percorrido. Mas se a bravura dos exércitos e a glória do nome romano sofressem, ter-se-iam encontrado um limite na própria Britânia. De fato, Clota e Bodotria<sup>325</sup>, contornadas por uma imensidão de mares opostos, são separadas por um espaço estreito de terras que então eram protegidas por guarnições, e toda a parte sinuosa mais próxima estava ocupada, como se para outra ilha se tivessem afastado os inimigos.

**XXIV.** <sup>1</sup> *Quinto expeditionum anno nave prima transgressus ignotas ad id tempus gentis crebris simul ac prosperis proeliis domuit; eamque partem Britanniae quae Hiberniam aspicit copiis instruxit, in spem magis quam ob formidinem, si quidem Hibernia medio inter Britanniam atque Hispaniam sita et Gallico quoque mari opportuna ualentissimam imperii partem magnis in uicem usibus miscuerit.* <sup>2</sup> *Spatium eius, si Britanniae comparetur, angustius, nostri maris insulas superat.* <sup>3</sup> *Solum caelumque et ingenia cultusque hominum haud multum a Britannia differunt: melius aditus portusque per commercia et negotiatores cogniti.* <sup>4</sup> *Agricola expulsus seditione domestica unum ex regulis gentis exceperat ac specie amicitiae in occasionem retinebat.* <sup>5</sup> *Saepe ex eo audiui legione una et modicis auxiliis debellari obtinerique Hiberniam posse; idque etiam aduersus Britanniam profuturum, si Romana ubique arma et uelut e conspectu libertas tolleretur.*

**XXIV.** No quinto ano de expedições<sup>326</sup>, tendo feito a travessia com o primeiro navio<sup>327</sup>,

---

uma ala ou uma coorte auxiliar; constituíam a guarnição de pequenas fortificações. Os primeiros provinham das fileiras de soldados (*ex caliga*), e os segundos, da classe eqüestre. Cf. Forni, p. 177 e Soverini, p. 209.

<sup>324</sup> Ano de 80 ou 81 d.C.

<sup>325</sup> Trata-se dos estuários Clyde e Forth. O primeiro situava-se a oeste, no mar da Irlanda, e o outro ao norte. O espaço estreito de terras a que Tácito se refere é uma faixa de terra de 45 km, aproximadamente, que separa os dois rios. Cf. Soverini, 2004, p. 211.

<sup>326</sup> Ano de 81 ou 82 d.C.

dominou ao mesmo tempo as ilhas e povos até aquele tempo desconhecidos com batalhas contínuas e exitosas. Dispôs tropas na parte da Britânia que fica de frente para a Hibérnia<sup>328</sup>, mais por esperança que por temor, ainda mais que essa, situada na metade do caminho entre a Britânia e a Hispânia<sup>329</sup>, e também acessível pelo mar gálico, poderia ter unido a parte mais vigorosa do império com vantagens recíprocas<sup>330</sup>. Sua extensão, se comparada à da Britânia, é mais estreita, mas supera as ilhas de nosso mar<sup>331</sup>. O solo e o clima, a índole e o modo de vida dos homens não muito diferem dos da Britânia. Foram mais bem conhecidos os acessos e os portos por meio de comércios e negociantes. Agrícola recebeu um dos reis dos povos deportado em uma sedição interna<sup>332</sup> e, aparentando amizade, retinha-o para um momento oportuno. Amiúde ouvi de Agrícola que com uma única legião<sup>333</sup> e módicos auxiliares se podia vencer a guerra e conservar a Hibérnia e que isso seria útil até mesmo em relação à Britânia, se armas romanas estivessem em toda parte e a liberdade fosse como que eliminada das vistas.

**XXV.** <sup>1</sup> *Ceterum aestate, qua sextum officii annum incolabat, amplexus ciuitates trans Bodotriam sitas, quia motus uniuersarum ultra gentium et infesta hostili exercitu itinera timebantur, portus classe explorauit; quae ab Agricola primum adsumpta in partem uirium sequebatur egregia specie, cum simul*

---

<sup>327</sup> Nesta passagem, preferimos adotar a lição de Forni (1962) que traz *naue prima* ao invés de *Sabrinam* (Severn), conforme a versão da Les Belles Lettres, estabelecida por Goelzer (1922). Nossa escolha se baseia na análise dos comentadores, que, mesmo adotando a mesma lição, ainda debatem acerca de sua interpretação. Forni (p. 179) sugere que a tradução mais adequada seria “com os primeiros navios da frota que atravessaram aquelas águas...”. Contudo, seguimos o proposto por Soverini (2004, p. 214), que entende *prima* como uma expressão temporal.

<sup>328</sup> A moderna Irlanda. A região vizinha à Irlanda provavelmente é Cantyre. Cf. Forni, 1962, p. 180 e Soverini, 2004, p. 215.

<sup>329</sup> A localização geográfica apresentada nesta passagem é congruente com o erro da descrição da região da Britânia presente no capítulo 10 (v. nota 53), que considera que esta, bem como a Irlanda, localiza-se entre a Alemanha e a Espanha. Cf. Forni, 1962, p. 180 e Soverini, 2004, p. 216.

<sup>330</sup> Tácito se refere ao conjunto formado pela Hispânia, Britânia, Gália e Germânia. Além disso, Forni (p. 180) sublinha que especialmente a Gália e a Hispânia contribuíram fortemente com o exército durante o período cláudio-flaviano. Cf. Soverini, 2004, p. 216.

<sup>331</sup> O mar Mediterrâneo.

<sup>332</sup> Trata-se, provavelmente, da revolta dos Aithech Tuatha, que se rebelaram contra seus dominadores. Tal evento faria parte das lendas irlandesas. Cf. Forni, 1962, p. 180 e Soverini, 2004, p. 216. Segundo Forni (*idem*), o rei poderia ter fornecido informações a Agrícola e auxiliado a invasão romana.

<sup>333</sup> Cerca de 8 a 10000 homens seriam suficientes para ocupar a Irlanda. Cf. Forni, 1962, p. 180 e Soverini, 2004, p. 217.

*terra, simul mari bellum impelleretur, ac saepe isdem castris pedes equesque et nauticus miles mixti copiis et laetitia sua quisque facta, suos casus attollerent, ac modo siluarum ac montium profunda, modo tempestatum ac fluctuum aduersa, hinc terra et hostis, hinc uictus Oceanus militari iactantia compararentur.* <sup>2</sup> *Britannos quoque, ut ex captiuis audiebatur, uisa classis obstupefaciebat, tamquam aperto maris sui secreto ultimum uictis perfugium clauderetur.* <sup>3</sup> *Ad manus et arma conuersi Caledoniam incolentes populi, magno paratu, maiore fama, uti mos est de ignotis, oppugnare ultro castella adorti, metum ut prouocantes addiderant; regrediendumque citra Bodotriam et cedendum potius quam pellerentur ignaui specie prudentium admonebant, cum interim cognoscit hostis pluribus agminibus inrupturos.* <sup>4</sup> *Ac ne superante numero et peritia locorum circumiretur, diuiso et ipse in tris partes exercitu incessit.*

**XXV.** De resto, durante o verão, quando começava o sexto ano de cargo<sup>334</sup>, tendo abarcado em seus planos as cidades situadas para além da Bodótria, explorou os portos com a frota porque se temiam revoltas de todos os povos mais remotos e as rotas infestadas de exércitos inimigos. A frota britana<sup>335</sup>, pela primeira vez assumida como parte da força por Agrícola, seguia com aparência imponente, quando a guerra era lançada; fosse pela terra, fosse pelo mar, e frequentemente mesmo no acampamento, infantes, cavaleiros e os soldados da marinha, misturavam alegria aos deveres, exaltavam suas proezas e comparavam ora as profundezas das selvas e dos montes, ora as dificuldades das tempestades e das vagas, as vitórias aqui na terra dos inimigos e lá no oceano com a empáfia comum aos militares. Também aos britanos, como se ouvia dos prisioneiros, a visão da frota espantava, como se, ao revelarem o segredo de seu mar, fechassem o último refúgio para os derrotados. Os povos residentes na Caledônia, voltando-se às vias de fato e às armas, com grande preparação aumentada pelos boatos, como é de costume em relação a coisas desconhecidas, atacaram primeiro os fortes e causaram medo com essa provocação; os covardes, aparentando serem prudentes, aconselhavam que se retirassem para aquém da Bodótria e que recuassem para evitar serem repelidos, quando, nesse ínterim, Agrícola toma conhecimento de que numerosos inimigos irromperiam em colunas de guerra. Para que não fosse cercado por causa do maior número e da perícia dos lugares, ele próprio marchou com o exército dividido em três partes<sup>336</sup>.

---

<sup>334</sup> No ano 82 ou 83 d.C.

<sup>335</sup> A sede principal era em *Gesoriacum* (Boulogne) e a secundária na Britânia. Cf. Forni, 1962, p. 182.

<sup>336</sup> Acredita-se que Agrícola dispusesse de três legiões. Cf. Forni, 1962, p. 185 e Soverini, 2004, p. 221.

**XXVI.** <sup>1</sup> *Quod ubi cognitum hosti, mutato repente consilio uniuersi nonam legionem ut maxime inualidam nocte adgressi, inter somnum ac trepidationem caesis uigilibus inrupere.* <sup>2</sup> *Iamque in ipsis castris pugnabatur, cum Agricola iter hostium ab exploratoribus edoctus et uestigiis insecutus, uelocissimos equitum peditumque adsultare tergis pugnantium iubet, mox ab uniuersis adici clamorem; et propinqua luce fulsere signa.* <sup>3</sup> *Ita ancipiti malo territi Britanni; et nonanis rediit animus, ac securi pro salute de gloria certabant.* <sup>4</sup> *Utro quin etiam erupere, et fuit atrox in ipsis portarum angustiis proelium, donec pulsati hostes, utroque exercitu certante, his, ut tulisse opem, illis, ne eguisse auxilio uiderentur.* <sup>5</sup> *Quod nisi paludes et siluae fugientis texissent, debellatum illa uictoria foret.*

**XXVI.** Esse fato, quando conhecido pelo inimigo, o fez mudar rapidamente de plano, e todos atacaram durante a noite a IX legião<sup>337</sup>, que estava mais fraca, e irromperam em meio ao sono e o choque, depois de matar os vigilantes. Já lutavam no próprio acampamento<sup>338</sup> quando Agrícola, então, instruído sobre a marcha dos inimigos pelos soldados exploradores, foi em seu encalço e ordenou aos mais velozes cavaleiros e soldados da infantaria que se lançassem aos combatentes pelas costas e, em seguida, elevassem em conjunto um clamor<sup>339</sup>, e, ao se aproximar a luz do dia, brilharam os estandartes<sup>340</sup>. Assim, por um duplo perigo os britanos eram aterrorizados<sup>341</sup>. O ânimo retornou aos soldados da IX legião e, seguros quanto à salvação, combatiam pela glória. Além disso, passaram ao ataque, e a batalha foi atroz mesmo na estreiteza dos portões<sup>342</sup>; até que então, expulsos os inimigos, ambos os exércitos romanos<sup>343</sup> rivalizavam para parecer, um ter trazido o socorro, o outro não ter precisado de auxílio. E se os brejos e as selvas não protegessem os que fugiam, estaria a guerra terminada com aquela vitória.

**XXVII.** <sup>1</sup> *Cuius conscientia ac fama ferox exercitus nihil uirtuti suae inuium et penetrandam*

<sup>337</sup> A IX *Hispana*, que lutou na revolta de Boudica e quase foi destruída. A fragilidade mencionada se refere ao baixo número de soldados. Cf. Forni, 1962, p. 185.

<sup>338</sup> Acampamento temporário, onde permaneciam para passar a noite. Cf. Forni, 1962, p. 186.

<sup>339</sup> O grito dos soldados era uma maneira comum de atemorizar o inimigo, pois que fazia parecer que havia mais soldados que a realidade. Cf. Forni, 1962, p. 186 e Soverini, 2004, p. 222.

<sup>340</sup> Ou seja, as insígnias romanas: a *aquila* e os *uexilla* (v. nota 121).

<sup>341</sup> De um lado, a IX legião; de outro, Agrícola com a maior parte do exército. Cf. Forni, 1962, p. 186 e Soverini, 2004, p. 222.

<sup>342</sup> Passagens extremamente estreitas e com *claniculae*, aterros que impediam a entrada em massa no acampamento. Cf. Forni, 1962, p. 187 e Soverini, 2004, p. 222.

<sup>343</sup> A IX legião e a parte do exército que estava com Agrícola (v. nota 163).

*Caledoniam inueniendumque tandem Britanniae terminum continuo proeliorum cursu fremebant. <sup>2</sup> Atque illi modo cauti ac sapientes prompti post euentum ac magniloqui erant. <sup>3</sup> Iniquissima haec bellorum condicio est: prospera omnes sibi uindicant, aduersa uni imputantur. <sup>4</sup> At Britanni non uirtute se uictos, sed occasione et arte ducis rati, nihil ex adrogantia remittere, quo minus iuuentutem armarent, coniuges ac liberos in loca tuta transferrent, coetibus et sacrificiis conspirationem ciuitatum sancirent. <sup>5</sup> Atque ita inritatis utrimque animis discessum.*

**XXVII.** Exaltado pela consciência e pela fama da vitória, o exército bradava que nada era inacessível a sua bravura, que a Caledônia devia ser penetrada e, enfim, devia-se encontrar os limites da Britânia, bramindo através do curso contínuo das batalhas. Até aqueles há pouco cautelosos e sensatos, depois do ocorrido estavam decididos e falavam com vaidade. Esta é a condição mais injusta das guerras: todos reivindicam a prosperidade a si; a adversidade, a apenas um é imputada. Entretanto, os britanos, convencidos de que não foram vencidos pela bravura, mas pela ocasião e pela habilidade do comandante, em nada diminuía sua arrogância<sup>344</sup>, não deixavam de armar a juventude, transferir as esposas e os filhos para lugares seguros e estabelecer a aliança das cidades com reuniões e sacrifícios<sup>345</sup>. Foi assim, com os ânimos exaltados de uma e de outra parte, que se deu a separação.

**XXVIII.** <sup>1</sup> *Eadem aestate cohors Usiporum per Germanias conscripta et in Britanniam transmissa magnum ac memorabile facinus ausa est. <sup>2</sup> Occiso centurione ac militibus, qui ad tradendam disciplinam inmixti manipulis exemplum et rectores habebantur, tris liburnicas adactis per uim gubernatoribus ascendere; et uno remigrante, suspectis duobus eoque interfectis, nondum uulgato rumore ut miraculum praeuehebantur. <sup>3</sup> Mox ad aquam atque utilia raptum egressi, et cum plerisque Britannorum sua defensantium proelio congressi ac saepe uictores, aliquando pulsos, eo ad extremum inopiae uenere, ut infirmissimos suorum, mox sorte ductos uescerentur. <sup>4</sup> Atque ita circumuecti Britanniam, amissis per inscitiam regendi nauibus, pro praedonibus habiti, primum a Suebis, mox a Frisiis intercepti sunt. <sup>5</sup> Ac fuere quos per commercia uenundatos et in nostram usque ripam mutatione ementium adductos indicium tanti casus inlustrauit.*

**XXVIII.** No mesmo verão, a coorte dos usipianos<sup>346</sup> foi recrutada pela Germânia e,

---

<sup>344</sup> Soverini (2004, p. 224) comenta que a arrogância dos britanos evidencia sua dificuldade em reconhecer os romanos como superiores, já que os conquistaram, bem como seu direito de impor-lhes sua hegemonia.

<sup>345</sup> Nota-se uma alteração em *c* e *s* na passagem: *coetibus et sacrificiis conspirationem ciuitatem sancirent*.

<sup>346</sup> Habitavam à margem direita do Reno e formavam uma coorte com cerca de 500 a 1000 homens, que participou de algumas guerras. Cf. Forni, 1962, p. 189 e Soverini, 2004, p. 225.

depois de atravessar a Britânia, ousou realizar grandioso e memorável feito. Mortos o centurião e os soldados que, misturados aos manípulos<sup>347</sup>, eram tidos como exemplo e para trazer-lhes a disciplina, em três navios libúrnicos<sup>348</sup>, subjugados pela força, embarcaram os pilotos. E, quando retrocedia um, dois foram suspeitos<sup>349</sup> e, por isso, mortos; e ainda não espalhada a notícia, ladeavam a costa como se fosse um milagre<sup>350</sup>. Em seguida, quando tinham ido buscar água e outras coisas úteis, lutaram com muitos dos britanos que defendiam seus bens na batalha e foram sempre vencedores, de vez em quando repelidos, a tal ponto chegaram ao extremo da precisão que só os mais enfermos dos seus primeiro se alimentaram, depois os escolhidos pela sorte. E desse modo, tendo eles circundado a Britânia, perderam navios por não saber pilotá-los, foram tratados como piratas, e primeiro pelos suevos<sup>351</sup>, depois pelos frísios<sup>352</sup>, foram interceptados. Houve os que, vendidos como escravos por comércio e levados até nossa costa pela troca de compradores, tornaram-se famosos por seu depoimento sobre tão grande infortúnio.

**XXIX.** <sup>1</sup> *Initio aetatis Agricola domestico uulnere ictus, anno ante natum filium amisit; quem casum neque ut plerique fortium uirorum ambitiose, neque per lamenta rursus ac maerorem muliebriter tulit; et in luctu bellum inter remedia erat.*

<sup>2</sup> *Igitur praemissa classe, quae pluribus locis praedata magnum et incertum terrorem faceret, expedito exercitu, cui ex Britannis fortissimos et longa pace exploratos addiderat, ad montem Graupium peruenit, quem iam hostis insederat.* <sup>3</sup> *Nam Britanni nihil fracti pugnae prioris euentu, et ultionem aut seruitium exspectantes, tandemque docti commune periculum concordia propulsandum, legationibus et foederibus omnium ciuitatum uires exciuerant.* <sup>4</sup> *Iamque super triginta milia armatorum aspiciebantur, et adhuc adfluebat omnis iuuentus et quibus cruda ac uiridis senectus, clari bello et sua quisque decora gestantes, cum inter pluris duces uirtute et genere praestans nomine Calgacus apud*

---

<sup>347</sup> Os *manipuli* eram formados por duas centúrias; três centúrias compunham uma coorte. Cf. OLD, 1968, p. 1096.

<sup>348</sup> Espécie de navios mais alongados, com velas e velozes. São assim chamados devido aos piratas do Liburno. Na idade imperial o termo designa “navios de guerra”, em geral. Cf. Forni, 1962, p. 189 e Soverini, 2004, p. 226).

<sup>349</sup> Tentamos, na tradução, manter o quiasmo presente em *uno remigante, suspectis duobus*.

<sup>350</sup> Segundo os comentadores, ainda não se sabia da deserção e quando os navios começaram a ser vistos no horizonte, teve-se a impressão de que eram uma aparição. Cf. Forni, p. 190 e Soverini, p. 227.

<sup>351</sup> Tácito usa o mesmo termo na obra *Germania* para se referir àqueles que viviam no oriente do rio Elba. Cf. Forni, 1962, p. 191 e OCD, 1966, p. 1451.

<sup>352</sup> Outro povo germânico; ocupavam o território hoje correspondente à Holanda, próximo ao rio Reno. Cf. OCD, 1966, p. 613.



*contractam multitudinem proelium poscentem in hunc modum locutus fertur:*

**XXIX.** Com o início do verão<sup>353</sup>, Agrícola foi atingido por uma desgraça em sua casa: perdeu um filho nascido um ano antes<sup>354</sup>, situação que não suportou nem como muitos dos mais fortes dos homens, isto é, com arrogância<sup>355</sup>, nem com lamentos e fraqueza, conforme os modos femininos. Com efeito, a guerra estava entre os remédios para o luto. Então, depois de enviar a tropa à frente, a qual, tendo saqueado diversos locais, provocava um terror imenso e incerto, com o exército sem bagagens<sup>356</sup> e ao qual havia incorporado os mais fortes dos britanos que na longa paz foram postos à prova, chegou ao monte Gráupio, que os inimigos tinham já ocupado. De fato, os britanos, em nada enfraquecidos pelo desfecho do combate anterior, aguardando pela vingança ou pela escravidão, e finalmente sabendo que se deveria repelir o perigo comum pela concórdia, com os legados e as alianças, tinham excitado as forças de todos os povos. Assim, eram avistados mais de trinta mil homens armados<sup>357</sup> e, além disso, afluía toda a juventude e aqueles que tinham uma velhice robusta e vigorosa, os ilustres na guerra, trazendo cada um suas condecorações<sup>358</sup>, quando, entre os muitos chefes, sobressaindo pela bravura e origem, um homem de nome Calgaco<sup>359</sup>, na multidão reunida que pedia pela guerra, diz-se que desse modo falou:

**XXX.** <sup>1</sup> " *Quotiens causas belli et necessitatem nostram intueor, magnus mihi animus est hodiernum diem consensumque uestrum initium libertatis toti Britanniae fore; nam et uniuersi coistis et seruitutis*

---

<sup>353</sup> O verão seguinte ao ano de 83 ou 84 d.C., segundo Soverini (p. 230).

<sup>354</sup> Seria o segundo filho de Tácito. Sobre o primeiro filho falecido, Tácito comenta no capítulo VI (Cf. Soverini, p. 231).

<sup>355</sup> Segundo, Forni (p. 192), alude-se aqui a uma postura romana de encarar o luto familiar de modo imperturbável, como que estoico.

<sup>356</sup> Trata-se da bagagem pessoal dos soldados (*sarcinae*), composta por ferramentas e suprimentos. A ausência desta permitia que os soldados ficassem mais ágeis e rápidos (Cf. Forni, 192 e Soverini, p. 231).

<sup>357</sup> Soverini (p. 233) e Forni (p. 193-4) apontam que, ainda que fosse costume aumentar o número de homens que participavam das batalhas para valorizar a força inimiga, o dado fornecido por Tácito parece plausível, já que só a tropa auxiliar de Agrícola contava com aproximadamente 14 mil homens.

<sup>358</sup> Insígnias de guerra, como prêmios e espólios (Cf. Forni, p. 194 e Soverini, p. 233).

<sup>359</sup> Etimologicamente, o nome quer dizer "aquele que segura a espada" e, segundo Soverini (p. 233), refere-se ao irlandês *calgach*. Forni (p. 194) acrescenta que não se tem outras referências de tal personagem, que conquistou a independência dos caledônios.

*expertes et nullae ultra terrae ac ne mare quidem securum inminente nobis classe Romana.* <sup>2</sup> *Ita proelium atque arma, quae fortibus honesta, eadem etiam ignavis tutissima sunt.*

<sup>3</sup> *Priores pugnae, quibus aduersus Romanos uaria fortuna certatum est, spem ac subsidium in nostris manibus habebant, quia nobilissimi totius Britanniae eoque in ipsis penetralibus siti nec ulla seruiantium litora aspicientes, oculos quoque a contactu dominationis inuiolatos habebamus.* <sup>4</sup> *Nos terrarum ac libertatis extremos recessus ipse ac sinus famae in hunc diem defendit; atque omne ignotum pro magnifico est;* <sup>5</sup> *sed nunc terminus Britanniae patet, nulla iam ultra gens, nihil nisi fluctus ac saxa, et infestiores Romani, quorum superbiam frustra per obsequium ac modestiam effugias.*

<sup>6</sup> *Raptores orbis, postquam cuncta uastantibus defuere terrae, mare scrutantur; si locuples hostis est, auari, si pauper, ambitiosi, quos non Oriens, non Occidens satiauerit; soli omnium opes atque inopiam pari adfectu concupiscunt.* <sup>7</sup> *Auferre, trucidare, rapere falsis nominibus imperium, atque ubi solitudinem faciunt, pacem appellant.*

**XXX.** “Todas as vezes que eu considero as nossas razões para a guerra<sup>360</sup> e nossa situação crítica<sup>361</sup>, maior é minha esperança de que o dia de hoje e o consenso de vocês será o início da liberdade para toda a Britânia. Pois que vocês comandam todos juntos, desconhecem a servidão e não há nas terras mais distantes, nem mesmo no mar, segurança para nós frente à iminente frota romana. Assim, o combate e os exércitos, que são louváveis para os bravos, são também a maior defesa para os covardes. As lutas anteriores, nas quais se combateu contra os romanos com sorte diversa, guardavam em nossas mãos esperança e ajuda, porque todos os mais nobres de toda a Britânia, morando na parte mais interna, não viam pelo mar nenhuma servidão, tínhamos os olhos livres do contato com a dominação<sup>362</sup>. Nós somos os últimos das terras e os últimos livres, e o isolamento em si e a obscuridade da fama nos defenderam até este dia; e tudo que é desconhecido é tido como magnífico<sup>363</sup>. Mas, agora, a fronteira da

---

<sup>360</sup> O capítulo XV aborda os sentimentos dos romanos em relação à guerra. Para os britanos, o que os moveria para a batalha seria o amor pela liberdade, segundo Forni (1962, p. 194).

<sup>361</sup> Restavam a eles servir os romanos ou vencer a guerra. Cf. Forni, 1962, p. 194. Segundo Soverini (2004, p. 234), o termo *necessitas* releva que a situação é realmente crítica.

<sup>362</sup> Nota-se aqui uma exaltação da superioridade dos caledônios em relação a uma nobreza de origem e também um elogio à localização do povo. Conforme Soverini (2004, p. 235) aponta, Calgaco atribuiu certo ar misterioso e sagrado ao local onde vive, pois se trata da parte mais interna da ilha. No texto latino emprega-se a palavra *penetralia*, traduzida, mais precisamente, por “parte mais interna de um santuário”. Acredita-se ainda que os caledônios fossem mais nobres que os demais e que tivessem um forte orgulho étnico. Todavia, Tácito apresenta uma visão diversa, pois os considera imigrantes germânicos e um povo subjugado pelos romanos. Cf. Forni, 1962, p. 195 e Soverini, *idem*.

<sup>363</sup> A interpretação desta passagem se revela em certa medida metafórica. A ideia transmitida é de que a obscuridade da fama, devido ao afastamento do povo, mantinha-os em segurança, ao mesmo tempo que, aumentava, justamente por serem desconhecidos, seu valor e dignidade. Tanto Forni (1962, p.

Britânia se abre ao inimigo, nenhum povo além, nada senão rios e pedras e, mais hostis ainda, os romanos, a cuja soberba em vão se tentaria escapar por meio da obediência e da moderação. Eles, ladrões do mundo todo<sup>364</sup>, faltando terras para devastar, até o mar perscrutam: ávidos, se o inimigo é rico; se pobre, ambiciosos; os que não teriam se satisfeito nem com o Oriente, nem com o Ocidente, os únicos de todos os homens que cobiçam o poder e a pobreza com igual afeição. Roubar, trucidar e apoderar-se, chamam, de maneira mentirosa, exercer o poder, e onde criam um deserto, chamam de paz.

**XXXI.** *"<sup>1</sup>Liberos cuique ac propinquos suos natura carissimos esse uoluit: hi per dilectus alibi seruituri auferuntur; coniuges sororesque etiam si hostilem libidinem effugerunt, nomine amicorum atque hospitum polluuntur. <sup>2</sup>Bona fortunaeque in tributum, ager atque annus in frumentum, corpora ipsa ac manus siluis ac paludibus emuniendis inter uerbera et contumelias conteruntur. <sup>3</sup>Nata seruituti mancipia semel ueneunt, atque ultro a dominis aluntur: Britannia seruitutem suam cotidie emit, cotidie pascit. <sup>4</sup>Ac sicut in familia recentissimus quisque seruorum etiam conseruis ludibrio est, sic in hoc orbis terrarum uetere famulatu noui nos et uiles in excidium petimur; neque enim arua nobis aut metalla aut portus sunt, quibus exercendis reseruemur. <sup>5</sup>Virtus porro ac ferocia subiectorum ingrata imperantibus; et longinquitas ac secretum ipsum quo tutius, eo suspectius. <sup>6</sup>Ita sublata spe ueniae tandem sumite animum, tam quibus salus quam quibus gloria carissima est. Brigantes femina duce exurere coloniam, expugnare castra, ac nisi felicitas in socordiam uertisset, exuere iugum potuere: nos integri et indomiti et in libertatem, non in paenitentiam allaturi; primo statim congressu ostendamus, quos sibi Caledonia uiros seposuerit.*

**XXXI.** “A natureza quis que, a cada um, seus filhos e parentes fossem os mais queridos. Estes, pelos recrutamentos, são levados para cumprir a servidão em outro lugar. As esposas e as irmãs, ainda que escapem da lascívia do inimigo, em nome da amizade e da

---

196) quanto Soverini (2004, p. 237) comentam que a metáfora é sugerida por *sinus*, que pode se referir ao seu território ou à imagem de uma toga que cobre a visão.

<sup>364</sup> Na obra de Salústio (*Mitbr.*, 22) aparece expressão parecida para nomear os romanos: *latrones gentes*; e em Veleio Paterculo (II, 27,2), encontra-se *raptores Italicae libertatis lupos*, o que evidencia que era comum a esse tipo de crítica ao imperialismo romano. Cf. Forni, 1962, p. 197 e Soverini, 2004, p. 239.

hospitalidade eram corrompidas<sup>365</sup>. Os bens e as fortunas vão para o imposto, a terra e a colheita para o trigo, os corpos e mãos em si para abrir caminhos entre selvas e brejos; entre açoites e insultos, eram exauridos. Os escravos nascidos para a servidão<sup>366</sup> eram vendidos de uma só vez e, além disso, eram alimentados pelo dono. A Britânia compra cotidianamente sua servidão; cotidianamente a sustenta. Assim como o mais novato escravo dentre eles em uma família era motivo de ludíbrio para os colegas de servidão, do mesmo modo, neste mundo de antigos escravos, nós, os novos e sem valor, somos destinados à destruição, pois não temos nem lavouras ou metais ou portos, os quais somos reservados para explorar. Por outro lado, a virtude e a impetuosidade dos subordinados são indesejáveis aos que imperam e o afastamento e o próprio isolamento quanto mais protegido, mais suspeito. Assim, roubada a esperança de indulgência, então, tomem coragem, vocês, a quem tanto a vida quanto à glória são caríssimas. Os brigantes, sob o comando de uma mulher, incendiaram a colônia, assaltaram os acampamentos, e não fosse a prosperidade transformada em imprudência, poderiam ter se livrado do jugo: nós, que somos íntegros e indomados, e a liberdade, não o arrependimento traremos, imediatamente mostremos desde o primeiro combate a quais homens a Caledônia foi reservada”.

**XXXII.** *“An eandem Romanis in bello uirtutem quam in pace lasciuam adesse creditis? Nostris illi dissensionibus ac discordiis clari uitia hostium in gloriam exercitus sui uertunt; quem contractum ex diuersissimis gentibus ut secundae res tenent, ita aduersae dissoluent: nisi si Gallos et Germanos et (pudet dictu) Britannorum plerosque, licet dominationi alienae sanguinem commodent, diutius tamen hostis quam seruos, fide et adfectu teneri putatis. <sup>2</sup>Metus ac terror sunt infirma uincla caritatis; quae ubi remoueris, qui timere desierint, odisse incipient. <sup>3</sup>Omnia uictoriae incitamenta pro nobis sunt: nullae Romanos coniuges accendunt, nulli parentes fugam exprobraturi sunt; aut nulla plerisque patria aut alia est. <sup>4</sup>Paucos numero, trepidos ignorantia, caelum ipsum ac mare et siluas, ignota omnia circumspectantis, clausos quodam modo ac uinctos di nobis tradiderunt. <sup>5</sup>Ne terreat uanus aspectus et auri fulgor atque argenti, quod neque tegit neque uulnerat. <sup>6</sup>In ipsa hostium acie inueniemus nostras*

---

<sup>365</sup> Segundo Soverini (2004, p.241), Tácito retoma a violência que Boudica e sua filha também sofreram com os romanos, de modo a reiterar sua libidinosidade.

<sup>366</sup> Havia aqueles que já nasciam escravos e faziam parte das *res mancipi*, os bens e propriedades inalienáveis de um senhor. No entanto, eles poderiam ser vendidos uma vez, por meio da *mancipatio*, e tinham direito à alimentação na casa em que fossem viver. Cf. Forni, 1962, p. 198; Soverini, 2004, p. 241 e Saint-Denis, 1972, p. 25.

*manus. 7Adgnoscent Britanni suam causam, recordabuntur Galli priorem libertatem: deserent illos ceteri Germani, tamquam nuper Vrsipi reliquerunt. 8Nec quicquam ultra formidinis: uacua castella, senum coloniae, inter male parentis et iniuste imperantis aegra municipia et discordantia. 9Hic dux, hic exercitus: ibi tributa et metalla et ceterae seruientium poenae, quas in aeternum perferre aut statim ulcisci in hoc campo est. Proinde ituri in aciem et maiores uestros et posteros cogitate.”*

**XXXII.** “Acaso acreditam que os romanos possuem a mesma bravura na guerra quanto como arrogância na paz? Com nossas desavenças e discórdias a eles damos a glória; os defeitos do inimigo tornam em glória do seu exército, que, formado dos mais diferentes povos<sup>367</sup>, assim como a prosperidade os mantém, a adversidade os dissolverá. A não ser que vocês julguem que os gauleses, germânicos e (envergonha-me dizer) a muitos dos britanos, embora submetam seu sangue à dominação de estrangeiros, no entanto, foram por mais tempo seus inimigos que escravos, estejam ligados a eles por lealdade e afeto. O medo e o terror são vínculos frágeis de amizade; quando removidos, aqueles que abandonarem o temer, começarão a odiar. Todos os estímulos da vitória estão a nosso favor: não há esposa alguma que incentive os romanos, nenhum pai que lhes censure a fuga<sup>368</sup>. A maioria não tem pátria nenhuma ou outra diferente de Roma. Pouco numerosos, inquietos por não conhecer o próprio céu, o mar e as selvas, observam todas as coisas desconhecidas, e os deuses os trouxeram a nós cerrados e de certo modo atados. Que a aparência vã não lhes aterrorize vocês, nem o brilho do ouro ou da prata<sup>369</sup>, que não protege nem fere. Na própria força inimiga encontraremos braços a nosso favor. Os britanos conhecerão sua causa, os gauleses se lembrarão da liberdade anterior: logo os outros germânicos os abandonarão, como os usípios os deixaram<sup>370</sup>. Nenhum medo, depois: fortificações vazias, colônias de veteranos<sup>371</sup>, uma cidade municípios<sup>372</sup> fracos e em divididos entre os que obedecessem de má vontade e os que

---

<sup>367</sup> O exército romano era composto por diversos povos conquistados, que formavam as coortes auxiliares, como os germanos, gauleses, italianos, britanos, além de povos de outras províncias. Cf. Forni, 1962, p. 201.

<sup>368</sup> Era comum, segundo os comentaristas, a presença da família dos soldados no momento da batalha a fim de encorajar a luta. Cf. Forni, 1962, p. 201 e Soverini, 2004, p. 246.

<sup>369</sup> As insígnias dos aparatos bélicos romanos eram ornadas com pedrarias. Cf. Soverini, 2004, p. 247.

<sup>370</sup> Cf. XXVIII, 1.

<sup>371</sup> Apesar do plural, trata-se apenas da colônia de *Camulodunum* (atual Colchester), que era formada por veteranos. A nota da edição Les Belles Lettres indica que Tácito se refere também à colônia de *Lindum*, que, segundo os outros comentadores, não existia mais nessa época. Cf. Forni, 1962, p. 203 e Soverini, 2004, p. 248.

<sup>372</sup> A cidade de *Verulanium*. Mais uma vez no texto latino há o plural, ainda que Tácito fale de apenas

comandam de forma injusta. Aqui o comandante, aqui o exército. Do lado de lá os tributos, as minas e as demais penas dos escravos: arrastá-las para a eternidade ou vencê-las agora é o que está neste campo de batalha. Por causa disso, pensem em nossos antepassados e descendentes, quando forem ao combate.”

**XXXIII.** <sup>1</sup>*Excepere orationem alacres, ut barbaris moris, fremitu cantuque et clamoribus dissonis; iamque agmina et armorum fulgores audentissimi cuiusque procurso: | simul instruebatur acies, cum Agricola quamquam laetum et uix munimentis coercitum militem accendendum adhuc ratus, ita disseruit: “septimus annus est, commilitones, ex quo uirtute et auspiciis imperii Romani, fide atque opera uestra Britanniam uicistis. <sup>3</sup>Tot expeditionibus, tot proeliis, seu fortitudine aduersus hostis seu patientia ac labore paene aduersus ipsam rerum naturam opus fuit, neque me militum neque uos ducis paenituit. <sup>4</sup>Ergo egressi, ego ueterum legatorum, uos priorum exercituum terminos, finem Britanniae non fama nec rumore, sed castris et armis tenemus: inuenta Britannia et subacta. <sup>5</sup>Equidem saepe in agmine, cum uos paludes montesue et flumina fatigarent, fortissimi cuiusque uoces audiebam: Quando dabitur hostis, quando adimus? Veniunt, e latebris suis extrusi, et uota uirtusque in aperto, omniaque prona uictoribus atque eadem uictis aduersa. <sup>6</sup>Nam ut | superasse tantum itineris, euasisse siluas, transisse aestuaria pulchrum ac decorum in frontem, ita fugientibus periculosissima quae hodie prosperrima sunt; neque enim nobis aut locorum eadem notitia aut comaeatuum eadem abundantia, sed manus et arma et in his omnia. <sup>7</sup>Quod ad me attinet, iam pridem mihi decretum est neque exercitus neque ducis terga tuta esse. <sup>8</sup>Proinde et honesta mors turpi uita potior, et incolumitas ac decus eodem loco sita sunt; nec inglorium fuerit in ipso terrarum ac naturae fine cecidisse.*

**XXXIII.** A multidão recebeu o discurso ao modo dos bárbaros: entusiasmados, com bramidos e canto e clamores dissonantes. Já se via um batalhão e o brilho das armas com a marcha dos mais audaciosos. A um só tempo a linha de batalha era formada, quando Agrícola, embora com dificuldade a contente tropa fosse contida pelas fortificações, julgou que, além disso, devia inflamá-los e assim pronunciou<sup>373</sup>:

---

um lugar. Chama-se esse emprego de plural enfático. Cf. Forni, 1962, p. 203 e Soverini, 2004, p. 204.

<sup>373</sup> A maneira como Tácito introduz no texto latino os discursos de Calgago e Agrícola, respectivamente, por *hunc modum locutus* e *ita disseruit*, o que indica uma maior precisão na apresentação do discurso de seu sogro. Para Saint-Denis, a diferença entre as estruturas evidenciaria que Tácito teria consultado um documento com o discurso de Agrícola, ao contrário do de Calgago, que seria fictício. Soverini, no entanto, defende que Tácito apenas emprega artifícios retóricos, sobretudo, no segundo discurso, não havendo como deduzir ou provar que ele tenha consultado algum documento. Cf. Saint-Denis,

“É o sétimo ano<sup>374</sup>, camaradas, que graças à virtude e aos auspícios do império romano, com nossa lealdade e trabalho vocês venceram a Britânia. Em tantas expedições e em tantas batalhas, foram necessárias ora força contra o inimigo, ora perseverança e labor quase que contra a própria natureza das coisas, e eu não me queixei de meus soldados e nem vocês de seu comandante. Portanto, tendo ultrapassado eu mesmo os limites conquistados pelos antigos legados, vocês, aqueles dos exércitos anteriores, ocupamos os limites da Britânia<sup>375</sup> não havendo boato ou rumores<sup>376</sup>, mas por meio de acampamentos e armas a Britânia foi descoberta e conquistada.

Sem dúvida, muitas vezes durante a marcha, quando os brejos, os montes e os rios lhes esgotaram, eu ouvia as vozes dos mais corajosos: “quando se lançarão os inimigos? Quando vamos ao seu encontro?” Eles vêm de seus esconderijos ao lado e os votos e os valores têm o campo aberto, tudo é favorável aos vencedores e igualmente adverso aos vencidos. Porque assim como ter superado tamanho caminho, escapado de florestas, atravessado os estuários é belo e decoroso quando as encaramos de frente, essas coisas que hoje são muito favoráveis serão muito perigosas para os que fogem. Não temos nem o mesmo conhecimento dos lugares nem a mesma abundância de provisões, mas nossas mãos e armas e tudo neles. Quanto a mim, há muito me convenci de que nem a fuga do exército, nem do comandante é segura. Então, se a morte honesta é preferível a uma vida torpe, a salvação e a dignidade estão no mesmo lugar. Não será inglório ter sucumbido nos confins dessas terras e natureza.

**XXXIV.** *“<sup>1</sup>Si nouae gentes atque ignota acies constitisset; aliorum exercituum exemplis uos hortarer: nunc uestra decora recensete, uestros oculos interrogate. <sup>2</sup>Hi sunt, quos proximo anno unam legionem furto noctis adgressos clamore debellastis; hi ceterorum Britannorum fugacissimi ideoque tam diu superstites. <sup>3</sup>Quo modo siluas saltusque penetrantibus fortissimum quodque animal contra ruere, pauida et inertia ipso agminis sono pellebantur, sic acerrimi Britannorum iam pridem ceciderunt, reliquus est numerus ignauorum et metuentium. <sup>4</sup>Quos quod tandem inuenistis, non restiterunt, sed deprehensi sunt; nouissimae res et extremus metus torpor defixere aciem in his uestigiis, in quibus pulchram et spectabilem uictoriam ederetis. <sup>5</sup>Transigite cum expeditionibus, imponite quinquaginta*

---

1972, p. 27 e Soverini, 2004, p. 250.

<sup>374</sup> Ano de 84.

<sup>375</sup> A Caledônia.

<sup>376</sup> Segundo Forni (1962, p. 208), os rumores que Tácito menciona poderia ser uma alusão à empreitada malsucedida de Calígula (XLIII, 2).

*annis magnum diem, adprobate rei publicae numquam exercitui imputari potuisse aut moras belli aut causas rebellandi.”*

**XXXIV.** Se novos povos e exército desconhecido se enfileirassem contra nós, eu lhes exortaria com exemplos de outros exércitos. Agora relembrem suas proezas, interroguem seus olhos. Esses são os que vocês, no último ano, tendo atacado na calada da noite uma legião, debelaram com um grito<sup>377</sup>. Esses, dentre os britanos, os mais dados à fuga e que por isso sobreviveram. Como quando vocês penetraram as selvas e florestas, os mais fortes animais se deitaram em sua direção, os amedrontados e os fracos, pelo próprio som de sua marcha eram afugentados, assim há muito tempo tombaram os mais bravos dos britanos, o que resta é um número de covardes e medrosos. Estes vocês encontraram não porque resistiram, mas porque foram surpreendidos. As últimas lutas e o torpor vindo de um medo extremo detiveram o exército em seus próprios lugares, nos quais vocês obterão uma vitória bela e espetacular. Terminem com as expedições, empenhem cinquenta anos<sup>378</sup> em um único grande dia, provem para a república que nunca poderá ser imputada ao exército a lentidão da guerra ou os motivos das rebeliões”.

**XXXV.** <sup>1</sup>*Et adloquente adhuc Agricola militum ardor eminebat, et finem orationis ingens alacritas consecuta est, statimque ad arma discursum.* <sup>2</sup>*Instinctos ruentisque ita disposuit, ut peditum auxilia, quae octo milium erant, mediam aciem firmarent, equitum tria milia cornibus adfunderentur.* <sup>3</sup>*Legiones pro uallo stetero, ingens uictoriae decus citra Romanum sanguinem bellandi, et auxilium, si pellerentur.* <sup>4</sup>*Britannorum acies in speciem | simul ac terrorem editioribus locis constiterat ita, ut primum agmen in aequo, ceteri per adclive iugum conexi uelut insurgerent; media campi couinnarius eques strepitu ac discursu complebat.* <sup>5</sup>*Tum Agricola superante hostium multitudine ueritus, ne in frontem simul et latera suorum pugnaretur, diductis ordinibus, quamquam porrectior acies futura erat et arcessendas plerique legiones admonebant, promptior in spem et firmus aduersis, dimisso equo pedes ante uexilla constitit.*

---

<sup>377</sup> Retomada do episódio narrado em XXVI, 2.

<sup>378</sup> Na verdade, arredondam-se para cinquenta os quarenta e dois anos transcorridos desde a expedição de Cláudio; há um exagero retórico empregado por Tácito. Cf. Forni, 1962, p. 212.



**XXXV.** E enquanto Agrícola ainda falava, o ardor dos soldados se sobressaía e um enorme entusiasmo foi alcançado no final do discurso; imediatamente, correu-se por diversos lados às armas. Ele dispôs os soldados de tal modo animados e prontos a atacar que, a infantaria auxiliar, que eram oito mil, formasse um forte batalhão ao centro e aos flancos foram acrescentados três mil cavaleiros. As legiões permaneceram diante da trincheira, pois a honra da vitória seria grande se batalhassem sem o sangue romano, e seriam de auxílio, caso fossem atacados. O exército dos britanos, para impor a si mesmos e ao mesmo tempo aterrorizar, ocuparam os locais mais altos, ficando a primeira linha a frente em terreno plano, e os demais unidos como se subissem o declive do morro. O cavaleiro que combatia do carro<sup>379</sup> preenchia o meio do campo, com corridas desordenadas e gritos. Então, Agrícola, diante da superioridade numérica dos inimigos<sup>380</sup>, receoso de que se atacasse ao mesmo tempo pela frente e laterais dos seus, dispersando as fileiras, ainda que a linha de batalha ficasse mais alongada e que muitos aconselhassem mandar avançar as legiões, mais inclinado à esperança e firme na adversidade, tendo abandonado o cavalo, colocou-se em pé diante as insígnias.

**XXXVI.** *<sup>1</sup>Ac primo congressu eminus certabatur; simulque constantia, simul arte Britanni ingentibus gladiis et breuibus caetris missilia nostrorum uitare uel excutere, atque ipsi magnam uim telorum superfundere, donec Agricola quattuor Batauorum cohortis ac Tungrorum duas cohortatus est, ut rem ad mucrones ac manus adducerent; quod et ipsis uetustate militiae exercitatum et hostibus inhabile, parua scuta et enormis gladios gerentibus|; nam Britannorum gladii sine mucrone complexum armorum et in arto pugnam non tolerabant. <sup>2</sup>Igitur ut Bataui miscere ictus, ferire umbonibus, ora fodere, et stratis qui in aequo adstiterant, erigere in collis aciem coepere, ceterae cohortes aemulatione et impetu conisae proximos quosque caedere: ac plerique semineces aut integri festinatione uictoriae relinquebantur. <sup>3</sup>Interim equitum turmae, ut fugere couinnarii, peditum se proelio miscuere. <sup>4</sup>Et quamquam recentem terrorem intulerant, densis tamen hostium agminibus et inaequalibus locis haerebant; minimeque equestris ei iam pugnae facies erat, cum aegre cliuo instantes simul equorum corporibus impellerentur; ac saepe uagi currus, exterriti sine rectoribus equi, ut quemque formido tulerat, transuersos aut obuios incursabant.*

---

<sup>379</sup> O carro a que Tácito se refere era o *couinnus*, um carro de guerra usado pelos britanos. Cf. Soverini, 2004, p. 259.

<sup>380</sup> Havia cerca de 30000 caledônios contra 13000 auxiliares de Agrícola. Cf. *Agric.*, XXVI; Forni, 1962, p; 214 e Saint-Denis, 1942, p. 43.

**XXXVI.** No começo da batalha, combatia-se de longe. Ao mesmo tempo tanto com firmeza quanto destreza, os britanos com enormes espadas e modestos escudos desviavam e impediam os ataques dos nossos, e até eles mesmos soltavam uma enorme quantidade de flechas. Então, Agrícola incitou quatro coortes de batavos e duas de tungros<sup>381</sup> a fim de que conduzissem juntas a situação com a ponta das espadas e corpo a corpo, tanto porque eram acostumados a isso pelo tempo de milícia, quanto pela inabilidade dos inimigos, manobrando pequenos escudos e enormes espadas. Com efeito, as espadas sem pontas dos britanos não aguentavam o chocar-se das armas e a luta em lugares estreitos. Então, quando os batavos se puseram a desferir golpes, ferir com o dorso dos escudos<sup>382</sup>, transpassar faces, e, depois de abater os que estavam no terreno plano começaram a dirigir a batalha para as colinas, as coortes restantes com rivalidade e ímpeto esmagavam todos que estivessem por perto e, no afã da vitória, muitos moribundos ou mesmo ilesos eram abandonados. Enquanto isso, as legiões da cavalaria, como cavaleiros de carro haviam fugido, misturaram-se aos infantes na batalha. E, embora tivessem introduzido o terror há pouco, não avançavam, sendo numerosos os inimigos que marchavam e os lugares desiguais. Já não havia a menor aparência de uma luta de cavalaria, pois ficando com dificuldade próximos dos declives da colina, eram impelidos ao mesmo pelos corpos dos cavalos e muitas vezes, carros à deriva, cavalos aterrorizados, sem condutores, tomados pelo terror, precipitavam-se contra os homens de frente ou de trás.

**XXXVII.** *<sup>1</sup>Et Britanni, qui adhuc pugnae expertes summa collium insederant et paucitatem nostrorum uacui spernebant, degredi paulatim et circumire terga uincientium coeperant, ni id ipsum ueritus Agricola quattuor equitum alas, ad subita belli retentas, uenientibus opposuisset, quantoque ferocius adcurrerant, tanto acrius pulsos in fugam disiecisset. <sup>2</sup>Ita consilium Britannorum in ipsos uersum, transuectaeque praecepto ducis a fronte pugnantium alae auersam hostium aciem inuasere. <sup>3</sup>Tum uero patentibus locis grande et atrox spectaculum: sequi, uulnerare, capere, atque eosdem oblati aliis trucidare. <sup>4</sup>Iam hostium, prout cuique ingenium erat, cateruae armatorum paucioribus terga praestare, quidam inermes ultro ruere ac se morti offerre. <sup>5</sup>Passim arma et corpora et laceri artus et cruenta humus; et aliquando etiam uictis ira uirtusque. <sup>6</sup>Nam postquam siluis adpropinquauerunt,*

---

<sup>381</sup> Germânicos que habitavam a região da Gália belga, hoje Tongres. Cf. Soverini, 2004, p. 261.

<sup>382</sup> Alguns escudos continham um dorso que servia como arma no combate corpo a corpo e sua eficácia dependia do peso e do tamanho dos escudos. Cf. Forni, 1962, p. 216.

*primos sequentium incautos collecti et locorum gnari circumueniebant. <sup>7</sup>Quod ni frequens ubique Agricola ualidas et expeditas cohortis indaginis modo et, sicubi artiora erant, partem equitum dimissis equis, simul rariores siluas equitem persultare iussisset, acceptum aliquod uulnus per nimiam fiduciam foret. <sup>8</sup>Ceterum ubi compositos firmis ordinibus sequi rursus uidere, in fugam uersi, non agminibus, ut prius, nec alius alium respectantes, rari e uitabundi in uicem longinqua atque auia petiere. <sup>9</sup>Finis sequendi nox et satietas fuit. Caesa hostium ad decem milia: nostrorum trecenti sexaginta cecidere, in quis Aulus Atticus praefectus cohortis, iuuenili ardore et ferocia equi hostibus inlatus.*

**XXXVII.** E os britanos que até aqui, ausentes do combate, tinham ocupado o pico da colina, vaidosos menosprezavam o pequeno número dos nossos, começaram a descer pouco a pouco e a circundar a retaguarda dos que venciam, e Agrícola, temeroso em relação a exatamente isso, pôs à frente aos que vinham quatro alas de cavaleiros, conservadas para os momentos inesperados da guerra; quanto mais ferozmente tinham corrido, tanto mais vigorosamente os dispersou em fuga. Assim, a decisão dos britanos se voltou contra eles mesmos e as alas transportadas da frente dos que lutavam, por ordem do comandante, atacaram por trás a linha inimiga. Então, houve, a valer, um terrível e enorme espetáculo nos locais descobertos: puseram-se a perseguir, ferir, capturar, e até os matavam quando se apresentavam outros. Já dentre os inimigos, conforme a índole de cada um, os bandos dos que estavam armados davam as costas àqueles em menor número; outros, desarmados, espontaneamente irrompiam e expunham-se à morte. A cada passo armas e corpos e membros dilacerados e a terra ensanguentada; algumas vezes, os vencidos também possuem ira e virtude. De fato, depois que tinham se aproximado das selvas, juntaram-se e, inteirados dos lugares, cercavam os primeiros dos que os perseguiam incautos. Se Agrícola, estando em todos os lugares, não tivesse mandado as coortes vigorosas e ligeiras para fazer batidas<sup>383</sup> e parte dos cavaleiros percorrer, nas partes mais estreitas, sem os cavalos, e, ao mesmo tempo que a parte montada, nas clareiras da floresta, alguma calamidade teria nos acontecido por excessiva confiança. Mas, quando os viram as fileiras romanas compostas em boa ordem a seguir novamente, voltados para a fuga, não marchando como antes, nem preocupados um ao outro, mas dispersos e se evitando mutuamente, buscaram lugares longínquos e inacessíveis. A noite e a saciedade determinaram o fim da perseguição. Cerca de dez mil inimigos mortos. Dos nossos, morreram trezentos e

---

<sup>383</sup> No texto latino encontramos a expressão *indaginis modo*. O termo *indago* (que serve para cercar, armadilha) é geralmente empregado no contexto de caça. Tácito desenha aqui a imagem de um caçador que faz cerco e rastreia o inimigo. Cf. Forni, 1962, p. 220.

sessenta<sup>384</sup>, dentre os quais, Aulo Ático<sup>385</sup>, comandante da coorte, que foi lançado aos inimigos pelo seu ardor juvenil e ferocidade de seu cavalo.

**XXXVIII.** *1Et nox quidem gaudio praedaeque laeta uictoribus: Britanni palantes mixto uirorum mulierumque ploratu trahere uulneratos, uocare integros, deserere domos ac per iram ultro incendere, eligere latebras et statim relinquere; miscere in uicem consilia aliqua, dein separare; aliquando frangi aspectu pignorum suorum, saepius concitari. 2Satisque constabat saeuisse quosdam in coniuges ac liberos, tamquam misererentur. 3Proximus dies faciem uictoriae latius aperuit: uastum ubique silentium, secreti colles, fumantia procul tecta, nemo exploratoribus obuius. 4Quibus in omnem partem dimissis, ubi incerta fugae uestigia neque usquam conglobari hostis compertum (et exacta iam aestate spargi bellum nequibat), in finis Borestorum exercitum deducit. 5Ibi acceptis obsidibus, praefecto classis circumuehi Britanniam praecipit. Datae ad id uires, et praecesserat terror. 6Ipse peditem atque equites lento itinere, quo nouarum gentium animi ipsa transitus mora terrerentur, in hibernis locauit. Et simul classis secunda tempestate ac fama Trucculensem portum tenuit, unde profecta proximo Britanniae latere lecto omni redierat.*

**XXXVIII.** A noite foi de alegria, pelos despojos e pelo contentamento, para os vitoriosos: os britanos, dispersos, confundido o lamento de homens e mulheres, arrastavam os feridos, chamavam os ilesos, abandonavam as casas e, por pura ira, incendiavam-nas, escolhiam esconderijos e imediatamente os deixavam; misturavam-se para tomar decisões, então se separavam. Algumas vezes ficavam abatidos por causa da feição de seus entes queridos, mais frequentemente exasperados. Sabe-se que alguns tiraram a vida de suas esposas e seus filhos, como se deles se apiedassem. O dia seguinte desvelou mais largamente a face da vitória: um longo silêncio por todo lugar, colinas desertas, ao longe, tetos fumegantes, ninguém ia ao encontro dos exploradores. Esses, que foram enviados para toda parte, tendo descoberto que os vestígios de fuga eram incertos e que os inimigos não estavam reunidos em lugar algum (como o verão já

---

<sup>384</sup> Nota-se um desequilíbrio entre a quantidade de mortos de cada exército, que é, na verdade, um recurso que enobrece a vitória da guerra e aparece na descrição de diversas batalhas da antiguidade. Na batalha em questão, Forni (1962, p. 221) sugere que a diferença numérica pode também se dar ao se contar como mortos os que fugiram da luta. Cf. Soverini, 2004, p. 267.

<sup>385</sup> Conforme o comentador mais recente que consultamos, esse é o único comandante cujo nome é citado por Tácito. Não se sabe exatamente quem seria tal personagem, mas supõe-se que talvez ele tivesse alguma relação de amizade com o autor e mesmo com Agrícola. Há ainda hipóteses que o assumem como Júlio Ático, autor de um tratado de viticultura, mencionado por Columela. Cf. Forni, 1962, p. 223 e Soverini, 2004, p. 268.

tinha passado<sup>386</sup>, não era possível disseminar a guerra), Agrícola conduziu o exército até os territórios dos borestos<sup>387</sup>. Ali, recebendo os reféns, ordenou ao comandante da frota circundar a Britânia, para isso forneceram homens e o terror ia à frente. Ele mesmo marchou lentamente com os que estavam por terra e com os cavaleiros, para que a ânimo dos novos povos fosse aterrorizado pela demora da própria travessia, e os colocou nos acampamentos de inverno. Ao mesmo tempo, a frota, favorecida pelo tempo e pela fama, ocupou o porto truculense<sup>388</sup>, de onde havia partido e retornara depois de ter dado a volta completa no lado mais próximo da Britânia.

**XXXIX.** *<sup>1</sup>Hunc rerum cursum, quamquam nulla uerborum iactantia epistulis Agricolae auctum, ut erat Domitiano moris, fronte laetus, pectore anxius excepit. <sup>2</sup>Inerat conscientia derisui fuisse nuper falsum e Germania triumphum, emptis per commercia, quorum habitus et crinis in captiuorum speciem formarentur: at nunc | ueram magnamque uictoriam tot milibus hostium caesis ingenti fama celebrari. <sup>3</sup>Id sibi maxime formidolosum, priuati hominis nomen supra principem attolli: frustra studia fori et ciuiliū artium decus in silentium acta, si militarem gloriam alius occuparet; cetera utcumque facilius dissimulari, ducis boni imperatoriam uirtutem esse. <sup>4</sup>Talibus curis exercitus, quodque saenae cogitationis indicium erat, secreto suo satiatus, optimum in praesentia statuit reponere odium, donec impetus famae et fauor exercitus languesceret: nam etiam tum Agricola Britanniam obtinebat.*

**XXXIX.** Esse curso dos acontecimentos, embora não tenha sido aumentado por palavras vaidosas nas cartas de Agrícola, como era de costume, Domiciano as recebeu alegre na aparência, mas com o peito duvidoso inquieto. Tinha consciência de que, até então, o falso triunfo da Germânia tinha sido motivo de riso<sup>389</sup>, tendo comprado por comércio escravos, para os quais forjavam roupas e cabelos semelhantes aos dos

---

<sup>386</sup> Seria o inverno do ano de 84, aproximadamente.

<sup>387</sup> Segundo os comentadores, os borestos são um povo de origem desconhecida e, pela descrição de Tácito, pode-se supor que habitassem aproximadamente ao sul do Monte Graupio. Cf. Forni, 1962, p. 223 e Soverini, 2004, p. 270.

<sup>388</sup> A localização desse porto também é incerta; costuma-se situá-lo na região onde hoje é o Firth of Forth, no qual há vestígios de um forte romano. Cf. Forni, 1962, p. 224 e Soverini, 2004, p. 270.

<sup>389</sup> No ano de 83, Domiciano encampou uma batalha no monte Tauno, contra os Catos, depois da qual teria triunfado e dado o nome *Germanicus* ao mês de setembro. Contudo, autores como Dião Cássio e Plínio, o Jovem, dizem que tal vitória foi falsa e outros, como Frontino, apesar de corroborarem a existência da batalha, confirmam que Domiciano exagerou na realização do triunfo. Cf. Forni, 1962, p. 228; Saint-Denis, 1952, p. 44 e Soverini, 2004, p. 275.

cativos<sup>390</sup>: mas, agora, a verdadeira grande vitória, com enorme glória, era celebrada por tantos mil inimigos mortos. Para ele, o mais terrível era ter o nome de um mero particular<sup>391</sup> exaltado acima do de um príncipe. As ocupações no fórum e o decoro das artes civis foram lançados em vão no silêncio<sup>392</sup>, se outro usurpasse a glória militar. Seja como for, as demais coisas eram mais facilmente dissimuladas, mas a virtude de ser bom comandante era do imperador. Agitado com tais preocupações, saciado em seu íntimo – indícios de ideias terríveis –, decidiu, no momento, guardar o ódio até que o entusiasmo da popularidade e o favor pelo exército enfraquecessem. Até então, Agrícola comandava a Britânia.

**XL.** *1*Igitur triumphalia ornamenta et inlustris statuae honorem et quidquid pro triumpho datur, multo uerborum honore cumulata, decerni in senatu iubet addique insuper opinionem, Suriam prouinciam Agricolae destinari, uacuum tum morte Atili Rufi consularis et maioribus reseruatam. *2*Credidere plerique libertum ex secretioribus ministeriis missum | ad Agricolam codicillos, quibus ei Suria dabatur, tulisse, cum eo praecepto ut, si in Britannia foret, traderentur; eumque libertum in ipso freto Oceani obuium Agricolae, ne appellato quidem eo ad Domitianum remeasse, siue uerum istud, siue ex ingenio principis fictum ac compositum est. *3*Tradiderat interim Agricola successori suo prouinciam quietam tutamque. *4*Ac ne notabilis celebritate et frequentia occurrentium introitus esset, uitato amicorum officio noctu in urbem, noctu in Palatium, ita ut praeceptum erat, uenit; exceptusque breui osculo et nullo sermone turbae seruientium inmixtus est. *5*Ceterum uti militare nomen, graue inter otiosos, aliis uirtutibus temperaret, tranquillitatem atque otium penitus hausit, cultu modicus, sermone facilis, uno aut altero amicorum comitatus, adeo ut plerique, quibus magnos uiros per ambitionem aestimare mos est, uiso aspectoque Agricola quaererent famam, pauci interpretarentur.

**XL.** Então, os ornamentos triunfais<sup>393</sup>, a honra de uma estátua laureada<sup>394</sup> e tudo o que

---

<sup>390</sup> Encontra-se uma anedota semelhante também a respeito de um triunfo de Calígula. Cf. *Suet., Cal., XLVII*. Para Soverini (2004, p. 275) a ocorrência dessas histórias revela que esse era um problema comum.

<sup>391</sup> Ainda que Agrícola exercesse funções político-militares, seu estatuto seria inferior ao de um *princeps*, soberano incondicional. Cf. Soverini, 2004, p. 276.

<sup>392</sup> Segundo Soverini (2004, p. 276), Tácito faz referência à repressão característica geral da política de Domiciano e não só a um evento particular.

<sup>393</sup> As *ornamenta triumphalia* eram os ornamentos que os cidadãos poderiam obter depois de uma batalha, pois que o triunfo propriamente era exclusivo ao *princeps*. Tal homenagem era composta por uma

é oferecido em um triunfo<sup>395</sup>, com muitas expressões honrosas, Domiciano ordenou que lhe fossem votados no senado, e, além disso, fazendo crer que o governo da província da Síria seria destinado a Agrícola, vago desde a morte do cônsul Atílio Rufo<sup>396</sup>, e reservado às pessoas mais ilustres. Muitos acreditaram que um liberto que exercia funções secretas levou a Agrícola uma petição nominal na qual a Síria lhe era dada, com a ordem de que lhe entregasse se estivesse na Britânia, e foi ao encontro de Agrícola no próprio estreito do oceano<sup>397</sup>, nem mesmo lhe falando, e voltou até Domiciano (seja isso fato, seja inventado e tramado) pelo engenho do príncipe. Nesse período Agrícola havia transmitido a sua província quieta apaziguada e protegida para o seu sucessor<sup>398</sup>. E para não fosse notável pela multidão e afluência dos que corriam quando entrou, evitando as homenagens de amigos, à noite chegou à cidade, à noite ao Palatino, assim como combinado prescrito, e foi acolhido com um beijo rápido<sup>399</sup> e sem discurso algum, misturando-se à multidão dos que lhe ajudavam dos súditos. Além disso, para temperar com outras virtudes o nome militar, odioso entre os ociosos, dedicou-se plenamente à tranquilidade e ao ócio, modesto na vida, de palavra calma, acompanhado de um ou outro amigo, a tal ponto que muitos, que por costume estimam os grandes homens pela ambição, vendo e observando Agrícola, indagavam o motivo da fama de Agrícola, mas poucos a compreendiam.

---

coroa laureada de ouro (*corona laurea*), uma toga púrpura (*toga picta*), uma túnica com bordados em ouro (*tunica palmata*), um cetro de marfim com uma águia na ponta (*scipio eburneus*) e uma cadeira (*sella curulis*). Cf. OCD, 1996, p. 1077 e Soverini, 2004, p. 277.

<sup>394</sup> Trata-se de uma estátua retratando o general em vestes triunfais e com a coroa laureada, que era colocada em um fórum. Cf. Forni, 1962, p. 230.

<sup>395</sup> As cerimônias solenes e os rituais públicos, como os sacrifícios e as *supplicationes*, durante as quais se agradecia (ou se pedia perdão) pelos eventos ocorridos. Cf. OCD, 1996, p. 1456 e Soverini, 2004, p. 278.

<sup>396</sup> Foi legado na Panônia em 80. Cf. Forni, 1962, p. 231.

<sup>397</sup> No estreito de Calais, que fica na região onde hoje se situa o canal da Mancha. Cf. Saint-Denis, 1952, p. 44.

<sup>398</sup> Ainda que Suetônio indique o nome de Salústio Luculo entre os legados que morreram durante o final do principado de Domiciano, alguns comentadores, como Forni (1962, p. 232) e Soverini (2004, p. 280), afirmam que não se pode dizer que seja o mesmo que sucedeu Agrícola devido a razões temporais.

<sup>399</sup> Um beijo do príncipe era uma formalidade adotada de um costume do Oriente que indicava uma certa indisposição em receber Agrícola por parte de Domiciano. É conhecido também o episódio em que Nero beija Sêneca, convidando-o a se retirar da vida pública e quando beijou sua mãe, como sinal do assassinato que cometeria. Cf. Forni, 1962, p. 232 e Soverini, 2004, p. 281.

**XLI.** <sup>1</sup>Crebro per eos dies apud Domitianum absens accusatus, absens absolutus est. <sup>2</sup>Causa periculi non crimen ullum aut querela laesi cuiusquam, sed infensus uirtutibus princeps et gloria uiri ac pessimum inimicorum genus, laudantes. <sup>3</sup>Et ea insecuta sunt rei publicae tempora, quae sileri Agricolam non sinerent: tot exercitus in Moesia Daciaque et Germania et Pannonia temeritate aut per ignauiam ducum amissi, tot militares uiri cum tot cohortibus expugnati et capti; nec iam de limite imperii et ripa, sed de hibernis legionum et possessione dubitatum. <sup>4</sup>Ita cum damna damnis continuarentur atque omnis annus funeribus et cladibus insigniretur, poscebatur ore uulgi dux Agricola, comparantibus cunctis uigorem, constantiam et expertum bellis animum cum inertia et formidine aliorum. <sup>5</sup>Quibus sermonibus satis constat Domitiani quoque auris uerberatas, dum optimus quisque libertorum amore et fide, pessimi malignitate et liuore prouum deterioribus principem extimulabant. <sup>6</sup>Sic Agricola simul suis uirtutibus, simul uitii aliorum in ipsam gloriam praeceps agebatur.

**XLI.** Por aqueles dias, foi muitas vezes, estando ausente, acusado diante de Domiciano, estando ausente, absolvido. Não foi algum crime a causa do perigo ou a querela de alguém lesado, mas um príncipe ofendido pelas virtudes e pela glória do homem e a pior espécie de inimigos, os aduladores. E tais foram os tempos que se seguiram para a república que não consentiram silenciar sobre Agrícola: tantos exércitos perdidos em Mésia<sup>400</sup> e Dácia<sup>401</sup>, Germânia<sup>402</sup> e Panônia<sup>403</sup> pela temeridade ou covardia dos comandantes, tantos homens da milícia com tantas coortes exterminadas e capturadas. Duvidou-se não das margens e do limite do império, mas da posse e das legiões de inverno<sup>404</sup>. Assim, enquanto as perdas se sucediam às perdas e todos os anos se notabilizassem pelos mortos e pelas destruições derrotas, pela voz do povo era pedido como comandante Agrícola, todos comparando seu vigor, a alma constante e experiente na guerra com a inércia e medo da parte dos demais. Sabe-se que com essas palavras também chegaram aos os ouvidos de Domiciano, quando então os melhores

---

<sup>400</sup> A Mésia ficava ao sul do Danúbio e a Dácia ao seu norte. A primeira foi dividida em suas províncias por Domiciano, sendo ela já ocupada por Augusto. Em 85 os dácios invadiram a Mésia, havendo uma grande batalha. Cf. Forni, 1962, p. 234 e Soverini, 2004, p. 283.

<sup>401</sup> Foi conquistada posteriormente por Trajano, tornando-se uma província. Cf. Forni, 1962, p. 235.

<sup>402</sup> Domiciano reprimiu uma revolta comandada pelo legado da Germânia Superior, aliado aos catos entre os anos de 88 e 89 d.C.

<sup>403</sup> A Panônia foi conquistada por Augusto e compreendia o território a oeste do Danúbio e ao oriente, parte do território onde hoje é Viena. Durante o principado de Trajano, foi dividida em duas partes. Cf. Forni, 1962, p. 235 e Soverini, 2004, p. 283.

<sup>404</sup> Trata-se aqui dos acampamentos das legiões, que poderiam ser permanentes ou não, e ficavam ao longo do rio Danúbio e eram fortes de defesa. Cf. Forni, 1962, p.236 e Soverini, 2004, p. 284.



entre os libertos, por estima e fidelidade, e os piores, por maldade e inveja, provocavam um príncipe já inclinado ao mal. Assim, Agrícola, tanto por suas virtudes, tanto por vícios de outrem, era conduzido à mesma glória.

**XLII.** *1Aderat iam annus, quo proconsulatum Africae et Asiae sortiretur, et occiso Ciuica nuper nec Agricolae consilium deerat nec Domitiano exemplum. 2Accessere quidam cogitationum principis periti, qui iturusne esset in prouinciam ultro Agricolam interrogarent. 3Ac| primo occultius quietem et otium laudare, mox operam suam in adprobanda excusatione offerre, postremo non iam obscuri suadentes simul terrentesque pertraxere ad Domitianum. 4Qui paratus simulatione, in adrogantiam compositus, et audiit preces excusantis, et, cum adnuisset, agi sibi gratias passus est, nec erubuit beneficii inuidia; salarium tamen proconsulare solitum offerri et quibusdam a se ipso concessum Agricolae non dedit, siue offensus non petitem, siue ex conscientia, ne quod uetuerat uideretur emisse. 5Proprium humani ingenii est odisse quem laeseris: Domitiani uero natura praeceps in iram, et quo obscurior, eo inreuocabiliior, moderatione tamen prudentiaque Agricolae leniebatur, quia non contumacia neque inani iactatione libertatis famam fatumque prouocabat. 6Sciant, quibus moris est inlicita mirari, posse etiam sub malis principibus magnos uiros esse, obsequiumque ac modestiam, si industria ac uigor adsint, eo laudis excedere, quo plerique per abrupta, sed in nullum rei publicae usum <nisi> ambitiosa morte inclaruerunt.*

**XLII.** Era, então, o ano<sup>405</sup> em que o proconsulado da África e da Ásia seria sorteado e tendo sido morto, recentemente, Cívica<sup>406</sup>, não faltava o aviso a Agrícola, nem o exemplo a Domiciano. Alguns instruídos sobre as ideias do príncipe chegaram antecipadamente a fim de perguntar se Agrícola iria à província. Porém, primeiro, dissimulando, louvaram a tranquilidade e o ócio, e logo ofereceram seus préstimos para a aprovação de uma desculpa; depois, sem esconder seu propósito, conduziram-no, persuadindo e aterrorizando, até Domiciano. Este, hábil no fingimento e propenso à arrogância, escutou as preces do que se desculpava e, como consentisse, suportou os agradecimentos e não se envergonhou da odiosidade do benefício<sup>407</sup> prestado. Contudo,

---

<sup>405</sup> 90 d.C. provavelmente.

<sup>406</sup> Gaio Vetuleno Cívica Cerial foi cônsul em 76 e legado na Mésia em 82. Foi eleito cônsul na província da Ásia em 89 e assassinado por Domiciano sob acusação de tê-lo traído. Cf. Forni, 1962, p. 237 e Soverini, 286.

<sup>407</sup> Foi Augusto quem instituiu um pagamento aos governadores das províncias, de acordo com suas

a retribuição costumeira oferecida ao procônsul, concedidos por ele mesmo a alguns, não deu a Agrícola, ou por ódio de não lhe ter sido pedido, ou pela vergonha, para que não parecesse ter comprado o que proibira. É próprio da natureza humana odiar aquele a que se prejudicou: com efeito, a natureza de Domiciano se inclinava para a ira e, quanto mais obscura, tanto mais irremediável, no entanto, abrandava-se pela moderação e prudência de Agrícola, porque ele, nem com resistência nem por presunção vazia de liberdade,<sup>408</sup> provocava a fama e o destino. Saibam aqueles cujo costume é se admirar o ilícito poder haver, mesmo sob maus príncipes, grandes homens, e que a obediência e a modéstia, se existem vigor e energia, assumem tal louvor que ultrapassa aquele com que muitos, por meio de vias perigosas, mas sem qualquer serventia para a república, distinguiram-se com morte espalhafatosa.

**XLIII.** *<sup>1</sup>Finis uitae eius nobis luctuosus, amicis tristis, extraneis etiam ignotisque non sine cura fuit; uulgus quoque et hic aliud agens populus et uentitauerunt ad domum et per fora et circulos locuti sunt; nec quisquam audita morte Agricolae aut laetatus est aut statim oblitus. <sup>2</sup>Augebat miserationem constans rumor ueneno interceptum: nobis nihil comperti adfirmare ausim. <sup>3</sup>Ceterum per omnem ualetudinem eius crebrius quam ex more principatus per nuntios uisantis et libertorum primi et medicorum intimi uenere, siue cura illud siue inquisitio erat. <sup>4</sup>Supremo quidem die momenta ipsa deficientis per dispositos cursores nuntiata constabat, nullo credente sic adcelerari quae tristis audiret. <sup>5</sup>Speciem tamen doloris animi uultu prae se tulit, securus iam odii et qui facilius dissimularet gaudium quam metum. <sup>6</sup>Satis constabat lecto testamento Agricolae, quo coheredem optimae | uxori et piissimae filiae Domitianum scripsit, laetatum eum uelut honore iudicioque. <sup>7</sup>Tam caeca et corrupta mens adsidiuis adulationibus erat, ut nesciret a bono patre non scribi heredem nisi malum principem.*

**XLIII.** O fim da sua vida foi-nos<sup>409</sup> lastimável, aos amigos tristes, e até aos estranhos e desconhecidos não foi sem angústia. Também o vulgo e o povo indiferente<sup>410</sup> foram muitas vezes até sua casa e falaram disso pelas praças e em seus círculos. Não houve aquele que, tendo ouvido falar sobre a morte de Agrícola, ou alegrou-se ou imediatamente se esqueceu. Aumentava a compaixão o rumor de que tinha sido morto

---

funções, mesmo se não as assumissem. Cf. Forni, 1962, p. 238 e Soverini, 2004, p. 288.

<sup>408</sup> Segundo Saint-Denis (1952, p. 44), Tácito alude à postura estoica em relação a Domiciano.

<sup>409</sup> Aos familiares.

<sup>410</sup> Aqueles que não participavam da vida pública. Cf. Forni, 1962, p. 240.

com veneno: como nada foi descoberto por nós, nada eu ousaria afirmar<sup>411</sup>. É verdade que durante toda a sua enfermidade, mais frequentemente do que o costume do principado, vieram a ele os mais importantes entre os libertos e os médicos mais íntimos, como se fossem mensageiros visitantes, fosse isso preocupação ou investigação. No último dia, sabia-se que os momentos mesmos da agonia foram lhe anunciados por mensageiros encarregados disso e ninguém imaginava que fossem tão rápidos para contar-lhe algo triste. Contudo, exibiu uma aparência de alma consternada, já seguro em seu ódio, como quem mais facilmente dissimulasse alegria que medo. Consta que ao ler o testamento de Agrícola, no qual inscreveu como coerdeiro Domiciano de uma excelente esposa e da mais virtuosa filha<sup>412</sup>, alegrou-se como se por honra e estima. Sua mente estava tão cega e corrompida por assíduas adulações que ignorava que por um bom pai não se faria herdeiro se ele não fosse um mau príncipe.

**XLIV.** <sup>1</sup>*Natus erat Agricola Gaio Caesare tertium consule idibus Iuniis: excessit quarto et quinquagesimo anno, decimo kalendas Septembris Collega Priscinoque consulibus.* <sup>2</sup>*Quod si habitum quoque eius posteri noscere uelint, decentior quam sublimior fuit: nihil impetus in uultu: gratia oris supererat.* <sup>3</sup>*Bonum uirum facile crederes, magnum libenter. Et ipse quidem, quamquam medio in spatio integrae aetatis ereptus, quantum ad gloriam, longissimum aeuum peregit; quippe et uera bona, quae in uirtutibus sita sunt, impleuerat, et consulari ac triumphalibus ornamentis praedito quid aliud adstruere fortuna poterat?* <sup>4</sup>*Opibus nimis non gaudebat, speciosae contigerant.* <sup>5</sup>*Filia atque uxore superstitibus potest uideri etiam beatus incolumi dignitate, florente fama, saluis adfinitatibus et amicitiiis futura effugisse.* | <sup>6</sup>*Nam sicut ei non licuit durare in hanc beatissimi saeculi lucem ac principem Traianum uidere, quod augurio uotisque apud nostras auris ominabatur, ita festinatae mortis grande solacium tulit euasisse postremum illud tempus, quo Domitianus non iam per interualla ac spiramenta temporum, sed continuo et uelut uno ictu rem publicam exhausit.*

**XLIV.** Agrícola nascera no terceiro consulado de Gaio César<sup>413</sup> durante os idos de

---

<sup>411</sup> Forni (1962, p. 241) aponta que nenhum dos familiares de Agrícola tinham provas quanto ao envenenamento e que tal fato se manteria um mistério.

<sup>412</sup> A expressão *optimae uxori et piissimae filiae*, segundo os comentadores, é uma expressão comum nos epitáfios. Cf. Forni, 1962, p. 242 e Soverini, 2004, p. 296.

<sup>413</sup> Calígula.

Junho.<sup>414</sup> morreu no quinquagésimo quarto, no décimo dia antes das calendas de Setembro<sup>415</sup>, sendo cônsul Colega<sup>416</sup> e Priscino<sup>417</sup>. Se os pósteros querem saber também sobre seu exterior, foi mais bem proporcionado que alto: ira alguma em sua fisionomia, a amabilidade sobressaía em seu rosto. É fácil que se acredite que ele tenha sido um bom homem, e de boa vontade, um homem ilustre. E ele mesmo, embora tenha morrido na metade de uma vida plena, quanto à glória, alcançou a mais longa carreira, porque conseguiu inteiramente tanto as coisas verdadeiramente boas, que se situam nas virtudes, e também sendo dotado de um consulado<sup>418</sup> e de ornamentos triunfais, o que mais a fortuna poderia lhe acrescentar? Não se alegrava com nímias riquezas, as singulares é que contavam. Sobreviventes a ele a filha e a esposa, pode-se ver como morrera feliz, escapando dos males futuros, com incólume dignidade, com a fama florescente, e salvos os parentes e amigos. De fato, assim como não foi lhe permitido viver na luz desse felicíssimo século e ver como príncipe Trajano<sup>419</sup>, fato que com augúrios e votos entre os nossos ouvidos ele pressagiava, do mesmo modo obteve grande alívio da morte prematura, tendo escapado desses últimos tempos, nos quais Domiciano, não só em intervalos e períodos de tempo, mas continuamente e como se de um só golpe, exauriu a república.

**XLV.** <sup>1</sup>*Non uidit Agricola obsessam curiam et clausum armis senatum et eadem strage tot consularium caedes, tot nobilissimarum feminarum exilia et fugas.* <sup>2</sup>*Vna adhuc uictoria Carus Mettius censebatur, et intra Albanam arcem sententia Messalini strepebat, et Massa Baebius iam tum reus erat: mox nostrae duxere Heluidium in carcerem manus; nos Mauricum Rusticumque diuisimus; nos innocenti sanguine Senecio perfudit.* <sup>3</sup>*Nero tamen subtraxit oculos suos iussitque scelera, non spectauit: praecipua sub Domitiano miseriarum pars erat uidere et aspici, cum suspiria nostra subscriberentur,*

---

<sup>414</sup> 13 de junho de 40 d.C.

<sup>415</sup> 23 de agosto de 93 d.C.

<sup>416</sup> Trata-se de Sexto Pompeu Colega. Cf. Forni, 1962, p. 245.

<sup>417</sup> Quinto Pedúcio Priscino. Cf. Forni, 1962, p. 245.

<sup>418</sup> No ano de 77 d.C., quando Agrícola assumiu o consulado.

<sup>419</sup> Nascido em 53, Marco Úlpio Nerva Trajano foi governador na Síria e na Ásia, e com a morte de Nerva, por quem foi adotado, assumiu o principado em 98. Durante o tempo em que exerceu o poder, expandiu o território romano, construiu obras importantes, revitalizou a agricultura e a educação, e foi a tal ponto considerado um bom governante que recebeu o título de *optimus princeps* do senado. Notável chefe militar, morreu em 117, ao voltar de uma expedição próxima ao mar Negro. Cf. OCD, 1996, p. 1543-4.

*cum denotandis tot hominum palloribus | sufficeret saeuus ille uultus et rubor, quo se contra pudorem muniebat. <sup>4</sup>Tu uero felix, Agricola, non uitae tantum claritate, sed etiam opportunitate mortis. <sup>5</sup>Vt perhibent qui interfuere nouissimis sermonibus tuis, constans et libens fatum excepisti, tamquam pro uirili portione innocentiam principi donares. <sup>6</sup>Sed mihi filiaeque eius praeter acerbitatem parentis erepti auget maestitiam, quod adsidere ualetudini, fouere deficientem, satiari uultu complexuque non contigit. <sup>7</sup>Excepissemus certe mandata uocesque, quas penitus animo figeremus. <sup>8</sup>Noster hic dolor, nostrum uulnus, nobis tam longae absentiae condicione ante quadriennium amissus est. <sup>9</sup>Omnia sine dubio, optime parentum, adsidente amantissima uxore superfuere honori tuo: paucioribus tamen lacrimis comploratus es, et nouissima in luce desiderauere aliquid oculi tui.*

**XLV.** Agrícola não viu a cúria ocupada e o senado fechado pelos exércitos, e com a mesma matança, a morte de tantos cônsules, as fugas e o exílio de tantas das mais nobres mulheres<sup>420</sup>. Por uma única vitória, Caro Mécio<sup>421</sup> era reconhecido e a sentença de Messalino<sup>422</sup> só repercutia dentro da cidade albana<sup>423</sup> e Massa Bébio ainda era réu<sup>424</sup>. Logo a mão dos nossos conduziu ao cárcere Helvídio<sup>425</sup>, e nós mesmos separamos Máurico e Rústico<sup>426</sup>, que Senecião nos banhou com sangue inocente. Nero<sup>427</sup>, no entanto, afastou seus olhos e ordenou os crimes, mas não assistiu a eles: a principal parte de nossa miséria sob Domiciano era ver e ser observado<sup>428</sup>, como se nossos suspiros fossem censurados, como se para evidenciar a palidez de tantos homens fosse

---

<sup>420</sup> Dentre elas, as esposas de Aruleno Rústico, de Trásea Peto e de Helvídio Prisco. Cf. Forni, 1962, p. 248.

<sup>421</sup> Um famoso delator, que entregou, dentre outros, Senecião. Cf. Forni, 1962, p. 248.

<sup>422</sup> Grande delator, Lúcio Valério Catulo Messalino agia tanto na cidade de Alba, quanto no senado. Cf. Forni, 1962, p. 249 e Soverini, 2004, p. 304.

<sup>423</sup> Uma das quintas de Domiciano, situada na área da antiga Alba Longa, no pico da Colina Albana. Cf. Forni, 1962, p. 248 e Soverini, 2004, p. 304.

<sup>424</sup> Foi procônsul na Hispânia Bética e foi acusado em 93 de extorsão pelos membros da província, apoiados por Plínio, o Jovem e Herênio Senecião. Cf. Forni, 1962, p. 249 e Soverini, 2004, p. 304.

<sup>425</sup> Filho de Helvídio Prisco, mencionado no capítulo II. Cônsul sufecto, foi acusado de traição por Domiciano ao ter mencionado seu nome em farsa representada no teatro. Cf. Forni, 1962, p. 249 e Soverini, 2004, p. 304.

<sup>426</sup> Júnio Máurico e Aruleno Rústico eram irmãos que faziam parte da oposição a Domiciano. O primeiro já havia sido acusado pelo senado de ser um dos delatores de Nero. Foi exilado e depois chamado de volta a Roma por Nerva. Cf. Forni, 1962, p. 249 e Soverini, 2004, p. 305.

<sup>427</sup> Tácito faz alusão ao processo de Nero contra Trásea em 66 d.C., no qual não esteve presente. Cf. Soverini, 2004, p. 306.

<sup>428</sup> Aqueles que eram obrigados a assistir as execuções ordenadas por Domiciano eram também observados por seus delatores e transformados em réus caso houvesse alguma reação piedosa. Cf. Soverini, 2004, p. 306.

suficiente a aparência cruel e o rubor, com que se defendia contra o pudor<sup>429</sup>. Você, Agrícola, foi verdadeiramente feliz, não somente pela extraordinária vida, mas também pela morte oportuna. Como relatam aqueles que estiveram presentes nas tuas últimas conversas, você aceitou constante e sereno o destino, como se quisesse, por sua própria parte, doar ao príncipe inocência. Mas para mim e para a sua filha, além de ter perdido amargamente um parente, aumenta a aflição o fato de não conseguir assisti-lo na doença, protegê-lo convalescente, e nos saciar de seu rosto e abraço. Certamente teríamos recebido suas palavras e seus pedidos, que gravaríamos no fundo da alma. Tal é nossa dor, nossa ferida, nós o perdemos, por uma situação de tão longa ausência, quatro anos antes<sup>430</sup>. Tudo, sem dúvida, ó, o melhor dentre os pais, tendo junto ao seu lado sua amantíssima esposa, se dispôs para honrá-lo: contudo, com poucas lágrimas foi chorado e seus olhos desejaram algo mais na derradeira luz<sup>431</sup>.

**XLVI.** *<sup>1</sup>Si quis piorum manibus locus, si, ut sapientibus placet, non cum corpore extinguuntur magnae animae, placide quiescas, nosque domum tuam ab infirmo desiderio et muliebribus lamentis ad contemplationem uirtutum tuarum uoces, quas neque lugeri neque plangi fas est. <sup>2</sup>Admiratione te potius et immortalibus laudibus et, si natura suppeditet, similitudine colamus: is uerus honos, ea coniunctissimi cuiusque pietas. <sup>3</sup>Id filiae quoque uxori praeceperim, sic patris, sic mariti memoriam uenerari, ut omnia facta dictaque eius secum reuoluant, formamque ac figuram animi magis quam corporis complectantur, non quia intercedendum putem imaginibus quae marmore aut aere finguntur, sed ut uultus hominum, ita simulacra uultus imbecilla ac mortalia sunt, forma mentis aeterna, quam tenere et exprimere non per alienam materiam et artem, sed tuis ipse moribus possis. <sup>4</sup>Quidquid ex Agricola amauius, quidquid mirati sumus, manet mansurumque est in animis hominum in aeternitae temporum, fama rerum; nam multos ueterum uelut inglorios et ignobilis obliuio obruit: Agricola posteritati narratus et traditus superstes erit.*

---

<sup>429</sup> Diz-se (Suet., *Dom.*, 18) que Domiciano era naturalmente vermelho, o que, muitas vezes, era interpretado como modéstia do imperador, embora, para Tácito, também fosse evidência da manifestação de sua cólera. Cf. Soverini, 2004, p. 307.

<sup>430</sup> Não se sabe ao certo porque Tácito estava ausente de Roma de 90 a 93 d.C.. Levanta-se a hipótese de que talvez ele tivesse assumindo o cargo de pretor em alguma província. Cf. Forni, 1962, p. 251 e Soverini, 2004, p. 310.

<sup>431</sup> A presença de Tácito e da filha.

**XLVI.** Se há algum lugar para os manes<sup>432</sup> dos justos, como agrada aos sábios, não com o corpo as grandiosas almas se extinguem, descanse tranquilamente, e a nós, a tua casa, chame da frágil saudade e dos lamentos femininos para a contemplação de suas virtudes, as quais não é permitido lamentar ou chorar. Antes, com admiração e com louvores imortais e, se a natureza nos der forças, com a imitação o cultuemos: essa é verdadeira honra, a devoção de seus próximos. E isto também eu recomendaria à sua filha e esposa: venerar a memória seja do pai, seja do marido de tal forma que todos os feitos e ditos dele recordem consigo e abracem mais a forma e a imagem da alma que a do corpo, não porque eu pense que deva proibir as imagens criadas do mármore ou do bronze, mas porque a fisionomia dos homens, assim como as imagens dessa fisionomia, são frágeis e imortais; a forma da alma é eterna, e se conserva ou se exprime não por meio de uma matéria ou arte alheia, mas por nosso próprio caráter. Tudo o que amamos de Agrícola, tudo que nele admiramos, permanece e permanecerá na alma dos homens, na eternidade dos tempos, na fama de suas ações. De fato, muitos dos antigos, como se fossem inglórios e desconhecidos, o esquecimento enterrou. Agrícola, narrado e transmitido à posteridade, sobreviverá.

---

<sup>432</sup> Eram os espíritos dos mortos e poderiam representar a alma de um indivíduo. Cf. OCD, 1996, p. 916.

## BIBLIOGRAFIA

### 1. Obras de referência

ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1951.

FARIA, E. *Vocabulário Latino-Português*. Rio de Janeiro: F. Briguié, 1943.

GAFFIOT, F. *Dictionnaire Illustré Latin-français*. Paris: Hachette, 1934.

HARVEY, P. *Dicionário Oxford de Cultura Latina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

HOWATSON, M.C. *The Oxford Classical Dictionary*. London: Oxford U. P., 1949/1996.

HOWATSON, M. C. *The Oxford Companion to Classical Literature*. New York: Oxford U.P., 1997.

LEWIS & SHORT. *The Oxford Latin Dictionary*. London: Oxford U. P., 1968.

SARAIVA, F. R. S. *Novíssimo Dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

TORRINHA, F. *Dicionário latino-português*. Porto: Gráficos reunidos, 1997.

*VOCABULÁRIO Ortográfico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, Imprensa Nacional, 1940.

### 2. Autores antigos

CICÉRON. *De L'orateur*. Livre Deuxième. Texte établi et traduit par Edmons Courbard. Paris: Les Belles Lettres, 1927.

\_\_\_\_\_. *Correspondence*. Tome II. Texte établi et traduit par L.-A. Constans. Paris: Les Belles Lettres, 1978.

\_\_\_\_\_. *L'orateur*. Texte établi et traduit par Albert Yon. Paris: Les Belles Lettres, 1964.

\_\_\_\_\_. *De L'invention*. Texte établi et traduit par G. Achard. Paris: Les Belles Lettres, 1994.



LUCIANO. *Como se deve escrever a história*. Tradução, ensaio e notas de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Tessitura, 2010.

NEPOS, C. *Ouvres*. Texte établi et traduit par Anne-Marie Guillemin. Paris: Belles Lettres, 1970.

PLUTARCO. *Vidas Paralelas*. Introdução e notas de Paulo Matos Peixoto e tradução de Gilson César Cardoso. São Paulo: Editora Paumape, 1991.

POLÍBIOS. *História*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora UNB, 1996.

POLÍBIO. *The histories*. With an English Translation by W. R. Paton. Loeb Classical Library. Cambridge, Mass.; London: Harvard University, 1979-92. 3v.

QUINTILIEN. *Institution Oratoire*. Livres II et III e VI e VII. Texte établi et traduit par Jean Cousin. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

SALLUSTE. *La conjuration de Catilina*. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1967.

SUÉTONE. *Vies des douze césars*. Texte établi et traduit par Henri Ailloud. Paris: Belles Lettres, 1932.

SUETÔNIO. *A vida dos doze césares*. Tradução de Sady Garibaldi. Rio de Janeiro: Atena, 1937.

\_\_\_\_\_. *O divino Júlio*. Tradução e notas Antonio da Silveira Mendonça. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

SUETÔNIO; AUGUSTO. *A vida e os feitos do Divino Augusto*. Tradução de Matheus Trevizam, Paulo Sérgio de Vasconcellos e António Martinez de Rezende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SUETÔNIO. *Vida de los doce cesares*. Tradução, revisão e notas: Mariano Bassols de Climent. Madrid: Alma Mater, 1990. V.1 e 2.

TACITE. *Oeuvres Complètes*. Textes traduits, présentés et annotés par Pierre Grimal. Paris: Gallimard, 1990.

\_\_\_\_\_. *Vie d'Agricola*. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles

Lettres, 1942.

TACITUS. *Agricola*. Translated by M. Hutton, revised by R. M. Ogilvie. Cambridge, Massachusetts: Harvard U. P., 2000.

### 3. Bibliografia moderna

ABBOTT, F. F. *A history and description of Roman political institution*. Boston: The Athenaeum Press, 1901.

ALBRECHT, M. von. *A history of Roman literature: from Livius Andronicus to Boethius: with special regard to its influence on world literature*. Volume I New York: E. J. Brill, 1997.

\_\_\_\_\_. *A history of roman literature*. Volume II. New York: E.J. Brill, 1997.

AMBROSIO, R. *De rationibus exordiendis: Os Princípios da História em Roma*. São Paulo: Humanitas, 2005.

ARRIGHETTI, G. *Poeti, eruditi e biografì: momenti della riflessioni dei Greci sulla letteratura*. Pisa: Giardini Editori e Stampatori, 1987.

BRANDÃO, J. L. “Luciano e a História”. In: *Como se deve escrever a história*. Belo Horizonte: Tessitura, 2010.

BRANDÃO, J. L. L. *Suetônio e os Césares. Teatro e moralidade*. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2003.

CIZÈK, E. *Structures et Idéologie dans “Les Vies des Douze Césars”, de Suétone*. Paris: Belles Lettres, 1977.

CHIAPPETTA, A. *Não diferem o historiador e o poeta. O texto histórico como instrumento e objeto de trabalho*. Língua e Literatura (USP), São Paulo, 1996. V. 22, p. 16-34.

CONTE, G. B. *Literature latine: a history*. Translated by Joseph B. Solodow. London: J. Hopkins U. P., 1994.

CRAWFORD, O. C. “Laudatio Funebri”. In: *The Classical Journal*, 1941, v. 37, n. 1, pp. 17-27.

DITTMAN, M. *The development of Historiography among the Romans*. The Classical Journal,

Vol. 30, No. 5 (Feb., 1935), pp. 287-296.

DOREY, T. A. (Org.). *Latin Biography*. London: Routledge & Kegan Paul, 1967.

FAIRWEATHER, J. A. "Fiction in the biographies of ancient writers". In: *Ancient Society*, 5. Leuven: Katholieke Iniversiteit te Leuven, 1974.

FERREIRA, F. G. *De Vita Iulii Agricolae de Tácito. Introdução, tradução e notas*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

FORNI, I. *De Vita Iulii Agricolae: librum edidit, commentariolo instruxit et illustravit*. Roma: Aedibus Athenaei, 1962.

FUNARI, P. P. "Introdução a Plutarco". In: MENDONÇA, A. S.; FONSECA, I. B. *Vidas de César*. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

GAILLARD, J.; MARTIN, R. "L'historiographie". In: *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Scodel, 1981.

GASCOU, J. *Suétone Historien*. Roma: École Française de Rome, 1984.

GEIGER, J. *Cornelius Nepos and ancient political biography*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag Wiesbaden, 1985

GENTILI, B.; CERRI, G. *History and biography in ancient thought*. Amsterdam: J.C. Gueben, 1988.

GENTILI, B. *Storia della letteratura latina*. 2ª ed. Roma: Laterza & Figli, 1992.

GIORDANI, M. C. *História de Roma*. Petrópolis: Vozes, 1984.

GOELZER, H. "Notice". In: TACITE. *Vie D'Agricole*. Texte traduit par Gaston Rabaud. Paris: Les Belles Lettres, 1922.

GOODYEAR, F. R. "Suetonius". In: KENNEY, E. J., CLAUSEN, W. V. *The Cambridge History of Classical Literature*. Vol. 2. Cambridge: Cambridge U.P., 1982, p. 165-168.

\_\_\_\_\_. "Tacitus". In: KENNEY, E. J., CLAUSEN, W. V. *The Cambridge History of*

- Classical Literature*. Vol. 2. Cambridge: Cambridge U.P., 1982, p. 165-168.
- \_\_\_\_\_. *The Annals of Tacitus*. Volume I. Cambridge: Cambridge U. P., 1972.
- GUASTELLA, G. *La vita di Caligola*. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1992.
- HARTOG, F. *A história de Homero a Santo Agostinho*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- HURLEY, D. *Suetonius: the caesars*. USA: Hackett Publishing Company, 2011.
- \_\_\_\_\_. “Gaius Caligula in the Germanicus tradition”. In: *The American Journal of Philology*, v. 110, n. 2, 1989, p. 316-338.
- \_\_\_\_\_. *An historical and historiographical commentary on Suetonius' Life of C. Caligula*. Atlanta: Scholars Press, 1993.
- HORSFALL, N. *Varro e Cornelius Nepos*. In: Kenney, E. J. *The Cambridge History of Classical Literature*. Vol. II, Part. 2, *The Late Republic*. Cambridge U.P., 1982.
- JOLY, F. D. (Org.). *História e retórica: ensaios sobre historiografia antiga*. São Paulo: Alameda, 2007.
- KAMPEN, N. B. *Biographical Narrative and Roman Funerary Art*. American Journal of Archaeology, Vol. 85, No. 1 (Jan., 1981), pp. 47-58.
- KRAUS, C. S. “Historiography and biography”. In: *A Companion to Latin Literature*. Edited by Stephen Harrison. Oxford: Blackwell, 2006.
- LIMA, S. C. *Oradores e filósofos no De finibus de Cícero*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem/ Unicamp, Campinas, 2009.
- LOPES, A. L. *Moralidade e justiça na historiografia antiga: o 'manual' historiográfico de Luciano de Samósata*. Revista História, São Paulo, 2005. V. 24, p. 185-205.
- MACÉ, A. *Éssai sur Suétone*. Paris: Albert Fontemoing, 1900.
- MAIA, E. S. *Ficção e história em “De Vita Caesarum” de Caius Suetonius Tranquillus*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

MANCA, M; VIO, F. R. *Introduzione alla storiografia romana*. Roma: Carocci Editore, 2010.

MARINCOLA, J. (Org.). *A companion to Greek and Roman Historiography*. Oxford: Blackwell Publishing, 2011.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Greek and Roman Historiography*. Oxford Readings in Classical Studies. Oxford: Oxford U. P., 2011.

McQUEEN, E. I. “Quintus Curtius Rufus”. In: DOREY, T. A. (Org.). *Latin Biography*. London: Routledge & Kegan Paul, 1967.

McGING, B.; MOSSMAN, J. (Orgs.). *The limits of ancient biography*. U.K.: The classical press of wales, 2006.

MEHL, A. *Roman historiography: an introduction to its basic aspects and development*. Translated by Hans-Friedrich Mueller. Stuttgart: Wiley-Blackwell, 2011.

MELLOR, R. *Roman Historians*. London: Routledge, 1999.

MOMIGLIANO, A. *The development of greek biography*. London: Harvard U. P., 1993.

PEREIRA, M. H. da R. Estudos de história da cultura clássica. Vol. II: cultura romana. 2 ed. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

PITCHER, L. *Writing Ancient History*. London: I.B. Tauris & Co. Ltda., 2009.

RICHMOND, I. A. *Gnaeus Iulius Agricola*. The Journal of Roman Studies, Vol. 34, Parts 1 and 2 (1944), pp. 34-45.

SANTOS, S. N. *A História e a Biografia no século I d.C. – definições, relações e contextualização*. In: História e-história, 2010. Disponível em: <http://www.historiahistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=261>

SEBASTIANI, B. B. *Políbio contra Timeu ou o direito de atacar*. Revista Eletrônica Antiguidade Clássica, v. 2, p. 6-25, 2008.

\_\_\_\_\_. *O conceito ciceroniano de historia a partir das definições historiográficas gregas*. Phaos (Campinas), v. 6, p. 85-99, 2006.

SILVA, U. G. *A escrita biográfica na antiguidade: uma tradição incerta*. In: Politeia: História e

Sociedade. Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 67-81, 2008.

SOVERINI, P. *Agricola: Introduzione, testo critico, traduzione e commento*. Alessandria: Edizioni dell'Orso, 2004.

STADTER, P. "History and Biography". In: MARINCOLA, J. (Org). *A companion to greek and roman historiography*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

SYME, R. *Tacitus*. Volumes I e II. New York: Oxford U. P., 1958/1977.

WARDLE, D. *Suetonius' Life of Caligula: a commentary*. Bruxelles: Latomus revue d'études latines, 1994. V. 225.

WHITMARSH, T. "This in-between book': language, politics and genre in the *Agricola*". In: McGING, B.; MOSSMAN, J. (Orgs.). *The limits of ancient biography*. U.K.: The classical press of wales, 2006.

WILKES, J. Julio-Claudian Historians. In: *The Classical World*, 1971, v. 65, n. 6, p. 177-203.

WOODHEAD, A. G. *Tacitus and Agricola*. Phoenix, Vol. 2, No. 2, pp. 45-55. Canada: Classical Association of Canada, 1948.

WOODMAN, A. J. "Theory: Cicero". In: *Rhetoric in classical historiography*. Oregon: Aeropagitica Press, 1988.